

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANTÔNIO CARLOS SIQUEIRA DUTRA

**A CIDADE EM ATOS DE MEMÓRIA**

Juiz de Fora  
2023

ANTÔNIO CARLOS SIQUEIRA DUTRA

## **A CIDADE EM ATOS DE MEMÓRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sonia Regina Miranda

Juiz de Fora  
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Siqueira Dutra, Antônio Carlos.

A CIDADE EM ATOS DE MEMÓRIA / Antônio Carlos Siqueira Dutra. -- 2022.  
374 p. : il.

Orientador: Sônia Regina Miranda

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

1. Cidades. 2. Narrativas. 3. Sujeitos de vida longa. 4. História aberta. 5. Processos educativos não escolares. I. Miranda, Sônia Regina, orient. II. Título.

**Antonio Carlos Siqueira Dutra**

**A cidade em atos de memória**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Aprovada em 4 de julho de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Dra. Sonia Regina Miranda - Orientadora**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Dr. Anderson Ferrari**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Dra. Fabiana Rodrigues de Almeida**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Dr. André Silva Martins**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Dra. Marizete Lucini**  
Universidade Federal de Sergipe

**Dr. Miguel Angel Jara**  
Universidad Nacional del Comahue

**Dra. Sandra Regina Ferreira Oliveira**  
Universidade Estadual de Londrina

Juiz de Fora, 07/06/2022.



Documento assinado eletronicamente por Sonia Regina Miranda, Professor(a), em 12/07/2022, às 11:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Marizete Lucini, Usuário Externo, em 12/07/2022, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por MIGUEL ANGEL MARRA, Usuário Externo, em 12/07/2022, às 18:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por SANDRA REGINA FERREIRA DE OLIVEIRA, Usuário Externo, em 12/07/2022, às 19:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Anderson Ferrari, Coordenador(a), em 12/07/2022, às 19:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Fabiana Rodrigues de Almeida, Professor(a), em 22/07/2022, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Andre Silva Martins, Professor(a), em 02/08/2022, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-UJF ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 0822183 e o código CRC 5E5A2FEB.

## RESUMO

Esta tese parte de um tema sustentado na construção de uma vida inteira. Duas categorias principais: 1 - a observação contínua da cidade e a busca de sua compreensão à medida que, ao longo da vida do pesquisador, se amplia o mapa territorial e seu conceito de cidade; 2 – o olhar especial voltado para as pessoas de longa idade que se potencializa com o encontro do pesquisador com autores de sustentação de bases teóricas, poetas e até mesmo, autores ficcionais. A partir daí, vai se desenhando uma pesquisa fundada na soma dos dois temas elencados acima que objetivava construir respostas para as seguintes perguntas entrelaçadas da pesquisa: **Como o vivido e as práticas cotidianas de diferentes “fisionomistas” / “praticantes ordinários” da cidade se inserem e se relacionam com a cidade e sua memória? Como a cidade comparece nas narrativas e de que modo tais narrativas ganham forças para educar a própria cidade?** Para a construção de respostas não houve apenas um único procedimento metodológico. Há, dentro da tese, produção de empiria baseada em entrevistas livres realizadas com quatro das vozes narradoras participantes do texto, a saber: Geralda Caetano da Silva, Mounira Haddad Rahme, Leila Maria Fonseca Barbosa e Thereza de Azevedo Leite e dois outros processos distintos. A escuta interpretativa da voz de Cora Coralina por meio de seus escritos comparece aqui como uma quinta voz, provocadora, assim como fora a poeta goiana que escreveu uma vida inteira e teve seu primeiro livro publicado somente aos 75 anos de idade, no momento crepuscular de sua vida. Para Jorge Couri - a sexta voz narradora e a única masculina - o processo empregado foi a análise de entrevistas anteriormente realizadas combinada à leitura da narrativa imagética construída com as milhares de fotografias que produziu em quase meio século de trabalho como fotojornalista na cidade de Juiz de Fora. Exceto Cora Coralina, os outros cinco narradores passaram pelo menos mais de noventa por cento de suas vidas na cidade de Juiz de Fora e, para eles, a cidade narrada e a cidade que educa é essa. A pesquisa se sustenta, teoricamente em um rol de autores do campo da Memória e da teoria da História, com destaque para Walter Benjamin e Ecléa Bosi que, mais do que referentes teóricos, são fontes de inspiração para toda a construção do trabalho em sua forma e conteúdo. O processo de pesquisa, desde o início, entendeu respondida uma primeira pergunta central e subterrânea: as narrativas educam? Sim, as narrativas educam! Porém, optou-se em voltar a esse questionamento para reforçar o que parece claro a quem envereda pela reflexão em torno da Memória Social. E responde a pergunta elegida como orientadora desta pesquisa, confirmando, por procedimentos acadêmicos, que as narrativas de pessoas longevas e, por extensão, as narrativas de todos os seres vivos têm força educativa para a compreensão da cidade como espaço de variadas convivências e vivências simultâneas em territórios distintos, considerando que também fica confirmado que a cidade não é una e sim múltipla, plural e polifônica. Possui várias peles e camadas e abriga muitas temporalidades e, no caso específico de Juiz de Fora, os viveres diferenciados de quase seiscentas mil pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade, narrativas, sujeitos de vida longa, história aberta, processos educativos não escolares.

## ABSTRACT

This dissertation starts from a theme that has been built as a life journey. Two main categories: 1 - the continuous observation of the city and the search for its understanding as, throughout the researcher's life, the territorial map and its concept of city are expanded; 2 – the special look aimed at the elderly, which is strengthened by the researcher's meeting with the main authors of the theoretical work, poets and even fictional authors. From there, a research based on the sum of the two themes listed above was designed, which aimed to build answers to the following intertwined questions of the research: How practices and daily life of different “physiognomists”/“ordinary practitioners” of the city are inserted and relate to the city and its memory? How does the city appear in the narratives and how do such narratives gain strength to educate the city itself? To answer these questions, there was not only a single methodological procedure. There is, within the thesis, empirical production based on free interviews carried out with four of the narrating voices participating in the text, namely: Geralda Caetano da Silva, Mounira Haddad Rahme, Leila Maria Fonseca Barbosa and Thereza de Azevedo Leite and two other distinct processes. The interpretative listening of the voice of Cora Coralina through her writings appears here as a fifth, provocative voice, just like the poet from Goiás who wrote a lifetime and had her first book published only at the age of 75, at the twilight moment of her life. For Jorge Couri – the sixth narrator voice and the only male one – the process used was the analysis of previously carried out interviews combined with the reading of the imagery narrative built with the thousands of photographs he produced in almost half a century of work as a photojournalist in the city of Juiz de Fora. Except for Cora Coralina, the other five narrators spent at least more than ninety percent of their lives in the city of Juiz de Fora and, for them, the city narrated and the city that educates is this. The research is based, theoretically, on a list of authors from the field of Memory and the theory of History, with emphasis on Walter Benjamin and Ecléa Bosi who, more than theoretical references, are sources of inspiration for the entire construction of the work in its form. and content. The research process, from the beginning, understood the answer to a first central and subterranean question: do narratives educate? Yes, narratives educate! However, it was decided to return to this questioning to reinforce what seems clear to those who enters on thinking about Social Memory. And it answers the question chosen as a guide for this research, confirming, through academic procedures, that the narratives of long-lived people and, by extension, the narratives of all living beings have educational force for the understanding of the city as a space of varied coexistences and simultaneous experiences. in different territories, considering that it is also confirmed that the city is not one but multiple, plural and polyphonic. It has several skins and layers and shelter many temporalities and, in the specific case of Juiz de Fora, the different lives of almost six hundred thousand people.

KEYWORDS: city, narratives, elderly people, open history, non-school educational processes. **NOS BASTIDORES (ou sobre outros modos de agradecer)**

## AVISO PRÉVIO AO LEITOR

No contexto em que produzi esta tese, alguns procedimentos foram necessários. Precisei agradecer a muitas pessoas, precisei homenagear outras que me ofereceram condições e apoio para que eu pudesse prosseguir e me alonguei nessa necessidade, pois ela era também emocional e, assim, não havia como obedecer a protocolos. Rompi com eles e criei uma seção de agradecimentos e dedicatórias bem maior do que o usual e o recomendado. Não podia me dar ao luxo de esquecer acolhimentos, apoios e ajudas. Não cheguei aqui sozinho; não poderia passar essa impressão. Precisei contextualizar minha situação de vida e do mundo de pessoas apartadas na pandemia de Covid, justificar o trancamento do curso por um ano e meio e, portanto, a dilatação do tempo para conclusão do curso e deste trabalho. Mas, ultrapassado esse trecho do trabalho, prometo ao meu possível leitor a apresentação de uma pesquisa com rigor acadêmico e até, quem diria, trechos rodeados de belezas e sensibilidades, pois, como repeti redundantemente ao longo deste documento, aprendi a ser e assumi a posição do pesquisador que sempre desejei. Pesquisei aliado à poesia, revelando sutilezas da vida de algumas pessoas no contexto da cidade. Pesquisei feliz. Renasci.



## *UMA DEDICATÓRIA MAIS DO QUE ESPECIAL*

Há um ano aproximadamente dei à minha mãe um livro, ou melhor um roteiro orientado para que escrevesse a sua história. Um caderno de capa dura com o título: “Mãe, me conta sua história?”

Minha mãe, por várias vezes, pegou o livro nas mãos, olhou, folheou, leu algumas das perguntas propostas pela autora para orientar a escrita da história de vida de uma pessoa, depois voltava a fechar o livro e o guardava novamente, sem demonstrar ter algum entusiasmo ou intenção de preencher os espaços vazios indicados para as respostas das perguntas diretivas.

Descobri que, a partir de uma experiência pessoal, vivida com o adoecimento de sua mãe, Elma van Vliet, uma holandesa, nascida em 1974, escreveu esse roteiro de perguntas iniciado despretensiosamente e que, posteriormente, virou livro e campeão de vendas e atingiu mais de 4 milhões de pessoas ao redor do mundo. E essas pessoas, a partir dos estímulos apresentados por Elma, registraram, nesses livros, as memórias de suas famílias ou de membros delas. Hoje, há, no mercado, com o mesmo apelo, outros títulos, nos quais a palavra mãe é substituída por pai, vó e vô. E esses volumes viraram *best-sellers*, ainda que não possam, no meu entender, ser chamados propriamente de livros.

Eu, em minha pesquisa de doutoramento e para a escrita desta tese, trabalhava com narrativas de mulheres de vidas longevas e suas relações com as cidades, mas, embora tivesse vontade, não me sentia confortável para entrevistar minha mãe. Também não estava previsto que seriam realizadas

entrevistas com pessoas com as quais eu mantivesse laços afetivos. Mas a possibilidade de ter sua história registrada, escrita por ela mesma, me acendeu o desejo de ver isso concretizado e penso que seria uma riqueza enorme para nós, os filhos, os netos e quem sabe para os bisnetos que, que puxados pela primeira delas, Júlia, parecem que irão fundar uma nova camada em nossa árvore genealógica. Pensei, então, que esse livro/roteiro, poderia ser a solução.

Minha mãe não é dos saberes acadêmicos, nem de muita leitura, mas é dona de saberes outros. Exímia costureira, com capacidade de lidar habilmente com a geometria para traçar um molde e fazer uma roupa impecável. Bordadeira, hábil nas contas e na administração de uma casa, além tantos outros saberes que não cabe aqui elencar. Não tem muita familiaridade para escrever textos. Mas pensei que, com o auxílio de um roteiro pré-determinado, ela, talvez, produzisse alguma coisa. Mas não foi bem assim. Depois de dado o presente, passado algum tempo, fiz algumas cobranças sutis sobre sua escrita no livro e recebia, sempre, como resposta, falas de adiamento compostas por poucas palavras.

Por outros caminhos e outros objetivos, acabei dando exemplares desses livros de presente para outras pessoas e os sugeri, também por razões diversas, a muitos amigos e conhecidos. Acho-os potentes na forma e capazes de registrar algumas histórias “que escorreriam pelas frestas das gavetas e assoalhos” como me mostrou Ecléa Bosí., auxiliando em algo que praticamente venero, hoje, coisa para mim cada vez mais valiosa: o entesouramento das memórias registradas.

Tenho um sobrinho de nove anos, que é também meu afilhado, pelo qual a minha mãe é apaixonada e confesso que eu também. Seu nome de rei, Henrique, não tira dele uma simplicidade e uma naturalidade que o marcam desde muito cedo. Ele conversa com minha mãe de igual para igual, ignorando os 71 anos, a diferença de idade dos dois, que os separa em experiência de vida. Com ele, ela ensina e ela aprende. Numa dessas conversas, Henrique perguntou à minha mãe sobre o livro e sua escrita. Ela, então, mais espontânea com ele que comigo, respondeu que achava que não iria escrever. Ele seguiu perguntando: por quê? “A minha história é muito feia”, disse ela a ele e eu do meu quarto escutava. “Eu queria ter uma história bonita para contar, mas eu praticamente não tive infância”. Desde muito cedo, o trabalho já se apresentou a ela, deu-lhe o braço e não a deixou até hoje.

A leitura do pouco texto do livro/roteiro e das perguntas de orientação para a escrita trouxe à tona, para ela, muito mais o lado obscuro e cruel, criado mesmo sem intenção, do que aquele que às vezes nos conta, em momentos de rara descontração, das subidas em árvores, dos passeios nos pastos, nas brincadeiras na chuva com as poucas amigas que conseguia ter, embora isso, é claro, tenha sido sempre feito às escondidas, sem o conhecimento de meu avô e até de minha avó que, embora menos severa e intolerante, também exigia daquela criança o cumprimento de tarefas domésticas muito pouco adequadas à sua faixa etária.

O tempo passou. Em poucos meses, minha mãe completará 80 anos, casou-se muito cedo e com 23 anos já era mãe de três filhos. Depois de um intervalo de nove anos, completou a prole com a chegada inesperada da filha caçula.

Há um travamento nas manifestações de afeto em nossa família. Beijos, abraços, afagos e cafunés são coisas pouco usuais nas casas fundadas pelas quatro filhas do meu avô. Talvez, muito provavelmente, isso reflita o tratamento que tiveram. É um ciclo vicioso, penso eu. Falta de afeto gera falta de afeto. Mas quando se trata de cuidados, a história é outra. A responsabilidade com a cria, o carinho reprimido de dar e receber se manifesta em cuidados nos momentos de necessidade, nos machucados, nas quedas, nos resguardos, em toda e qualquer outra situação em que o cuidado substitui o carinho e, mesmo assim, muito mais com o tom de dever e obrigação de mãe zelosa e atenta, criada à imagem e semelhança da moral cristã católica que criou uma Virgem Maria lacrimosa e mártir dolorosa, também ela sem direito ao prazer e à diversão.

A figura de Maria, a mãe de Cristo, que enfrentou com ele as agruras do calvário, era um modelo a ser seguido. A imagem de Nossa Senhora, reproduzida em gesso, madeira, barro, tem lugar de destaque na maioria absoluta dos templos católicos espalhados pelo mundo e também nas casas dos católicos e deveria servir de modelo para todas as “mulheres direitas e virtuosas”. Assim se aprendia em casa e assim se praticava quando a mulher deveria assumir, com um maior conjunto possível de habilidades e saberes, a sua casa, e assim deveria reproduzir, na maioria das vezes sem consciência plena, esse quadro mítico em que a mulher tem papel, postura e proceder desejado e esperado por toda a sociedade. E aí daquela que fugir à regra! A história mostra:

poderia ser apedrejada, queimada na fogueira, jogada em um prostíbulo, convento ou hospício se fugisse ao esperado. No mínimo, no mínimo, essa mulher “desobediente” seria muito discriminada. Os tempos de agora nos trouxeram uma realidade nova para a ocupação de espaço por mulheres na sociedade, mesmo que saibamos que essa não é uma situação de todo resolvida: por todo o mundo, mulheres ainda são vítimas de violência e discriminação por não cumprirem, à risca, o tom imposto pelos resquícios deixados por uma sociedade altamente machista.

Dando a conhecer um pouco de minha mãe, obviamente, com a sua devida autorização, faço um corte no tempo para falar de julho de 2019, quando, em um susto, recebi a notícia de que era portador de um câncer avançado no pulmão esquerdo. Pensei em muitas coisas. Muitas. Mas o que veio mais forte foi o sofrimento que eu causaria à minha mãe com minha doença, inicialmente dada como incurável, implacável e rápida. Imaginava que essa notícia a destroçaria. Mas, ao contrário daquilo que minha fértil imaginação cinematográfica criava, como quadros do filme futuro, a partir daquele momento, em um espaço curto de tempo se desfez, vejo adentrar ao quarto uma mulher corajosa, pragmática, cheia de fé e muito eficiente em camuflar o sofrimento que tenho certeza que sentia. Desde aquele 3 de julho de 2019, minha mãe se agarrou a mim e nunca mais soltou. Abandonou o lugar em que mais gosta de estar no mundo: sua casa. Lá pouquíssimas e rápidas vezes voltou. Aos poucos, mudou-se para a minha casa e aqui está até hoje. Me agrada quando ela diz “aqui em casa...”, dando sequência a algum assunto referente ao funcionamento da minha casa que também passou ser sua moradia.

Existem infindáveis razões para esta dedicatória mais que especial, mas, com relação a esta tese, acima de todos os agradecimentos, que tenho e devo fazer, e já antecipo, não são poucos, preciso destacar a figura de minha mãe: Dona Lourdes. Que se mostrou, mais uma vez, sem dúvida, a grande força dessa história; revelou-se, mais uma vez, um ser humano cheio de qualidades. Essa grande força apoiou seu filho em seu calvário, assustadíssimo com as possibilidades do futuro incerto. Precisa, sim, ser destacada e dada a conhecer.

Minha mãe não me indicou um livro para ler, não orientou minha escrita, não grifou um texto para mim ou digitou sequer uma palavra, não criticou minha produção escrita, ou seja, nada, nada ela fez no sentido de facilitar as tarefas

acadêmicas que tinha e que deveria realizar para concluir este trabalho, trabalho hercúleo que, muitas vezes, pareceu-me impossível ser finalizado. Mas ela me deu o que só ela poderia me dar: quando eu, aos 55 anos, precisei de colo, ela foi a mão que balançou o berço, como nos momentos que se sucederam ao meu nascimento em 1964. Ela foi minha Pietá e eu o Cristo semimorto deitado em seus braços. Ela foi, junto com meu irmão, Marquinho, pessoa a quem também devo render todas as homenagens e agradecimentos possíveis. Também às pessoas que me deram organização de casa, que buscaram meu olhar quando ele ainda estava mergulhado em desespero e medo. Foram eles os responsáveis por comida, roupa lavada, higiene, suporte para enfrentar consultas e exames antecipados por resultados inesperados. Qualquer conjunto de palavras seria insuficiente e ineficaz para render-lhes os necessários, repito, agradecimentos e expressar a necessária gratidão. Foram eles que continuaram comigo quando a pandemia do Covid 19 aterrorizou o mundo e complicou ainda mais a minha situação, me tornando isolado de tudo e de todos. A terrível doença, capaz de afetar drasticamente, em questão de horas, os pulmões de um ser humano sadio, responsável pelo adoecimento e morte de milhões de pessoas ao redor do mundo, que matava aos borbotões e ainda mata, hoje em menores números, e que, apesar de todos os esforços, não cedeu vitória aos pesquisadores que se dedicaram, em muitos países, ao seu combate, já era aterrorizante por si só, o que dizer para alguém que tinha o pulmão esquerdo praticamente todo tomado por um tumor gigante? Foram eles, meu irmão e minha mãe, que se isolaram do mundo junto comigo e me protegeram até mesmo quando eu não queria ser protegido.

Nunca imaginei dedicar um trabalho intelectual à minha mãe. Isso não faz parte de seu mundo, embora, em toda nossa vida, me refiro aqui a mim e aos meus três irmãos, meu pai e minha mãe sempre nos estimularam aos estudos. Em caso de aprovação desta tese, agora em sua etapa finalística, serei o primeiro doutor da família. Para o filho de uma costureira que, ainda quando criança, fazia curativo no pé para camuflar a falta de sapatos para frequentar a escola, isso é quase uma ousadia, revestida de muita insistência e teimosia.

Figura 1 - Maria de Lourdes Siqueira Dutra



Fonte: Acervo pessoal

Devo a conclusão deste trabalho a muitas pessoas e tentarei lembrar-me de todas na justa lista de agradecimentos. Mas peço licença a tudo e a todos para fazer uma dedicatória mais que especial e mais do que merecida à minha mãe. A você, Dona Maria de Lourdes Siqueira Dutra, dedico este trabalho, fruto de muito esforço, mas que se hoje se encontra concluído devo também muito a você. Esta conclusão lhe dará o primeiro filho doutor e, logo, logo virá outro. Isso representa o fruto do esforço que você e meu pai fizeram para que, nós seus filhos, estudássemos, mesmo quando eram criticados por assumir essa postura. Aqui está, como um buquê de rosas, uma caixa do mais fino e delicioso chocolate, uma joia rara, o fruto do trabalho de uma vida inteira como estudante e educador que lhe ofereço como prova de todo meu amor e gratidão. Você me deu a vida e eu a usei da maneira melhor que pude e soube. Devolvo o melhor de mim e lhe agradeço por tudo. Sei que fez o seu melhor e fará enquanto houver forças mentais e corporais para continuar cuidando de nós. Muito obrigado.

Estendo minhas homenagens à memória de meu pai, Antônio Pereira Dutra, e aos meus três irmãos amados, dentro do princípio da música de Milton Nascimento, que diz: “qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor valerá.” A vocês, Gláucia, Marquinho e Cláudia toda minha gratidão e meu torto amor.





### *Dedicatória especial à minha brilhante orientadora, Sonia Miranda*

Os poetas me ensinaram que as palavras mudam de conotação pelo uso ao longo do tempo, pela aplicação cotidiana, ou pelo desejo de quem as utiliza. A palavra Dívida, escolhida com cuidado e com tempo, bordada com zelo, para que se tornasse mais preciosa, mais bonita e mais leve, não tem somente a forma que aparece na imagem acima, mas também foi bordada com os fios da alma, por vezes usando cores fortes e bonitas vindas do coração. O bordado imaginado ao redor da palavra é muito mais requintado do que o visto. É enorme, se espraia por todo o corpo desta tese, ajardina uma relação antiga e empresta flores, pássaros e cores nas relações adjacentes fundadas a partir do Grupo Cronos. Claro que eu não precisaria explicar a verdadeira conotação dessa palavra. Na maioria das vezes, ela vem acompanhada de peso, de preocupação ou até mesmo de obrigação de gratidão, mas eu a fiz diferente. Eu a quis diferente. Eu a reinventei diferente: leve, suave, com tom e cheiro de tributo, homenagem. Por quê? Não encontrei uma palavra adequada, ou pelo menos não consegui capturar, garimpar uma que satisfizesse o meu desejo de exprimir meu sentimento com relação a essa mulher construída de matéria-prima única.

Sonia Regina Miranda. Sonia sem acento, mesmo sendo uma palavra paroxítona terminada em ditongo oral átono, pois aquele chapeuzinho pode causar transtornos. Soninha, como é conhecida em muitos espaços acadêmicos e de vida. Eu a conheço desde 1987, se não me engano, quando eu, ainda aluno da Faculdade de História da UFJF, e ela chegando como professora concursada, em meio a um mestrado, naquela época muito mais difícil e pesado de cursar,

para a confecção da dissertação e aplicação das normas, bem mais rígidas que hoje. Embora nascidos no mesmo ano golpista, sou meses mais velho que ela. Eu, um pouco mais velho do que a maioria dos alunos, e ela, uma garota, ainda, para o tamanho das tarefas e responsabilidades que assumia com aquele cargo efetivo de professora universitária. Desde então, nossas vidas se cruzaram várias vezes. Muitas vezes. Em papéis muito diferentes do que aquela primeira relação professora-aluno. Ficou, também, como pano de fundo, uma suave amizade e o respeito mútuo. O adjetivo suave acompanhando o substantivo amizade não quer significar fraca, mas não era, e nunca foi, daquela amizade de convivermos continuamente, de nos ligarmos diariamente. Por vezes, passávamos anos sem nos ver. Quando, no dia em que a descobri grávida, de sua querida filha Adriana, com uma barriga de final de gestação, tomei um susto com aquela novidade. Pois aquele era um momento em que um passou longo tempo sem saber do outro.

Sonia foi fundamental no término, na construção e na beleza de minha dissertação de mestrado, a partir de um novo encontro distanciado pelo tempo. Eu a encontro como coordenadora do PPGE da Faced - UFJF, e agendei horário para trancar o curso. Depois de uma bronca acadêmica e pessoal, pois a amizade, que ainda nos mantinha ligados, permitia isso, a partir desse reencontro com Sonia, da noite para o dia, troquei de área, de tema e de orientadora, recomecei do zero, ingressei no Grupo Cronos e ali, sob a coordenação e orientação da Professora Doutora Sonia Miranda, concluí o mestrado com novo tema em um ano e poucos meses. Eu vivi um tempo com brilho nos olhos, reaprendendo a pesquisar e aprendendo com ela: até hoje aprendo que é possível, e por que não dizer, louvável, misturar poesia e pesquisa acadêmica que nem sempre tem que ser dura e privada de beleza. Devo isso à Sonia.

Durante o intervalo entre o fim do mestrado e o início do doutorado, convivemos em alguns momentos e chegamos a auxiliar um ao outro em nossas produções pessoais. Num processo sempre assimétrico, em que ela me ofereceu, sempre, maiores e eficientes ajudas, mantínhamos nossos laços e trocávamos ideias. Enquanto isso, o feijãozinho plantado no copinho descartável de café e com um pouco de algodão, lá na época do mestrado, não foi descartado pela servente escolar no final do ano. Tornou-se um pé de feijão

muito maior e muito mais mágico do que o do João, aquele que trocou uma vaca por sementes. Eu troquei a dureza de uma pesquisa em um campo árido pelo risco de fazer pesquisa orientado por uma “moça que temerariamente fazia poesia”. Minha troca foi tão ou mais rendosa do que a do João. Descobri felicidade, alegria, entusiasmo e, repito, brilho, não sangue, nos olhos. Me descobri, agora, de fato, como pesquisador. O pesquisador que sempre quis ser e que era quase ridicularizado em outros cenários, mas não no Cronos, mas não com o acolhimento e os alertas de Sonia. Agora eu era, agora eu sou o pesquisador que posso ser. Devo isso à Sonia.

Devo, assumo e nunca pagarei. Devo muito. Por desejo, quero manter essa dívida, assim como uma dívida de estimação. Como em uma mágica, gostaria que esse desenho de flores com o qual envolvi a palavra dívida se transformasse em uma joia, joia rara. E se multiplicasse em duas: uma para mim e outra para Sonia. Assim, em metal, ela não se desfaria e seria o marco de minha gratidão por poder dever e não me sentir obrigado a pagar. Devo pelos incentivos, pelas broncas, “pelos maçaricos na bunda”, por chorar comigo, por rir comigo, por me apoiar quando tudo era breu e a vida parecia querer sair de mim. Devo e não nego, mas não posso pagar. Não se pode pagar aquilo que é dado de coração e com verdade, não se paga carinho, preocupação e amizade, não se paga quem acredita em você, mesmo quando até mesmo você já não tem forças para isso. Se cheguei aqui, devo, incomensuravelmente, à Sonia. E agradeço muitíssimo pelo crédito que me ofereceu. Sei que não vou, nunca, nunca pagá-la, e não me envergonho por isso. Ao contrário: orgulho-me. Essa dívida, cheia de filigranas, arabescos e adornos, será o laço que nos manterá ligados enquanto houver vida. Mas seria uma indelicadeza não dizer um sonoro, amplificado e retumbante. MUITO OBRIGADO! Pela mão, pelo colo e pela brilhante e competente orientação com qual me brindou durante esses cinco anos e meio que durou meu processo de doutoramento.

De seu eterno aluno e admirador,  
Toninho Dutra

## **AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS:**

**Geferson Matos Mendonça** - Agradeço de cabeça, corpo, alma e coração ao companheiro de vida, de uma década, (considerando-se que do outro lado, estou eu, esse sujeitinho difícil, isso é tempo demais). Pessoa de ouro, talhada com ferramentas raras em nobre matéria prima. Companheiro para sorrisos e lágrimas; para afagos e broncas; para caminhadas e conversas e para ficar lado a lado em silêncio. Amor, apoio, incentivo, muleta, família. Olhar protetor e cuidadoso naqueles momentos reveladores das notícias difíceis. E por muito e muito mais que fez e faz por mim, mas que se continuasse a escrever esse documento não seria mais uma tese, e sim um agradecimento particular infinito.

**Marcus Vinícius Siqueira Dutra:** Irmão, amigo e parceiro. Talvez a pessoa que mais tenha sofrido com meu adoecimento, mas com certeza o que mais se reinventou para apoiar-me e me oferecer cuidados, sempre a buscar fazer meus gostos. Transformou-se em meu pai e me fez novamente criança, quando me presenteou com um tênis por ter me comportado bem ao ouvir o resultado de um temido exame. Mesmo quando sua própria vida estava em desalinho, não abandonou o barco, indo até o máximo de seus limites para se fazer presença naqueles dias turvos.

**Monica Giraldo Hortegas:** Por ter feito um trabalho mágico e me preparado de forma tão eficiente para conseguir ser aprovado na primeira tentativa na prova de proficiência em língua inglesa, coisa impensável antes dela. Por secretamente estar em muitos cantinhos dessa tese. Por me emprestar as suas mãos quando foi difícil que a minha cabeça conseguisse comandar os meus dez dedos.

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

**Adriana Miranda** A moça brilhante e sagaz que socorreu e salvou esse senhor pesquisador das falhas de seu português ruim.

**Vera Lúcia Accorsi Miranda** – Pelo valioso socorro na fase final de revisão textual. Colaboração fundamental.

**Marcela Lazzarini:** Por estar sempre presente e disponível para toda e qualquer ajuda, sempre que precisei de seu apoio e de seus conhecimentos.

**A todos os integrantes do Grupo Cronos, aos que por ali passaram e aos que ali estão.** Grupo de pesquisa coordenado pela Professora Doutora Sonia Regina Miranda, espaço de compartilhamento intelectual onde essa pesquisa brotou, cresceu e deu frutos, espaço onde meus doces, como os de Cora Coralina, tiveram tempo de secar ao sol e estarem prontos para serem servidos na hora certa. **Com destaque para:**

**Fabiana Rodrigues de Almeida:** presente de vida, irmã caçula amarrada a mim por belos laços de fita de cores maravilhosas, algumas saíram manchadas, com nódoas causadas pelas agruras vividas, por ambos, no decorrer do processo de doutoramento. Não sei que momento um deu a mão ao outro e nunca mais nos soltamos.

**Maryangela Mattos da Motta:** Moça forte e guerreira. Educadora de fibra. Em 2017 ela iniciava o mestrado e eu o doutorado. Os procedimentos dentro do Grupo Cronos, nos deu intimidade, para que um participasse do trabalho do outro. E que orgulho foi poder ajudá-la, um pouco, na construção de sua bela dissertação. Mão amiga de apoio, mãos fortes como as mãos de Cora Coralina. “Deem-lhe pedras e ela construirá a vida com o requinte de fazer brotar flores nas gretas”. Ainda não conhece Cora e suas artimanhas de viver e por isso também desconhece as semelhanças que carregam.

**Felipe Dias:** Porque lemos no mesmo momento alguns textos de Benjamin. Nós dois misturados formamos aquela figura do Ângelus Novus, do pintor Paul Klee na ótica de Benjamin. Ele, para mim ainda um garoto, um brilhante garoto representa a parte dos pés, apontando pra o futuro, eu, o rosto voltado para o

passado. Com frequência trocamos de lugar. Ele com muita eficiência analisa o passado e o futuro aponta-lhe uma trajetória brilhante.

**Andrea Borges Medeiros:** Por amar arte, beleza e poesia como eu, e assim também como eu, ser uma defensora inflexível de uma Educação Pública de qualidade a ser oferecida aos filhos da classe trabalhadora. Por dividir o que sabe, o que lê e o que tem, com a generosidade e a simplicidade de quem partilha o único pedaço de pão que possui entre duas pessoas que tem fome. É capaz de passar dias só a ingerir palavras bonitas que alimentam a alma e a deixam com o olhar feliz de uma criança, quando aprende algo e isso parece bastá-la para permanecer de pé e manter-se na luta pelos ideais que defende. Pelos textos indicados e pelos emprestados, por sua tese bela e inspiradora.

Às **minhas queridas vozes narradoras**, que se dispuseram a falar do vivido e se suas relações com a cidade. Agradeço por aceitarem a exposição pública de suas histórias, pela disponibilidade de tempo e por sempre me atenderem com tanta generosidade. Elas fizeram muito mais que me atender. Me acolheram e às diferentes equipes que me acompanhavam em cada um dos encontros realizados para o registro de nossas conversas. Obrigado a Geralda Caetano da Silva, Leila Maria Fonseca Barbosa, Mounira Haddad Rahme, Thereza Azevedo Leite, e Jorge Couri (in memoria). Agradeço a Cora coralina por ter existido e escrito obra autobiográfica, tão bonita e inspiradora. Agradeço muitíssimo aos familiares dos entrevistados por auxiliarem e darem suporte para que os encontros e os registros das entrevistas pudessem acontecer. Foram indispensáveis e igualmente sempre acolhedores. Acolhimento é tudo.

#### **AGRADECIMENTO AOS MEMBROS DA BANCA.**

Agradeço solenemente aos pesquisadores e pesquisadoras, sobretudo educadores, que emprestaram suas competências e se colocaram à disposição para participar como membros avaliadores da banca de qualificação e defesa desta tese: *A Cidade em Atos de Memória*.

A cada um de vocês, que tantas tarefas têm a realizar no cotidiano de seus trabalhos, deixo aqui um forte abraço e a gratidão revelada por terem renunciado a seu tempo livre, ou trocado outros compromissos para assumirem

essa banca. Trabalho pesado, para os fortes. Agradeço na mesma medida aos titulares e aos suplentes, pois todos se colocaram à disposição na colaboração das duas etapas tão fundamentais à construção desse trabalho. Muito obrigado, senhoras e senhores. Vocês me enchem de orgulho, me envaidecem pela sua participação e por emprestarem seus nomes para essa caminhada.

Aos integrantes da banca de qualificação:

Profa. Dra. Sonia Regina Miranda

Prof. Dr. Anderson Ferrari

Profa. Dra. Marizete Lucini

Profa. Dra. Raquel Sena Venera

Profa. Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira

Prof. Dr. Miguel Angel Jara

Aos integrantes da banca de defesa:

Profa. Dra. Sonia Regina Miranda

Prof. Dr. Anderson Ferrari

Profa. Dr.<sup>a</sup> Fabiana Rodrigues de Almeida

Profa. Dr.<sup>a</sup> Marizete Lucini

Prof. Dr. Miguel Angel Jara

Prof. Dr. André Silva Martins

Profa. Dra. Luciana Pacheco Marques

Profa. Dra. Adriana Carvalho Koyama

Profa. Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira

A todos vocês, mais uma vez o meu muito obrigado e um forte abraço.

## **Agradecimentos**

**A todos os professores e funcionários ligados ao PPGE/Faced -UFJF**, que direta ou indiretamente contribuíram para conclusão desse processo de pesquisa

**Professor Dr. André Silva Martins** - Mais que um agradecimento, um ato de admiração pela sua postura, compromisso e probidade. Com a seriedade e

responsabilidade com que conduz suas aulas e pela gentileza com qual sempre está disposto a nos atender.

**Everton M. da Fonseca** - Funcionário administrativo do PPGE/ Faced – UFJF. Pela disponibilidade, atenção e cuidado com que zela pela burocracia de nossas vidas acadêmicas. Por toda ajuda a mim especialmente oferecida em um momento de grandes dificuldades pessoais.

**Rita Almeida**, por ter me apresentado o conceito de palimpsestos urbanos, tão necessário ao meu novo conceito e meu novo olhar sobre a cidade.

**Professor Dr. Antônio Henrique Duarte Lacerda** – Agradeço em nome da cidade de Juiz de fora pela forma como cuida e zela dos acervos, sob sua guarda, no Arquivo Histórico Municipal, mesmo em condições tão adversas. Agradeço particularmente por ter disponibilizado a mim e à Funalfa todo o acervo do Arquivo Histórico e sempre ter nos atendido com presteza e cordialidade. Agradeço principalmente por ter libertado dos pacotes de papel pardo e barbante, tão cuidadosamente feitos, as milhares de fotos e negativos de Jorge Couri presas ali há anos e que hoje podem voar livremente e porque elas devolveram a Jorge Couri o orgulho pelo seu trabalho de quase meio século.

**Professora Dr<sup>a</sup>. Elione Silva Guimarães** – Agradeço pelas pistas valiosas que me foram oferecidas por essa grande estudiosa da História de Juiz de Fora. Suave e tranquila ela tem sempre algo muito valioso a nos segregar, a nos repassar. Também pela valorosa parceria estabelecida com Antônio Henrique para juntos sustentarem todo o trabalho realizado no Arquivo Histórico de Juiz de Fora.

**Professor e pesquisador, Nilo de Araújo Campos** – Sempre cordial e gentil, Nilo sempre me atendeu muito bem e me assessorou sempre com muita competência nos temas ligados à Memória. Assim como a mim, sempre atendeu muito bem ao público e aos pesquisadores que o procuravam para ter acesso ao acervo do setor de memória da Funalfa. Obrigado Nilo. Sua marca está aqui pelos procedimentos em algumas entrevistas, e em pelo conhecimento que me transmitiu.

**Professora e pesquisadora, Hilda Rezende Paula** – Hilda me seduziu com Cora coralina, com Goiás velho. Demorei anos a seguir suas pistas, mas quando o fiz, fiz por inteiro. Li Cora inteira, toda sua obra, e muito do que há escrito sobre ela. Depois a trouxe para dentro de minha tese. Foi com Hilda e Nilo, parceiros de trabalho e de vida que aprendi os primeiros passos da pesquisa com história oral. Aluno indisciplinado, pratico o aprendido meio às avessas. O que aprendi com eles foi fundamental para minha guinada como pesquisador. Indispensável “vintém de cobre” que guardo na cabeça e no baú imaginário que herdei de Cora Coralina. Hilda, talvez, não possa supor a importância de suas falas em minha vida e no desenho dessa pesquisa.

**Eliane Casarin** – Funcionária aposentada da Funalfa. Durante anos trabalhou no setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Senão todas as pesquisas acadêmicas com foco em Juiz de Fora, a maioria delas de alguma forma receberam sua colaboração e apoio, a minha inclusive, quando no primeiro movimento de produção de empiria.

**Professora Monique de Oliveira Abreu** – pelas precisas transcrições do material gravado das entrevistas.

**Professora Luane Passos Nunes** – pelo auxílio prestado no grande volume de material a ser transcrito a partir das gravações das entrevistas.

**Denise Oliveira Santos** – Companheira de décadas, parceira em vários trabalhos. Aqui auxiliou-me tecnicamente em algumas entrevistas.

**Professora Dr<sup>a</sup> Denise Vieira** – Pelas trocas de ideias e por sempre me mostrar o correto caminho da produção acadêmica.

**Professora Dr<sup>a</sup> Juliana Madalena Trifilio Dias** – Por sempre se colocar à disposição para qualquer ajuda requisitada, pela disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos construídos.

**Carolina Resende (Caru)** – Pelo auxílio primoroso na realização de entrevistas e produção de textos na fase de preparação do livro “Outra Memórias Possíveis”, ainda nos tempos de Funalfa.

**Jacqueline Silva** – Eficaz e exigente jornalista, preciosista, no sentido positivo do termo, profissional rigorosa na análise e revisão de textos. Agradeço por todas revisões salvadoras que assumiu dos meus textos durante muitos anos.

**Wilson Cid** – Comparo-o a Baudelaire citado por Benjamin como um flâneur da cidade de Paris. Wilson é o nosso flâneur. Conhece a cidade com a cabeça e com os pés. Tem gosto pelas caminhadas e por desbravar Juiz de Fora em detalhes, conhece e domina o território da cidade. Jornalista de longa carreira e experiência, dono de uma privilegiada e vasta memória, foi um grande colaborador nas entrevistas para o livro *Outras Memórias Possíveis*. Brilhante desempenho. Foi uma honra tê-lo em uma equipe coordenada por mim. Foi uma honra conhecê-lo mais de perto. Obrigado. Tenho-o na mira de meus olhos para a continuidade deste processo de pesquisa. Desejo ainda capturar sua narrativa em relação à cidade.

**Paulo Graviches Wisky**, arquiteto, pesquisador, grande estudioso, das questões relacionadas ao Patrimônio Cultural e Artístico no geral e, com especial atenção a essas questões relacionadas à cidade de Juiz de Fora. Agradeço a generosidade e gentileza com que sempre disponibilizou todo seu vasto conhecimento a quem dele precisasse. Pessoalmente agradeço, a esse homem de valores corretos e inflexíveis por ter me ensinado tudo que sei e tudo que precisei saber sobre o tema do Patrimônio Cultural e Artístico.

**Waleska Romão** – Agradeço a gentileza que sempre me atendeu no auxílio à digitação de textos e organização de documentos na época do projeto para seleção para o ingresso no doutorado.

**Fernanda Martins Lauro** - Pelo Apoio maduro e crítico de uma menina que vi virar moça e uma moça que vi tornar uma mulher madura e profissional.

**Lúcia Martins** – Pela parceria de uma vida inteira. Porto seguro que se fortaleceu ao longo de quatro décadas de amizade e companheirismo.

**Professoras Giane Elisa Sales de Almeida e Giovana Carvalho Castro** - Agradeço às duas profissionais da educação, e batalhadoras pela valorização e reparação com relação à população negra em Juiz de Fora, por em uma amistosa conversa, nos idos de 2016, terem me indicado e depois apresentado,

Dona Geralda, “A sonhadora da tarimba”. Geralda narrou sua vida e sua narrativa, transformada em texto, tem alertado, emocionado e encantado muitos leitores.

**Daniel Rodrigues** – Irmão de alma, parceiro da alma e coração. Com ele exercitei minhas sensibilidades, chorei minhas mágoas. Mas principalmente por ter me dado o prazer de ser seu parceiro em diversas produções, comprado minhas ideias e as embolado com as suas além de enobrecê-las com tanto talento, tanto brilhantismo. Só tenho motivos para admirá-lo.

**Gerséia Matos Mendonça de Oliveira** – Por ter me dado de presente o livro, produzido com idosas e idosos da cidade de Pequeri, onde encontrei a bela e pequenina crônica que escolhi como ponto quase final da tese.

**José Américo Mancini** - O eterno Zezinho, meio Peter Pan, um dos meus filhos postigos prediletos. Por todos os favores e socorros principalmente com ajustes de imagens.

**Maria Aparecida Barral** – Pela participação que fez elevar a qualidade das entrevistas e no auxílio profissional para organização do livro *Outras Memórias Possíveis* que, por extensão, se apresentam aqui também nessa tese.

**Maria José Monteiro da Costa** – Por ter me convencido de vez, por meio da leitura de seu livro “*Girassóis*” (funalfa – 2008) sem nem saber disso, e sem fazer nenhum esforço para tal, que as cidades de fato são múltiplas.

**Professora Dr<sup>a</sup> Rita Oliveira**: Por ter me ensinado a tatear Benjamin nos momentos difíceis do inicial contato com esse autor. Por debater comigo vários temas benjaminianos. Ouço sua voz me dizendo: “é preciso escovar a história a contrapelo”.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Maria de Lourdes Siqueira Dutra .....	43
Figura 2 - Antônio Pereira Dutra.....	48
Figura 3 - Família no ano de 1975 .....	49
Figura 4 - Três Fases do Parque Halfeld – Fotos de Jorge Couri.....	50
Figura 5 - Domésticas de Luxo – Foto de Jorge Couri .....	51
Figura 6 - Desfile de Escolas de Samba na Avenida Rio Branco .....	53
Figura 7 - Montagem das arquibancadas – Carnaval Juiz de Fora 1973.....	54
Figura 8 - Casa da Rua Vieira Pena, 180 .....	57
Figura 9 - Juiz de Fora – Época do Bonde .....	60
Figura 10 - Antônio (Pai) e parceiros de futebol .....	61
Figura 11 - Escola Estadual Fernando Lobo.....	62
Figura 12 - Cinema São Mateus .....	63
Figura 13 - Igreja São Mateus.....	63
Figura 14 - Atuação na peça Nadim, Nadinha contra o Rei de Fuleiró - 1987.....	65
Figura 15 - Jovens em atuação na peça teatral O Boi e o Burro a caminho de Belém de Maria Clara Machado na Escola Estadual Cândido Motta Filho .....	72
Figura 16 - Bairro Santa Cruz.....	73
Figura 17 - Centro de Difusão Cultural Núbia Pereira Magalhães .....	74
Figura 18 - Superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage.....	78
Figura 19 - Vista aérea de Juiz de Fora .....	82
Figura 20 - Jorge Couri.....	119
Figura 21 - Flagrante da demolição conjunto arquitetônico do Colégio Stella Matutina ..	121
Figura 22 - Construção do Edifício Stela Central e Capela do Colégio Stella Matutina ainda preservada.....	122
Figura 23 - Jorge Couri se esquivando de tiros no incidente que ficou conhecido como o sequestro da Rua das Margaridas.....	124
Figura 24 - Padre Newton Pimenta no Museu Mariano Procópio .....	126
Figura 25 - Estudante soltando uma pomba em frente ao Edifício Club Juiz de Fora, durante a realização das Olimpíadas Universitárias .....	127
Figura 26 - Foto feita em homenagem ao Dia dos Pais .....	128
Figura 27 - Visita de Juscelino Kubitschek a Juiz de Fora, acompanhado pelo prefeito Olavo Costa e pelo jornalista Tibério Ciampi, 1956 .....	128
Figura 28 - Prefeito Itamar Franco visita obras na cidade .....	129
Figura 29 - Placar da eleição, Olavo eleito, 1958 .....	129
Figura 30 - Foto retratando o contraste entre uma construção antiga e os edifícios modernos.....	131
Figura 31 - Idosa do Abrigo Santa Helena.....	132
Figura 32 - Cora Coralina na porta da Casa Velha da Ponte, década de 1950, Goiás .....	138
Figura 33 - GERALDA CAETANO DA SILVA .....	201
Figura 34 - D. GERALDA em sua casa .....	222
Figura 35 – D. GERALDA com o pesquisador.....	229
Figura 36 - Leila Maria Fonseca Barbosa .....	230
Figura 37 – Família .....	254
Figura 38 - Capa do Livro Letras da Cidade.....	257
Figura 39 - Leila Maria Fonseca Barbosa .....	263
Figura 40 - Mounira Haddad Rahme .....	265
Figura 41 - Casamento Mounira e Nadim.....	272
Figura 42 - Casa Chic.....	276
Figura 43 - Mounira Haddad Rahme .....	286
Figura 44 - D. Mounira, hoje, em plena atividade no comando da Casa Chic.....	299
Figura 45 - Thereza de Azevedo Leite .....	300

Figura 46 - Pais em praça no bairro Jacarepaguá no Rio de Janeiro - década de 1930...	303
Figura 47 - Colégio Magister - Painel de Mário Silério .....	319
Figura 48 - Thereza de Azevedo Leite em entrevista na sala de sua casa .....	331
Figura 49 - Thereza de Azevedo Leite em entrevista com o pesquisador Antônio C. S. Dutra .....	338

## SUMÁRIO

<b>ENSAIO GERAL (ou à guisa de Introdução)</b> .....	<b>31</b>
<b>PRÓLOGO</b> .....	<b>39</b>
<b>PRIMEIRO ATO: ENTRE RASTROS, FRESTAS E CACOS: MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO – E DAS INTERRUPTÕES – DE UMA PESQUISA</b> .....	<b>41</b>
CENA 1: Um poema pra chamar de meu .....	41
CENA 2: Sobre Drummond, Carnaval e Carnavais .....	46
<b>ENTRECENA</b> .....	<b>69</b>
CENA 3: Andarilhagens pela cidade no dever-educador .....	71
CENA 4: A Cidade como ausência na pandemia .....	83
CENA 5: Novos limiares na cidade interdita pela doença .....	89
<b>ENTRETO: Em busca de bricolagens teórico-poéticas</b> .....	<b>102</b>
<b>SEGUNDO ATO: SOBRE SENSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS URBANAS EM NARRATIVAS DE VELHOS</b> .....	<b>112</b>
CENA 1 – Jorge Couri entre a Memória, o ressentimento e o perdão .....	112
CENA 2 – Sob o leque da Memória: Cora Coralina entre limiares de vida, tempo e condição humana .....	137
<b>TERCEIRO ATO – CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES INVISÍVEIS, CIDADES NARRADAS</b> .....	<b>181</b>
PRÓLOGO .....	181
CENA 1: Geralda Caetano da Silva – “A Sonhadora da Tarimba” .....	201
CENA 2: Leila Maria Fonseca Barbosa – “A mulher das Letras da cidade” .....	230
CENA 3: Mounira Haddad Rahme – “A viajante da vida escolhida” .....	264
CENA 4: Thereza de Azevedo Leite – “Uma mulher entre três demolições” .....	300
<b>EPÍLOGO</b> .....	<b>339</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>358</b>
<b>ANEXO 1- Termos de consentimento livre e esclarecido</b> .....	<b>358</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>366</b>

“De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permaneceu no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as coisas mais simples têm algo surpreendente a nos dizer”.

“Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história não se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”.

[...] “mas haverá alguém para recolher os despojos da cidade para os quais ninguém volta os olhos e o vento dispersa. Os depoimentos que ouvi estão povoados de coisas perdidas que se daria tudo para encontrar quando nos abandonam sumindo em fundos insondáveis de armários ou nas fendas do assoalho e nos deixam à sua procura pelo resto da vida”.

Ecléa Bosi

“Quando eu estiver velho, gostaria de ter no corredor de minha casa  
Um mapa de Berlim  
Com uma legenda  
Pontos azuis designariam as ruas onde morei  
Pontos amarelos, os lugares onde moravam minhas namoradas  
Triângulos marrons, os túmulos  
Nos cemitérios de Berlim onde jazem os que já foram próximos de mim  
e linhas pretas redesenhariam os caminhos no Zoológico ou no Tiergarten  
que percorri conversando com as garotas  
E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores  
Onde repensava as semanas berlinenses  
E muitos quadrados vermelhos marcariam os aposentos  
Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento.”

Walter Benjamin, “Fragmento”, 1932

## **ENSAIO GERAL (ou à guisa de Introdução)**

A tese intitulada *A Cidade em Atos de Memória*, produzida e escrita no período compreendido de março de 2017 a junho de 2022, revela o resultado de uma pesquisa realizada a partir de temas que foram se apresentando, para mim, dentro de um espectro de tempo bastante estendido, assuntos que já eram de meu interesse, mesmo antes de se converter em tema de investigação. Com o tempo, foram se delineando, lapidando, se desenhando com maior clareza, no passo da vida. Até que esse mote estabelece contato com autores inspiradores, que passam a ser autores de sustentação teórica desta escrita: Ecléa Bosi e Walter Benjamin. A primeira trouxe de minhas leituras de pesquisa de mestrado junto ao encantamento de seu trabalho com pessoas idosas e suas narrativas com relação aos seus viveres na cidade de São Paulo. Já do pensador alemão, com o qual tomo contato no início do curso de doutorado, e a partir de então venho gradativa e paulatinamente - aqui sem descartar o estranhamento inicial com um autor de escrita e forma de apresentação do pensamento muito peculiares - me aprofundando no conhecimento de sua obra, principalmente a partir de dois temas frequentes em seus textos e seus livros: 1- a cidade, 2- a força e a importância da narrativa. Além desses dois destaques, existe um terceiro tema benjaminiano que se apresenta com força para mim. Embora ele apareça de maneira mais subliminar ao longo de toda a sua obra, existem também vários momentos de explicitação, em partes significativas de seus escritos, ou seja, a brilhante defesa de que a história está aberta e necessita ser reescrita a contrapelo, e nessa reescrita há de se considerar a ótica dos vencidos e não mais a dos vencedores.

A pesquisa apresentada no texto que se segue procurou entender a força da cidade como espaço de múltiplas convivências e a sua capacidade educativa por meio das narrativas de seis pessoas de vida longa, com relação ao vivido na cidade. Jorge Curi, Cora Coralina, Geralda Caetano da Silva, Mounira Haddad Rahme, Leila Maria Fonseca Barbosa e Thereza de Azevedo Leite. A inspiração para trabalhar com esse recorte vem, explicitamente, do meu encanto

pela obra de Ecléa Bosi e de um olhar especial que sempre manteve para aqueles que a autora de referência denomina, sem nenhum pudor ou uso de eufemismos, de velhos. Eu, por minha vez, a princípio, tendi a seguir o mesmo caminho de Bosi, mas percebi, logo nas primeiras entrevistas, que as pessoas de vida longa não se sentiam confortáveis e até demonstravam um certo desconforto ao serem denominadas velhas. Transitei, então, entre duas expressões que se repetem redundantemente ao longo do texto: pessoas de vida longa e idosos. Assim, me senti mais honesto, pois não queria assumir um tipo de tratamento no contato pessoal com os idosos em questão e um outro para a escrita do texto.

As vozes narradoras aqui apresentadas foram se aglutinando ao conjunto de maneira diferenciada. Geralda, Mounira, Leila e Thereza foram entrevistadas por mim utilizando a metodologia sugerida por Luce Giard e pela própria Ecléa Bosi, ou seja, entrevistas livres, sem amarras de tempo e regras duras de outras metodologias as quais, apesar de ter me aproximado, as recusei como caminho metodológico. A mim parecia mais lógico, se o caminho escolhido era falar do vivido e da experiência de cada personagem, que as conversas fluíssem livremente sem limitador de tempo ou amarras que impedissem o uso de falas não registradas no momento da entrevista formal. Afinal, assim fez Bosi em seu livro referência para a área da memória social, *Memórias e Sociedade: lembrança de velhos*. E Luce Giard, quando assume a pesquisa e a escrita de um capítulo intitulado *Cozinhar* no livro *A Invenção do Cotidiano 2 – Morar, Cozinhar*, organizado por Michael de Certeau.

De Jorge Couri, a única voz masculina desse sexteto de narradores, possuía já um grande volume de material empírico de entrevistas e vivências, obtido para a organização de uma exposição como tributo ao seu nome e ao seu trabalho – 45 anos de atividades laborais como fotojornalista nos principais jornais da cidade de Juiz de Fora –, na realização do evento dedicado à atividade fotográfica dos artistas e profissionais locais que a equipe organizadora batizou como *Foto 11*. Sua história se impôs pela força de sua narrativa e pelo trabalho de desconstrução do ressentimento que ele produz a partir da aceitação da citada homenagem que, ele cheio de mágoas, relutou muito em aceitar.

Cora Coralina é a chave, a última voz escolhida, em uma tese em que usei, até o limite, a liberdade poética que um trabalho acadêmico permite. Cora

Coralina foi a chave para abrir uma porta grande e pesada que um vento muito forte fechou em um momento de pânico em minha vida, quando, sem saída ou opção, tranquei o curso de doutorado e me mantive por mais de um ano afastado das atividades a ele ligadas. Cora significou a minha volta à leitura, impossível no momento violento de uma notícia avassaladora sobre minha saúde e as consequências de um tratamento quimioterápico. Cora foi um remédio. Comecei a tomá-lo, lendo diariamente um poema, como uma pílula curativa. Remédio eficaz, do qual fui, por conta própria, aumentando a dose e em determinado momento, em um final de semana, consegui ler um pequeno livro inteiro da autora: *Meu Livro de Cordel*. Embora qualquer criança pudesse fazer o mesmo, aquela foi a minha primeira vitória com Cora ao meu lado. Então, por gosto, prazer e cheio de segundas intenções, já ousando pensar no meu retorno à pesquisa e levá-la junto comigo, li sua obra inteira, convencendo-me, e posteriormente, à minha orientadora e aos integrantes do Grupo de Pesquisa Cronos, do qual faço parte como membro pesquisador, de que os textos de Cora Coralina poderiam indicar respostas à simulação de uma suposta entrevista, com ares teatrais que, de fato, nunca ocorreu, uma vez que Cora faleceu aos 95 anos em 1985, ou seja há quase 40 anos. Mas seus textos, poemas e crônicas são 100% autobiográficos e revelam sua relação e narrativa com olhar especial para a cidade de Goiás e para as outras cidades em que viveu, sendo que, em todas elas, sempre interveio, sempre participou, sempre colaborou e, por característica pessoal, sempre narrou seus feitos dando a eles um perfil naturalizado. Seus textos garantem a sua imortalidade e a mantêm viva, falando, opinando para quem lê ou relê seus livros, que são capazes de responder às perguntas que lhes forem feitas.

A escrita desta tese traz, também, a narrativa pessoal de seu autor através de uma importante decisão de forma. Narro minhas vivências, meus olhares, minhas convivências e andarilhagens tuteladas, a princípio, no período da infância e, com avançar do tempo, aquelas solitárias ou com companheiros escolhidos ao longo de meu crescimento e ganho de idade. Assim se deu a ampliação do meu mapa afetivo de Juiz de Fora. Como os velhos, a categoria cidade é um antigo foco de interesse. Assim, apresentando a minha narrativa pessoal mesclada e associada às narrativas dos sujeitos investigados fui aos

poucos sendo provocado por uma questão muito forte em mim: o teatro, atividade que exerci por muitos anos. O teatro, paixão assumida e declarada e vivida até mesmo inconsequentemente.

A primeira ponte entre o texto acadêmico e o teatro nasceu do entusiasmo que Cora me devolveu rumo a um impulso de vida. Paralelamente à escrita da tese, passei a desejar escrever uma peça teatral com uma seleção dos textos de Cora Coralina. Intento que iniciei e segue em lento processo de confecção; afinal desde minha volta ao curso, meu foco tinha que ser a finalização da pesquisa e a escrita da tese, numa corrida contra o tempo diferenciado que vivia.

A entrada da minha narrativa própria, nas primeiras sessões desta tese, explicitou e aproximou ainda mais minha vivência com as artes e, mais especificamente, com o teatro. Até que, a partir de um *insight* de minha orientadora, Sonia Miranda, optamos por construir, juntos, a espinha dorsal da tese como um roteiro clássico de teatro. Enfatizo, aqui, a questão do modelo clássico teatral, existem outros caminhos e há peças construídas de outras formas, em outros modelos. Nem toda peça teatral tem todos os elementos aqui apresentados como divisões de todo o texto, cenas, atos, entre cenas, prólogo, epílogo, dentre outros. Há peças de ato único, dois atos, teatro sombra, bonecos, teatro de rua, teatro baseado na improvisação secular derivado da *commedia dell'arte*, dentre outros.

Aqui, cada capítulo é denominado ato, bem como em uma peça mais convencional, cada parte de um ato, uma cena - parte com participações de um grupo de atores que delimita parte do enredo geral. O prólogo, como é sabido, é uma comunicação prévia daquilo que será visto ou lido ao longo da obra e o epílogo uma conclusão, que pode, como em uma tese, deixar o final aberto para a interação com o público. Dessa forma, cada um tem a sua visão da peça e o seu próprio final e não um único e inequívoco fim. Os entreatos e/ou as entrecenas são, geralmente, usados para que o narrador, que geralmente apresenta o prólogo e o epílogo, conduza a narrativa e auxilie o espectador a seguir o enredo apresentado. Por vezes, também, esses são utilizados como estratégias para uma troca de cenários ou figurinos dos atores e, assim, não exista um buraco, um vazio na encenação. Foi próximo a isso que os utilizamos aqui, para suavizar ou conduzir a passagem de um ato a outro ou de uma cena

a outra, evitando assim, passagens secas e abruptas e levando o leitor/espectador a contemplar o desenrolar do enredo sem baques ou rupturas.

Por fim, uma peça teatral é, também, uma narrativa ficcional ou baseada em fatos reais e, como tal, suscita diversas interpretações. Considerado tudo isso, tanto o sumário como, conseqüentemente, a própria estrutura da tese, simula uma peça teatral trazendo um pouco de ousadia e aproximação com narrativa do pesquisador para dentro da estrutura textual. Assumida aqui, em comum acordo entre orientando e orientadora, como uma opção estética e estilística que, senão inédita, é, no mínimo, muito pouco comum e, de nossa parte, não conhecemos outro texto acadêmico que opte por esse modelo de organização. Decidimos assumir o risco.

No primeiro ato, denominado: **Entre rastros e frestas e cacos: memórias da construção – e das interrupções – de uma pesquisa**, apresento, alongado e intercalado a outros temas, um memorial em que me mostro na convivência familiar e meus primeiros contatos com os espaços públicos da cidade acompanhado de familiares. Trago, também, a minha trajetória profissional e como pesquisador, meus gostos e as interdições que se impuseram a mim com o adoecimento e o contexto da pandemia. Ainda nesse primeiro ato, exponho os meus poetas e conto da chegada deles em minha vida e de como descobri que poderiam ser, como os teóricos, autores de referência no auxílio da defesa de minhas ideias, concepções e percepções na construção do caminho de um processo de pesquisa.

O segundo ato, **Sobre sensibilidades e experiências urbanas em narrativas de velhos**, traz duas narrativas apartadas das outras quatro, uma vez que foram obtidas por processos metodológicos diferenciados. Além disso, são narrativas peculiares. Jorge Couri permanece no texto final da pesquisa, como já disse acima, pela força de sua história e de meu relacionamento com ele, que se inicia de forma controversa, mas segue de forma amistosa se firmando como um encantamento mútuo, mas desproporcional: muito mais eu encantado com ele e sua história do que ele comigo. Criou-se um elo de uma amizade curta e rápida, mas forte e verdadeira. Poucos anos depois do período de nossa convivência, já em avançada idade, a morte ceifou sua vida. É belo e potente perceber, por meio de sua narrativa, em diversos momentos de nossos

encontros, o desfazer de um ressentimento e ver um homem octogenário fazendo as pazes com seu passado e retomando o orgulho pelo seu trabalho, tema que, durante décadas, não era falado, tocado ou discutido, uma vez que ele interditava toda e qualquer tentativa de conversa sobre o tema. É uma bela narrativa, que merecia ser dada a conhecer.

Quanto à Cora Coralina, eu já a “paquerava” há um bom tempo. O “namoro” só se tornou firme nas interdições que passei pelo meu adoecimento e a pandemia de Covid (2020-2022) que assolou o mundo. Cora e suas relações com as cidades nas quais morou me deu a perceber que havia, em sua obra, uma grande potência de conversa com o tema de pesquisa que se delineava fortemente para mim. Cora Coralina canta a cidade de Goiás em verso e prosa desde de sua adolescência. Vinda ao mundo no século XIX, parece já ter nascido com a capacidade e o dom de narrar. A poeta morou em muitas cidades depois que abandonou Goiás furtivamente, na calada de uma noite que a livrou do enfrentamento, no início do século XX, da reação de uma sociedade tradicional e fundada no patriarcado. Grávida de um homem ligado, oficialmente, a um casamento desfeito, mas que o mantinha ainda casado, considerando que, na época, não se falava em desquite e muito menos em divórcio. Valia a regra, dita no ato sacramental do matrimônio pelo padre: até que a morte os separe. Cora foi, então, concubina desde a década de 1920, mas não deixou se fazer desrespeitar. Foi mulher valorosa e lutadora. Desde sua saída de Goiás Velho, morou em várias cidades do interior do estado de São Paulo. Atuou de forma participativa, narrou as cidades e seus encantos e suas colaborações em cada uma delas. Um ato, sem dúvida, educativo.

O terceiro ato é denominado: **Cidades sensíveis, cidades invisíveis, cidades narradas**. Quando já passado do meio da peça/tese, um ato com personagens fortes se apresenta. São quatro narradoras, quatro mulheres, todas elas estão na faixa de vida entre os 80 e os 90 anos. Todas, ainda hoje vivas e lúcidas. Na realidade, esse ato é composto por quatro monólogos. Uma a uma, elas entram e se apresentam. As narrativas são fortes, peculiares e guardam grande potência para responder à questão de pesquisa deste trabalho. A cada narradora dei um título que busca traduzir minimamente o que revelam suas histórias:

**Geralda Caetano da Silva – “A sonhadora da tarimba”**

**Leila Maria Fonseca Barbosa – “A mulher das letras da cidade”**

**Mounira Haddad Rahme – “A viajante da vida escolhida”**

**Thereza Azevedo Leite – “Uma mulher entre três demolições”**

São vidas tão distintas e diferentes que não parecem possíveis que tenham se dado numa mesma cidade. Mas, como já abrigava a convicção de que as cidades não são unas e sim, múltiplas, possuidoras de várias camadas e várias peles, é possível compreender que sim, é possível que quatro mulheres da mesma geração tenham sido protagonistas de histórias tão distintas no espaço territorial de uma cidade única no nome, mas múltipla na forma. Embora sejam histórias onde não existam contracenias significativas entre elas, há, sim, algum entrelaçamento entre suas narrativas. Seja pelos acontecimentos mais coletivos, locais, nacionais ou mesmo internacionais, como guerras ou epidemias, ou por rápidas aproximações entre os viveres dessas mulheres, a vida de uma, por vezes, tangenciou a de outra delas.

As considerações finais vêm travestidas de **Epílogo**. Nessa sessão, apresento as momentâneas conclusões desse processo de pesquisa. São considerações que, junto ao texto em sua completude, vêm construindo a resposta à pergunta de pesquisa:

**Como o vivido e as práticas cotidianas de diferentes “fisionomistas”/praticantes ordinários da cidade se inserem e se relacionam com a cidade e sua memória? Como a cidade comparece nas narrativas e de que modo tais narrativas ganham força para educar a própria cidade?**

São provisórias essas considerações, porque o tempo pode trazer outras interpretações para elas. Uma vez que a rememoração é muito mais um ato ligado ao presente do que ao passado, e também, porque, este texto está assentado sobre a máxima de Benjamin, da qual me aproprio: A história está aberta. Além disso, outras narrativas podem ser puxadas por essas aqui apresentadas, ampliando o conhecimento sobre as vivências na cidade. A interação entre o leitor e o texto construído com o princípio benjaminiano acima exposto pode, também, nos oferecer outras interpretações e outras considerações. Assim como a história, para Benjamin, o final desta peça também

está aberto, possibilitando novas inserções e conclusões, penso eu, todas provisórias, assim como as minhas.

Como indicação de que este estudo permanece aberto e traz, já consigo, outras questões para estudos complementares, as cortinas vão fechar quando o epílogo der fim à peça. Poderão vir aplausos, ou não. Mas, mesmo depois de encerrada a escrita formal desta tese, deixarei um apêndice cheio de beleza e apontamentos de caminhos. Um apêndice que referencia muito do que aqui tanto se falou ao longo destas páginas. Aproveito um texto alheio para, novamente, falar da beleza do vivido, vida, morte e poesia. Oxalá esse apêndice, que não pertence ao texto formal da tese, traga aos leitores/espectadores a mesma emoção que despertou em mim. Sigamos na rota da leitura para o conhecimento das narrativas e das considerações geradas por esse processo de pesquisa que ainda, como redundantemente dito, até a sua última página, faz os meus olhos brilharem.

Em tempos obscurantistas, desejo terminar esta apresentação afirmando: pesquiso com prazer, faço da poesia minha aliada de pesquisa, sustento que produzo ciência por meio de trabalhos acadêmicos suaves e leves como uma pena, mas com a potência e a força das ideias transformadoras do mundo. Pesquiso gente, pessoas, construções sociais e sou adepto da ideia de um mundo mais justo e menos desigual. Valorizo os caminhos, os procedimentos e os avanços obtidos pelas práticas científicas, principalmente aqueles que se fundam na utopia de que os avanços alcançados sejam oferecidos a todos os homens e todas as mulheres do mundo.

## PRÓLOGO

Aprendi com Walter Benjamin que os poetas antecipam os cientistas na capacidade de enxergar os problemas que o mundo precisa dar conta.

Ecléa Bosi me deu uma frase lapidar, que eu tomei para mim como um presente na vida: “as histórias não recolhidas escorrerão pelas frestas das gavetas e dos assoalhos”.

Cora Coralina – a poeta que morreu com 95 anos e começou a publicar, embora tenha escrito a vida inteira, com 75 anos de idade – nos disse em um dos seus escritos que os doces que ela fazia, tão admirados, precisavam do tempo certo de serem secados ao sol.

Na pesquisa que sustenta a tese de doutorado que ora se apresenta em seu movimento de gestação, sintetizam-se meus 35 anos de prática educativa como professor, coordenador e gestor escolar em conexão com a vida e a cidade, buscando compreender a cidade em suas várias camadas, visíveis e invisíveis. Uma pesquisa como essa envolve tempos necessários em seus movimentos, rupturas, recuos e avanços capazes de fazer com que meus doces sequem ao sol. Uma pesquisa que não prescindia da seriedade e da produção científica, mas que se faça também com beleza e poesia. Uma pesquisa que, acredito, vai servir para o ambiente escolar, para a educação de um modo geral e para a cidade e seus habitantes.

Como um homem que traz o teatro na construção da própria história, decidi adicioná-lo aqui como forma para apresentar esse texto, construído conforme a perspectiva benjaminiana do princípio da montagem. Tal como a obra de arte, toda pesquisa educacional, assim como a ação docente que lhe é subjacente, possui algo de composição, densa, longa, artesanal. Por isso a escolha por atos, um prólogo, cenas, entre cenas e um epílogo como elementos que compõem uma espécie de forma para tecitura dessa tese, que traz em seus fios profundos a inspiração deflagrada por muitos intercessores, mas, em especial, Walter Benjamin (1994, 2007, 2012) e Bertold Brecht (1987, 1990). Benjamin foi contemporâneo e amigo do poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht, ambas vítimas das barbáries do século XX, ambos perseguidos e caçados pela ação do fascismo, ambos incomodados com o mundo, ambos

insatisfeitos com a forma excludente com a qual o mundo capitalista se organiza. Ambos manifestaram amplamente seu desejo de transformação do mundo, ambos são homens de tempos sombrios, homens de seu tempo. Os registros nos falam de como viveram as suas vidas, como passaram pelo mundo, como foram afetados pelo tempo histórico que os conectou. Por essa razão, ambos me acompanharão ao longo desse trabalho funcionando como mastro e vela, fio e corte, espelho e janela.

## **PRIMEIRO ATO: ENTRE RASTROS, FRESTAS E CACOS: MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO – E DAS INTERRUPTÕES – DE UMA PESQUISA.**

### **CENA 1: Um poema pra chamar de meu**

Em um dia da minha vida, encontrei uma mulher que me deu de presente um poema. Ele não estava embrulhado em papel colorido, nem fechado com fita em laço; era muito valioso, mas não era um presente caro que se comprava com dinheiro. Transformei esses versos em meu poema de estimaçãe e ele me transformou, sem nenhum exagero, para sempre.

Quando no processo de finalizaçãe do mestrado no ano de 2010, corri contra o tempo para chegar a termo com o trabalho e, ao mesmo tempo, atender todas as exigências protocolares desse processo acadêmico. Era imperativo que ambos os procedimentos de pesquisa e o texto atendessem também ao meu agudo censo crítico. Ousei incluir a poesia de Drummond naquele primeiro texto para a dissertaçãe. Ao mesmo tempo, pensava que muito provavelmente a banca de qualificaçãe usaria uma afiada tesoura para podar meu arroubo e minha ousadia.

Afinal, já havia recebido um sinal de alerta sobre a incompatibilidade entre poesia e conhecimento acadêmico. Já tinha sido advertido por um pesquisador que se julga “muito zeloso por normas, regras e condutas acadêmicas” sobre a necessidade de uma ciência neutra, objetiva e impessoal.

A pesquisa de mestrado que desenvolvi trabalhou com a memória de jovens rememorando suas vivências e interpretando o sentido da imersão no mundo da cultura para o desenho de suas vidas em projeção de futuro. Esses jovens haviam trabalhado e convivido com a poesia de Drummond. Nosso poeta maior, assim o considero, por mais incomum que pareça, era “íntimo” daqueles jovens de um bairro de população muito pobre. Por essa e por outras razões, mesmo sem certeza, intuitivamente, trouxe a poesia de Drummond para o texto.

Eu tinha uma convicção. A banca de qualificaçãe iria me orientar a um maior aprofundamento teórico. Nas minhas projeções, repletas de expectativas, isso era um fato, não haveria por onde ser diferente.

Mas eu não conhecia Júnia Sales. E isso fez toda a diferença. Pessoalmente, ela e eu nos encontramos três vezes na vida. O primeiro

encontro, aquele que me marcou para sempre, aconteceu no dia da qualificação da minha pesquisa de mestrado. Mas suas indicações moram comigo até hoje e interferem no meu proceder.

Bom, cumpri todo o protocolo daquele ato de qualificação e me preparei para anotar e gravar a longa fila de indicações que minha habitual ansiedade insistia em dizer que viria.

Aquele foi um dia de múltiplas emoções. Primeiro, porque é sempre muito emocionante concluir, ainda que em parte, um trabalho no qual colocamos tanto de nós e que é capaz de nos revelar e nos desvelar em várias camadas. Depois, pelo que se seguiu. Dos membros da banca, o primeiro a falar foi o professor Márcio Lemgruber, que teceu vários comentários com relação ao trabalho, a maioria deles muito elogiosos. Prosseguiu sua fala me levando às bordas de transbordar em choro quando disse que eu, na realidade, deveria naquele momento, estar em outro patamar. Segundo o professor Márcio, eu merecia receber um título de Doutor Honoris Causa por toda minha dedicação à educação pública no município. Segundo ele, era notória, conhecida e reconhecida a importância da minha atuação profissional e da liderança que exercia nos processos pedagógicos e educacionais naquele conhecido CAIC Santa Cruz. Essa sequência de observações já me coube como a chancela sugerida.

Júnia Sales era a professora da UFMG, sugerida pela professora Sonia Miranda, minha orientadora, para compor a banca de qualificação. Sonia me perguntou: você concorda com essa indicação? Afinal, essa é uma praxe no nosso grupo de pesquisa. Eu? Não possuía, naquele momento, nenhum argumento para um sim ou para um não. Eu não conhecia a professora Júnia Sales, não tinha elementos para opinar, para dizer nada sobre ela. Não tive tempo de pesquisar sobre seu nome, mas se assim o tivesse feito, saberia de quem se tratava, estaria informado sobre o quilate da professora e da pesquisadora que participaria daquela primeira análise da minha dissertação. Mantive a praxe e disse sim, até porque intuí que o 'não' não seria uma boa resposta. Fui para a banca sabendo pouco ou quase nada sobre ela, a não ser pelos ditos de minha orientadora que sempre a qualificou das melhores formas.

Sou bom fisionomista. Tenho uma memória visual privilegiada. Sou capaz de descrever, anos após a um fato ocorrido, os trajes completos, o sapato, a roupa que usava um amigo ou um parente naquela situação. Sou capaz de recordar-me, sem muito esforço, de como estavam dispostas as pessoas em uma solenidade de anos atrás. Antes de se formar a mesa da banca, fui apresentado à Professora Júnia e sua imagem permanece hoje “na vida das minhas retinas tão fatigadas”. Uma moça alourada de cabelos quase curtos, anelados, cacheados e olhos muito claros, pareciam aquosos. Belíssimos! Dona de uma fala mansa, suave, gentil. Tudo naquela composição indicava suavidade e um perfil acolhedor. Essas são as impressões daquele dia que tenho muito vivas na memória até hoje.

Pronto! Chegou a hora! Ela iria falar. Falar sobre o meu trabalho, dizer de suas impressões e possivelmente sugerir caminhos.

– Você trouxe Drummond e sua poesia para o seu trabalho? – Perguntou ela.

Pronto! Seria agora. Segui.

– Coincidentemente, adoro poesia e conheço bastante a obra de Drummond.

Em seguida me perguntou se eu conhecia o poema “(In) Memória” e eu respondi que não.

– Pois leia esse poema, ele combina com o seu trabalho. – O recitou de cor.

### (In) Memória

De cacos, de buracos  
de hiatos e de vácuos  
de elipses, psius  
faz-se, desfaz-se, faz-se  
uma incorpórea face,  
resumo do existido.  
Apura-se o retrato  
na mesma transparência:  
eliminando cara  
situação e trânsito  
subitamente vara  
o bloqueio da terra.  
E chega àquele ponto  
onde é tudo moído  
no almofariz do ouro:  
uma Europa, um museu,  
o projetado amar,

o concluso silêncio.  
(ANDRADE, 1989)

Após o poema, prosseguiu em sua fala, dizendo:

– Leia esse poema e leia tudo que puder de Drummond. Mergulhe seu trabalho em Drummond, deixe que o poeta e sua poesia inundem seu trabalho, deixe-se inundar por Drummond. Você trouxe a pista. Siga com ela. Leia poesia. Esse será um bom caminho para a conclusão dessa dissertação.

Eu certamente respirei aliviado e devo ter sorrido. Minha boa memória me trai agora, e não me lembro de muita coisa mais daquele ato procedimental, mas, certamente, cumpriram-se os trâmites normais daquela qualificação. Agradecimentos, comentários finais, despedidas.

A pessoa que se revelou para mim naquele momento não tinha o nariz voltado para o céu de alguns acadêmicos que vestem o fardão imaginário da intelectualidade e se entendem como figuras iluminadas. Não era possível perceber nem sequer uma pincelada de arrogância na sequência de suas falas. Aquela moça, aquela jovem senhora, vestida com uma roupa de estampas claras, não sugeria por sua figura o tesouro com o qual operava. Aquele tesouro colecionado ao longo da vida: um baú transbordante de saberes que acessava a qualquer hora, sem a cerimônia do uso de joias. Naquele momento, me deu pistas de que relacionava uma joia com a outra em combinações por vezes inusitadas, mas brilhantes como pedras e metais dignos de se entesourar. Combinações de harmonia e riqueza, como essa com a qual me presenteou.

Ao chegar em casa, corri à estante. Li pela primeira vez aquele poema que seria meu para sempre. De fato, ele estava lá no livro Boitempo I: “(In) Memória”. Li e reli. Não acreditava em tamanha força. Que poema era aquele? Até hoje o releio. Hoje o fiz. Aquele poema na verdade é um tratado de história disfarçado em poesia. E se tornou uma nova lente para a minha leitura de livros e mundos.

Depois daquele dia, eu narrei várias vezes, em diferentes cenários, aquele momento da qualificação. Aos poucos, fui incorporando uma expressão popular que conheço desde menino, mas que na minha vida só coube com exatidão naquele dia. “Eu me senti no céu com a bunda de fora”. Repeti isso muitas vezes para contar que eu estava autorizado a fazer uso da poesia, mais

que isso: eu poderia mergulhar nela e, nesse mergulho trazer, comigo meu trabalho e minha pesquisa. Eles se encharcariam e de fato se encharcaram, mas de uma forma que suas páginas não se desfizeram, só se encheram de boniteza e riqueza literárias e humanas.

Mergulhei profundamente na lagoa da poesia de Drummond, nadei de braçadas, flutuei naquelas águas, banhei-me nelas repetidas vezes, brinquei nelas como um cachorro travesso.

Finalizei o mestrado cheio, pleno de vida e de Drummond. Mas o jargão se deu: aquele final era um novo início. Ficou o encanto pela memória e cresceu o encanto por Drummond.

Descobri que a poesia de Drummond combina com ciência. Ela pode ajudar a explicar o mundo. Devo à Sonia esse descortinamento e a insistência para que parasse de desviar o meu olhar dessa direção.

Descobri que “(In) Memória” e outros poemas são capazes de conversar em pé de igualdade com Ecléa Bosi, Walter Benjamin, Michael de Certeau, David Lowenthal, com Sônia, com Júnia e com Lana... e humildemente comigo.

Tudo isso veio de uma fala muito importante, que não durou mais que poucos minutos, veio de uma confirmação que me entrou pelo ouvido certo e me convenceu para sempre. Veio de uma orientação preciosa, teórica e poética. Veio de um poema que guardo como um presente, um presente que vale mais que uma joia rara. “(In) Memória” está em mim para sempre. Meu talismã. Ele pode ser o poema lido por muitos, mas da forma que ele é para mim, ele é só meu. É único, como se existisse só para mim. Sei que nossa relação ainda será longa. Ele me inspira e me desafia, e aponta o meu olhar numa direção que ainda não sou capaz de ver tudo. Por isso, fico com ele sempre. No bolso, na alma, na gaveta, na cabeça e no coração.

Quem me deu esse poema tão potente e tão bonito? Drummond, é claro. Mentira! Não foi! Desculpe, poeta. Quem me deu o seu poema foi a Júnia, a mulher de olhos claros como água, de fala mansa como a brisa, de quem não me tornei íntimo nem amigo, mas ela e o seu “(In) Memória”, agora meu também, permanecerão em mim para sempre, provocando meu olhar para que seja mais suave e sensível quando se dirigir ao mundo e às pessoas e desejar “acordar os homens e adormecer as crianças”.

## CENA 2: Sobre Drummond, Carnaval e Carnavais

“Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.” – Carlos Drummond de Andrade

Quando eu nasci, era um sábado de carnaval, havia poucos anjos de plantão. Não me contaram que um deles tenha prescrito algo para minha vida. Contam, sim, que era perto de sete horas da noite quando cheguei ao mundo e a folia corria solta pelas ruas de Juiz de Fora, cidade de tradição carnavalesca. É bem verdade que décadas mais tarde, já como historiador e como um vivente no mundo dos adultos, viria a compreender que toda tradição tem seu ponto de invenção, conforme nos demonstraram Hobsbawn e Ranger (1984), mas para a cabeça de uma criança, os rituais são eternos e principalmente as festas que alimentam a alegria e a imaginação.

Mais velho, acho que tive vontade de ser gauche na vida, mas tinha poucas ferramentas. Talvez por ser Carlos o meu segundo nome, e não o primeiro. Ser gauche deve ser coisa de homem, coisa de homem com o primeiro nome Carlos. Eu, como sou Antônio Carlos, perambulei pelos meios, entre uma e outra coisa; estive pelos limiões das coisas, do ser e dos lugares, entre ser isso ou aquilo, mas nunca gauche, e confesso minha inveja permanente por quem o era.

O fragmento do poema de Drummond aqui escolhido tem múltiplas funções e já serve para convidar o leitor e a leitora desse trabalho a uma das escolhas que me acompanharão ao longo da tese. Faz-se metafórico, comparativo, intertextual, alegórico. Constrói também, no conjunto com os demais, imagens dialéticas do eu em relação ao mundo. Coloca e tira a mim, apresentando-me depois com minhas próprias palavras. Os poemas vêm me colocando em diálogo com o mundo e os vários eus que existiram como possibilidades. Afinal “eu não sou eu, eu sou o outro”.

Desde o início da elaboração do projeto de pesquisa para o Doutorado em Educação, uma proximidade insiste em se fazer. A literatura e as artes se postam ao lado dos teóricos que venho escolhendo e como alguém possuidor de um objetivo, me perseguem. Moram comigo e insistem em habitar meus

pensamentos. A insistência das duas não me incomoda, ao contrário, me diverte e me inspira, por isso acolho-as.

De início, a inspiração de Ecléa Bosi como autora de referência se aproxima da poesia de Drummond. Isso já veio comigo da pesquisa e da escrita no mestrado. Parecia coisa que ficaria por ali.

O contato posterior com a obra de Walter Benjamin me reforçaria profundamente esse sentido. Seus textos evidenciam a aproximação com as obras de Charles Baudelaire, Bertold Brecht, Marcel Proust, dentre outros. Fora isso, Benjamin explicita em seu texto “o Surrealismo o último instantâneo da inteligência europeia” (BENJAMIN, 1987d) que as artes têm a capacidade de se antecipar às ciências para explicar o mundo.

A leitura de dois trabalhos que se ancoram em torno da problemática da Educação e a Cidade separados por três décadas de distância – de um lado, a dissertação de mestrado de Lana Mara Siman (1988) e de outro a tese de Nara Rúbia de Carvalho Cunha (2016) – me colocam diante de trabalhos que se aproximam pela interpretação de narrativas e pela escuta do sujeito comum, do praticante ordinário, conforme a acepção clássica de Michel de Certeau (2013; 2014), com relação às suas vivências na cidade. Além disso, ambos trazem uma desejável e intencional ligação com a poesia e as artes.

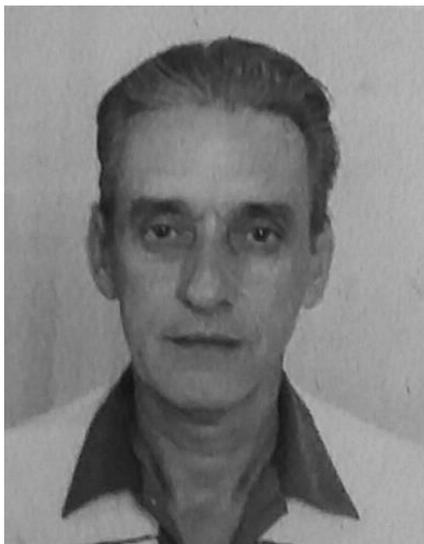
Assim tem sido. Os autores e teóricos que me despertam interesse e fazem brilhar os olhos citam, usam e abusam da aproximação da literatura.

As produções do Grupo Cronos, mais ligadas à ideia do meu trabalho, também fazem uso irrestrito da literatura, não como imagem, ilustração, epígrafe, como enfeite ou decalque no alto da página de um caderno, mas como indicação de interpretação das narrativas e do mundo. Andréa Borges de Medeiros (2011) escreve sua tese em crônicas e circula com desenvoltura entre poetas e teóricos. É certo de que por isso e por outras tantas razões sua escrita é cheia de cores de tintas suaves e de outras carregadas de intensidade. Guarda no rigor de uma tese a beleza, a genialidade e a originalidade de quem escreve poesia, afinal, bebeu em fonte de águas puras. Gisela Marques Pelizzoni (2017) se inspira em seu contato com a montagem teatral sob linguagem circense do espetáculo “Romeu e Julieta”, do Grupo Galpão. A poesia daquele momento fugaz no centro de uma grande cidade invade sua vida, sua essência, seu trabalho e sua

produção. Assim, a professora escreve os seus “Miúdos Circos” com a naturalidade do correr de um rio. Rio que segue seu curso e ao encontrar-se com outras águas, provoca um novo transbordamento: a poesia de Manoel de Barros, que se faz marca d’água na produção acadêmica de Gisela.

Drummond, Cora Coralina, Brecht, Manuel de Barros narram o mundo pela poesia, falam de suas vivências e de como percebem o mundo, falam das alegrias e dos incômodos, falam dos homens e das mulheres e do estar no mundo. Colocam a ponta de seus dedos imaginários à minha frente e indicam a direção do meu olhar, que por ser poético, não se afasta das possibilidades da ciência. Assim creio e sigo. Esses poetas mostram-me caminhos e sugerem explicações para as minhas questões tanto como Hannah Arendt (2008), Walter Benjamin (1987; 2006, 2012a e b); Ecléa Bosi (1994, 2003a e b), João C. Tedesco (2004); David Lowenthal (1998), Michel de Certeau (1995, 2013, 2014). Com todos esses intercessores, buscarei, por meio de minhas reminiscências, visitar as cidades que me habitam.

Figura 2 - Antônio Pereira Dutra



Fonte: Acervo pessoal

Foi com meu pai que iniciei a tomada de conhecimento dos territórios da cidade. Ele sempre nos levava aos pontos turísticos, Morro do Cristo, Museu Mariano Procópio, Represa João Penido e outros e outros. Nas andarilhagens com meu pai nos finais de semana, mais especificamente no sábado à noite, costumávamos, nós cinco – meu pai, minha mãe, meus irmãos, que nessa época

eram dois, e eu – sair para passear no centro da cidade, ver as vitrines das lojas iluminadas, olhar sapatos, roupas, brinquedos, passear pelo Parque Halfeld, comer uma pipoca, um algodão doce ou um famoso picolé de coco da Oasis, um desses lugares marcados na memória afetiva da cidade e que a passagem do tempo levou embora. Aquela era mais uma forma de explorar a cidade naqueles espaços públicos, num tempo de mais calma e segurança. Foi assim que comecei a distinguir os espaços permitidos e os vetados, as casas de linda arquitetura dos bairros de classes média e alta, as moradias remediadas dos trabalhadores mais qualificados e os casebres miseráveis das vilas dos sem trabalho ou trabalhadores de funções menos valorizadas. Já me causava curiosidade o porquê das diferenças.

Figura 3 - Família no ano de 1975



Fonte: Acervo pessoal

Andar pela cidade sempre me encantou, me despertou interesse. Foi sempre motivo de prazer. Enxergar o que permanecia e o que se transformava na cidade, que mapeava pouco a pouco em minha cabeça, em meu ser, era um exercício natural como viver. Um misto de sensação de perdas e ganhos enquanto percebia o progresso envolvendo a cidade.

Tenho na memória o palimpsesto do Parque Halfeld – para usar uma expressão clássica de Sandra Pesavento (2007) – a título de exemplo, desde minha primeira infância, até hoje. Para alcançar beleza, ou por vezes muita feiura, o parque mudou muito ao longo dos anos. Essas transformações são claras e nítidas em minha memória. Por isso, talvez tenha me encantado tanto quando pela primeira vez que tive contato com este conceito de palimpsesto, por meio da pesquisa de mestrado da professora Rita Almeida (2011).

Figura 4 - Três Fases do Parque Halfeld – Fotos de Jorge Couri



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Já em minha fase de profissional ligado à cultura, na maturidade, vim a ter contato com narrativas de Carnavais muito anteriores à minha própria existência, como o caso da narrativa fílmica de João Carriço sobre o carnaval na cidade. Esse conjunto de imagens antecede tudo que eu vivenciei em inúmeros carnavais em Juiz de Fora. Carriço filmava tudo e o fez durante décadas. Atos políticos, religiosos, paradas militares, jogos esportivos, inaugurações, festas, carnavais e muito mais. Era o carnaval de corços das famílias abastadas que competiam em luxo, beleza e riqueza para ostentar seu poder econômico. Não é de se negar a beleza dessas manifestações que atraíam multidões às ruas. Também registrou o carnaval popular dos bloquinhos de sujo, das batalhas de confetes, dos primeiros desfiles oficiais de blocos e Escolas de Samba.

Figura 5 - Domésticas de Luxo – Foto de Jorge Couri



Fonte: Acervo Diário Mercantil

O carnaval foi um dos caminhos que me deram conhecimento e domínio da cidade. Para David Lowenthal (1998), são as memórias coletivas que, muitas vezes, convertem acontecimentos políticos em experiências pessoais. Com meu pai, e principalmente com ele, conheci o carnaval e alguns dos locais onde era preparado. Conheci também o roteiro dos campos de várzea existentes nos diversos bairros da cidade, onde meu pai jogava com gosto e entusiasmo as “peladas” dos finais de semana. A mim o carnaval empolgava mais, porém, era sempre um prazer andarilhar pela cidade em companhia de meu pai e meus irmãos, fosse qual fosse a motivação, mesmo que na maioria das vezes sem o entendimento do meu destino, pois o sentido geográfico, para mim, ainda não tinha formado nenhum sentido.

Minha família sempre participou dos carnavais. Meu pai era um profundo conhecedor da cidade, tanto de sua geografia, quanto das manifestações culturais, dos esportes, da política... gostava de ser bem-informado. Era um habitual e assíduo leitor de jornais. O “Jornal dos Esportes”, com suas características páginas rosas, era sagrado. Durante a semana, o “Diário Mercantil” e o “Diário da Tarde”. Nos finais de semana, um jornal de circulação nacional, geralmente “O Globo”. Acompanhava o futebol local e o carioca, Fluminense roxo, de risos e choros em vitórias ou derrotas. Por aqui, em épocas

de bom futebol, acompanhava com interesse o movimento dos times locais: Tupi, Esporte e Tupinambás. Antes da chegada da TV em nossa casa, era sagrado também ouvir os jogos e comentários pelo rádio.

Sabia muito também, como dito, sobre o carnaval local. Conduzido por suas mãos, fui introduzido nesse mundo. O mundo do futebol, por mais que fizesse, por mais que me levasse a campos e quadras, não conseguiu gerar em mim o interesse pelo mundo de jogadores e bola. Mas o carnaval me enchia e fazia brilhar os olhos.

Meses antes dos festejos de Momo, já era conhecedor dos enredos, dos sambas, sabia das dificuldades das agremiações quando chegavam os dias de folia, que na época eram três, algo registrados até nas marchinhas, como a famosa “Até quarta-feira”, de Humberto Silva e Paulo Sette, sucesso no carnaval de 1968 “São três dias de folia e brincadeira, você pra lá eu pra cá, até quarta-feira...” O sábado foi incorporado e durante muitos anos, quatro dias pareciam suficientes, mas a folia foi ganhando espaço e tempo e nos dias de hoje, a folia em alguns estados do país chega a atingir um mês de festejos.

Com meu pai visitava as quadras, alguns barracões, a montagem para os desfiles. Nos dias de carnaval, isso era certo, assistíamos os desfiles de blocos e escolas de samba sentados no meio fio da Avenida Rio Branco. Nos áureos tempos do carnaval local, era nesse logradouro, principal eixo da cidade, que os desfiles se davam.

Essa era mais uma forma de ir me apropriando do espaço e dos costumes da cidade, lendo a cidade a partir de seus praticantes ordinários (CERTEAU, 2014). Era também um outro modo de tentar compreender as divisões, que eram perceptíveis a olho nu, entre os moradores da cidade. Em frente a nós, sentados no meio fio ou em pé atrás da corda, onde o espaço era disputado por vezes literalmente a tapa, havia as arquibancadas. Precárias estruturas de madeira montadas ao longo da avenida. Mas aquele poleiro desconfortável, tão desconfortável como o meio fio, representava uma evidente divisão de classes. Para os mais abastados, endinheirados e exibidos, existia a estrutura de camarotes. Outro espaço era ocupado todos os anos na exibição das agremiações: as salas e escritórios, apartamentos residenciais das fachadas de frente dos edifícios da Avenida Rio Branco. Chegavam famílias e turistas, porque

aqueles famosos carnavais de Juiz de Fora atraíam turistas que alugavam quartos e suítes nos hotéis Ritz, Rocha e Joalpa. Dessa forma, a cidade repetia sua clara divisão e classificação das pessoas pelo que tinham e pelo que faziam.

Figura 6 - Desfile de Escolas de Samba na Avenida Rio Branco



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Também nos desfiles era evidente que o poder e o dinheiro separavam numa escala gradual os blocos e as escolas. A Turunas do Riachuelo, tida pelos entendidos do carnaval local como a primeira escola de samba de Minas e uma das primeiras do país, era a escola dos ricos que se associavam, pelo menos no carnaval, talvez não só nessa época, aos “empresários” do jogo do bicho e trazia para a avenida muita beleza, luxo e riqueza. Era uma escola de provocar amores e ódios, pois ganhava o título de campeã na maioria dos anos.

Os desfiles aconteciam, como já dito, na Avenida Rio Branco, entre a antiga avenida independência, hoje Avenida Itamar Franco, e o largo do Riachuelo, onde em ângulo diferenciado a Avenida Getúlio Vargas – a avenida tradicionalmente voltada às linhas de ônibus que levavam e levam até o hoje os pobres para a periferia da cidade – encontra-se com a Avenida Rio Branco.

Figura 7 - Montagem das arquibancadas – Carnaval Juiz de Fora 1973



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Assisti também muitos desfiles carnavalescos na companhia de minha avó, outra personagem narradora importante em minha vida e outra responsável por me apresentar a cidade. Com ela ia a armarinhos, loja de tecidos, consultas médicas, casas de parentes e conhecidos. Somando a parte da cidade apresentada pelo meu pai à outra apresentada pela minha avó, minhas descobertas pessoais acerca de minha Juiz de Fora iam se ampliando, o traçado produzido pelo meu deslocamento no espaço físico da cidade ia ampliando e se emaranhando. Para Fernando Catroga (2009), não existe uma memória pura, mas sim uma pluralidade de memórias que compõem nossa memória subjetiva, o que significa dizer que a memória inevitavelmente se faz na interação social. Ao mesmo tempo, crescia também era a falta de entendimento da cidade dividida, dos espaços interditados a um certo tipo de habitante, da qualidade dos espaços, da diferença das moradias.

Minha avó gostava de assistir os desfiles carnavalescos da primeira escadaria da Catedral Metropolitana. Assim tínhamos que sair de casa cedo, pois o local era disputadíssimo. D. Maria, usando de posto de avó respeitada e

querida, arrumava a matula e no início da tarde nos punha a caminho para marcar lugar. Eu, meus irmãos e por vezes meus primos passávamos a tarde sob sol ou sob chuva, reservando os lugares e ela chegava quase na hora do desfile com sua almofadinha e assumia o seu lugar. Em algumas vezes, havia discussão provocada por vizinhos naquela arquibancada natural, que discordavam dos procedimentos de minha avó para garantir seu lugar privilegiado.

O Carnaval se dispôs para mim, portanto, como um dentre muitos mapas da cidade. Eu poderia falar longamente de muitos outros mapas. Existem muitos tipos de mapas, desde os físicos, passando pelos imaginários, traçadinos de percurso, os emocionais e muitos outros. Além dos exemplos, há muita diversidade de existência e possibilidades de mapas. Willi Bolle (1994) nos diz que Benjamin tinha desejo de fazer seu mapa de uso da cidade sobre o mapa da cidade de Berlim. Segundo o intérprete benjaminiano, o pensador alemão escolheria cores para marcar sobre o impresso cartográfico os lugares que frequentou naquela sua cidade natal. Uma cor para casa das namoradas, outra para os lugares “proibidos” e outra para os pontos de reunião, o trabalho, as moradias e assim sucessivamente. Entendo esse traçado como um mapa da interação do sujeito com o espaço, no caso a cidade.

Contribuição específica de Benjamin, nessa arte de escrever a história com imagens, é a fisionomia da Metrópole Moderna. Seu projeto literário como um todo poderia se chamar *städtebilder* – “Imagens”, “Retratos” ou como “Fisionomias de Cidades”, como sugere uma das edições póstumas de seus escritos. Esse título marcaria a afinidade com os “Tableaux” parisienses baudelairianos, que foram para Benjamin os livros da iniciação na literatura urbana. Daí seus temas, procedimentos e posturas. De Baudelaire, ele aprendeu a ver a cidade como um corpo humano e a usar a técnica da superposição que faz com que miticamente, a percepção da cidade e a do próprio corpo se confundam (BOLLE, p.43 1994).

Ao escrever essa tese, vou refletindo sobre minha vida em minha cidade natal, os usos que fiz e faço dela, os que não fiz, as interdições, os lugares proibidos. Embora em tempos diferentes tenhamos habitado teoricamente a mesma cidade, o meu mapa de Juiz de Fora nem sequer se aproxima do traçado

das andarilhagens e usos que o poeta Murilo Mendes produziu sobre o que se intitula a mesma cidade. O Mapa Muriliano tinha inclusive uma cerca. Na concepção do poeta, “Juiz de Fora era um trecho de terra cercado de pianos de todos os lados” (2018). Murilo Mendes fez uso do polígono central da cidade, dos casarões da elite, das grandes casas de comércio, das leiterias e cafeterias onde se encontravam sujeitos bem-vestidos e com tempo para a prosa diária. Sua cidade é a Manchester mineira, a Athenas de Minas, a princesinha de Minas, o primeiro sorriso de Minas. Sua cidade é dos eufemismos para sugerir o grande, o melhor, o belo de uma cidade de um grupo de habitantes cheio de empáfia e arrogância.

A Juiz de Fora de Murilo Mendes está longe de ser a minha. Não só o tempo e a configurações arquitetônica e urbana diferenciam a minha cidade da do poeta. Minha cidade é a cidade operária, dos trabalhadores que tocam as máquinas que revolvem a terra, que lavam a roupa da elite que dá aos ricos e aos intelectuais a possibilidade de delirarem sobre a hipótese de fazerem parte da grande metrópole de cidadãos ilustrados e sempre pioneira em avanços infinitos. O mapa da minha Juiz de Fora tem cerca sim, mas de bambu, que lembra a migração rural e os hábitos cotidianos de homens e mulheres, muito deles analfabetos ou de poucas letras, marginais àquela cerca sugerida por Murilo Mendes. Minha cidade é a periférica, aquela que produzia outros sons musicais, não aqueles saídos de lustrosas teclas brancas e pretas, mas o das latas e peles curtidas e esticadas; o som de platinelas e cordas de aço. Sou da cidade que além dos sons das igrejas católicas, também conhece os sons tambores e dos cantos dos ritos religiosos não católicos, a cidade do sincretismo religioso vivenciado na prática. A cidade vivenciada por Murilo, seus familiares e amigos conhecia a musicalidade dos sinos e dos cantos dos ritos católicos, o som das missas dos horários nobres da Catedral Metropolitana, da igreja São Sebastião ou da Glória, as quais Murilo Mendes provavelmente frequentou. Minha cidade é aquela que busca cartografar as práticas sociais de seus habitantes ordinários conforme proposição de Sonia Miranda, Andreia Medeiros e Fabiana Rodrigues de Almeida (2016).

Tenho um mapa afetivo da cidade, tal como aquele idealizado por Benjamin para a cidade de Berlim, trazido como epígrafe na abertura desse

texto. Esse mapa começou a ser desenhado bem ao estilo daquele esqueminha, por vezes muito criticado em virtude da ideia de círculos concêntricos, pelos quais a escola introduz os estudos sociais nos anos iniciais de formação de crianças. A casa, a rua, o bairro, os lugares de frequência – igrejas, clubes, comércio – depois a cidade...

Figura 8 - Casa da Rua Vieira Pena, 180



Fonte: Acervo pessoal

Primeiro havia uma geografia da casa, desde bebê, quando ainda era levado por mãos e por braços alheios. Já obedecia a um traçado de uso da casa. Benjamin, em sua “Infância em Berlim por volta de 1900” (1987g), nos narra que transitava em mansões e espaços nobres e declara que demorou a entender a existência de pobres e espaços destinados à acomodação desses habitantes de poucos recursos e bens. Pensava o infante Benjamin que todos possuíam vidas parecidas com a sua e a de sua família. Ele soube o quanto lhe custou na vida perceber que na cidade existiam pobres. Todavia, essa percepção para mim já estava dada, desde muito cedo, pelas minhas vivências domésticas e pelos meus trânsitos na cidade junto ao meu pai e minha avó.

O meu mapa continuaria em formação e penso que ainda se amplia até hoje. Depois da casa, veio o quintal, o terreiro as buscas próprias no caminhar cambaleante da primeira infância. Esse mapa se ampliava em espaço e ganhava uma pequena autonomia inconsciente. Ainda tutelado por parentes mais velhos,

que acompanhavam, autorizavam, abriam portas e portões, ganhei a rua na proximidade da moradia.

A cartografia desejada por Benjamin, segundo a indicação de Willi Bolle, foi na verdade feita por meio de palavras. Da mesma forma, aqui me lanço como sujeito narrador da cidade em diversos tempos e espaços, buscando construir para mim mesmo recortes de sua cartografia sensível e particular. Uma cartografia que se apresenta como passível de ser feita por qualquer pessoa comum, qualquer habitante ordinário da cidade e, por isso, uma forma de narrativa cartográfica que, trazendo os deslocamentos de cada sujeito em suas relações espaço-temporais, ganha força de uma poderosa ferramenta educativa, seja em espaço escolares, seja em espaços não escolares.

Meus múltiplos trânsitos pela cidade – no espaço e no tempo – foram me levando, no passo da vida, a muitos limiares. Segundo Jeanne Marie Gagnebin (2010) alguns territórios na modernidade perpetuam o sentido do conceito de limiar, plasmado ao longo da obra de Benjamin. Se originalmente aquele autor define a experiência limiar vinculada à Infância, o Sonho e os Territórios da Cidade, Jeanne Marie agrega a essa experiência também a dimensão da literatura. Segundo ela,

o conceito de *Schwelle*, limiar, soleira, umbral, pertence igualmente ao domínio das metáforas especiais que designam operações intelectuais e espirituais, mas se inscreve de antemão num registro mais amplo, registro de movimento, registro de ultrapassagem, de passagens, justamente de transições. (...) o limiar não faz só separar dois territórios como a fronteira, mas permite a transição, de duração variável, entre esses dois territórios. Ele pertence à ordem do espaço, mas também à do tempo” (GAGNEBIN, 2010, pp. 13-14).

Assim, meus trânsitos foram também se dando por esses limiares e assim seguem até hoje, por meio de novas experiências umbrais, que ainda emergirão na tecedura desse texto, algumas delas não mais físicas e geográficas, mas simbólicas.

Do operário bairro Grajaú ao seu equivalente e histórico bairro Vitorino Braga, um dos mais antigos da cidade; dos trânsitos pela vida do universo operário ao bairro São Mateus, com seu glamour e charme como era entre as décadas de 1950 ao início de 1980, quando o bairro foi sendo mutilado e descaracterizado de suas peculiaridades próprias de um universo pequeno burguês; A rua Vieira Pena, que liga um São Mateus ao Bairro Mundo Novo,

tangenciando também com o Bairro Alto dos Passos, se caracteriza como outro limiar da cidade por onde transitei e vivenciei a cidade. Nossas práticas cidadinas se aproximavam às dos moradores do Bairro Mundo Novo, espaço de tantas vilas operárias, hoje apagadas ou quase escondidas. Nos trânsitos pelo centro, o deslocamento entre o universo operário e as lojas de aviamentos para as costuras de minha mãe e minha avó, que dependiam desse ofício para auxiliar na renda das casas.

Em nossas atividades de lazer, costumávamos ir a clubes tomar banho de piscina, brincar. Íamos ao clube do trabalhador e ao Tupinambás, depois meu pai comprou um quinhão do Tupi. Nas décadas de 1970 e 1980, os clubes ficavam lotados em Juiz de Fora. Os mais abastados frequentavam o Sport Clube, o Bom Pastor e o Cascatinha. Era muito comum irmos ao clube a pé e voltarmos de ônibus ou vice-versa. Meu pai sempre sugeria caminhos diferentes e, no caminhar, ia falando sobre as cidades, as casas, os espaços. Assim íamos sendo informados da cidade e seu funcionamento.

Ao longo da vida, fui tomando conhecimento da configuração e dos territórios da cidade. Isso acontece como um letramento, nunca pronto e concretizado; em camadas, às quais se somam informações todos os dias. Como um letramento, de fato, começa sem lugar definido e se expande de forma e tamanho diferenciados para cada um. Murilo Mendes partiu do centro glamouroso e não se distanciou muito dele. Mesmo que tenha sido capaz de falar brilhantemente daquela cidade dele, a mesma minha, mas tão diferente dela. Diferentemente dele, eu iniciei pelas bordas e demorei para chegar ao centro. Desconheço acerca de pianos, mas conheço outros sons e outras cercas por isso. Agora, opto ainda pelas bordas. Sempre transitei mais pelos espaços da cidade onde estavam fixados os trabalhadores das fábricas, do comércio, os praticantes ordinários dessa cidade mais acostumados com os sons dos trens, das máquinas e dos apitos das fábricas.

No meu letramento ao longo de toda uma vida sobre esse espaço urbano, conheço hoje uma cidade diferente daquela de minha chegada ao mundo. Daquela que foi a cidade que me recebeu, só sei o que me foi e é contado por outras vozes e incorporei ao longo da vida como minha narrativa. Sei que era época dos bondes, de passeios a pé pela cidade. Sei o que dizem dos bairros,

das festas, do carnaval, dos festejos religiosos. Sei da cidade que crio no plano imaginário a partir da associação de narrativas e imagens da época, que circulam hoje numa quase abundância nos meios virtuais. Sei que meus pais vieram de outras cidades, seguindo suas famílias, seduzidas pelas promessas da vida urbana.

Figura 9 - Juiz de Fora – Época do Bonde



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Como já disse, as coisas da cidade sempre me encantaram. Assisti mais de uma dezena de vezes entre as duas montagens da peça teatral “Girança” (1985), de autoria de José Luiz Ribeiro. No texto e em suas montagens, o autor e diretor conta a história de uma família obrigada a fazer o movimento campo cidade. É mais uma clara representação do real, na ficção. O autor traz na peça muitas de suas memórias pessoais, aliás, José Luiz Ribeiro poderia perfeitamente ser mais uma das vozes para trazer suas narrativas com relação à cidade para essa pesquisa. Todavia, o recorte sempre se faz necessário.

Juiz de Fora é cercada de mais de cinquenta cidades menores que, em sua maioria absoluta, possuíam o trabalho da lavoura e pequenas roças como sustentação de seus habitantes. José Luiz Ribeiro traz a memória dos inúmeros homens e mulheres dos arredores de Juiz de Fora que foram abandonando suas cidades e seus trabalhos, quanto não empurrados para fora, e vêm para o centro urbano de referência à procura de trabalho nas fábricas e serviços da cidade que se expandia. Esse movimento, cheio de encontros e despedidas, chegadas e partidas, é retratado nessa obra literária, mas faz parte de inúmeras histórias e memórias de pessoas que viveram situações parecidas com a dos personagens retratados na peça.

Juiz de Fora, como minha, comecei a explorar primeiramente acompanhado de meu pai, em passeios onde ele falava de seu conhecimento da cidade, nomes de ruas, moradores das casas. Meu pai jogava futebol e nos finais de semanas ia com os times a muitos bairros diferentes para praticar o esporte de que tanto gostava. Muitas vezes o acompanhava nessas saídas. Andávamos muito a pé, mas também de ônibus e até de bonde que, na minha infância, eu ainda vi circular pela cidade. Nesses momentos, a cidade ia se revelando para mim.

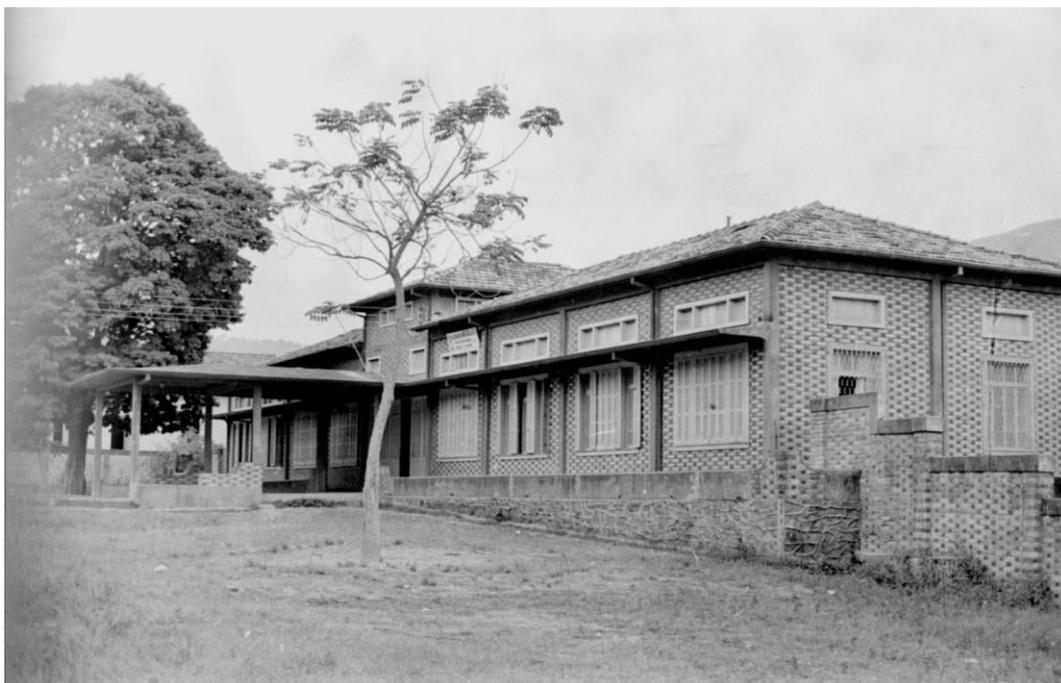
Figura 10 - Antônio (Pai) e parceiros de futebol



Fonte: Acervo pessoal

No tempo da minha infância, explorei muito com minha irmã mais velha as redondezas de minha casa. No lugar onde morávamos, as crianças, desde muito cedo, iam sozinhas à escola (no caso a Escola Estadual Fernando Lobo onde cursei o pré-primário e da primeira à quarta série do então primeiro grau), à igreja e a outros lugares de uso do espaço urbano conhecido. Havia menos manifestações de violência e, portanto, mais liberdade para que as crianças experimentassem a cidade com seus próprios pés. Com oito anos, já pegava ônibus sozinho para realizar pequenas tarefas no centro da cidade.

Figura 11 - Escola Estadual Fernando Lobo



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Ir à escola, à feira, ao mercado, entregar costura para minha mãe, levar almoço para o meu pai no bairro Ladeira eram práticas, dentre tantas outras, que me possibilitavam desenhar com meus próprios pés o primeiro traçado da minha cartografia da cidade. Esse traçado ganhou extensão e configuração personalista com o avançar do tempo, a ampliação e a diversificação de minhas práticas.

Uma vida inteira de ônibus a caminho de Tabuleiro, cidade natal de minha mãe e avós maternos, para passar férias ou feriados fez-me familiarizar com o roteiro Manoel Honório, Santa Terezinha, Bandeirantes, que víamos do alto, e o Bairro Grama, depois as casas e as pessoas iam se espaçando até que o que

víamos era bois e pastos. Passávamos por Coronel Pacheco para, por fim, desembarcar em Tabuleiro. Outras cidades, com outros desenhos e outras cartografias, portanto, foram também se desenhando em nossos imaginários urbanos em virtude dessa experiência de deslocamentos.

Figura 12 - Cinema São Mateus



Fonte: Acervo Diário Mercantil

A escola, as amizades, o catecismo, as idas à igreja e ao clube, os passeios com a família, as brincadeiras na rua com os meninos e meninas da vizinhança, ao mesmo tempo que me apresentavam a cidade, me davam um verdadeiro sentido de pertencimento em relação a ela. Eu, desde muito cedo, “me ufano de ser Juiz-forano”.

Figura 13 - Igreja São Mateus



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Havia uma cidade permitida para mim e outras que eu não poderia acessar. Isso não demorou muito a ficar claro. Havia os limites de território, os do horário, os lugares interditados pela segurança, mas havia um aspecto que desde muito cedo chamava a minha atenção: Os lugares aos quais não tive acesso desde aquela infância em Juiz de Fora, por volta de 1960. “Aqui não pode entrar porque não temos dinheiro para isso”; “ali não pode ir porque não somos sócios”, e outros e outros e outros. Meu pai trabalhava em uma empresa gráfica que se localizava na Rua Maria Perpétua, no bairro Ladeira. Essa rua, alguns números a frente, mudava de nome e passava a se chamar Henrique Vaz e era conhecida de todos da cidade, ainda que de nome, porque ali funcionava a chamada zona de baixo meretrício da cidade. Então, para ir ao encontro de meu pai, para levar almoço, ou por qualquer outro motivo, tínhamos um roteiro permitido, o que significava que poderíamos passar pela ponte do Ladeira, nunca ir além do local de trabalho do meu pai e nunca, nunca mesmo, fazer o caminho contrário, ou seja, do bairro Vitorino Braga em direção a ponte do Ladeira, uma vez que esse trajeto nos obrigaria a passar pela zona, espaço proibido por muitos e muitos motivos, uns revelados e outros tantos, não.

Com o tempo, conheci muitos outros aspectos, lugares e territórios da cidade, mas muitos permaneceram e permanecem interditados para mim, pois como nos alerta Fernando Catroga (2009), a experiência temporal é indissociável da experiência da espacialização, de modo que a memória temporaliza o território, marcando as suas fronteiras.

A escola onde cursei os anos finais do ensino fundamental, naquele tempo denominada Polivalente de Teixeiras, me levou para uma região da cidade ainda não frequentada. Aquele espaço entre os bairros Teixeiras e Ipiranguinha, outra fronteira, outro limiar em minha vida, era uma região muito tranquila, que guardava certas características do mundo rural. Naquela escola, pude ter notícias de várias vivências diferentes da minha na cidade. A escola era nova. Fomos seus primeiros alunos em 1975. Trazia a promessa de uma educação pública diferenciada e de qualidade, o que atraiu o interesse de pais de várias regiões da cidade. Vieram meninos do centro, vieram também os do bairro São Mateus. Para os lados do Ipiranguinha, havia também os bairros Ipiranga, Santa Efigênia, Santa Luzia e outros. De todos, esses bairros

matricularam-se alunos interessados naquela proposta de escola. Dessas cercanias, vieram meninos e meninas que trouxeram consigo vivências diferenciadas de uma cidade. Mais uma vez se confirma que é possível coexistir inúmeras cidades em uma única cidade.

Figura 14 - Atuação na peça Nadim, Nadinha contra o Rei de Fuleiró - 1987



Fonte: Acervo pessoal

Foram quatro anos de encantamento, em que a escola era a própria vida e além dela não precisava de muito mais. Essa escola foi capaz de imprimir em nós algo com o efeito de uma marca d'água tatuada em uma daquelas camadas do humano que não se desfaz com o tempo e nos identifica para sempre.

Nos limiares de passagens, tal como naqueles esquadrinhados por Benjamin (2007), sempre se tem notícias daquilo que está nos dois lados. Como

sempre habitei e convivi em diversos umbrais dessa cidade, estive a vida toda entre as práticas sociais da classe média e as dos menos favorecidos de dinheiro e posses. Do meu lugar, podia ver uma cidade que apontava em direção da cerca de pianos e outras onde se localizavam os negros, os pobres, os sem escola, os que não foram sonhados. Nessas cidades, estavam as pessoas que em suas práticas produziam outros sons, outras cores e outras formas de organização da vida. Nunca fui indiferente a isso, nunca fui indiferente a esse homem comum.

#### INFÂNCIA

Meu pai montava cavalo e ia pro campo,  
minha mãe ficava sentada cosendo.

(...)

(ANDRADE, 1998)

Parodiando Drummond para marcar o final da infância, do período que dependia do outro para explorar e conhecer a cidade e iniciar outras vivências com a marca de outros usos e possibilidades, no final do dia meu pai voltava, subia o morro empurrando a bicicleta. Minha mãe e minha avó ficavam sentadas cosendo, porque daquela costura dependia o sustento da casa. E nós esperávamos por ele próximo ao portão daquela casa de três janelas, a de número 180, a nossa casa na Rua Vieira Pena, no limiar entre os bairros São Mateus, Alto dos Passos e Mundo Novo. Sempre habitei e convivi, assim, com umbrais invisíveis e simbólicos.

Quando estava com treze anos, passei a conviver com outro lugar no mapa da cidade. Após tempos de muito sacrifício e esforço de meus pais, nos mudamos para a casa que tinham construído. Ainda não estava totalmente pronta quando a família se mudou para lá, e demorou bastante até que ficasse realmente finalizada. A casa era em um bairro do outro lado da cidade em relação à casa dos meus avós, a nossa morada anterior, estava entre os bairros Progresso e Bairu, mais um limiar geográfico na minha vida, área periférica, de população empobrecida e trabalhadora.

Foi na minha vivência escolar derivada desse novo umbral que descobri o teatro, que se tornaria paixão e prazer de toda a vida. Durante toda a vida, participei dos movimentos culturais nas escolas que estive como aluno e mais tarde como professor. A cultura na escola me sugeriu a participação em movimentos culturais fora dela. Há mais de quarenta anos, participo do

movimento teatral de Juiz de Fora. No teatro, já fiz de tudo. Vivi muitos papéis como ator; dirigi peças; escrevi textos; idealizei montagens. Costurei, desenhei e executei cenários, dei aulas, coordenei grupos e produções. Quando jovem, desejava fazer disso minha profissão, mas o tempo foi me apontando outros caminhos e gostos, embora o teatro permaneça me encantando e ocupando espaço na minha vida até hoje. As manifestações artísticas, sejam elas da área que for, produzem em mim um efeito de prazer e plenitude.

O teatro me deu muitas coisas e me capacitou para o pensamento de práticas educacionais diferenciadas. Conheci uma literatura rica e bela e me aproximei de autores capazes de refletir e questionar o mundo como posto. Sófocles, Shakespeare, Molière, João Cabral de Melo Neto, Chico Buarque de Holanda, Ariano Suassuna, dentre tantos outros, me possibilitaram fazer aproximações do teatro com o campo da educação.

O teatro me apresentou também Bertolt Brecht, contemporâneo, amigo e interlocutor de Walter Benjamin. As palavras do dramaturgo alemão se apresentam cheias de beleza, mas não camuflam a faca afiada, que corta como navalha, apontada para as mazelas da sociedade capitalista. A história no teatro, o teatro da história e a denúncia na bela poesia. A beleza da “poesia denúncia” de Brecht não abrandou a sensação constante de algo fora do lugar, mas desse necessário encontro, ficou apontada uma responsabilidade: A participação na necessária transformação do mundo.

Com quem o justo se recusaria a sentar à mesa  
Se se trata de ajudar a justiça?  
Que remédio pareceria demasiado amargo  
A quem está morrendo?  
Que baixeza você recusaria cometer  
Para extirpar toda baixeza?  
Se você pudesse transformar o mundo, o que  
Você não aceitaria fazer?  
Quem é você?  
Mergulhe no lodo,  
Beije o carniceiro, mas  
Transforme o mundo:  
Ele precisa ser transformado.  
(BRECHT, [s.d.], apud PEIXOTO, 1979)

Sempre me chamou muito a atenção as diferenças entre pessoas e a percepção de seus diferentes lugares no mundo e o teatro foi uma ferramenta

intelectual que potencializou esse incômodo. Os contrastes abissais entre grupos sociais distintos e as marcas presentes no complexo jogo de relações estabelecidas da sociedade de mercado. Incômodos adquiridos através da fresta pela qual olhava e ainda olho o mundo. Desde muito cedo, o interesse pelas questões dos menos favorecidos, onde eu também estava localizado, me provocava a refletir sobre o mundo. Deu a mim o meu “Sentimento de Mundo” e uma vontade enorme de reagir.

No Ensino Médio, optei por fazer um curso técnico. O Colégio Técnico Universitário foi uma escolha viável diante de alguma possibilidade de ascensão social. No tempo da minha juventude, as vagas nessa instituição pública eram disputadíssimas, uma vez que abria portas para uma vida de condições materiais melhores. Os filhos de homens e mulheres da classe trabalhadora enxergavam ali uma oportunidade para bons salários e uma vida melhor, muito melhor. Cheguei ali ainda com catorze anos, e passei a transitar por bairros e espaços desconhecidos e não explorados com meu pai na infância. São Pedro, que no final da década de 1970 parecia mais uma cidade do interior do que o bairro em que se transformou hoje, com capacidade de oferecer muitos serviços, com volumoso trânsito de carros. Camadas e camadas e camadas se sobrepuseram para redefinir o bairro que tem a Universidade como marco central. São Pedro abriga o portão norte da UFJF, enquanto o portão sul desemboca no Dom Bosco. O lado sul pouco melhorou, se é que tenha melhorado, pois um processo de gentrificação, tal como descreve Rogério Proença Leite (2004), camuflou parte do bairro do olhar de quem passa e ele segue em um processo contínuo, expulsando pessoas e tomando seus lugares. A UFJF está em Martelos, bairro cuja existência eu ignorava. Dos quinze aos dezoito, anos esses espaços da cidade e seus equipamentos foram sendo incorporados em minha vida. Novos limiares.

Concluído o ensino médio no Colégio Técnico Universitário, morei fora o único período de minha vida. Cinco meses de estágio em uma multinacional da produção de alumínio denominada ALCAN, em Ouro Preto, foram suficientes para me fazer decidir que essa não era a vida que eu queria para mim. Tudo que me enchia os olhos passava pelo humano e mexer com minério estava longe

disso. Até hoje continuo observando a cidade. Continuo explorando e descobrindo o que me é ainda desconhecido da cidade.

## **ENTRECENA**

Minha entrada para o curso de Mestrado em Educação na UFJF se deu com um projeto sobre avaliação em larga escala na Linha de Gestão e políticas públicas. Durante o curso, fui convidado para assumir o cargo de Superintendente da Funalfa – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – que em Juiz de Fora corresponde ao cargo de secretário de cultura. Aceitei o convite e fui sendo cada vez mais absorvido pelas funções e burocracia do cargo. Fui me descuidando do mestrado e não conseguia me aproximar mais daquele tema inicial, a solução seria trancar o curso. Encontrei Sonia Miranda, nessa época como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Já éramos velhos conhecidos, o que lhe deu o direito de me chamar às falas. Bom, para ser mais breve nesse relato, saímos daquele encontro acordados que caso houvesse concordância de meu orientador, sem nenhuma aresta, ela mesma, Sonia, aceitaria me orientar em um projeto que ligasse práticas educativas e culturais em minha experiência como educador.

Seguindo o combinado, busquei a conversa com meu orientador que não se opôs, antes pelo contrário. Tudo acertado, nos despedimos e seguimos caminhos opostos, como aliás, assim é na vida. Ele então se virou, me chamou e disse referindo-se à Professora Sonia: “Olha, cuidado com essa moça, hein, ela não faz pesquisa, faz poesia.” Senti e sinto até hoje muito incômodo com aquele comentário jocoso e desrespeitoso, principalmente por estar aquele funcionário público no momento de suas atividades profissionais. Segui. Contraditoriamente, minha dissertação inundou-se em poesia. Tanto no que se refere à apresentação do tema, quanto no uso do estilo de escrita. A dissertação “A Senha do Mundo”, que já começa com um título roubado de Drummond, é inteiramente permeada de versos.

Percebi em práticas de pesquisadores sérios e comprometidos e no avanço de minhas leituras que a literatura e a poesia podem sim ser trabalhadas e utilizadas em produções e pesquisas, sem por isso perder ou rebaixar seu

caráter acadêmico. Quanto mais me aprofundava, mais percebia-me empoderado e autorizado a fazer uso da literatura como representação do real, ou não, nas construções de meus trabalhos acadêmicos.

Desde o início da elaboração do projeto de pesquisa para o Doutorado em Educação, há uma proximidade que insiste em se fazer. A literatura e as artes se postam ao lado dos teóricos que venho escolhendo e, como alguém possuidor de um objetivo, me perseguem. Moram comigo e insistem em habitar meus pensamentos. A insistência das duas não me incomoda, ao contrário, me diverte e me inspira, por isso acolho-as.

De início, a inspiração de Ecléa Bosi como autora de referência se aproxima da poesia de Drummond. Isso já veio comigo da pesquisa e da escrita no mestrado. Parecia coisa que ficaria por ali. O contato com a obra de Walter Benjamin me reforça esse sentido. Seus textos evidenciam a aproximação com as obras de Charles Baudelaire, Bertold Brecht, Marcel Proust, dentre outros. Fora isso, explicita em um de seus textos que as artes têm a capacidade de se antecipar às ciências para explicar o mundo.

Na banca de minha qualificação de mestrado, ganhei um presente e uma certeza, um umbral definitivo em um modo de ser pesquisador.

### **CENA 3: Andarilhagens pela cidade no devir-educador**

Meses antes da aprovação no vestibular, para o curso de História na Universidade Federal de Juiz de Fora, fui aprovado em um concurso de nível elementar para o Serviço Público do Estado de Minas Gerais. Em setembro de 1985, fui lotado na Secretaria de Interior e Justiça e encaminhado para trabalhar na Penitenciária de Juiz de Fora. Esse susto que se converteu em uma experiência muito rica e em uma virada em minha leitura de mundo. Não foi fácil me livrar de certos preconceitos, mas por fim, o respeito ao humano saiu vitorioso. Essa experiência durou quase um ano, depois fui requisitado pelo serviço eleitoral. Além de possibilitar perceber que muitas pessoas ali trancafiadas mereciam de fato uma chance para acertar-se na vida, aqueles meses me possibilitaram apropriar-me de outras cercanias. Os Bairros Linhares, Vitorino Braga e Três Moinhos ficavam no trajeto que percorria na Kombi da instituição todos os dias, na ida e na vinda do trabalho.

A convite de um juiz eleitoral, assumi uma vaga oferecida no Cartório Eleitoral e me transferi da penitenciária. No Cartório, permaneci até concluir a graduação. Esse foi um momento riquíssimo na formação e fortalecimento do meu mapa da cidade, uma vez que fazia parte das minhas atribuições convocar as pessoas, em suas casas, para exercerem a tarefa de mesário nas eleições. Percebi cidades ainda não vistas por mim até ali, naquela altura da vida.

Sempre habitado por um certo grau de inconformismo e por um desejo latente de transformação do mundo, me tornei professor e ingressei em uma nova carreira, iniciei minha vida profissional na área da educação. Conforme nos evidencia Maurice Tardif (2002), os saberes que passaram a compor meus repertórios advinham de uma trajetória longeva vida afora, para a qual a cidade sempre se impôs como espaço educador primordial. Assim, por opção e desejo, como professor de escola pública, busquei inspirar-me nas boas e encantadoras práticas que vivenciei como aluno nas escolas, sempre públicas, pelas quais passei. Procurei, além das minhas aulas, oferecer algo mais. Fundei grupos de teatro, estimei talentos e sei que apresentei alguns caminhos diferentes daqueles conhecidos e previsíveis. Considero bastante provável que as vidas de alguns dos meus alunos e alunas tenham se modificado com isso, e talvez

tenham tido a sorte, assim como eu tive, de por meio da escola, terem experimentado diferentes caminhos e melhores trajetos do que aqueles que o mundo havia a eles apontado para o desenho de suas vidas antes do encontro com a escola.

Figura 15 - Jovens em atuação na peça teatral O Boi e o Burro a caminho de Belém de Maria Clara Machado na Escola Estadual Cândido Motta Filho

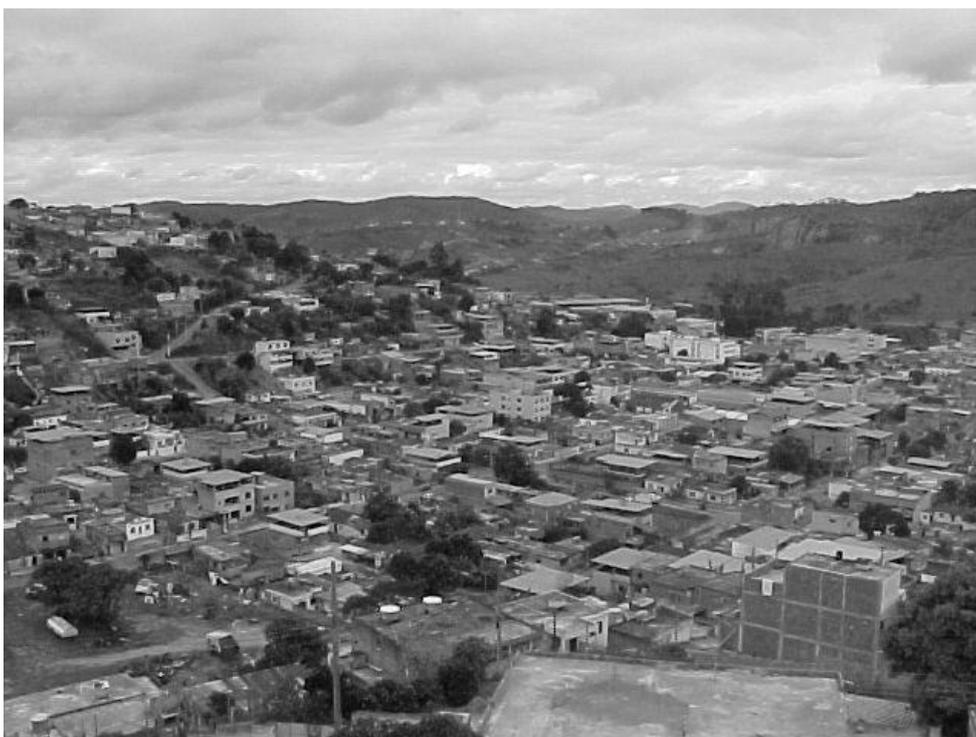


Fonte: Acervo pessoal

A primeira escola em que atuei foi a Escola Estadual Cândido Motta Filho, no Bairro São Benedito, em Juiz de Fora. Um tempo de construções pessoais e de vivências inesquecíveis. Tempo em que compreendi que a responsabilidade pela transformação se dá no dia a dia. Imbuído desse sentimento, fiz sempre o melhor em minhas aulas e práticas naquela escola. Conquistei o respeito de alunos e colegas de profissão e cheguei assumir o cargo de vice-diretor da instituição. Mais um pedaço do território de Juiz de Fora a mim se apresenta.

Em 1994, aceitando um convite do então prefeito Custódio Mattos, por meio de sua Secretária de Educação, Thereza Leite – uma das mulheres narradoras da cidade selecionadas para essa tese, hoje já se aproximando dos 90 anos – assumi a direção de Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, o CAIC Núbia Pereira de Magalhães Gomes, mais conhecido como CAIC Santa Cruz, identificado pelo bairro de sua localização. Como diretor de escola pública, pude ampliar o foco e tentei fazer uma escola melhor para um maior número de pessoas.

Figura 16 - Bairro Santa Cruz



Fonte: Acervo pessoal

O CAIC era um lindo prédio, um espaço educacional privilegiado, pensado para abrigar uma unidade de ensino de tempo integral. Porém, no tempo da minha chegada, ainda um prédio vazio cheio de móveis empilhados. A equipe se formou e desenhamos o perfil de uma escola desejável. Aquela edificação se transformou, ao longo dos 11 anos estive à frente da direção, em uma escola de referência para aquele bairro e para o município. Além disso, com a ideia de um CAIC possível, fizemos daquele espaço privilegiado um centro de atenção para os alunos, seus familiares e, de forma direta ou indireta, para toda

a população do bairro. Em 2004, somávamos aos 1700 atendimentos escolares 1500 atendimentos no contraturno em atividades ligadas às artes, à cultura, ao lazer, à proteção e aos esportes, totalizando aproximadamente 3200 pessoas diretamente atendidas na instituição. Trabalhando sempre com excelentes profissionais, pude mais uma vez experimentar o prazer de oferecer a crianças, jovens e adolescentes serviços educacionais de qualidade, respeitando sempre a história e as características de suas vidas.

Figura 17 - Centro de Difusão Cultural Núbia Pereira Magalhães



Fonte: Acervo pessoal

Como diretor do CAIC Núbia Pereira Magalhães, procurei durante onze anos além de uma boa escola pública, oferecer também uma escola significativa para os alunos e suas famílias. Um lugar de convivência e acolhimento, muito mais intuitivo do que programado, um lugar onde fosse prazeroso estar. Onde fosse possível aprender com alegria. Muitos sonhos, muitos ideais e muitas dificuldades. Mas junto com uma ótima equipe, que se formou ao longo dos anos, acredito que chegamos bem perto do desejado.

Com a evolução profissional e pessoal e a lida com o conhecimento que nos modifica e nos reposiciona no mundo, outros elementos foram se agregando

às minhas percepções e inquietudes. O trabalho em escolas públicas de periferia de Juiz de Fora levava a cada dia o meu olhar para cenários e histórias de grupos e pessoas ignoradas pela história construída na ótica de quem detém o poder e os meios de organização da sociedade. Essas questões que sempre me acompanharam ao longo da vida pessoal e profissional foram condicionantes para minhas atuações e na continuidade de minha formação.

Sempre instigado pela busca e construção do conhecimento e acreditando de fato nunca estar pronto, busquei outros momentos de formação. Especialização e depois o Mestrado, que se iniciou dentro de um dos temas de meu interesse: as possíveis modificações, trazidas para o interior das escolas, a partir do advento no país dos processos de avaliação em larga escala. Mas a condução do curso e da vida me trouxe outros caminhos.

Meu trabalho e minhas práticas no campo das artes trouxeram-me projeção e visibilidade para ser pensado como um nome possível para assumir a pasta de cultura da cidade em um momento de trauma na política local: a dissolução do secretariado municipal em junho de 2008, a partir da prisão do prefeito Carlos Alberto Bejani, envolvido em diversas irregularidades e acusado de mau uso do dinheiro público.

O que era temporário, seis meses até o fim do mandato levado a cabo pelo vice-prefeito José Eduardo Araújo, se estendeu por maior tempo, a partir do convite para continuar à frente da pasta de Cultura por mais quatro anos feito pelo Prefeito Custódio Mattos, eleito no final de 2008. Era a chance que a vida estava me oferecendo de tentar fazer diferente. Assim, me aproximei mais dos processos e da vida cultural de Juiz de Fora.

Ao fim desse período que se estendeu até dezembro de 2012, houve um novo convite para continuidade, agora realizado pelo Prefeito Bruno Siqueira, que esteve à frente do Poder Executivo Municipal entre 2013 e 2016.

Tomado pelas múltiplas tarefas e obrigações de um cargo executivo, conjugado ao fato do distanciamento do meu objeto de pesquisa, uma vez que deixei a Secretaria de Educação quando assumi os trabalhos na Funalfa, perdi o fio da meada do Curso de Mestrado. Disciplinas concluídas, mas parado com relação ao processo de pesquisa. O imobilismo me inundou. Após um tempo de conflito pessoal, tomei a decisão que me pareceu mais sensata: desistir da

finalização do Mestrado. Cheio de certezas, procurei a coordenação do curso para realizar o cancelamento de minha matrícula. Encontrei alguém que soube ponderar algumas questões que eu havia minimizado em minha decisão. Encontrei alguém que me mostrou que havia um terceiro caminho: a construção de um novo projeto de pesquisa mais ligado à prática cultural.

Seguindo as orientações da Professora Sonia Regina Miranda, então coordenadora do Programa de Pós-Graduação da UFJF, elaborei um novo projeto e conseguimos aprová-lo no colegiado do curso, ganhei uma nova orientadora e novo ânimo para continuar. Esse era mais um dos vários encontros, todos potentes, que tive ao longo da vida com a professora Sonia.

A proposta de pesquisa realizada para a conclusão do Mestrado foi construída a partir da minha prática com adolescentes e jovens do bairro de Santa Cruz, geograficamente localizado na região norte do município de Juiz de Fora. Voltei à minha experiência pessoal e profissional para trabalhar com a memória de sete jovens e seu envolvimento com a cultura e as artes nas oficinas oferecidas no CAIC, do qual era diretor.

O processo de pesquisa desenvolvido durante o curso de Mestrado estava centrado na busca de alternativas que permitissem evocar a percepção e interpretação das narrativas dos jovens envolvidos e de como eles vivenciaram e os sentidos que atribuíram às experiências de convívio com a arte e a cultura, a partir do trabalho na instituição educacional a qual eles estavam ligados.

A questão de investigação central do trabalho de pesquisa no Mestrado partiu de dois eixos: um principal e outro não menos importante, mas que estava subordinado ao primeiro:

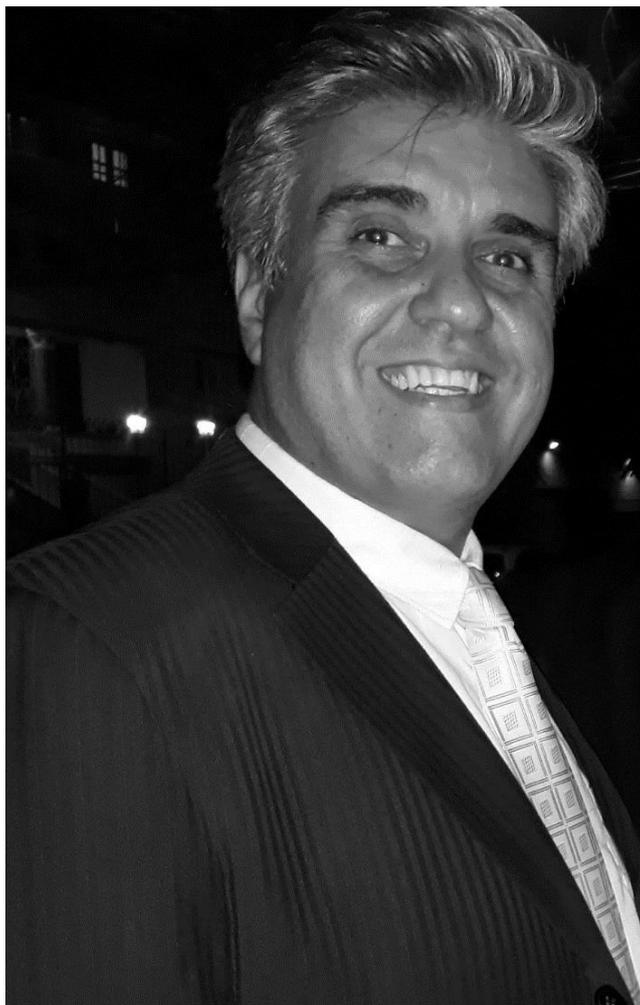
- 1 – A vivência do direito à cultura faz diferença na vida de jovens em eminente situação de risco social?
- 2 – Quais os significados atribuídos por esses jovens a essas experiências e como esses significados se manifestam em suas narrativas individuais e grupais em uma circunstância intencional?

O objeto da pesquisa estava ligado à história desse grupo de jovens. Através daquela experiência, a pesquisa buscou perceber se a vivência do direito à cultura estaria ligada às práticas de vida estabelecidas por esses jovens e às

suas perspectivas de futuro. Ao buscar a narrativa desses rapazes e moças, tentei provocar um exercício de memória. Para embasar a pesquisa, utilizei algumas indicações de Ecléa Bosi. Em seu livro “O tempo vivo da memória”, a autora descreve processos de registros de memória que, além de eficazes, chegam de fato a nos emocionar. Foi o contato com a obra de Bosi (2003a) que ajudou a confirmar minhas escolhas, dando-me mais verdade para, de fato, efetivar o tema como objeto de pesquisa. A verdade, a firmeza e a emoção foram o tripé descoberto em sua obra, capaz de provocar em mim o desejo de construir algo que, mesmo fragilmente, se aproximasse daquele modelo de trabalho.

De julho de 2008 a 31 de dezembro de 2016, ocupei o cargo de Superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – Funalfa – cargo que corresponde na prática a secretário de cultura na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata, no estado de Minas Gerais. Aquela atividade atravessaria o mandato de três prefeitos distintos. O menino que com o pai e os irmãos assistia os desfiles de carnaval assentado no meio fio da Avenida Rio Branco agora deveria coordenar e organizar o carnaval da cidade. Tarefa hercúlea, difícil. Os melindres eram muitos e as relações pessoais emperradas. Era tão bom assentar-me no meio fio.

Figura 18 - Superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage



Fonte: Acervo pessoal

A prática da gestão da cultura em um grande município é estimulante e desafiadora. Pressupõe atenção à ampla diversidade cultural e artística que a cidade possui e às múltiplas demandas apontadas por uma sociedade polifônica. Nem sempre essas demandas se harmonizam e por vezes chegam ao antagonismo. No conjunto das atribuições, estão as responsabilidades administrativas e institucionais. Dentre elas, talvez caiba realçar aquelas ligadas ao campo da preservação do patrimônio cultural e às inúmeras interfaces necessárias para condução do tema. Nesse campo, as vozes e as defesas, motivadas por interesses diametralmente opostos, são inúmeras e diversificadas.

Nos processos de construção de memória da cidade, só a beleza e a pujança parecem capazes de sugerir tombamentos e registros. O simples, as

questões e os marcos ligados ao povo, aos trabalhadores, praticamente não geram interesse. Os registros materiais ligados a homens e mulheres trabalhadores, pessoas mais simples, são repetidamente desprezados. Vilas operárias vão ao chão, sem lamentos ou abraços simbólicos. Fábricas, moradias, escolas, modos de fazer, tudo ligado aos praticantes ordinários parece não estar ligado à história, não ter relação com a vida da cidade, não representar parte do vivido. Só o nome de famílias importantes parece merecer registros e garantir o direito à narrativa. Os índios que aqui habitavam não precisam ser lembrados, a história da escravidão não carece de ser ensinada nas escolas. Grandes e pequenos apagamentos se fazem em um perceptível, verdadeiro e intencional processo de edição da história. Contudo, Pierre Nora (1994) nos alerta que diferente das memórias dominantes, geralmente impostas, as memórias dominadas seguem vivas, a partir de uma fidelidade espontânea.

Durante o período à frente da pasta, sempre com a colaboração de uma excelente equipe de profissionais, foram realizadas pesquisas além de registros de depoimentos com foco no cidadão comum, no “praticante ordinário”, trabalho que se materializou em exposições e publicações. Destaco as várias edições da Festa das Etnias, sob minha coordenação e a publicação dos livros “De Todos os Cheiros e Sabores que Fizeram Juiz de Fora” e “Outras memórias Possíveis” ambos coordenados e organizados por mim e editados pela Funalfa. De “Outras Memórias Possíveis” nasce o projeto para buscar o ingresso no curso de doutorado.

Instigado pelo contato com as obras de Walter Benjamin e Ecléa Bosi passei a olhar a cidade e alguns de seus moradores com especial atenção. A partir desse movimento, começa a se desenhar um novo projeto de pesquisa ligado à memória. A escola e a educação ainda se mantêm como temas de interesse, mas passei a olhar e pensar a cidade como espaço educativo. Inspirado pelas proposições Ecléa Bosi, dirigi o meu olhar aos velhos, escutei histórias e relatos sobre o vivido e constatei apagamentos e esquecimentos. Memória, Narrativas, Cidade e Educação se destacam como pilares de sustentação para elaboração de um projeto de pesquisa com potencial de me levar ao desejado curso de Doutorado.

A história que produziu documentos e erigiu monumentos, referência única ao que se ensina na escola, se conta aos turistas e se celebra nos feriados nacionais, essa história denominada por Benjamin, “a história dos vencedores”, me seduz cada dia menos, não faz brilhar meus olhos. A percepção clara de presenças, ausências, valorização e desvalorização de homens e grupos pela história tida como oficial tornava-se cada vez mais nítida. Hoje, munido pelo aprofundamento dos estudos no campo social, me aproximo das ideias, defesas e do posicionamento do conjunto de autores que revisitam a história e evidenciam os silenciamentos e os esquecimentos, principalmente dos sujeitos pertencentes às classes trabalhadoras, impostos pela construção de uma história de grandes homens e fatos memoráveis.

Ao esconder e silenciar as outras narrativas dos acontecimentos passados e presentes, essa história se torna “oficial”: a história necessária e documentável, em referência à qual o valor de outros projetos e de outras presenças – quando aparecem – são medidos e julgados. Afasta-se o sentido da história da memória social ou, em outros termos, aposta-se que não há memória popular e/ou alternativa à do poder que seja suficientemente valiosa (ou documentada) para poder ser recriada. Esta escolha – que tem caracterizado a maior parte das políticas de preservação no Brasil – decreta a insuficiência e até a ilegalidade da memória social ou popular (PAOLI, 1992 p.25-28).

Minha carreira como profissional do ensino, numa trajetória onde atuei como professor, coordenador e diretor escolar, colaborou para dilatar a minha percepção da sociedade e o inconformismo com um mundo desigual. Ao longo da vida, em mais de três décadas dedicadas ao serviço público, além da atuação direta em escolas, atuei em várias outras áreas profissionais, todas elas ligadas ao atendimento e aos serviços oferecidos às pessoas, o que serviu para confirmar o meu lugar no mundo, mas aumentou ainda mais o desconforto e as evidências de que é preciso fazer mais para que a incorporação naturalizada do discurso dos vencedores não sirva para acomodar as diferenças e as injustiças e não continue dando a elas o sentido ideológico de naturalidade.

Ao longo do tempo, fui juntando cacos, fui adquirindo interesse por aquilo que não merecia a atenção dos outros. Por aquilo que sobrava e parecia ser lixo, somente lixo desprezível. De início, não sabia da riqueza de minha coleção de cacos. Eram potentes sinalizadores dos apagamentos e dos silenciamentos. Assim como Drummond, Bosi e Benjamin, passaram a me interessar os cacos, os farrapos e os restos, aquilo que a poeira pode encobrir.

Todos esses fios foram se juntando em minhas mãos e eu, a princípio, ainda não percebia o que poderia fazer com eles. Um nó, uma tessitura, uma renda? O trabalho como gestor público na área da cultura por oito anos e meio e os anos de experiência como educador foram fundamentais para, a partir desses fios soltos, tecer um projeto de pesquisa para o ingresso no Doutorado em Educação na UFJF no final de 2016.

Li os sinais e assumi as pistas, deixei-me inspirar e deixei-me também ser invadido por histórias e imagens que se configuraram em momentos de aproximação empírica com o campo de pesquisa que ia se desenhando à frente de meus olhos e, mais uma vez, um momento de confirmação de uma concepção que acabaria traduzida em título: **“Outras Memórias Possíveis”**, projeto de pesquisa com o qual ingresso no curso de doutorado na turma de 2017, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ao encerrar essa trajetória de andarilhagens, é possível evidenciar para os/as futuros/as leitores/as dessa tese que desde cedo, portanto, dois elementos que se entrecruzam como objeto de pesquisa foram se despontando na relação com minha própria experiência (LAROSSA, 2002). Uma questão de fundo, portanto, foi se dispondo vida afora e, para esse contexto, se converte em uma pergunta investigativa central que pode ser expressa pela seguinte inquietação:

**Como o vivido e as práticas cotidianas de diferentes “fisionomistas”/ praticantes ordinários da cidade se inserem e se relacionam com a cidade e sua memória? Como a cidade comparece nas narrativas e de que modo tais narrativas ganham força para educar a própria cidade?**

Dito em outras palavras, isso implica em investigar as relações entre Memória e Cidade e vislumbrar a potência narrativa e educadora que se abre em direção a outras memórias possíveis.

É provável que a cidade se revele de maneira plural e polifônica em momento de escuta e olhar de atenção, mas os sentidos dados por homens e mulheres idosos às memórias de suas relações com e na cidade é a principal questão que pretendo investigar e interpretar na realização da pesquisa para

elaboração da tese de doutorado. Afinal, não será a narrativa – seja ela ficcional ou histórica – um exercício em busca da imortalidade?

Figura 19 - Vista aérea de Juiz de Fora



Fonte: Acervo Aelson F. Amaral

#### CENA 4: A Cidade como ausência na pandemia

O cordelista Bráulio Bessa, inspirado nos dados produzidos pelo Projeto memorial *Inumeráveis*, se juntou a Chico César na canção homônima para o memorial que tem buscado restituir aspectos das histórias dos milhares de mortos que se acumularam no Brasil até o momento, em função de uma experiência historicamente nova: a Pandemia de COVID-19.

André Cavalcante era professor  
 amigo de todos e pai do Pedrinho.  
 O Bruno Campelo seguiu seu caminho  
 Tornou-se enfermeiro por puro amor.  
 Já Carlos Antônio, era cobrador  
 Estava ansioso pra se aposentar.  
 A Diva Thereza amava tocar  
 Seu belo piano de forma eloquente  
 Se números frios não tocam a gente  
 Espero que nomes consigam tocar.  
 Elaine Cristina, grande paratleta  
 fez três faculdades e ganhou medalhas  
 Felipe Pedrosa vencia as batalhas  
 Dirigindo Uber em busca da meta.  
 Gastão Dias Junior, pessoa discreta  
 na pediatria escolheu se doar  
 Horácia Coutinho e seu dom de cuidar  
 De cada amigo e de cada parente.  
 Se números frios não tocam a gente  
 Espero que nomes consigam tocar.  
 Iramar Carneiro, heroi da estrada  
 foi caminhoneiro, ajudou o Brasil.  
 Joana Maria, bisavó gentil.  
 E Katia Cilene uma mãe dedicada.  
 Lenita Maria, era muito animada  
 baiana de escola de samba a sambar  
 Margarida Veras amava ensinar  
 era professora bondosa e presente.  
 Se números frios não tocam a gente  
 Espero que nomes consigam tocar.  
 Norberto Eugênio era jogador  
 piloto, artista, multifuncional.  
 Olinda Menezes amava o natal.  
 Pasqual Stefano dentista, pintor  
 Curtia cinema, mais um sonhador  
 Que na pandemia parou de sonhar.  
 A vó da Camily não vai lhe abraçar  
 com Quitéria Melo não foi diferente.  
 Se números frios não tocam a gente  
 Espero que nomes consigam tocar.  
 Raimundo dos Santos, um homem guerreiro  
 O senhor dos rios, dos peixes também  
 Salvador José, baiano do bem  
 Bebia cerveja e era roqueiro.  
 Terezinha Maia sorria ligeiro

cuidava das plantas, cuidava do lar  
Vanessa dos Santos era luz solar  
mulher colorida e irreverente.  
Se números frios não tocam a gente  
Espero que nomes consigam tocar.  
Wilma Bassetti vó especial  
pra netos e filhos fazia banquete.  
Yvonne Martins fazia um sorvete  
Das mangas tiradas do pé no quintal  
Zulmira de Sousa, esposa leal  
falava com Deus, vivia a rezar.  
O X da questão talvez seja amar  
por isso não seja tão indiferente  
Se números frios não tocam a gente  
Espero que nomes consigam tocar.  
(BESSA; CÉSAR, 2020)

Em dezembro de 2019, o mundo ouvia pela primeira vez notícias sobre um tipo diferenciado de pneumonia, possivelmente provocado pela mutação de um vírus. Naquele momento, tinha-se a esperança da doença ter a sua transmissão controlada apenas no espaço geográfico identificado como sua origem. Porém, em um mundo conectado, também assustava a velocidade com que o vírus infectava novas pessoas e a alta ocorrência de letalidade.

Os medicamentos conhecidos e usados em casos de doenças respiratórias não funcionaram para o combate das infecções provocadas pelo novo vírus, denominado SARS-CoV-2. No atual contexto de organização mundial, em que o mundo se comunica muito rapidamente e as pessoas com muita facilidade podem estar hoje em um lugar e amanhã do outro lado do mundo, logo foram noticiados casos na Europa e na América do Norte. Depois de alguma resistência, a OMS – Organização Mundial da Saúde – finalmente reconheceu em março de 2020 que havia uma pandemia em nível mundial instalada.

O desconhecido vírus e sua expansão incontrolável assustavam, alarmavam, mas ao mesmo tempo, com base no controle de outras epidemias provocadas por vírus mutantes de animais, passava-se a ideia de que em poucas semanas ou no máximo meses se conseguiria controlar também a transmissão do novo vírus. Praticamente todos os continentes apresentaram, em maior ou menor volume, casos de infecção por SARS-CoV-2, a doença que passa a ser conhecida como COVID-19. Para barrar o avanço do vírus, a OMS e os profissionais especializados em infectologia de todo o mundo recomendaram o

isolamento social absoluto de duas a três semanas. Em algumas cidades e países isso foi cumprido à risca, mas em outros nada foi feito. Em meados de 2020, o mundo virou de ponta a cabeça. Naquele momento, iniciou-se imediatamente a busca por novas medicações e por vacinas. Porém, as notícias não eram promissoras. Os especialistas falavam inicialmente em no mínimo dois anos para a produção de uma vacina com possível eficácia, mas a concentração de esforços científicos em todo o mundo possibilitou que o Reino Unido fosse o primeiro país ocidental a iniciar uma campanha de vacinação em massa, ainda em dezembro de 2020, com vacinas já testadas e aprovadas pelas agências reguladoras. Os países mais ricos e aqueles com condições para compra da vacina seguiram o exemplo da nação britânica e a oferta do imunizante avançou em vários territórios.

Para o bem ou para o mal e apesar da chegada da vacina de forma lenta e gradual, a indicação do uso de máscaras e isolamento social não foi revogada. Em um mundo ideologicamente partido, estabeleceu-se uma discussão em que ciência e ideologias mixaram-se num pano de fundo confuso e incerto. Esse episódio, ainda hoje vivido por nós, serviu mais uma vez para evidenciar um mundo de oportunidades e acesso aos avanços tecnológicos muito diferenciado. Enquanto em alguns países mais de 70% da população encontra-se vacinada com duas doses do imunizante, como até então é recomendado pela OMS, em outros, porém, não houve a possibilidade nem do início da vacinação. A distância abissal entre riqueza e pobreza nos apresenta e evidencia-se até mesmo nesse momento catastrófico.

As relações mudaram significativamente. Desde as relações domésticas, passando pelas profissionais e sociais, àquelas geradas por espaços de convivências de grupos. Até mesmo as relações internacionais foram modificadas. A crise sanitária abalou as economias mundiais e afetou as formas de produção e convivência conhecidas.

No contexto acima apresentado, consultórios de psiquiatras e psicólogos foram, e tudo indica que continuarão sendo por algum tempo, amplamente procurados. Pessoas enlutadas, tomadas pelo medo, sentindo a imposição de um novo tipo de viver, adoeceram também a mente e o espírito. O ar pesado e o clima hostil, facilmente perceptível, parecendo encher todos os espaços e

interferindo em todas as relações geraram nas pessoas temor contra qualquer tipo de aproximação com o outro.

No Brasil, já partido por uma crise ideológica e política iniciada em 2013, estercada a se manter viva pelos ocupantes do atual governo, evidencia-se a existência de formas reacionárias latentes em diversos segmentos da sociedade. Assim estabeleceu-se um cabo de guerra entre aqueles orientados e capazes de compreender e divulgar os princípios científicos e os seguidores do crescente e volumoso movimento negacionista no país, puxado e alimentado por pessoas da base do atual governo federal.

Escolas, faculdades e outras instituições de ensino foram fechadas, a princípio por um curto período, no entanto, após um ano e seis meses, ainda permaneciam sem funcionamento presencial. Em várias cidades, o setor do comércio, de serviços e até mesmo as indústrias, por diversos períodos, teve também que baixar as suas portas. Muitos empresários não tiveram força e nem capacidade para reabri-los e outro mal que já nos assolava cresceu: o desemprego, atingindo níveis há muito tempo não vivenciados pelos brasileiros. Sem trabalho e sem reservas financeiras, cresce substancialmente o número de pessoas necessitando de ajuda, até mesmo para se alimentar e manter as contas básicas de suas casas em dia. Nesse cenário pandêmico e social, todos nós fomos afetados em maior ou menor grau.

No contexto acadêmico, as próprias agências de fomento e regulação reconheceram a necessidade de maior tempo para conclusões de pesquisas e trabalhos acadêmicos em andamento. Foram oferecidos mais seis meses no prazo final para que pesquisadores e estudantes concluíssem seus trabalhos já iniciados, uma vez que tudo parou e modificaram-se as condições materiais e psicológicas de produção. Na contramão dessa realidade, na área de saúde foi especialmente autorizada a antecipação de finalização de cursos com o objetivo específico de aumentar o contingente de pessoas capacitadas para compor o necessário exército sanitário, buscando o combate e o controle da pandemia e de suas consequências devastadoras.

Os encontros de grupos de pesquisa, comuns nos ambientes acadêmicos, quando continuaram, se tornaram virtuais, assim como aulas,

reuniões de planejamento ou condução da educação em seus diversos níveis e modalidades.

Não bastassem todas as dificuldades trazidas pela crise sanitária que se arrasta por longos dezoito meses<sup>1</sup>, o incômodo do isolamento para aqueles que respeitam as regras sanitárias e a irresponsabilidade de quem as ignora e ainda estimula o seu descumprimento acirraram a imagem de um país partido ao meio. No Brasil, a falta de uma coordenação em nível de política pública com relação à pandemia confunde a opinião pública e cria uma disputa de valores, saberes e ideologias, puxada e estimulada pelo Presidente da República, que não consciente do cargo que ocupa, perdido ou simuladamente perdido no exercício de suas principais atividades, “atravessa o samba” e coloca o país em situação vexatória em atitudes cotidianas em total desacordo com as de um estadista.

É nesse panorama pandêmico que as pesquisas, quando seguem, estão sendo realizadas. Muitas foram obrigadas a parar por motivos alheios à vontade de orientadores e pesquisadores, tais como: instituição pesquisada fechada, arquivos, bibliotecas e outros espaços de uso público também fechados, impedimento de contato pessoal e até mesmo mortes decorrentes da Covid. Em outubro de 2021, o Brasil chegou-se a lamentável marca oficial de mais de 600.000 mortos pela pandemia desde janeiro de 2020, mas muitos especialistas considerem que os dados reais podem ser bem mais elevados que os divulgados pelo consórcio formado por significativos e respeitados veículos de imprensa do País, considerando que não há divulgação de dados confiáveis pelo governo federal.

Impossível não pensar que mesmo aqueles que conseguirem concluir suas pesquisas trarão em si e em seus textos acadêmicos as marcas de um período nunca vivenciado na história recente.

---

<sup>1</sup> Texto escrito em 01 de setembro de 2021, quando o Brasil tem aproximadamente 60% da população vacinada com primeira dose das vacinas disponíveis e 26% com vacinação completa com duas doses ou dose única, dependendo do fabricante do imunizante administrado. Embora em processo lento, o resultado é bem mais positivo do que aqueles projetados no início do ano, quando as providências corretas não foram tempestivamente tomadas pelo Governo Federal para compra de vacinas, mesmo com grande oferta pelos fabricantes. Essas informações provêm de notícias amplamente divulgadas em todos os veículos de informação durante o primeiro semestre de 2021.

Duplamente atingido – pela ameaça coletiva da Pandemia de COVID-19 e por uma doença pessoal que será narrada na próxima cena – considere necessário oferecer ao leitor informações sobre esse período diferenciado, em que alguns aspectos da vida entraram em suspensão e outros se apresentaram a nós, impondo-se como limite, barreira, doenças ou marcas de medo e pânico, que inevitavelmente nos marcam e nos modificam e seguramente marcarão e modificarão também a nossa produção em maior ou menor grau, dependendo do campo e do nível de afetação do sujeito pesquisador. Ao que me parece, ninguém sairá sem alguma marca desse período em que as cidades do mundo foram destituídas da experiência urbana. Provavelmente a humanidade jamais se esquecerá dos milhares de imagens de cidades vazias, nas quais o silêncio se impôs e interditou o livre deslocamento que até então havia marcado historicamente a emergência da cidade moderna, conforme nos apresentou Benjamin em seu clássico “Paris, capital do século XIX” (2007). Momentaneamente, foi como se a fantasmagoria engendrada pelo século das galerias de passagens parecesse se romper.

## CENA 5: Novos limiares na cidade interdita pela doença

“O viver é em camadas. Camadas profundas, camadas de meia vida e camadas ligeiras. Quando nascemos, encontramos-nos dentre aqueles que estão em profundidade. Comunicamo-nos com o que há de mistério e iniciação. Estamos no alvor dos dias, não sabemos ainda o que é e o que não é. Tudo em nós é, como Platão um dia preconizou. Ser e realização identificam-se, emaranham-se. Ao meio da vida encontramos-nos ao meio, como deve ser. O meio da vida, o meio do existir. É o momento de junção entre ser e não ser, a realização de tudo o mais que poderíamos ser e a concretude do que sonhamos. Estamos com o sol a meio pino, brilhamos então mais que a luz. É quando podemos sentir o fluxo com a força das chamas mais fortes, fazendo de nós o que uma fogueira faz da madeira, ao exalar calor e potência. Encontramo-nos com o não ser, e descobrimos o que a face da vida sem sentido pode fazer encobrir de nós, sendo o que restaria de concretude e de abstração. Tal como um dia escreveu Guimarães Rosa, somos como o pai ao entrar num rio cujas margens jamais se encontrarão, um pai que se postou à terceira margem, e fez fluir de sua vida o que era força, coragem e enfrentamento. Ao viver o terceiro tempo da vida, o encontro com o fim da vida, seja provisório ou permanente, retornamos à profundidade que em nós habitava quando ao mundo chegamos. Trazemos à tona a consciência plena da totalidade, convocando todas as camadas à compreensão. É quando o silêncio, a entrega e a consciência fazem de nós um plano concreto, um ser em inteira forma, sobrepondo todas as camadas à flor renascente que nos tornamos ao passarmos pela terra mais uma vez. Tal como um dia nos disse Clarice Lispector, é quando nos tornamos estrangeiros de nós mesmos. Tudo o que foi, poderia ter um dia sido um pouco diferente. E tudo o que nos resta é o pleno agradecimento. As camadas ligeiras, perguntam-me vocês, estas, sim... estas perpassam a vida em todos os momentos. Enredam-se como camadas de cebola ao que é e ao que não é... São os instantes, os pequenos momentos em que a alma para para ouvir o som de bicadas de galinha na couve, um ronronar de gato ou para ver um foco de luz de vagalume, ou, ainda, para observar o canto direito da boca de uma pessoa amiga, com um sorriso pequenino, trazendo o segredo de uma ironia, ou uma brincadeira, uma demonstração de que a vida passou ali, deixando frescor, apesar de tudo. Nestes pequenos instantes, somos como Salvador Dalí, pessoas em pequeno delírio.”

Júnia Sales Pereira – fevereiro de 2019

A mesma Júnia Sales do poema que decidi chamar de meu comparece agora nessa narrativa de passagem de vida, com o objetivo de me situar diante de um novo e desafiador limiar. Um umbral de passagem simbólica cujos limites temporais são ainda desconhecidos (GAGNEBIN, 2010).

No ano de 2016, participei do processo seletivo para o doutorado em Educação na Faculdade de Educação – FACED da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF. Fui aprovado para ingresso no primeiro semestre letivo de 2017, devendo terminar o processo de doutoramento em março de 2021. Desde que

inicie o doutorado, existia no horizonte de possibilidades e expectativas a possibilidade de realizar um período do curso, um doutorado sanduíche, na Universidade Autônoma de Barcelona-UAB. Uma proposta bastante tentadora, mas que ao mesmo tempo me assustava. Afinal, essa fixação temporária em além-mar mexeria com toda a estrutura de minha vida. Casa, relação amorosa, organização da vida, trabalho... mas aos poucos, fui sendo convencido por parentes, amigos e por mim mesmo da viabilidade da proposta e de seu lado lúdico, tentador, desafiador e até mesmo imprevisível, afinal, o filho do operário e da costureira estaria estudando na Europa em uma universidade de referência. Outra cidade – ou muitos outros plurais de cidades – se abririam para mim em uma experiência transitória, porém profunda. As soluções foram se apresentando uma a uma para vencer as dificuldades. Como um bom mineiro, sempre com um pé atrás e meio desconfiado, fui me embrenhando no processo e buscando organizar-me e colocar-me pronto e apto para minha estada naquela cidade catalã.

A professora Sonia Miranda, minha orientadora no curso, usou sua rede de contatos junto aos profissionais da UAB e garantiu o compromisso de aceite por dois profissionais daquela instituição, Joan Pagès e Antoni Santisteban. Com seu aval, ambos aceitaram receber-me e orientar-me em meus estudos e na condução da tese durante o período que prosseguiria minha pesquisa, já iniciada por aqui, durante minha estadia em terras espanholas.

Para que esse projeto se convertesse em realidade, várias etapas deveriam ser cumpridas, dentre elas me inscrever e ser aprovado no processo seletivo de bolsas de Doutorado Sanduíche coordenado pela Capes, assim como realizar e obter resultado exitoso na prova de proficiência em língua espanhola, que no Brasil é coordenada pelo Instituto Cervantes. Foram meses de preparação e estudo para a realização da prova de proficiência e preparação do projeto para inscrição no processo seletivo de bolsas da UFJF e da Capes, em suas etapas local e nacional.

Confesso que em um primeiro momento, a ideia me dividia; se por um lado, a possível experiência era motivo de animação, orgulho e boas expectativas, por outro, não me empolgava muito. Sem dúvida, um dos motivos

foi que sempre me senti preso a esta cidade e aqui deixaria uma relação sentimental forte e longa em suspensão por sete ou oito meses.

Aos poucos, confesso que fui me empolgando com uma temporada no exterior e a possibilidade de realização de parte da minha pesquisa ligada a uma instituição universitária de destaque e relevância mundial. Mas a oscilação entre o ir ou não ir insistia em habitar-me. O dilema era vivido em silêncio, sem dividir com ninguém e como todo bom dilema, hora parecia certamente resolvido, tendo a impressão da certeza da decisão, para depois viver novamente a dúvida e o embaraço. Mas em nenhum momento interrompi o processo para obtenção da bolsa, nem tampouco os primeiros preparativos para a viagem. Assim, todas as etapas foram vencidas com êxito e entre aprovação no processo seletivo da bolsa, certificação em provas de proficiência em língua espanhola, dentre outros quesitos, eu estava apto e selecionado para a experiência que se colocava em minha frente. Como optei por deixar a vida conduzir o processo, burocraticamente estava tudo resolvido. Minha ida para uma temporada de meses em Barcelona era dada como certa. Mas, paradoxalmente, dentro de mim, aos caminhos traçados e sem a certeza de meu desejo, a angústia avolumava-se e duramente começou a incomodar muito.

Literalmente, eu estava imobilizado e ao mesmo tempo certo que o caminho naquele momento era sem volta e apresentava uma só direção: a UAB, Barcelona, Espanha. Não era mais possível que a questão do ir ou não ir – que me conduzia a sintomas de pânico e depressão, síndromes que sempre descartei fortemente que fizessem parte de minha vida – deixasse de chegar como uma densa, escura e pesada nuvem de chuva, e eu temia a tempestade.

Estava invadido pelo medo, mas ao mesmo tempo, necessitava da criação de coragem, elemento necessário para levar a questão à minha orientadora. Como um menino amedrontado, marquei uma conversa com ela. Eu estava literalmente em pânico. Apequenado. Minha maturidade abandonou-me e a sensação que tinha é de ter encolhido, ser de fato um menino minúsculo em tamanho e em capacidade para tarefa tão árida e dura. Uma formiga, que podia facilmente ser esmagada vivendo a sensação de ter que decidir o futuro do mundo.

Num encontro para um café em uma padaria da cidade, motivador da necessária conversa, tanto a Professora Sonia quanto eu, sabíamos que algo de estranho pairava no ar. Ela já havia me avistado e eu já havia localizado a mesa onde estava assentada. Vestindo uma camisa azul e carregando uma pasta recheada de livros, papéis e computador, certamente auxiliado pelo meu porte, traduzia a imagem de um homem seguro, responsável e eficiente; por dentro, era o frágil menino, que sem muita dificuldade poderia ser desmontado com um frágil sopro. Cheguei ao lugar marcado, mas almejava fortemente que o chão me levasse para trás e para trás e que a hora do encontro de fato nunca se desse. Mas isso são figuras de obras de ficção, impossíveis à vida real, não cabe na vida a ser vivida. Naquele instante, com a sensação da pequenez da minúscula formiga, agia como se tivesse sobre os ombros curtos, de meu tipo físico, o peso da missão de resolver o mundo e todas suas questões insolúveis. Encharcado por esse turbilhão de medos e emoções confusas, inevitavelmente cheguei até a mesa. Movimentos robóticos, nada espontâneo, segurança zero. Um momento difícil. Faltava-me coragem e fugiam-me todas as palavras. Correr não poderia, o jeito, sem jeito, era enfrentar o momento. Era o tempo crepuscular do final da tarde de 31 de maio de 2019.

Ao contrário do esperado, naquele momento transbordando ansiedade, pude ser testemunha de uma demonstração do verdadeiro significado da palavra acolhimento. Muito diferente da reação da “bruxa” que criei em minha cabeça, cheia de serenidade, Sonia foi extremamente compreensiva e imediatamente iniciou a traçar estratégias para os dois caminhos: a ida ou a desistência. Numa síntese muito breve de uma longa conversa, aconselhou-me a pensar bem nas duas possibilidades que se bifurcavam à minha frente. Ir ou desistir? “Ambos os caminhos poderiam trazer o arrependimento num curto ou longo espaço de tempo,” disse-me.

Seguindo a conversa, ainda me deu a sugestão da busca de um processo terapêutico pontual, bem como da ajuda de um psiquiatra para tratar da visível ansiedade que me dominava. A falta insistente de sono, dentre outros sintomas que evidenciavam uma situação de absoluto descontrole pessoal. Na hora, em pensamento, neguei e repudiei aquele apontamento. Como um bom teimoso, dizia a mim mesmo “não vou fazer nada disso”. Ela, tão disposta a me apoiar, e

ajudar e eu, sem levar em consideração aquelas boas sugestões, cheias de preocupação comigo e a situação institucional que se desenhava a partir dali. Eu reforçava o que fiz a vida inteira, negava a possibilidade da ajuda profissional psicológica para questões que não conseguia resolver sozinho.

Ao chegar em casa, ajeitando as coisas para uma desejada noite de sono, comecei a perceber uma ponta de desonestidade de minha parte. Se pedi ajuda, se expus uma situação tão confusa e fui tão surpreendentemente bem acolhido, será que não deveria tentar a busca da direção sugerida? Será que não deveria acatar o que a mim havia sido indicado na noite passada? Nada como uma noite entre um dia e outro, isso tenho certeza, já havia aprendido com os meus sábios e experientes narradores, os participantes da minha pesquisa. Coloquei em prática essa máxima popular e na manhã seguinte já estava absolutamente certo de que buscaria as ajudas profissionais apontadas na conversa da noite anterior.

Embora o tempo fosse muito curto, a ideia de uma terapia pontual para tentar vencer aquilo que parecia uma crise de ansiedade ou talvez início de um processo depressivo poderia me colocar em condições de decisão em relação ao ir ou não ir. A professora Sonia, como já indiquei acima, me alertou muito sobre a possibilidade do duplo arrependimento. Se por um lado eu poderia arrepender-me da ida, por outro, poderia amargar eternamente não experimentar a possibilidade ímpar que se abria a minha frente. Com os profissionais escolhidos e o tema apresentado e debatido com ambos, tanto o psiquiatra quanto o psicólogo achavam que tínhamos tempo de trabalhar essa ansiedade para que eu pudesse cumprir o que já estava estabelecido desde o início do curso. Mas um tipo de intuição assombrava-me e foi assim que os tempos posteriores foram enfrentados pela relação com a psicanálise se impondo como uma ferramenta de amparo para novas travessias.

Finalizando os preparativos para uma temporada em Barcelona com o objetivo de realizar um processo de doutorado sanduiche para qual havia sido selecionado, resolvi fazer um checkup de saúde antes de minha viagem. Sempre evitei médicos porque sempre antecipei, em minha cabeça neurótica, possíveis resultados desastrosos e amedrontadores. Porém, era hora de passar por isso, superar os medos, uma vez que seria muito mais complicado se alguma coisa

viesse a acontecer num país estrangeiro, de língua diferente, onde estaria sozinho para enfrentar toda e qualquer adversidade.

Passei por cardiologista, endocrinologista, angiologista, urologista e outros profissionais especialistas em áreas que a memória, agora, pode me trair. Tudo parecia muito bem, todos os médicos e todos os exames confirmavam isso: saúde perfeita.

Os exames apresentavam resultados muito positivos e taxas excelentes. Todos os médicos me aconselhavam e estimulavam a fazer a viagem, embarcar para essa experiência que se apresentava. Mas uma forte intuição, assim percebo hoje, insistia em apontar-me o não. Uma intuição forte, desde aquele encontro da Padaria, nesse momento ainda não denominada com esse vocábulo, só crescia e me perseguia.

Há um detalhe não dito: durante uns dois meses, ou mais, fase que antecedeu esse período de conversas e busca da decisão definitiva, eu tossia muito e comecei a me sentir cansado para tarefas simples, como subir um vão de escadas ou uma rua em pequeno aclave. Frequentando médicos com objetivo do checkup, falava da tosse e da canseira e esses sintomas eram sempre subestimados. Também não era para menos, como já disse, os exames e as taxas eram os melhores de anos de acompanhamento clínico.

A ida para viver sete ou oito meses naquela cidade ibérica era o meu caminho, tudo parecia muito bem me tornava animado. Até o dia 2 de julho de 2019, tudo indicava a minha ida para Barcelona. Porém, o imponderável ninguém prevê. Dia 3 de julho, por coincidência, dia do aniversário do meu irmão e amigo Marquinho, eu iria fazer os últimos exames pedidos pelo cardiologista para enfim ficar tudo certo para a minha viagem. Fui direcionado para a sala do eco cardiograma. A médica responsável começou a realizar o exame e eu, contraditoriamente ao meu comportamento habitual, estava muito tranquilo. Tanto que a médica pediu licença e saiu da sala e eu não fiquei conjecturando possíveis tragédias ou doenças fatais. Ela voltou com outro médico que já era meu conhecido de outros momentos relacionados à minha saúde. O afamado Dr. José Rezende, com muita calma e paciência, disse-me que a médica não estava conseguindo fazer o meu exame, havia muito líquido em meu pulmão esquerdo e isso impedia a realização do eco cardiograma. É muito provável que

eu tenha me transfigurado, mudado de cor. Devo ter ficado azul ou roxo ou algo que o valha. Mais uma vez, com toda a habilidade do mundo, o Dr. José Rezende tentou me acalmar. Disse-me que todo aquele líquido no pulmão poderia ser derivado de uma causa tratável e que existem muitos motivos que podem levar a isso. Eu estava apavorado e atordoado. Mais uma vez auxiliado pelo tato de anos de profissão e muita gentileza, o médico me disse que gostaria que eu fosse para o hospital naquele momento, inclusive que já havia se informado que o meu cardiologista estaria lá, no hospital indicado, pois estava de plantão. Mesmo com o corpo trêmulo e assolado por um medo absurdo, pensando em minha mãe e meus irmãos, nas pessoas importantes de minha vida, arrisquei a pergunta: “mas doutor, pode ser também coisa grave, não pode”? E a resposta temida veio em seguida: “Não vou mentir para você, pode sim. Mas tem chance de não ser, vamos confiar”.

Parti para o hospital em absoluto estado de torpor, anestesiado sem saber o que pensar. O meu médico havia saído para atender uma emergência em outro hospital e fui atendido por outro cardiologista, chamado Luiz Guilherme, por coincidência, ex-aluno do meu irmão, aniversariante do dia, no cursinho pré-vestibular. Pedi que eu fizesse uma tomografia de tórax e abdômen.

Com exame em mãos, me fez várias perguntas, dentre elas se eu já havia trabalhado ou tido contato com amianto, se era tabagista, etc... Ele disse que iria me deixar internado para um exame mais aprofundado. Outros médicos se aproximaram, trocavam ideias, mas não me colocavam a par de nada. Meu Deus! Eu queria parar de supor, de imaginar coisas, mas ninguém domina uma cabeça neurótica em um momento como esses.

Geferson, meu companheiro na vida, que estava ao meu lado desde as primeiras horas daquele fatídico dia, começou a contatar minha família. Avisamos minhas irmãs e meu irmão de minha internação e pedi a eles que tentassem localizar minha mãe, que não estava em casa. Eles a localizaram. Mal sabiam eles a notícia que os esperavam. Logo eles chegaram no hospital. Todos assustados, fazendo o possível e o impossível para disfarçarem o espanto, percebi que estavam lacrimosos e com aterrorizados olhares. Eu não conseguia pensar em mim, só neles. Na dor que eu causaria a todos se eu morresse. Ainda me culpava por tudo aquilo que estava acontecendo comigo.

Médicos e outros profissionais de saúde entravam e saíam do quarto em um vai e vem sem fim. Um dos médicos me disse que uma outra profissional integraria a equipe: “uma clínica”, eu ingenuamente pensei que fosse uma médica clínica generalista, para cuidar e verificar o meu estado geral. Qual nada, à noite, quando tudo parece pior, uma jovem médica adentrou o quarto e se apresentou como a profissional de clínica oncológica que cuidaria do meu caso. Confirmei o inevitável, eu tinha câncer.

Naquele mesmo dia, fui informado sobre a existência de um tumor bastante expansivo, gigante, no pulmão esquerdo. O tumor tomava praticamente todo aquele órgão do sistema respiratório. Daí tanto líquido nessa região do meu tórax. Eu deveria ficar internado para, dentre outras coisas, fazer uma punção do líquido do pulmão e alguns exames mais aprofundados e especializados. Ah, que beleza, eu iria me beneficiar do progresso da medicina. Se fosse há alguns anos, eu estaria em condições muito mais precárias. Ironia da vida. Naquele momento, ainda me lembrei de Walter Benjamin, acerca de sua crítica radical ao progresso o mesmo remeteu-se em seu caleidoscópio de anotações presente no trabalho das Passagens a Hermann Lotze, um pensador do século XIX, que nos adverte para o fato de que

É leviano menosprezar as reivindicações das diferentes épocas e dos diferentes seres humanos, e desviar o olhar de seus infortúnios, contanto que a humanidade progrida em geral. Não pode haver progresso que não represente um acréscimo de felicidade e de perfeição nos mesmos espíritos que antes sofreram sob condições imperfeitas (BENJAMIN, 2007, p; 521).

Mas o filho do operário e da costureira naquele momento poderia usufruir do benefício de algum avanço da medicina trazido pelo progresso. Mas até quando? Quanto mais minha pobreza, pincelada com uns leves tons de burguesia, poderia usufruir dos progressos da medicina? “*roda mundo, roda gigante, rodamoinho, roda pião, o tempo rodou num instante nas voltas do meu coração*”. Coração e cabeça rodavam alucinadamente e esse rodar era alucinógeno. “Para o mundo que eu quero descer”. Mas nem o mundo, nem meu coração, nem minha cabeça paravam um instante. A solução foi eu pedir a prescrição de um Alprazolam. “De uma ou duas miligramas?” perguntou o médico plantonista. Duas, por favor. Assim coloquei fim naquele dia. Dormi para fugir da

vida. Ou para segurar a vida que estava me escapando. Ali senti que comecei a morrer. Mas eu não sabia morrer, como iria aprender?

As perguntas sem respostas, as lacunas nas conversas, os olhares trocados me davam a certeza de um fim muito próximo. Comecei a pensar em caixões, coroas, flores, véus, velas, túmulo... (ou fogo?) Como o meu corpo desapareceria para sempre da face da terra? Sentimentos horríveis.

Voltar para casa foi um choque. Estranho olhava minhas coisas. Coisas que juntei a vida toda. Como, por exemplo, minha coleção de São Franciscos, mais ou menos umas 140 imagens e estampas, meus livros... Minha casa do meu jeito e forma me soava como uma abstração. A sensação que tinha era que eu já era um fantasma e que se tentasse alcançar qualquer objeto, eu não conseguiria. Sentia-me bem ao caminho da morte.

As longas esperas por resultados de exames e consultas, a peregrinação que virou minha casa, com as visitas contínuas de amigos e parentes me atordoavam ainda mais. Um pensamento cheio de humor ácido aparecia várias vezes por dia: “Visite antes que acabe”. Ao mesmo tempo que entendia aquelas visitas como manifestação de carinho, amizade, respeito, elas me incomodavam e cansavam. Teve dias em que umas 35 pessoas passaram por minha casa. Fui obrigado a tomar uma posição antipática. Escrevi um e-mail que enderecei aos amigos e parentes. Nesse texto, falei de meu cansaço, do momento difícil que atravessava e outras questões. Penso que fui feliz no tom da escrita. Ninguém se sentiu ofendido, ao contrário, recebi muitas manifestações de apoio e compreensão. Combinei, nesse e-mail, que passaríamos a agendar as visitas, até porque após o início do tratamento, apesar de não ter efeitos colaterais agudos, eu parecia dissolver, me sentia uma poça d’água espreado-se, sem capacidade de erguer o corpo da cama.

É importante destacar o atendimento primoroso que durante o tempo de tratamento tenho tido por parte dos profissionais com quem tenho contato. Gostaria muito de fazer isso, e aproveitarei o espaço memorial da escrita dessa tese como forma de registro desse aspecto tão importante de meu tratamento. O acolhimento e encaminhamento que tenho tido no trato profissional em todos os lugares que estive é “um milagre dos céus”. Dos espaços públicos aos privados, dos mais simples aos mais sofisticados, sempre fui muito, muito bem

tratado. Se existiu um benefício de tantas preces e rezas e correntes de energia a meu favor foi esse: o tratamento humano, delicado, primoroso, profissional, atencioso que venho recebendo. Não falo aqui só de médicos e técnicos, falo dos auxiliares de enfermagem, dos porteiros, das atendentes de balcões de marcação de exames e consultas, das faxineiras e outros e outros. Nunca tive um tratamento grosseiro, nunca recebi uma resposta ríspida, nunca fui tratado como um moribundo que vai levando até ver aonde chega. Nada nessa área foi negativo. Nada. Só positividade, só atenção, só o melhor. Que fique claro que não tenho nada de Poliana, ao contrário, por vezes sou bem ranzinza, então não estou romantizando nada. Estou narrando que encontrei em minha cidade os melhores profissionais vindos do plural de cidades que há nela. Até na cidade médica existem, portanto, camadas invisíveis das múltiplas cidades que nos atravessam. Encontrei tratamento adequado e humano. Aproveito para agradecer a todos esses profissionais competentes e humanizados, todos eles fundamentais na rede de apoio pela qual fui cercado e fez toda a diferença.

A rede de apoio a qual me refiro é enorme, parentes, amigos, amigos e amigos, ex-companheiros de trabalho, ex-amores, amores e por aí vai. Senti-me tão querido, confesso que não tinha noção da minha importância na vida de muitas pessoas. Não sendo hipócrita, sempre fui respeitoso no trato, amigável nas relações, brigão democrático, mas não sabia que isso, o meu modo de tratar as pessoas, poderia fazer tanta diferença na vida deles.

Vencida a reação inicial à busca de ajuda profissional, iniciei um processo terapêutico com uma psicóloga. Na primeira sessão, disse à terapeuta: “vim aqui para aprender a morrer”. Mas, na verdade, eu tinha que continuar vivendo, assim, me cerquei, ou talvez tenha sido cercado, por uma rede de apoio que me ofereceu outros caminhos. Psicólogo, psiquiatra, amigos, parentes, vizinhos, excelentes médicos, destacadamente minha mãe e meus irmãos, Geferson, meus amigos do grupo de pesquisa Cronos, as rezas, as águas, as plantas, os santinhos, as simpatias, as velas, a macumba, os avessos às mandigas, os cétricos... de todos os lados e formas, chegavam apoio e muita energia boa e eu desfrutava disso. Com essa rede de apoio aprendi, como Cora Coralina, outros caminhos.

## A PROCURA

Andei pelos caminhos da vida.  
 Caminhei pelas ruas do destino-  
 procurando meu signo.  
 Bati na porta da Fortuna,  
 mandou dizer que não estava.  
 Bati na porta da Fama,  
 falou que não podia atender.  
 Procurei a casa da Felicidade,  
 a vizinha da frente me informou que  
 ela tinha se mudado sem deixar novo endereço.  
 Procurei a morada da Fortaleza  
 Ela me fez entrar:  
 deu-me veste nova, perfumou meus cabelos...  
 fez-me beber de vinho.  
 Acertei o meu caminho  
 (CORALINA, 1987b)

Em uma das minhas últimas sessões de terapia, repeti aquela frase: “vim aqui para aprender a morrer”. Só que dessa vez completei: “creio que aprendi a viver de outra forma, com outras expectativas.”

Os tratamentos, quimioterapias, remédios e exames mexeram com o meu corpo e mexem até hoje. O desânimo foi aumentando, a capacidade produtiva diminuindo. Ler era impossível na maioria dos dias, escrever nem se fala. Desenvolvi uma hepatite medicamentosa, uma intoxicação medular. Não é fácil esse novo viver, mas na maioria dos dias, passo bem.

Tenho um pacto comigo mesmo de reclamar o mínimo possível e nunca me revoltar, tentar vencer, mas se não der, compreender com dignidade que estamos todos vivendo no gerúndio: estamos todos morrendo todos os dias e devo resignar-me com o traçado do meu destino riscado pelas tecelãs dos oráculos. Empurrado pelo grande apoio do Grupo Cronos, continuo tentando e tenho conseguido caminhar. Talvez minha tese não traga toda a pujança e beleza que desenhei para ela, mas hoje acho que se materializará num possível honesto, acadêmico e na tentativa de transformar o mundo.

Meus companheiros de câncer, aqueles parentes, amigos, conhecidos, conhecidos de alguns desses, que contei em certa época e formávamos um grupo de 16, hoje somos só 3, os outros todos já se foram ou terminaram: Sr. Hélio, Luiz Fernando, João Carlos, a mãe da Jacqueline, o Tiago, a Maria Helena, Valéria, tia Marly, o Cebola, e outros que não me vieram a cabeça. Ainda não sei como é que se vai desse mundo, vou continuar otimistamente e

obstinadamente lutando pela vida e contra o sofrimento. Vou continuar vivendo também no gerúndio. Vivendo esse limiar entre a vida e a morte, que oscila entre o suave e aquilo que destroça. Vou continuar na realidade entre o início e o fim, entre o nascimento e a morte, depois de nascidos, nossa única certeza real é que um dia também morreremos. Como interpretado por Hannah Arendt (1990, 2016), nós nascemos para os outros antes que para nós; mas na morte, penso que morremos primeiro para nós e depois para os outros. Será?

Hoje sou o homem atrás dos óculos. Mas dentro de mim, ainda coabitam todos aqueles que já fui. O menino de origem humilde, que adorava escola, que procurava estar bem no mundo, o artista, o professor, o gestor escolar, o Secretário de Cultura, o menino-garoto-homem que em todos os tempos desejou e ainda deseja transformar o mundo. Durante o período de acomodação da notícia da doença, visitei e fui visitado por mim em todas as fases da minha vida. Anacronicamente recordei a vida. Um dia, o menino de cinco anos, no outro, o homem de trinta e poucos, que adorei ser, e assim, dia a dia, involuntariamente fui revendo a vida em camadas, provocado por lembranças involuntárias que me invadiam a qualquer hora e lugar. No limiar entre a vida e a morte, mais uma vez, ainda me fiz valer de uma das “Sete Faces” de Drummond.

(...)

Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.  
(DRUMMOND, 1998)

Quando um dia o tempo de meu viver findar, quero ainda estar imerso em poesia e, se puder ir embora como poetizou Fernando Pessoa, assim, serei um morto feliz.

MENINO JESUS

(...)

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.  
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.  
Ele é o humano que é natural,  
Ele é o divino que sorri e que brinca.  
E por isso é que eu sei com toda a certeza  
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

(...)

A Criança Eterna acompanha-me sempre.

A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando.  
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons  
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.  
Ele dorme dentro da minha alma  
E às vezes acorda de noite  
E brinca com os meus sonhos.  
Vira uns de pernas para o ar,  
Põe uns em cima dos outros  
E bate as palmas sozinho  
Sorrindo para o meu sono.

(...)

Quando eu morrer, filhinho,  
Seja eu a criança, o mais pequeno.  
Pega-me tu ao colo  
E leva-me para dentro da tua casa.  
Despe o meu ser cansado e humano  
E deita-me na tua cama.  
E conta-me histórias, caso eu acorde,  
Para eu tornar a adormecer.  
E dá-me sonhos teus para eu brincar  
Até que nasça qualquer dia  
Que tu sabes qual é.

(...)

Esta é a história do meu Menino Jesus.  
Por que razão que se perceba  
Não há-de ser ela mais verdadeira  
Que tudo quanto os filósofos pensam  
E tudo quanto as religiões ensinam?  
(PESSOA, 1972)

## **ENTREATO: Em busca de bricolagens teórico-poéticas**

“Quem alguma vez começou a abrir o leque da memória não alcança jamais o fim de seus segmentos; não se satisfaz com nenhuma imagem, porque descobriu que o leque pode desdobrar-se e que a verdade reside entre as dobras.” – Walter Benjamin

A metáfora de Benjamin que nos é trazida no livro da argentina Beatriz Sarlo (2013) é bastante eficaz para explicar as sutilezas, riquezas e surpresas trazidas para quem opta pelo trabalho com a memória. Para mim – pesquisador praticante e encantado por esse campo – desenvolvo no momento uma pesquisa focada em quatro grandes pilares que se conectam na produção da questão que essa pesquisa tenta desvelar: a MEMÓRIA, a NARRATIVA, os VELHOS – que nesse caso, pertencem ao grupo que Michael de Certeau (2014) nomeia como praticantes ordinários – e a CIDADE.

Essa tese de doutorado, embora não seja sequência direta daquela pesquisa que realizei no mestrado – quando, como já referenciado anteriormente, trabalhei com a memória de jovens acerca da experiência de direito de acesso à cultura na periferia da cidade –, não está totalmente desconectada dela. Daquela época e daquela prática, trago comigo o tema central da memória e principalmente o encantamento pela obra de Ecléa Bosi. Além de me encantar com a obra, encanto-me também com o tema: “Lembranças de Velhos”.

Já existia o embrião de um trabalho de pesquisa com idosos sendo realizado por um grupo coordenado por mim em meu trabalho quando ingressei no curso de doutorado em educação. Aquele grupo dedicava-se a focalizar e conferir visibilidade às narrativas de pessoas de vida longa com relação às suas práticas na e com a cidade.

Posso dizer que meus interesses e temas sempre estiveram relacionados às vivências humanas. Sempre busquei olhar os sujeitos humanos em sua passagem pelo mundo e as diferenças sociais que os atravessam. Afinal, viver sobre o mundo em uma dada faixa de tempo, ciente da própria existência, é característica essencial do humano. Flutuamos entre dois mistérios, como nos

convoca a pensar Hannah Arendt (1990, 2014). Isso significa dizer que nossa passagem pelo mundo é marcada pelo nascimento e interrompida pela morte.

Se observarmos o mito grego de Prometeu, encontramos ali uma evocação da ideia de que ao roubar dos deuses o domínio do fogo, o homem se viu diante da impossibilidade da imortalidade. Só aos deuses era permitida a vida eterna. Agora, os homens morrem, mas as obras os eternizam. A obra estabelece, assim, uma categoria intermediária entre os deuses e os homens. Semideuses, que vivem como homens, mas que se transformam em imortais como os deuses gregos. Entendo assim, hoje, que homens e mulheres narram suas experiências de certo modo ancorados nesse desejo de eternidade. Por sua capacidade de realizar feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito de sua mortalidade individual, atingem a imortalidade que lhes é própria e demonstram sua natureza “divina” (ARENDR, 2016, p.24).

Fixada entre o nascimento e a morte, a passagem do homem pelo mundo de coisas criadas é, portanto, a vida a ser vivida, é a vida a ser lembrada.

Com o nascimento do homem, é reestabelecida a existência e a potencialidade do novo. Somos o milagre que se renova, defende Arendt (2016). À filósofa podem se juntar as palavras lapidadas de nossos grandes poetas. “Um menino nasceu – o mundo tornou a recomeçar”, embeleza o dito com palavras João Guimarães Rosa, em “Grande sertão: veredas” (1986). João Cabral de Melo Neto, escrevendo de outro lugar do mundo, engrossa o coro, enaltecendo o nascimento no cenário que cria, árido e cheio de dor, de seu famoso auto de Natal “Morte e vida Severina”.

Belo porque tem no novo  
A surpresa da alegria.  
Belo como coisa nova  
Na prateleira então vazia.  
Como qualquer coisa nova  
Inaugurando o seu dia.  
Ou como o caderno novo  
Quando a gente o principia.

e belo porque com o novo  
todo o velho contagia.  
belo porque corrompe  
com sangue novo a anemia.  
Infecciona a miséria  
com vida nova e sadia.

Com oásis o deserto,  
Com ventos, a calmaria.

(...)

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em uma nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina  
mesmo quando é uma explosão  
de uma vida severina.

(MELO NETO, 2000)

Nesses intertextos, as vozes dos poetas somam-se à voz de Hannah Arendt para reafirmar a ideia de que o nascimento, a natalidade, representa o milagre da vida, capaz de refundar o mundo e ressignificá-lo.

Entretanto, das três atividades – o trabalho, a obra e a ação –, a ação tem relação mais estreita com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui capacidade de iniciar algo novo, ou seja, de agir. Nesse sentido de iniciativa, a todas as atividades humanas é inerente um elemento de ação e, portanto, de natalidade. Além disso, “como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode ser a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico” (ARENDR, 2016, p.11).

O trabalho jamais transcende a vida. A atividade do trabalho, compreendida como metabolismo do homem com a natureza, visa à subsistência da vida de cada indivíduo (ARENDR, 2016).

Considerando o sentido da obra para ampliação da existência, visando o alcance à imortalidade, podemos admitir que nem todos os homens elaboram obras, nem todos os homens ampliam sua existência para além de sua vida. A ação cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. Para alguns homens, a lembrança, a marca do vivido em uma determinada fatia de tempo, na temporalidade dos homens, é a possibilidade mais real de aproximar-se de algo que se assemelha à obra. A passagem pelo mundo será imortalizada, ainda

que em um pequeno círculo, pelas marcas de suas lembranças, pelos fragmentos salvos como sinais arqueológicos de sua própria história. Uma coleção de cacos exposta em um museu improvável, mas capaz de lembrar as marcas da vida exercitada sobre o mundo criado por homens comuns, praticantes ordinários por interação e contraposição, em colaboração e em disputa.

“A poesia, cujo material é a linguagem, talvez seja a mais humana das artes, aquela cujo produto final permanece mais próximo do pensamento que o inspirou”, diz Hannah Arendt (2016, p. 211), que segue afirmando: “Na poesia, a recordação, Mnemosyne, mãe das musas, é diretamente transformada em memória; o meio do poeta para realizar essa transformação é o ritmo, por meio do qual o poema fixa-se na lembrança quase que por si mesmo” (2016, p. 211).

Benedict Anderson, em seu texto “Comunidades imaginadas” (2008), engrossa o coro daqueles autores que acreditam na força do ficcional na representação do real e sugere recorrer às representações simbólicas e artísticas e suas intencionalidades (p. 52-53). Nesse contexto, é de grande proveito comparar qualquer romance histórico com documentos ou narrativas do período abordado (ANDERSON, 2017, p. 56).

Meu uso da poesia nesse escrito está justificado pelos próprios pensadores que utilizo como referência. Paul Ricoeur pertence à vertente daqueles que veem o ficcional com a mesma equivalência simbólica que outras formas de conhecimento, com vistas à representação do real.

O conceito de horizonte e de mundo não concerne às referências descritivas, concerne também às referências não descritivas, as da dicção poética. Retomando uma declaração anterior, direi que, para mim, o mundo é o conjunto das referências abertas por todo tipo de textos descritivos ou poéticos que li, interpretei e gostei. Compreender esses textos é interpolar entre os predicados de nossa situação todas as significações que, de um simples meio ambiente (*Umwelt*), fazem um mundo (*Welt*). Com efeito, é às obras de ficção que devemos em grande medida a ampliação do nosso horizonte de existência. Longe de produzirem imagens enfraquecidas da realidade (RICOEUR, 2010, p. 137).

Nessa lógica, apresento fragmentos da obra de poetas que enxergam também nos homens mais simples a capacidade para participar da constelação da história.

Embasado e autorizado – pois também me sinto autorizado – pelos teóricos nos quais ancoo as proposições trazidas por meus estudos para construção deste trabalho, estendo aos narradores comuns, aos praticantes ordinários e suas narrativas o mesmo entendimento e o mesmo caráter de respeito que Bosi, Arendt, Benjamin, Ricoeur, Anderson, Bolle e outros oferecem aos poetas e romancistas na explicação do mundo e na proposição e construção de uma outra narrativa que vá além daquela tida como oficial. Na verdade, em suas produções, é possível perceber que essa inclusão já está assegurada

Somente um homem simples e atento aos movimentos do mundo pode colecionar cacos. Os pedacinhos de louças enterrados na horta podem se mostrar muito reveladores. Os fragmentos da vida do homem comum podem se estabelecer nos hiatos entre as estrelas que já participam da constelação, tal como Benjamin percebe a História.

Somos iguais e diferentes. A pluralidade é a condição da ação humana, já que somos todos iguais, isso é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá. Como assegura Adriano Correia no prefácio de “A Condição Humana”, de Hannah Arendt, edificamos mundos, para nós e para o coletivo: “está em questão a dignidade humana, pois, para ela, o respeito pela dignidade humana implica o reconhecimento de cada indivíduo humano como edificador de mundos ou como edificador de um mundo comum” (CORREIA, 2016, p. XIV).

Ecléa Bosi, na obra responsável por sua imortalidade, “Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos”, nos diz que, entre as famílias mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças (BOSI, 1994, p. 20).

Então, se a lembrança é o que resta ao homem comum como marca de sua vida, sem ela, a própria vida lhe é espoliada e fica o nada, o sinônimo da não existência.

Em “Sobre o conceito de História”, mais precisamente na tese número dois, Benjamin apresenta uma sequência de perguntas, dentre as quais destaco a seguinte indagação: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes

que emudeceram?” (1987a, p. 233). Evidencia-se claramente aqui o reforço do seu conceito de histórias dos vencedores. A tese número três é aberta com a seguinte frase: “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1987a, p. 233). Aqui também há outro reforço da defesa apresentada de que tudo que é vida pertence à história e à sua constelação, como Benjamin imagina que a história se configura, avançando em espiral, com idas e vindas, e não em uma evolução linear com seta diretiva para o progresso, progresso esse que vê uma crítica radical elaborações teóricas de Benjamin. O pensador recorrentemente volta seu olhar com muita intensidade para os menores, os pequenos, para os farrapos e os fragmentos.

Os mais puristas dos historiadores desprezam as narrativas não incluídas na grande História. Alegam que são cheias de hiatos, buracos e falhas, argumento rebatido com veemência por Ecléa Bosi:

A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar a história de sua vida (BOSI, 1994, p. 37).

Alguns poetas possuem a sensibilidade de perceber as condições diferenciadas em que vivem os homens. É essa poesia que me fala na alma; são os assuntos dos menores que, além de me seduzir despertam o que há em mim de acadêmico. Um dia, descobri que podia juntar a ponta desses dois fios. É o fio que Ecléa Bosi utiliza como uma das suas alegorias para falar de memória:

Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo da convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos a nossos filhos o que foi a outra cidade soterrada embaixo da atual, se não existiram mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora? (BOSI, 1994, p.413)

Para direcionar o olhar às narrativas dos sujeitos simples – de vidas ordinárias em suas vivências e nos palimpsestos urbanos que lhes constituem (PESAVENTO, 2007) – há que se entender que muitos já foram convencidos de sua inexpressividade e colaboração para a História. Para isso, concorrem, na construção das narrativas históricas, muitos mecanismos de silenciamento e

invisibilidade, frequentemente praticados e naturalizados nas sociedades capitalistas (POLLAK, 1989).

As narrativas do praticante ordinário, conceito de Michel de Certeau (2014), com certeza são potentes para compreender o funcionamento da sociedade e para desnaturalizar o desaparecimento das histórias e narrativas com a morte do corpo onde moraram por muitos anos. Essas potentes histórias evaporam por absoluta falta de escuta e olhar. Por vezes, morrem antes de seus autores. Mas haverá alguém para recolher os despojos da cidade para os quais ninguém volta os olhos, aqueles que o vento dispersa:

Os depoimentos estão povoados de coisas perdidas que se daria de tudo para encontrar quando nos abandonam, sumindo em fundos insondáveis de armários ou nas fendas do assoalho, e nos deixam à sua procura pelo resto da vida (BOSI, 2003a, p. 29).

Na busca do relato do vivido no olhar do dono da narrativa, há de se cumprir as indicações de Benjamin: interpretar não somente o lembrado, pois o que é esquecido tem valor e peso, uma vez que, ainda nas palavras de Ecléa Bosi, “a memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento” (1994, p. 39). Cabe-nos, assim, interpretar tanto a lembrança, quanto o esquecimento. Esquecimentos, omissões e trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se dá a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas, dos traços que deixa na sensibilidade popular de uma época. Benjamin nos fala, assim, de uma teoria da memória, na qual o esquecimento é mais vasto e mais estrutural do que a lembrança, que é somente uma aventura excepcional do esquecimento. A memória, o lembrado, o narrado é, então, a possibilidade da obra do homem que não deixa obra.

Pois um Acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIN, 1987b, p.37).

O conceito de História e a compreensão da História para Walter Benjamin estão intrinsecamente ligados ao entendimento do tempo, em um sentido diferente daquele do tempo cronológico linear e vazio, ligado à ideia de História que avança em linha reta, sempre em direção ao futuro e a ideia infindável de progresso.

Para Jeanne Marie Gagnebin, na teologia e especialmente na mística judaica, o passado quer ser resgatado e sua história não está terminada. No pensamento de Benjamin, fica claro que a nós cabe continuá-la. À experiência da leitura dos textos sagrados, Benjamin aproxima a experiência transmitida pelo narrador antigo, que se configura, na visão da autora, como outro ponto basilar para a edificação da proposta e defesa da escrita de uma nova História. Assim afirma Gagnebin:

A história é aberta, inacabada, nem pela teoria “materialista” ou “científica” do progresso, nem pela visão triunfalista dos vencedores, mas pode e deve ser contada de outra forma, e cabe a nós dar-lhe outro sentido (GAGNEBIN, 2018, p. 80).

Seguindo as indicações dos intérpretes de Benjamin, a singularidade de seu pensamento está na integração e inter-relação do conjunto de suas ideias estéticas, teológicas e historiográficas. Esses três campos, em sua obra, estão intimamente associados e imbricados. Seria impossível separá-los sem prejudicar a força e a especificidade daquilo que o caracteriza e onde se localiza um dos seus grandes diferenciais para sua interpretação do mundo: a elaboração de sua história aberta e a construção do que é considerado, por muitos, como um dos principais escritos do século XX: “As Teses sobre o Conceito da História” (1987a).

A compreensão da proposta de Benjamin e as posições interpretativas trazidas acima se convertem, portanto, em uma chave fundamental e necessária para a aproximação do tema da pesquisa que desenvolvo nesse momento à proposta de (re)escrita da História de Walter Benjamin. O autor deseja recriar a História, refazê-la e não desprezar nada daquilo que foi vivido. Segundo Michel Löwy (2005), sobre Benjamin, tudo que foi vivido pertence à história.

A reescrita e a recriação da História são indicadores claros de que fatos e personagens desprezados podem agora ser considerados na História organizada como coleção e escrita a contrapelo. A narrativa social, tida oficial, a qual Benjamin denomina de História dos vencedores, não oferece espaço para inclusão de novos registros e marcas, não oferece espaço aos vencidos. Mas Benjamin se interessa pelo menor, pelo farrapo, pelo detalhe.

A narrativa de interesse nessa pesquisa é aquela que relaciona o sujeito com a cidade, assim como a forma pela qual o sujeito afeta a cidade com suas práticas e é afetado por ela.

Cenário da vida humana ao longo do tempo, a cidade se constrói com pessoas, gestos, deslocamentos corporais, prédios, casas, ruas lugares, cheiros, sensações. Seus múltiplos lugares podem significar, em diferentes contextos e tempos, ambientes de alegria, encontro, luta social, confronto, beleza, medo, morte, festa. Os Habitantes da cidade vão configurando, por meio de suas práticas sociais, lugares de trabalho, de lazer e ócio, lugares interditados ou que estigmatizam seus habitantes. Por tudo isso, podemos partir do princípio que a cidade educa, permanentemente, seus sujeitos. Educa-os para além dos saberes escolares, educa atitudes, gestos, comportamentos, representações que se espraiam pela sociedade e qualificam seus moradores. (MIRANDA et al., 2016, p.43)

Segundo Sonia Miranda, Andreia Medeiros e Fabiana Rodrigues de Almeida (2016), é preciso aprender a olhar além daquilo que se encontra narrado na História oficial de seus heróis ou sujeitos que, em geral, nomeiam suas ruas. Olhar a cidade a partir de seus diversos praticantes ordinários significa compreender que há um plural de cidades no interior de cada cidade. As autoras defendem, assim, o olhar aos sujeitos comuns.

A cidade é nosso espaço, não único, mas um espaço de muitas camadas. Metaforicamente, o sentido de palimpsesto, tal como evocado por Pesavento (2007), se refere àquelas mais profundas em algumas regiões do espaço urbano. A cidade cresce e se modifica vertical e horizontalmente. Redefine-se com o tempo, de tempos em tempos. Para o bem ou para mal, se redesenha todos os dias. Alguns de seus agentes aceitam e estimulam as ações que engendram gentrificação, por não olharem o interesse e as necessidade reais de seus habitantes. Assim como os interesses dos mais afortunados da cidade ignoram a real necessidade de seus moradores, a narrativa erguida como oficial despreza também a narrativa dos praticantes ordinários. Mas parece haver esperança:

Todavia, a base educativa capaz de permitir às pessoas se reconhecerem e se compreenderem enquanto sujeitos históricos precisa nascer da reflexão acerca da condição humana das pessoas reais, sujeitos viventes em cada tempo presente. Nesse sentido, o que nos faz compreender a experiência humana em cada presente senão a condição narradora dos sujeitos que, no presente, são capazes de narrar suas experiências de vida na relação com as transformações da cidade? (MIRANDA et al., 2016, p.51).

Segundo Lana Mara Siman (2013), a cidade é um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas. Sustentemos tal ideia,

assim como a de que a cidade também é um espaço e tempo, que devem ser experienciados com sensibilidade e astúcia (p.42):

Assim sendo, ler a cidade no presente, na sua relação com o passado e o futuro, requer o desenvolvimento das sensibilidades auditivas, visuais, táteis ( e por que não olfativas?) requer a observação das minúcias, requer a curiosidade pelo inusitado, pelo desconhecido, pelo que se mostra estranho e desconexo pelas camadas do tempo que se declaram e se indiciam na sua materialidade e simbologia. (SIMAN, 2013, p.47)

## **SEGUNDO ATO: SOBRE SENSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS URBANAS EM NARRATIVAS DE VELHOS**

### **CENA 1 – Jorge Couri entre a Memória, o ressentimento e o perdão**

Em 2011, no meu terceiro ano como gestor da Funalfa – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage –, convidei um grupo de fotógrafos e de fotojornalistas para uma conversa em torno do ofício e a arte da fotografia. Havia uma queixa generalizada entre os artistas e profissionais do setor cultural de que a Funalfa nunca os apoiou, nem valorizou essa modalidade artística. Nessa primeira reunião, resolvemos juntos realizar uma série de encontros para debater o tema da fotografia e qual seria o apoio ideal a essa linguagem da arte na cidade. Várias questões foram levantadas, várias hipóteses aventadas. Muitas possibilidades e uma constatação recorrente quando se fala em investimento público na cultura: poucos recursos. Apesar das conhecidas dificuldades e entraves, aquele grupo reunido, após muitos debates, opta então pela realização de um conjunto de exposições concomitantes que dessem um panorama da produção fotográfica de artistas e profissionais em Juiz de Fora.

Formou-se uma comissão composta por funcionários da Funalfa e representantes dos artistas e profissionais do setor. Os debates prosseguiram – nem todos suaves – e, assim, chegou-se a um modelo: o FOTO 11, que seria um conjunto de 11 exposições realizadas no mesmo período, em 11 espaços da cidade. O 11 foi apenas uma opção bem-humorada de brincar com a marca daquele ano civil, o décimo primeiro ano do século XXI. Então, assim seria: no ano de 2011, aconteceriam 11 exposições em 11 locais diferentes, entre os dias 11 de agosto e 11 de setembro. Essas exposições seguiram a metodologia instituída sob esse formato, com ajustamentos ano a ano, até o ano de 2017.

Optamos por vários modelos expográficos, a maioria em espaços fechados, com outras exposições em espaços abertos, como a exposição com cartazes tipo lambe-lambe realizada em pontos de ônibus, fachadas e muros espalhados pela cidade. Nessa decisão, já se pronunciava uma opção ética em direção à afirmação do Direito à Cidade. Para outras exposições, coletivas ou individuais, foram abertos editais de seleção pública. Com a percepção de que

a fotografia passou a ser uma linguagem do cotidiano para um grupo cada vez maior de pessoas, com imagens capturadas aos milhões, uma exposição envolvendo capturas múltiplas por meio dos celulares foi pensada para representar a democratização da fotografia. Pensou-se também em uma exposição tributo, para a qual deveria ser escolhido um nome de relevância que merecesse ser homenageado. Assim, tal projeto foi um sucesso absoluto e inesperado. O público da cidade respondeu mais do que satisfatoriamente ao trabalho e ao investimento realizado.

Além das exposições programadas, foram também pensados vários eventos ocupando os espaços da cidade com a fotografia e suas diversas linguagens. Palestras, trocas de fotografias entre artistas e apreciadores dessa modalidade artística, mesas de debate, workshops, performances, entre outros.

Ao ir se delineando esse grande evento, uma das decisões a ser tomada deveria ser a escolha do nome do artista ou profissional que receberia homenagem na exposição pensada como tributo. Até então, eu pessoalmente, nunca havia ouvido falar no nome de Jorge Curi. Ou, no mínimo, não tinha até aquele momento dado a devida atenção aos créditos de suas fotos diariamente estampadas nos jornais locais. Porém, a partir dali, foi um nome que passei a ouvir com muita frequência. Sem muita sistemática, fizemos uma enquete entre as pessoas envolvidas com fotografia em Juiz de Fora. Um nome começou a ser redundantemente repetido: Jorge Curi.

Antônio Henrique Duarte Lacerda e Elione Guimarães, responsáveis pelo Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora, reforçaram para mim a importância de Jorge Curi para o fotojornalismo local. Esses dois historiadores e arquivologistas informaram-me ainda que no acervo do Arquivo Histórico Municipal, existia sob os seus cuidados um vasto material de fotos e negativos de autoria de Jorge Curi. Esse conjunto de documentos havia sido recolhido por eles, junto ao acervo do *Diário Mercantil*, que circulou por oito décadas, e do *Diário da Tarde*, com atuação de quatro décadas, jornais locais de grande circulação e respeitados veículos de comunicação da cidade. Todo esse grande volume de material, agora sob a guarda e os cuidados desses dois exímios profissionais e de sua reduzida equipe, passou anos armazenado de forma inadequada em local indicado pela justiça, na rua Oswaldo Cruz, no centro de

Juiz de Fora, após o fechamento daquele jornal matutino e de seu irmão vespertino, ambos ligados ao conglomerado dos *Diários Associados*, liderados por Assis Chateaubriand.

O nome de Jorge Couri, escolhido para exposição tributo, se transformou em unanimidade entre a equipe. Comecei então a familiarizar-me com a obra antes de conhecer o autor e o encantamento foi total. A partir desse momento, já havia sido convencido de que os 45 anos de fotojornalismo profissional nos principais jornais de Juiz de Fora dava a Jorge Couri não só o direito a uma merecida homenagem, mas que tínhamos o dever de reverenciá-lo. Com uma produção intensa, constante e longeva, ele fotografou para os jornais *Diários Mercantil e da Tarde*, *Tribuna de Minas*, *Hoje em Dia* e *Diário Regional*.

Minhas referências sobre o fotógrafo eram limitadas. Mas aqueles profissionais do Arquivo Histórico me abriram caixas e caixas de negativos e fotos reveladas e me apresentaram um conjunto que me embaralhou a vista. Para onde olhar? Com qual olhar? Aquilo se transformou em um caleidoscópio em preto branco, girando Juiz de fora em imagens e se misturando às minhas próprias memórias visuais sobre a cidade.

As imagens encheram-me de encanto e admiração. Em sua maioria, são narrativas sintetizadas nos momentos mágicos da abertura e fechamento do diafragma de uma máquina fotográfica de modelos já em desuso.

Por algum tempo, tentamos sem sucesso obter o seu contato, o que parecia ter se tornado impossível. Por fim, por meio de profissionais no jornal *Tribuna de Minas*, conseguimos, a duras penas, o telefone de sua casa. Outra saga se inicia nesse ponto da história, fazer contato com o Jorge. Foi difícil: uma hora havia saído, outra estava dormindo, outra tinha ido ao médico... assim realizamos muitas tentativas de contato, todas elas frustradas.

Um belo dia, o Sr. Jorge nos atendeu. Marcamos de ir à sua casa para uma conversa informal. Não posso omitir que a equipe estava eufórica para este primeiro encontro, porém, outra frustração banhou-nos como um balde de água fria. Na véspera de nosso encontro, o senhor Jorge, ou alguém a seu pedido, cancelou o encontro. Insistimos e conseguimos remarcar. Mais uma vez, o encontro foi cancelado no dia que o antecedia. Isso aconteceu por 3 ou 4 vezes. Foi nesse momento que assumi a interlocução, conversei com ele por telefone,

expliquei os motivos do nosso desejo de encontrá-lo e ele me disse que, “dada a minha educação e bom trato” ele iria nos encontrar, porém não desejava que esse encontro se desse em sua casa, falou que iria ao nosso encontro na sede da Funalfa. Retruquei que ali talvez não fosse o lugar apropriado, pois tinha dois lances de escadas, bastante íngremes e longos, mas por seu lado ele respondeu que isso não era problema para ele, que apesar da idade, ainda era capaz de subir dois lances de escadas.

Com tudo acertado, preparamos uma sequência de fotografias para exibí-las a ele no dia do encontro. Desejávamos entrevistá-lo sobre o seu trabalho na atuação com fotografia durante o longo período de sua atividade profissional. Preparamos, como bons mineiros, um café com pão de queijo, broas, biscoito de polvilho e algumas outras quitandas, pois queríamos um ambiente acolhedor. Sr. Jorge atrasou-se um pouco e esse pequeno atraso já nos trouxe a possibilidade de uma nova desistência, porém, dessa vez cumpriu o combinado. Minutos após o horário marcado, Sr. Jorge, apoiado em sua bengala e acompanhado de D. Marilda, sua esposa, foi anunciado pela secretária. Eu particularmente estava muito entusiasmado, animado, queria saber o que se passava na cabeça da alma daquele ser, capaz de capturas tão especiais de momentos da história de nossa cidade.

Sr. Jorge, acompanhado de sua esposa Marilda, simpática e delicada, adentrou a sala da superintendência da fundação com cara de poucos amigos e isso não era apenas uma impressão passageira. Ele não estava mesmo para muita conversa e me disse firmemente:

– Sabe por que eu vim aqui? Foi somente pela sua educação, pela forma gentil com que me tratou, para dar-lhe uma resposta e dizer-lhe que não estou interessado em nada disso. Eu não tenho vontade nenhuma de falar sobre isso. Não tenho motivo de orgulho nenhum desse trabalho que vocês dizem tão importante. Não quero saber de homenagens. O seu antecessor – disse, fitando o olhar em mim – tentou várias conversas comigo que eu recusei, por que diabos ia querer agora?

Com certeza, minha expressão deve ter sido a de um garoto que não ganhou o esperado presente de Natal. Aquilo não foi um balde de água fria, foi uma tromba de água gelada para não deixar dúvida da sua falta de desejo para

tudo que se relacionasse ao seu trabalho e sua obra. Como recuperar o fio da meada? Como não desistir? O que fazer para não deixar aquele homem, suas histórias e suas memórias partirem? Sabe aquele momento em que um segundo se transforma em um século e milhões de coisas atravessam os seus pensamentos? Esse foi um deles.

Houve um constrangimento geral marcado pelo silêncio de todos os presentes, inclusive da afável D. Marilda. Alguém precisava romper aquele silêncio, e eu o fiz. Expliquei a ele que havíamos preparado uma sequência de fotos em projeção – como um dispositivo de lembrança – com algumas fotos selecionadas de seu trabalho, para que ele as recordasse, e se ele não se opusesse, poderíamos assistir juntos. D. Marilda interveio:

– Jorge, deixa o moço passar as fotos, nós já estamos aqui, e eles estão sendo tão gentis. Até café prepararam pra nós.

A esposa, que com certeza depois de tantos anos de união devia conhecer os melhores caminhos para convencê-lo de alguma coisa, foi fundamental para alavancar esse processo que poderia ter morrido ali, mas que, ao contrário, iniciou-se naquele momento e os resultados desse processo de rememoração reverberam até hoje, pois trouxeram a público detalhes de uma história pouco conhecida e com ocultamento de todo seu desenrolar.

Com o apelo de Dona Marilda, Jorge Couri deu de ombros e disse com desdém:

– Passa então, uai.

Para Michael Pollak (1989), há uma enorme complexidade por trás dos silêncios, contudo, somente uma escuta sensível seria capaz de rompê-lo.

Esse ressentimento<sup>[SRM1]</sup>, revestido de muito amargor, não vinha do nada. O habilidoso fotógrafo não possuía em sua guarda nada mais que umas poucas reproduções (se a memória não me trai, não chegavam a vinte) de algumas dentre suas milhares de fotos, guardadas em uma caixinha antiga de papel fotográfico. Uma caixinha amarelo-ouro e preto da marca Kodak, muito conhecida nos ambientes da imprensa e de boa parte da população.

Jorge Couri nos apontaria, no decorrer da conversa, que por ocasião do fechamento dos Diários na década de 1980, havia sido destituído da posse de vários bens materiais e pessoais, como máquinas e outros equipamentos

fotográficos, além de toda a sua produção, materializada em positivos e negativos. Tudo ficou preso naquele prédio onde trabalhou por décadas, agora, fechado pelo decreto de falência.

Todos os que ali trabalharam até a véspera foram informados do encerramento das atividades do jornal, da mesma forma e com a mesma surpresa que os leitores: por meio de um aviso publicado na edição derradeira daquele jornal matutino. Durante trinta dias, os profissionais dos jornais puderam circular por sua sede e Jorge aproveitou para começar a dar ordem ao material produzido por ele e seus equipamentos, mas não levou nada. Durante esse mês, os diretores dos Diários diziam aos funcionários que aquele fechamento era apenas temporário. Findo o mês, todavia, o prédio da Avenida Rio Branco foi lacrado e a entrada e trânsito de qualquer pessoa vetados, novamente sem nenhum aviso que precedesse o ato. A partir do dia do fechamento, a entrada dos funcionários estava de fato impedida e dessa vez para sempre.

O Sr. Jorge, como habituei a chamá-lo, contou como isso se deu:

– Naquele tempo, era muito comum as janelas de edição. Espaços que seriam posteriormente preenchidos por fotos enviadas por telex pelas agências dos grandes centros. Nós, os profissionais, éramos informados sobre o uso daquele espaço. Esse era o usual. Na véspera do fechamento do Jornal, existia uma dessas janelas e ninguém nos informava sobre o seu destino. O dia inteiro se perguntou e ninguém parecia saber informar sobre seu uso. A situação tornou-se incômoda. E se tornou ainda mais, quando no dia seguinte, nas bancas, os jornais traziam aquele espaço ocupado pela comunicação de encerramento das atividades. Os Jornais fecharam! Por ordem judicial, o prédio onde funcionavam suas instalações foi lacrado.

Vale ressaltar que a partir daquele momento, nenhum funcionário teve qualquer tipo de acesso ao prédio, equipamento de trabalho e até mesmo a qualquer bem, objeto, roupa, utensílios pessoais. Havia nesse momento não apenas a interrupção abrupta das atividades profissionais, mas a suspensão e interdição da vida nos seus aspectos íntimos e pessoais.

Os desdobramentos trabalhistas desse processo não foram temas de nossas conversas. Nossos encontros mantiveram o foco no encerramento das atividades e nos impactos trazidos para a sua vida, indubitavelmente modificada,

a partir dali. É de notório conhecimento que esses procedimentos se alongaram por décadas na amplitude jurídica, mas, como já dito, esse assunto não ficou estabelecido como um dos focos da discussão trazida pela pesquisa apresentada. Inspirado em Paul Ricoeur (2007), no famoso título de uma de suas obras de referência, aqui nos interessa *a História, a Memória e o Esquecimento* na vida pessoal de Jorge Couri, trazidos por esse conjunto de acontecimentos e contingências.

Mais uma vez, foi graças ao valioso auxílio dos historiadores do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora, que localizaram todo o acervo dos referidos jornais sob sua guarda e nos permitiram acesso ao mesmo e à reprodução de grande parte das fotografias do Sr. Jorge.

Voltando ao dia do encontro na Funalfa, mesmo com o fraco assentimento de Jorge após o delicado pedido da esposa, iniciamos a exibição das fotos. Ele em silêncio. Mas a esposa logo começou a interagir:

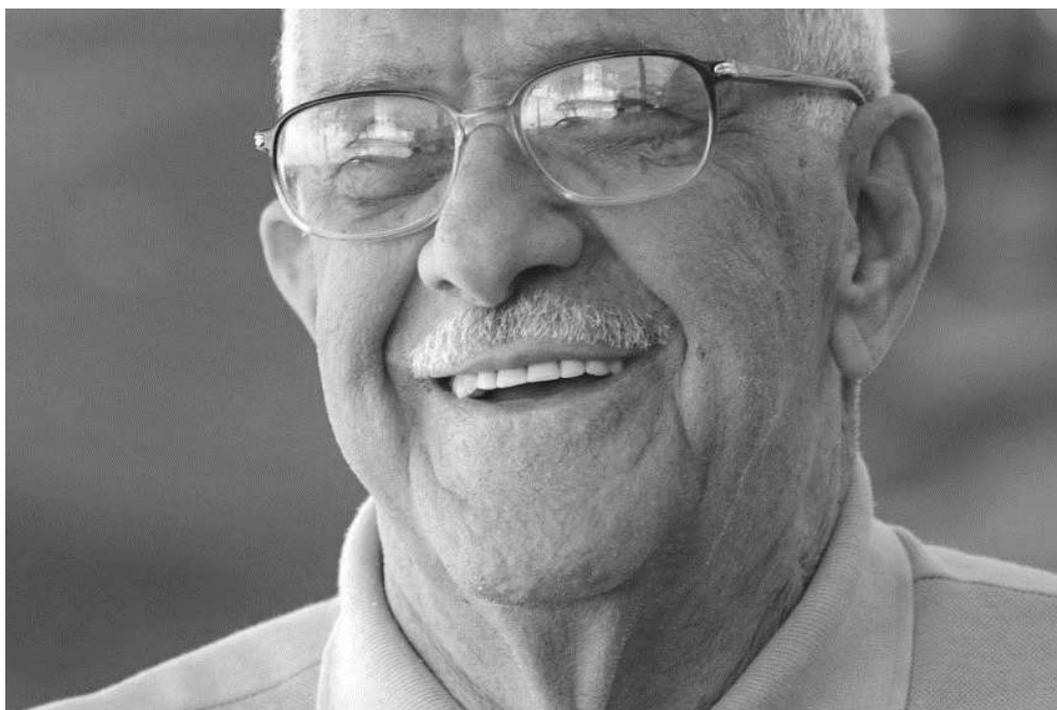
– Olha lá Jorge, o fulano; essa foto eu me lembro, foi no bar Madureira; aquele ali não é o fulano de tal?

Segui narrando mais duas ou três fotos. Foi então que o Sr. Jorge começou a responder laconicamente às perguntas que ela fazia e, num curto período, era ele quem assumia a narrativa. Não sei até hoje se intencional ou intuitivamente D. Marilda fez uma espécie de passagem de bastão e tão logo ele assumiu a narrativa das situações retratadas nas fotos, ela se calou e transferiu a ele o protagonismo da leitura das fotos naquele reencontro.

Com sua liderança na narrativa a partir daquele episódio, percebo um marco importantíssimo na virada de nosso personagem com relação ao seu trabalho, uma nova visão vai se estabelecendo gradativamente. Hoje, sem poder contar no mundo com a presença física, a memória e o testemunho dessas vivências narradas por seu próprio protagonista podem ser narradas por outros que passaram ser detentores desse saber transmitido naqueles encontros. Considero aquele momento como um marco ao qual se somam os desdobramentos ocorridos, vivenciados e trazidos de outras narrativas, do reposicionamento do Sr. Jorge com relação ao seu trabalho, sua obra, todos os aspectos de sua vida.

Esse primeiro encontro durou mais de duas horas e quando terminou, o Sr. Jorge se postou diante de mim e com os dedos indicador e médio em riste, bateu com eles em meu peito, olhando bem no fundo dos meus olhos: “Eu não queria mexer com isso, mas vocês me provocaram. Agora vocês que não têm escolha: vão ter que ir até o final.” Essa transformação do “não dito” ao agora público é inerente à memória impedida, que quando provocada, reivindica seu lugar (POLLAK, 1989). Ao findar a frase, deu uma gostosa gargalhada. Foi nítido o quanto aquilo tinha mexido com ele. O homem octogenário, que entrou naquela sala quase emburrado, saía dela com um perceptível e inegável sorriso juvenil. Revisitar o vivido, mesmo de maneira de início um tanto quanto forçada, deixou claro a reconexão do fotojornalista com sua produção com a qual não tinha mais contato e deixou revelar uma pontinha, ainda que muito pequena, da sua ligação com sua obra, assim como um pouco do orgulho profissional que só se avolumou durante o período de preparação da exposição.

Figura 20 - Jorge Couri



Fonte: Humberto Nicolone, 2011

As fotos assumiram o papel de objetos disparadores de memória, termo apropriado das orientações de Sonia Miranda, com base nas reflexões

desenvolvidas por Ecléa Bosi (2003a) e Francisco Regis Ramos (2008), que defende que certos objetos são capazes de acionar o sujeito e estabelecer conexões com suas memórias e as lembranças do vivido. Assim se deu com aquelas fotos projetadas. Moveram o Sr. Jorge do lugar do ressentimento e o colocaram à disposição para narrar sobre sua vida e os caminhos de sua produção imagética.

Enviamos à sua casa mais ou menos 400 reproduções em papel de suas fotos, umas escaneadas, outras reveladas a partir de seus negativos originais. Era no papel que ele reconhecia a si mesmo, o tempo que chamava de seu e o trabalho que desenvolveu ao longo de uma vida inteira. Era assim que suas memórias eram operadas e foi assim que a mágoa inicial, alimentada há tanto tempo, cedeu lugar ao orgulho e ao entusiasmo pela sua significativa produção jornalística e artística, o que nos faz compreender o sentido da discussão promovida por Paul Ricoeur (2005) a respeito da Memória como perdão e cura.

Jorge nasceu em Juiz de Fora, na operária Avenida Getúlio Vargas, ao que tudo indica, em um parto caseiro. Viveu aqui toda sua vida e aqui também produziu toda sua obra. Por força de ofício e gosto, se transformou em um grande conhecedor da cidade, tanto naquilo que diz respeito às suas características físicas e sua formação avançando para além do vale central, o vale do Paraibuna, como também aos seus meandros políticos e suas manifestações culturais, tanto as populares, quanto as tidas como elitizadas, bem como outros tantos aspectos da vida de Juiz de Fora, com os quais os 45 anos de vida profissional de fotojornalista o possibilitaram ou o obrigaram a ter contato.

Por que Jorge? Porque parte da história dessa cidade passou pelo filtro do olhar de Jorge Couri, porque suas fotos são geniais, porque trabalhou por mais de 45 anos como repórter fotográfico dos Diários Associados. Porque ajudou a registrar os desenhos arquitetônicos e políticos dessa cidade. Porque trabalhou muito e bem. Porque sempre se disponibilizou a ensinar o que sabia. Porque influenciou e formou muitos dos fotógrafos que ainda hoje estão na ativa. Por inúmeras outras razões que agora me fogem para aqui serem desfiladas. Hoje, olhando para trás, porque foi Jorge que, ao me dar a mão após sua

gargalhada, reforçou em mim o desejo profundo de adentrar academicamente no universo do estudo sobre Cidade, Memória e Narrativa.

Com base em nossas conversas, escolhi e ele aprovou as imagens apresentadas da exposição e do catálogo para a exposição tributo a Jorge Couri no FOTO 11. Na curadoria, meu olhar recaiu sobre os cotidianos da cidade. Cidade múltipla e desconhecida para muitos. Aquelas cidades, variações em camadas de uma cidade tida como única, mas que está longe de ser. Não existe uma cidade única, existem múltiplas (MIRANDA e PAGÈS, 2013) e as fotos de Couri auxiliam nessa constatação, pois mostram uma Juiz de Fora múltipla e plural.

Figura 21 - Flagrante da demolição conjunto arquitetônico do Colégio Stella Matutina



Acervo: Diário Mercantil – Foto Jorge Couri

É da grande e importante obra de Jorge Couri que pincei com cuidado cirúrgico as imagens apresentadas, transformando esse conjunto mínimo de um grande universo de imagens em tributo a um homem que emprestou seu olhar privilegiado e suas mãos hábeis para fotografar, de todas as formas e de todos os ângulos, Juiz de Fora e suas gentes.

Figura 22 - Construção do Edifício Stela Central e Capela do Colégio Stella Matutina ainda preservada



Acervo: Diário Mercantil – Foto Jorge Couri

A primeira reação que no início apontava para um caminho de negação e até mesmo sofrimento foi sendo gradativamente substituída por outros sentimentos. A partir daquele dia, as observações agora eram acompanhadas de brilho no olhar, que combinavam mais com alguém que tem orgulho de sua obra. Orgulho e honra de um cidadão trabalhador e honesto, já que ele se identifica muito mais como um trabalhador da fotografia do que como um artista. As memórias foram divididas com a família, que se envolveu naquele processo.

Os encontros subsequentes agora aconteceriam em sua casa, tal como ele pediu. Momentos em que lembrança, ressentimento e narrativa se encontram no olhar do tempo presente com miradas para o tempo passado (RICOEUR, 2007). As tomadas de imagens perenizadas em suas fotos são de fato os disparadores para fatos, vivências e a explicitação de suas preferências e gostos acerca de assuntos trazidos em sua narrativa longeva de uma cidade, ou, como preferimos, das múltiplas cidades que conviveram e convivem no espaço geográfico e temporal, denominado erroneamente como único.

As diversas obrigações e afazeres de um cargo burocrático, impediram-me de acompanhar as gravações dos encontros em sua casa, que foram coordenadas e realizadas pela equipe do Setor de Memória da Funalfa. Mas de nossos vários encontros e conversas informais, muito me foi repassado, alguns assuntos coincidem com as entrevistas registradas, ou coleta de depoimentos, como preferem alguns, mas muito também me foi revelado na descontração possibilitada pela ausência da parafernália tecnológica e de compromisso em produzir-se alguma coisa, tomando um cafezinho, ou mesmo em um rápido telefonema de cinco minutos.

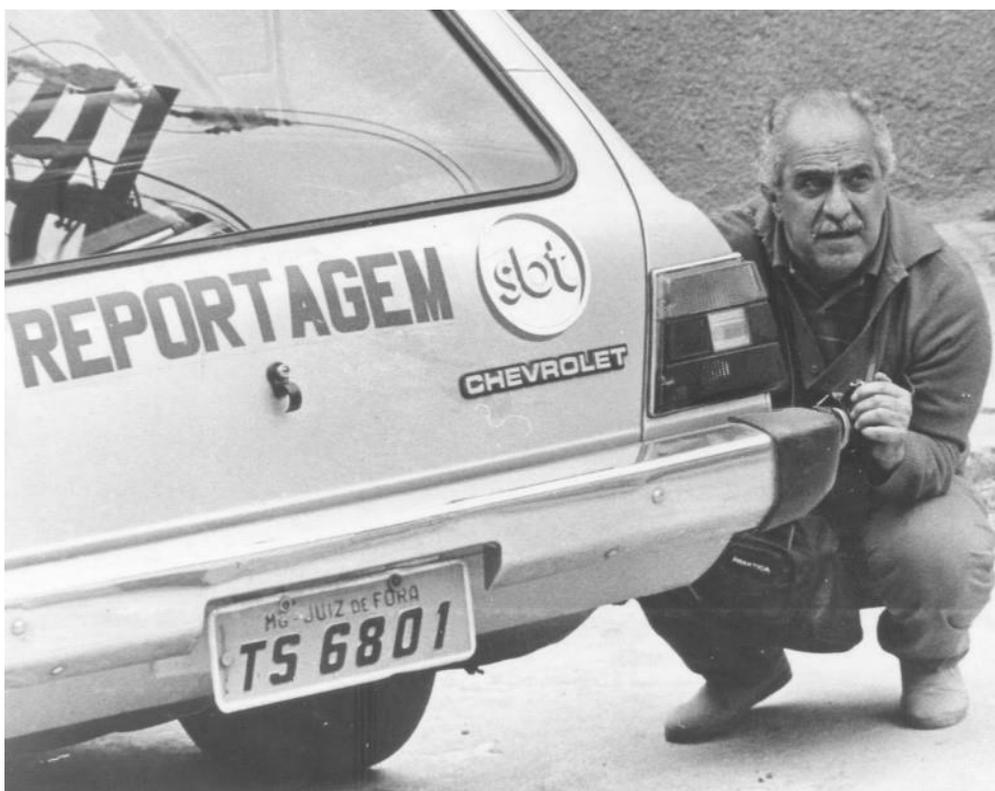
É nítida a gradativa, processual e constante transformação do olhar, da postura e das manifestações do fotógrafo. Conseqüentemente, jorrou uma narrativa abundante e rica, inundada de memória, sentimentos e marcas. De uma pequena mina d'água quebrada, muito provavelmente pelo poder intuitivo de D. Marilda, a esposa, se funda um rio, cada vez mais caudaloso e profundo, por onde navegamos com Jorge e suas lembranças por meses a fio. Para a equipe envolvida nas entrevistas e trabalho com o material físico, era nítida a transformação, a suavização e o aumento expressivo das manifestações de orgulho, empoderamento e satisfação de Jorge nesses momentos.

A partir dessas entrevistas, produzimos uma exposição bastante impactante. Na noite de abertura, estava lá, quem diria, o Sr. Jorge, de terno, gravata e acompanhado da esposa, dona Marilda, de filhos e netos, sobrinhos e conhecidos. Os parentes do núcleo mais próximo trouxeram primos e amigos, que trouxeram outros parentes e amigos. Estiveram presentes também muitos amigos de redação e admiradores de sua obra. Ele visitou aquele espaço em quase todos os dias durante o mês em que estiveram ali expostas algumas – apenas 67 – de suas milhares de fotos. A cada nova visita, sempre se fazia acompanhar por outros parentes e amigos. Trouxe gente até de outras cidades para mostrar com orgulho aquilo que fez uma vida inteira: fotografar em máquina analógica, com filme de rolo e preto e branco.

Durante os poucos anos de vida que teve após o acontecido, mandava-nos frequentes recados. Sempre dizendo sobre como foi importante aquele momento para ele e sua família. A restituição simbólica de sua obra e o reencontro com seu trabalho trouxeram a ele disposição pessoal, dignidade e

orgulho por um trabalho que passou entender como obra. Poder recontar a sua história e mostrar o seu trabalho aos seus e aos muitos outros interessados colocou aquele homem, improdutivo e recolhido, já resignado com sua fase crepuscular, em outro momento de sua vida. Agora, ele estava habitado por um sentimento de orgulho, por uma produção que considerava novamente sua.

Figura 23 - Jorge Couri se esquivando de tiros no incidente que ficou conhecido como o sequestro da Rua das Margaridas



Fonte: Acervo Diário Regional

A preparação da curadoria dessa exposição ofereceu-me uma enorme possibilidade de ter contato com o material existente produzidos por Jorge Couri e conhecer suas cenas e seu enquadramento perenizados com o auxílio dos processos fotográficos. As imagens podem ser agrupadas por temas, por época, mas de qualquer maneira, são imagens que podem ser lidas como crônicas da cidade. É uma outra narrativa possível. A narrativa produzida pelos clicks e imagens reveladas e produzidas por Jorge Couri.

Um relato do Sr. Jorge me chamou atenção em nossas conversas. Segundo ele, a polícia durante muito tempo não possuía fotógrafo para registro de cenas de crimes ou outros incidentes. Assim, eram eles, os fotógrafos dos jornais, que forneciam tanto à polícia, quanto à justiça, material fotográfico para inquéritos e processos. Dessa forma, o trabalho de registro de imagem de Jorge Couri não está presente apenas em sua crônica visual ou estampada, associada a textos jornalísticos da imprensa local, mas está também na crônica policial e na judicial, e muitas vezes ajudou a elucidar crimes e acidentes. Jorge possuía um grande círculo de relações no meio jornalístico, político e artístico e como relatado acima, era profissional respeitado e muito requisitado além de seu meio natural – ou seja, a imprensa – pela polícia e justiça.

As 67 fotos escolhidas do formato expográfico da mostra que coordenei foram escolhidas e definidas em função das longas entrevistas empiricamente organizadas e realizadas com o fotógrafo. Além disso, embora naquele momento não fosse um dos objetivos iniciais, o material gravado com aquele senhor octogenário que, como tantos, foi silenciado pelo curso dos acontecimentos e pelas explicações oficialmente oferecidas na ocasião, mostrou a força das histórias pessoais escondidas ou guardadas nos cantos das vidas dos homens e mulheres, impactados diretamente pelos acontecimentos daquele momento.

Jorge Couri diria na entrevista concedida ao Diário Regional, de 7 de janeiro de 1996:

– Se tem uma coisa que me emociona nas fotos é a presença de crianças, menores abandonadas, acidentes de trânsito. Alguns dizem que a foto da auto-escola é montada, mas não foi. Cada pauta tem uma emoção. Fotografar o Padre Pimenta no Museu Mariano Procópio foi uma emoção especial.

Figura 24 - Padre Newton Pimenta no Museu Mariano Procópio



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Sempre que perguntado sobre sua foto preferida, Jorge não hesitava: a foto da moça soltando a pomba na cerimônia de abertura das Olimpíadas Universitárias.

Figura 25 - Estudante soltando uma pomba em frente ao Edifício Club Juiz de Fora, durante a realização das Olimpíadas Universitárias



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Foi em uma dessas nossas conversas que o Sr. Jorge me contou, cheio de orgulho, como conseguiu fotografar aquele evento. Com sorriso de menino, contou-me da sua ousadia para obter os registros fotográficos do famoso “sequestro da Rua das Margaridas” (ocorrido em Juiz de Fora em 1990 e que mobilizou a mídia nacional), e ainda me disse de suas preferências: crianças, principalmente as mais pobres; os políticos e suas obras; eventos envolvendo autoridades da cidade; seu cotidiano e os lances fantásticos do futebol.

Figura 26 - Foto feita em homenagem ao Dia dos Pais



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Figura 27 - Visita de Juscelino Kubitschek a Juiz de Fora, acompanhado pelo prefeito Olavo Costa e pelo jornalista Tibério Ciampi, 1956



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Figura 28 - Prefeito Itamar Franco visita obras na cidade



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Figura 29 - Placar da eleição, Olavo eleito, 1958



Fonte: Acervo Diário Mercantil

A equipe envolvida no projeto trabalhou junto com Jorge Couri e suas memórias pessoais e, assim, acredito que esse trabalho de revelação de histórias trancadas nos nossos baús se soma a outras memórias que vão paulatinamente sendo desveladas, ajudando a fortalecer a memória coletiva da cidade.

Já a minha foto preferida é aquela que, a meu ver, traz aquilo que Jorge defendia como dever de profissão, como expressado por ele no Diário Regional, em 7 de janeiro de 1996:

– A técnica qualquer um pode aprender. Qualquer um pode. Depois não muda nada. Mas a sensibilidade é uma coisa mais importante. Quando vou cobrir uma pauta já saio pensando no trabalho que vai ter que ser feito. A função do repórter é colocar um número máximo de informações na fotografia.

A foto do casarão Fellet, entre a Rua Espírito Santo e Avenida Itamar Franco, com os prédios de quitinetes de arquitetura no mínimo questionável ao fundo. A foto retrata o contraste entre uma construção antiga e os edifícios modernos, ou melhor, novos. Esta foto recebeu menção honrosa da Câmara Municipal de Juiz de Fora, por focar a “velha” e a “nova” cidade. No meu entender, é um exemplo claro e vivo de palimpsesto (PESAVENTO, 2007), a cidade em camadas, que ao longo dos anos que seguiram à referida tomada da imagem, seguiu se desenhando. Hoje, a cena é uma ruína carcomida e cercada, alguns defendem que de forma intencional e operada, já que passados aproximadamente trinta anos, os prédios novos se tornaram ainda mais feios pela ação do tempo e dos homens. A cidade segue, para o bem e para o mal se modificando e somos testemunhas oculares disso.

Figura 30 - Foto retratando o contraste entre uma construção antiga e os edifícios modernos



Fonte: Acervo Diário Mercantil

Essa é mais uma situação em que se intensifica a percepção da força que possui o trabalho com a memória e de como ele pode indicar um caminho potente para desenvolvimento de pesquisa no campo social. Serve também para demonstrar que as entrevistas, como forma de coleta do depoimento oral, podem trazer a voz de homens e mulheres e suas ricas histórias que estão escorrendo pelas gretas de suas casas.

O mundo social possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, que podem chegar a nós pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 2003a p. 82).

Figura 31 - Idosa do Abrigo Santa Helena



Fonte: Acervo Diário Associados

Essas vozes de idosos que, assim como a Sr. Jorge, participaram ativamente da vida de sua cidade, que viveram seu cotidiano, que andaram por suas ruas, que testemunharam o aparecer e o desaparecer de prédios e referências físicas, que viveram seus costumes e hábitos, não viram suas colaborações, ainda que de forma coletiva e discreta, citadas ou enaltecidas. Os donos dessas vozes e dessas histórias podem levar embora com eles a riqueza incalculável que está assentada em suas memórias e que pode ser fundamental para uma compreensão do passado e do presente por meio de seus praticantes ordinários (CERTEAU, 2014; MIRANDA, MEDEIROS e ALMEIDA, 2016). Nos primeiros anos após o fechamento dos jornais, o destino daquelas fotografias era incerto, como relatou o fotógrafo Jorge Couri, falecido em 19 de maio de 2015. Sabe-se que a coleção esteve durante um longo tempo arquivada em uma casa da Rua Oswaldo Cruz, onde estava instalada a sucursal do “Estado de Minas”, também pertencente ao mesmo grupo. Antes da doação para o Arquivo Histórico, chegou-se a cogitar o envio do material para Belo Horizonte.

Em todo o período de convívio com a família do Sr. Jorge Couri durante a abertura da mostra e o mês subsequente em que se seguiu aquela exposição, recebi muitos cumprimentos e agradecimentos dos amigos, familiares e visitantes. Passados poucos meses, ou nem isso, um certo dia estava em minha sala me preparando para uma reunião quando fui interrompido pela Secretária da Funalfa. Ela me disse:

– Aquela Senhora, esposa do fotógrafo que você fez a exposição está aqui na sala de espera”.

Demorei alguns minutos para conectar-me ao que ela dizia. Bem, perguntei eu: “

– É a mulher do Sr. Jorge? Mas o que ela deseja?

A secretária respondeu que havia dito que eu estava saindo para uma reunião, mas que ela insistiu, dizendo que era muito importante e que não levaria mais que 5 minutos. Depois de toda aquela experiência vivida a partir da narrativa do casal eu não poderia me negar a recebê-la. Pedi à Secretária que a fizesse entrar e eu a atenderia.

Dona Marilda entrou na sala, com a sua habitual timidez e simplicidade e disse-me:

– Eu vim aqui lhe agradecer, em nome da minha família, em meu nome e em nome do Jorge.

Eu havia entendido que todos os agradecimentos já haviam sido feitos. Afinal, mais que isso, éramos nós que devíamos a eles eternos agradecimentos. Convidei dona Marilda para sentar-se e sinceramente por alguns minutos desliguei-me da ideia da reunião que deveria comparecer. Eu senti um compromisso moral de atendê-la muito bem atendida, aquela Senhora que abriu tantas portas a partir de uma fala, pequena, única, mas que teve o poder de uma vara de condão para tirar o senhor Jorge da imobilidade da fala e para dispô-lo de narrar parte de sua vida e seu trabalho.

– Eu vim aqui lhe agradecer pelo que o senhor fez pelo meu marido, mudou o viver dentro de minha casa. Antes, em minha casa o assunto do trabalho de fotógrafo, o fechamento dos jornais e tudo mais relacionado ao tema era assunto vedado. E a mínima insistência era motivo para deixá-lo emburrado,

de mau humor por mais de um dia. Então, com o tempo, fomos aprendendo que esse era um tema proibido e não se falava nisso.

Com suas palavras e gestos, D. Marilda conseguiu atingir o sentido completo da reflexão de Paul Ricoeur acerca das relações entre memória, perdão e reconciliação. Nesse caso, uma reconciliação profunda com a própria vida e seu passado que, nas palavras de Ricoeur (2005), transcende a experiência subjetiva e encontram sua inserção no mundo.

É exactamente deste modo que o trabalho de lembrança nos impele para a via do perdão, na medida em que este abre a perspectiva de uma libertação da dívida, por conversão do próprio sentido do passado. Esta acção retroactiva, do olhar intencional do futuro<sup>2</sup> sobre a apreensão do passado, encontra então um apoio crítico no esforço por contar de outra maneira e do ponto de vista do outro os acontecimentos fundadores da experiência pessoal ou comunitária, O que vale efectivamente para a memória pessoal vale também para a memória partilhada e, acrescentaria, igualmente para a História escrita pelos historiadores. (RICOEUR, 2005.p.5)

Com as conversas, a possibilidade de rever as suas fotos, a exposição, o catálogo e a maleta com aquele álbum de fotos ampliadas, Jorge se transformou em outro ser humano, hoje ao contrário, ele puxa o assunto. Ele quer falar, ele conta repetidas vezes sobre a prática e curiosidades de seu trabalho. Com suas palavras, ela expressou que se operou sobre Jorge uma espécie de cura. Ele recuperou o orgulho e a posse de seu trabalho. Contava histórias aos filhos, aos netos, aos parentes, às visitas. Se tornou menos casmurro e mais alegre, pelo menos se esse era o tema da prosa.

Ao revisitar o vivido, ao ter contato com aquela produção de que havia sido expropriado, Jorge fez as pazes com o tema e, conseqüentemente, com o passado. Não que não tenha continuado a se achar, como também aos outros colegas, desrespeitado e ultrajado, mas conseguiu recuperar o respeito por si, o contato e conseqüentemente o orgulho, por uma obra tão singular, diversa e importante.

Ao iniciar os trabalhos para a tese de doutorado, achei que deveria ter uma fala de D. Marilda, uma vez que o Sr. Jorge falecera em 19 de maio de 2015. Gostaria de ouvi-la falar sobre o depois, sobre o cotidiano da casa depois daquele nosso último e rápido encontro na Funalfa. O contato foi novamente difícil e demorado. Por fim, consegui falar com sua filha, que disse que a mãe

estava “meio” esquecida, confundindo as coisas e achava difícil uma conversa focada no meu objetivo. Seguiu dizendo:

– Têm dias que ela está melhor, lembra das coisas, conversa direitinho... aí então eu poderia lhe ligar e se tivesse disponibilidade viria aqui.

Acertamos isso e como acordado, em um dia de março de 2019, a filha me ligou e disse que a mãe estava muito bem naqueles dias e que se eu quisesse poderia receber-me no outro dia. Acertamos tudo. Consegui o apoio da Professora Marcela Lazzarini para garantir os procedimentos técnicos de registro. Às 15 horas, como agendado estávamos, lá em sua casa na Rua da Laguna, no Bairro Jardim Glória.

Fomos recebidos com café, água e deliciosos biscoitos caseiros, que não me saem da lembrança. D. Marilda corria os dedos continuamente em um pano de mesa e mantinha o olhar baixo. Sua filha, muito atenciosa, fez as apresentações e logo de início percebi que ela não me reconheceu. Dava pequenos sorrisos e emitia palavras soltas sem nenhum sentido.

Falei com Dona Marilda sobre o objetivo de minha visita. Ela me olhava e olhava para a filha.

– Ele é nosso parente? Não estou lembrando dele. – Risos sem propósito.  
– Aí, aí que engraçado isso tudo. Eu gosto de ir à missa, mas ela não me deixa ir. – Disse, apontando para a filha.

A filha negou com a cabeça e foi ficando visivelmente sem graça. Entramos em conversas banais, para não forçar a memória de Dona Marilda. Falamos do café, dos biscoitos do tempo... tentei uma nova investida e falei sobre o Sr. Jorge e ela manteve-se indiferente. Depois:

– Qual Jorge?

Percebi que se continuássemos, estaríamos cometendo uma agressão àquela senhora, que um dia foi fundamental para a abertura de um processo de rememoração. Encerramos a sessão, que na realidade foi atravessada pelas artimanhas da Memória, na dialética entre Lembranças e Esquecimentos. Despedimos delas, agradecemos e, nesse momento, D. Marilda passou a rir muito e dizer frases sem nenhum sentido. A filha desculpou-se, eu disse que não havia motivo para tal e partimos.

Passei uns bons dias impactado por aquele encontro. D. Marilda vivia um processo de demência avançadíssimo, o que a transformou de uma mulher capaz de puxar os fios da memória a alguém desconectado do vivido, com as memórias destroçadas pelo entardecer do corpo e suas capacidades físicas e psíquicas. Impossível não lembrar de minha autora de inspiração Ecléa Bosi.

Mas haverá alguém para recolher os despojos da cidade para os quais ninguém volta os olhos e o vento dispersa. Os depoimentos estão povoados de coisas perdidas que se daria de tudo para encontrar quando nos abandonam, sumindo em fundos insondáveis de armários ou nas fendas do assoalho, e nos deixam à sua procura pelo resto da vida. (BOSI, 2003a, p. 29)

A memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O Tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. Existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido. (BOSI, 2003a, p. 53)

## **CENA 2 – Sob o leque da Memória: Cora Coralina entre limiares de vida, tempo e condição humana**

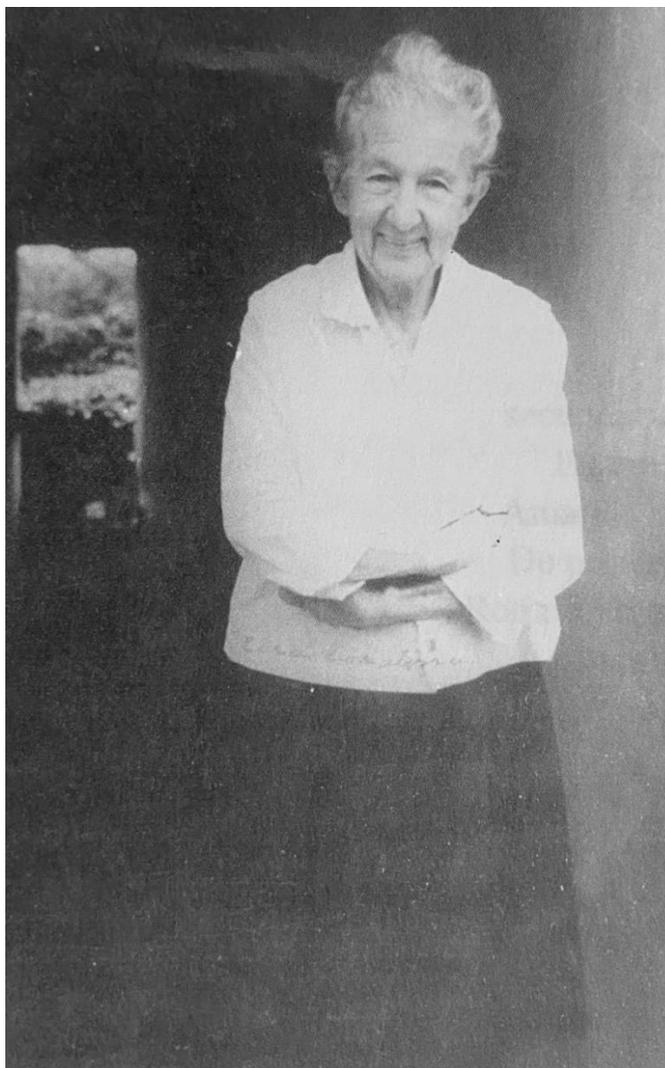
“Em um sonho vi-me no gabinete de trabalho de Goethe. Não tinha semelhança nenhuma com o de Weimar. Antes de tudo, era muito pequeno e tinha só uma janela. À parede defronte a ela encostava-se a mesa de escrever pelo seu lado estreito. Diante dela estava sentado, escrevendo, o poeta em avançadíssima idade. Mantive-me ao lado, quando ele se interrompeu e me deu de presente um pequeno vaso, um vasilhame antigo. Girei-o nas mãos. Um monstruoso calor reinava no aposento. Goethe levantou-se e entrou comigo no cômodo ao lado, onde uma longa mesa estava posta para a minha parentela. Parecia, porém, calculada para muito mais pessoas do que esta contava. Sem dúvida, estava posta também para os antepassados. À extremidade direita, tomei lugar ao lado de Goethe. Quando a refeição tinha terminado, ele se levantou pensosamente e com um gesto pedi permissão para ampará-lo. Quando toquei seu cotovelo, comecei a chorar de emoção” – Walter Benjamin

Eu pesquisava os velhos e suas narrativas do vivido na cidade. Parei. Não tinha mais condições. Não tinha a capacidade nem de escrita e tampouco de leitura. Uma página era o suficiente para deixar-me exausto. A leitura acadêmica de ensaios, teses, artigos e livros de autores de referência era impossível naqueles dias limiares. No final de uma página, não sabia o que havia lido na primeira linha. Fiquei imobilizado. Mas o ócio era prejudicial não só à minha capacidade produtiva, como também ao meu ânimo para a vida. Não lia, não escrevia. Eu não conseguia, e já me preparava para despedir-me do sonho e desejo de uma vida: ser doutor em educação, um título para um exercício profissional de décadas, compromissado e sério. Mas a vida se apresenta. E para mim, naquele momento, não da melhor forma. Oh, Meu Deus! Foram momentos difíceis. O mal-estar constante não permitia minha continuidade. Pensar academicamente, ler, escrever, manter interlocuções era impossível.

Gosto de ler, queria ler. Pensei comigo: vou experimentar ler um poema. Havia em minha casa uma coleção de livros de Cora Coralina e com ela resolvi começar. Além disso, o pouco que já havia lido daquela autora de Goiás me permitiu perceber a beleza literária de sua obra e o jogo de palavras bem elaborado. Aquilo me alegrava a alma. No início, lia pelo menos um poema por dia. Ao longo do processo, isso foi avolumando-se. Li um, veio o segundo, lia sem nenhum compromisso um, dois, no máximo três poemas por dia. Veio um final de semana em que me sentia melhor, então li um livro. Era um livrinho pequeno, pequenininho mesmo, com poucos poemas, mas era um livro e, para

aquele momento, uma primeira pequena vitória. Os poemas que lia por capricho do destino eram de uma velha, de uma mulher de vida bem longa, morta aos 95 anos. De poema em poema, li sua obra inteira, que é curta, mas que me chegou por inteiro. Meu ânimo para lutar foi melhorando. Li três biografias, vasculhei a internet, ali li textos e matérias de jornais sobre aquela mulher que insistia em conversar comigo. Comecei a imaginar que minha escrita em torno dela poderia, quiçá, em um futuro aberto, se converter em obra teatral. Por que não unir, então, o exercício do Teatro que me constitui como pessoa à tarefa acadêmica de finalizar uma tese de doutorado? Desenhava-se para mim, entre a responsabilidade e o prazer, a pergunta essencial grávida de novos desejos de vida.

Figura 32 - Cora Coralina na porta da Casa Velha da Ponte, década de 1950, Goiás



Fonte: Coleção particular de Rita Elisa Seda

Ana Lins dos Guimarães Peixoto nasceu em Goiás Velho do segundo casamento de sua mãe, Jacinta Luíza do Couto Brandão, também conhecida como Senhora, com o doutor Francisco Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador nomeado pelo presidente para atuar naquela província. Por ocasião do casamento, o doutor Francisco adquiriu da família materna de Ana a Casa da Ponte, referência na vida e na obra de Ana Lins Guimarães, ou como mais tarde será conhecida, Cora Coralina. O pai de Ana era 43 anos mais velho que sua mãe e faleceu dois meses após o seu nascimento. A inexistência de pecúlios ou pensão para viúvas e famílias naquela época deixou Ana e sua família com poucos recursos para manutenção e sobrevivência. Para aprofundar ainda mais a crise, as dívidas contraídas por sua mãe para o casamento da primeira irmã levaram a família efetivamente à bancarrota. Contudo, um casamento de família tradicional em Goiás não poderia acontecer sem grande pompa e circunstância, seguido de grande festa, assim, mesmo sem recursos, foi realizado o casamento que obrigou Jacinta e suas filhas a deixarem a Casa da Ponte para que seu aluguel pudesse auxiliar no pagamento das contas e elas se transferissem para a Fazenda Paraíso, que pertencia ao avô de Ana. Ali, ao menos teriam farta alimentação, provida de frutas, verduras, legumes, ovos e leite, e não teriam gastos com a casa. Esse deslocamento somado à aposentadoria da velha mestra fez com que ela frequentasse a escola por apenas dois anos de toda sua vida. A cultura erudita e popular adquirida pela moça Ana se deu pelo seu gosto e hábito constante de leitura. Lia tudo o que lhe caía às mãos e isso se tornou hábito de uma vida inteira.

Ana sempre foi tida como uma menina chorona, fraca, de pernas bambas, feia, desengonçada e tudo isso era creditado ao fato de ser filha de um homem velho. O nome Ana foi escolhido por sua avó, muito devota de Sant'Anna, que era também padroeira da cidade. Por esse motivo, existiam inúmeras Anas em Goiás Velho. Mais tarde, como nos revela Cora, eram Anitas, Aninhas, Anicas, Nicotas, mas todas Anas.

#### MINHA INFÂNCIA

Cresci filha sem pai,  
Secundária na turma das irmãs.  
Eu era triste, nervosa e feia.

Amarela de rosto empapuçado.  
 De pernas moles, caindo à toa.  
 Retrato vivo de um velho doente.  
 Indesejável entre as irmãs.  
 Sem carinho da mãe.  
 (CORALINA, 1988)

Como os personagens de Pirandello na peça teatral “Seis Personagens a Procura de Um Autor” (2004), ela se apresentava a mim para sugerir, sem cerimônia, ser voz em minha pesquisa. Cedi ao canto da sereia e perguntei em voz alta<sup>2</sup>: Quem é? Eu, quase esquizofrênico, ouvi outra pergunta, como resposta: Quer que comece do início? Segui o diálogo: o início pode ser um bom começo, buscando uma suave piada para puxar o fio do novelo. Para o meu espanto, a conversa não parou e Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que se fez Cora Coralina, me contou que está toda revelada nos seus livros, absolutamente autobiográficos, que conseguiu publicar após seus 75 anos. Conte o vivido, seguiu ela, era isso que me motivava, tentei mas não consegui escrever monitorada pela gramática. Li muito, muita coisa, de todos os gêneros, e ainda gosto das letras formando palavras, as palavras as frases, essas quando se aglutinam, formando páginas e capítulos e livros e revistas. Gosto! Quando as uso, as palavras, não para ler, mas para escrever, gosto de contar à vida o que aconteceu ali perto de mim, sempre jogando com as letras e as palavras. Foi a abundância de leitura, sempre, desde muito cedo, que me formou, porque de escola, só tive dois anos com a velha mestra Silvina. Altiva, contou em um belo jogo de palavras o início de sua vida em “Villa boa de Goyaz”.

#### MENINA MAL AMADA

Fui levada à escola mal completados cinco anos.

---

<sup>2</sup> Seguindo uma inspiração anteriormente pautada por Sonia Regina Miranda em sua tese de doutorado “Sob o Signo da Memória” (2007), lancei mão de uma decisão estética para a forma escrita desse diálogo imaginário, que não passará pela norma usual de apresentação do texto entre aspas e travessões, bem como pela utilização de espaços que dão reconhecimento visual à condição dialógica. Diferentemente disso, a opção aqui foi a de diferenciar a voz imaginária de Cora Coralina por meio de outro tipo gráfico dentro do corpo do texto, no caso, o tipo Bookman Old Style. Desse modo, as escritas do texto da tese, bem como as citações literais de textos da própria Cora, apresentados em suas obras ou de outrem, seguirão o padrão do tipo Arial e as respectivas normas da ABNT para citação. Já a fala indireta de Cora, imaginada, por assim dizer, no exercício dessa escrita, será grafadas nesse outro tipo, com o objetivo de produzir um movimento no texto capaz de elucidar a relação entre análise, narração e imaginação.

Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado,  
 menina abobada, rejeitada.  
 Ao nascer frustrei as esperanças de minha mãe.  
 Ela já tinha duas filhas, do primeiro e do segundo casamento  
 com meu Pai.  
 Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu Pai  
 desenganado pelos médicos.  
 Era justo seu desejo de um filho homem  
 e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada  
 com minha figura molenga, fontinelas abertas em todo crânio.  
 Retrato vivo do velho doente, diziam todos.  
 Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.  
 Venci vagorosamente o desamor, a decepção de minha mãe.  
 Valeu e muito minha madrinha de carregar – Mãe Didi.

(...)

Enquanto ia crescendo. Lá pelo terreiro,  
 suja, desnuda, sem carinho, descuidada, sempre aos trambolhões  
 com minhas pernas moles.  
 Ganhei até mesmo um apelido entre outros, perna mole, pandorga,  
 chorona, manhosa.

(...)

Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa,  
 malina.  
 Escola difícil. Dificuldade de aprender.  
 Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente.  
 meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.  
 Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...  
 Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.  
 Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto  
 para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.  
 Ele nomeado, Juiz de Direito.  
 Vamos ver, agora, como faz a Coralina...  
 Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,  
 alto lá! Francesa.  
 Passei a ser detraquê, devo dizer, isto na família.  
 A família se limitava. Jamais um pequeno estímulo.  
 Somente minha bisavó e tia Nhorita.  
 Vou contando.

Minha mãe, muito viúva, isolava-se no seu mundo de frustrações,  
 ligada maternalmente à caçula do seu terceiro casamento.  
 Eu, perna mole, pandorga, moleira, vencendo sozinha as etapas  
 destes primeiros tempos. Afinal, paramos no detraquê.

Tudo isso aumentava minha solidão e eu me fechava, circunscrita  
 no meu mundo de faz de conta...  
 E vamos trabalhar no pesado. Não ganhar pecha de moça romântica,  
 que em Goiás não achava casamento.  
 Tinha medo de ficar moça velha sem casar.  
 Me apegava demais com Santo Antônio, Santa Anna, padroeira de  
 Goiás.  
 Minha madrinha para as dificuldades da vida

Em casa ganhei umas admoestações sensatas.

A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,  
 e me valeu a biquinha d'água, o alívio à minha mão escaldada.  
 Ao meu soluçar respondia a casa: "é pra servir o seu bem, pra ocê aprender,  
 senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão."  
 Sei que todo castigo que me davam era para meu bem.  
 Eu não sabia que bem seria este representado por bolos na mão,  
 chineladas e reprimendas, sentada de castigo com carta de ABC na mão.  
 O bem que eu entendia era a bolacha que me dava minha bisavó  
 e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita.  
 Estes, estravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma noção.

Fui menina chorona, enjoada, moleirona.  
 Depois, inzoneira, malina.  
 Depois, exibida. Detraquê.  
 Até em francês eu fui marcada.  
 Sim, que aquela gente do passado,  
 tinha sempre à mão o seu francês.

Se soubesse viver, no fim te sentirás feliz.  
 Envelhecer é entrar no reino da grande Paz.  
 Serenidade maior.  
 Olhar para frente e para trás,  
 e dizer: dever cumprido.  
 maratona da vida.

O que mais se pode na vida desejar?...  
 Sentada na margem do caminho percorrido,  
 Ver os que passam, ansiosos, correndo, tropeçando.  
 E dizer baixinho:  
 Corri tanto quando você.  
 E você se quedará, um dia, como eu.

A certeza de ter vivido e vencido a maratona da vida.

No Passado  
 Tanta coisa me faltou.  
 Tanta coisa desejei sem alcançar.  
 Hoje, nada me falta,  
 me faltando sempre o que não tive.

Era eu uma pobre menina mal amada.  
 Frustrai as esperanças de minha mãe, desde o meu nascimento.  
 Ela esperava e desejava um filho homem, vendo meu pai doente irreversível.  
 Em vez, nasceu aquela que se chamaria Aninha.  
 Duas criaturas idosas me deram seus carinhos:  
 Minha bisavó e minha tia Nhorita.  
 Minha bisavó me acudia quando das chineladas cruéis da minha mãe.  
 No mais, eu devia ser, hoje reconheço, menina enjoada, enfadando  
 as jovens da casa e elas se vingavam da minha presença aborrecida,  
 me pirraçando, explorando meu atraso mental, me fazendo chorar  
 e levar queixas doloridas para a mãe  
 que perdida no seu mundo de leitura e negócios não dava atenção.

Quem punia por Aninha era mesmo minha bisavó.  
Me ensinava as coisas, corrigia paciente meus mal feitos de criança  
e exortava minhas irmãs a me aceitarem.

Era nesse tempo, amarela, de olhos empapuçados, lábios  
descorados.  
Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam:  
"Cieiro."

Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.  
Não me deixavam participar de seus brinquedos.  
Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o  
braço  
no ombro e segredava: "Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro  
e pega na gente."  
Eu ia atrás, batida, enxotada.  
Infância... Daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...  
Infância... Hoje, será.  
(CORALINA, 1987a)

A infância de Ana foi marcada por um profundo sentimento de rejeição, pois a não ser por sua bisavó e por uma tia velha, agregada da casa, não se sentia querida por ninguém. Ana se transforma em Aninha, uma das personas poéticas daquela que mais tarde ficará conhecida em todo o país como Cora Coralina. Percebo duas personas poéticas distinguidas por duas formas distintas de se apresentarem. Há um conjunto de poemas bem destacado em sua obra dos quais Aninha é o centro da narrativa. Suas roupas, feita com aproveitamento de tecidos velhos das roupas desmanchadas da avó, sempre em tons escuros, sem muito formato, a faziam sentir-se ainda mais feia na visão que já tinha de si. O relato em tempo real e os escritos com reminiscências da menina feia, mal-amada, jogada, mal tratada, são claros, Aninha viveu em um mundo à parte. Solitária, ignorada e desprezada pelas pessoas, mas interagindo com as águas, as pedras, as folhas, os pequenos animais, como as formigas e joaninhas.

A Outra persona é Cora Coralina, que de falso só tinha o nome. Não era um personagem ou heterônimo, como no caso de Fernando Pessoa, Cora é Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, real e verdadeira, revelando-se em cada verso, em cada estrofe, em cada frase em se tratando de prosa. Cora Coralina reafirmou a mim que apesar de todas as elucubrações existentes para explicação do nome escolhido por ela, significa simplesmente "Coração Vermelho". Quando Carlos Drummond de Andrade escreveu um texto sobre ela, após ler um de seus livros que havia chegado às suas mãos, Cora agradeceu em carta os elogios, mas não deixou de retrucar o grande poeta sobre a

explicação que trouxe para o seu... não sei se poderíamos chamar de pseudônimo.

#### CORA CORALINA DE GOIÁS

Este nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina.

Cora Coralina, tão gostoso pronunciar esse nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de Dona Janaína moderna.

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás, mais do que o governador, as excelências, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada.

Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária.

(...)

“Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece. Sou o cocho abastecido donde rumina o gado. Sou a pobreza vegetal agradecida a vós, Senhor.”

Assim é Cora Coralina: um ser geral, “coração inumerável”, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher da vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto da família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha a sua ligação com usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução:

(...)

Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Não estou fazendo comercial de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecia dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios.

Cora Coralina, uma admirável brasileira. Ela mesma se define: “Mulher sertaneja, livre turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo.” Opõe à morte “aleluias festivas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária”.

Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza, como no verso de *Bandeira*.

(ANDRADE, 1980)

Era aquele mesmo Drummond cujo poema “(In) Memória”, anos atrás, eu chamara de meu para sempre, sob a mediação de Júnia Sales. Drummond me reaparece nesse mergulho no limiar da vida, estando eu nesse entrelugar de

escafandrista e escavador. Eu me assento em frente ao meu computador para seguir a escrita do trabalho da tese. Penso: passou “a viagem” daquela conversa impossível. Arregaço as mangas e me preparo para lutar drummonianamente com as palavras, afinal, como disse o poeta sobre as palavras “(...) são muitas, eu pouco...” (2015).

Eis que sinto uma presença, olho de soslaio e percebo Cora, sentada em uma cadeira que tenho em minha sala de estudos. Cora Coralina, xale nas costas, as muletas inseparáveis, vestido simples de pano simples, enfim Cora, sem dúvida. Indagou: o moço ainda permanece interessado nos meus narrados? Claro que sim! Respondi sem pestanejar. Ela aprumou-se na cadeira, ajeitou o xale, postou as mãos unidas sobre uma das pernas, respirou profundamente e disse: Ainda sobre o nome Cora Coralina, que só significa, reafirmo, coração vermelho, e como sempre fui vaidosa de meus escritos, morava em uma cidade com infinitas Anas, não queria de nenhuma forma que qualquer linha minha pudesse ser creditada a uma qualquer dessas múltiplas Anas. Sendo Cora Coralina, do coração vermelho, isso me distingue, me torna única e, assim, nenhuma Ana poderá ter a ela creditada uma trovinha minha que seja, ou tampouco poderá usurpá-la.

Pois bem, meu caro, a vida não era fácil naqueles tempos bicudos. A abolição da escravatura, término, ou tentativa disso, daquela vergonha nacional, levou naquelas terras de Goiás muitos fazendeiros à bancarrota. Meu avô foi um deles, continua a me contar Cora. Os negócios já não iam bem e a impossibilidade de pagar salários pelos serviços antes exercidos pelos escravos levou ao declínio total e trouxe a pobreza para vir morar conosco. Não pense o senhor que estou aqui defendendo a continuidade da escravidão, correu a explicar, aliás, por mim ela seria inexistente em todos os tempos. Defendo o homem livre, dono do seu pensar e seu agir e, principalmente, do fruto do seu trabalho. Mas como vejo, gosta de minha fala e eu gosto da sua escuta, vou seguir a lhe falar.

#### MOINHO DO TEMPO

Pé de meia sempre vazio.  
Vazios os armários  
Seus mistérios desmentidos.

Fechaduras arreventadas, arrancadas.  
 Velhas gavetas de antigas  
 mesas de austeras salas vazias.  
 Os lavrados que guardavam,  
 vendidos, empenhados,  
 sem retorno.  
 As velhas gavetas  
 guardam sempre um refugio de coisas  
 que se agarram às casas velhas e acabam mesmo nos monturos.  
 As velhas gavetas  
 têm um cheiro nojento de barata.

(...)

E a gente se apegava aos santos,  
 tão distantes...

Rezava. Rezava, pedia, prometia...  
 O tempo foi passando,  
 os santos, cansados, enfatiados  
 economizando os milagres do passado

(...)

A pobreza em toda volta, a luta obscura  
 de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho,  
 fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar.  
 Aceso sempre o forno de barro.  
 As quitandas de salvação, carreando pelos taboleiros  
 os abençoados vinténs, tão valedores, indispensáveis.  
 Eram as costuras trabalhadas,  
 os desfiados, os crivos pacientes.  
 A reforma do velho, o aproveitamento dos retalhos.  
 Os bordados caprichados, os remendos instituídos,  
 os cerzidos pacientes...  
 Tudo economizado, aproveitado.  
 Tudo ajudava a pobreza daquela classe média, coagida, forçada  
 a manter as aparências de decência, compostura, preconceito,  
 sustentáculos da pobreza disfarçada.  
 Classe média do após treze (13) de maio.  
 Geração ponte, eu fui, posso contar.

Hoje sobrará para todos mil cruzeiros.  
 Me faltando sempre o vintém da infância. Bem por isso  
 mandei fazer um broche de um vintém de cobre  
 e preguei no meu vestido do lado do coração

(...)

Meu vintém de cobre! Arrebentar todas as amarras  
 e contenções represadas.  
 Meu vintém! está comigo nestas páginas de escrever.  
 (CORALINA, 1987a)

Ela acabou me convencendo afinal que sua obra é integralmente  
 autobiográfica e suas falas em forma de poemas ou prosa foram me levando,

sem que eu percebesse a princípio, de volta ao meu tema de pesquisa, afinal, ela morreu aos 95 anos e publicou o primeiro livro aos 75, muito embora tenha escrito a vida inteira. Era uma outra mulher de vida longa me contando a sua história de forma diferente, através de uma obra literária publicada e reconhecida. Eu não poderia entrevistá-la como fiz com as mulheres que foram sujeitos de minha pesquisa, mas poderia usar, pensei eu, seus escritos como resposta às supostas perguntas que eu, em tempo oportuno ou imaginário, poderia ter-lhe feito ou ainda vir a fazer. Afinal, como uma forma de espelho para o mundo, a Literatura é isso: um horizonte sem fim de possibilidades, novas perguntas e novos diálogos com o tempo. Sem perceber, estava retornando o entusiasmo com meu trabalho interrompido. Fui gradativamente associando suas ideias aos autores já lidos, aos temas já debatidos, e assim ganhei ânimo e fôlego para retornar ao processo acadêmico. Após quase um ano de interrupção, voltei ao grupo de pesquisa Cronos<sup>3</sup>, ainda dividido pela possibilidade ou não de vir a terminar minha tese. Ao narrar aos meus colegas de grupo, o entusiasmo que há muito não me habitava, percebi que Cora foi a chave que abriu a porta para que eu pudesse voltar. Cora e a poesia me salvaram de uma submersão em profundidade e da falta de estímulo para continuar a viver e produzir. Voltar a produzir e pensar academicamente deu-me novo ânimo de vida. Cora, antes pensada como ilustração poética para as páginas de meu trabalho, me convenceu a ter um espaço maior. Em nossas conversas, cada vez mais constantes, convenceu-me: virou voz, ganhou espaço nobre de uma sessão do trabalho inteiramente dedicada a ela, inteiramente dedicado à sua vida e obra. Não teve jeito. Ao sussurrar seus poemas em meus ouvidos, ela deixava-me sem argumentos para não deixá-la entrar.

#### OFERTAS DE ANINHA (AOS MOÇOS)

Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo  
muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.  
Não desistir da luta.  
Recomeçar na derrota.  
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos.

---

<sup>3</sup> Grupo de pesquisa ligado à faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, criado pela prof. Dra. Sonia Regina Miranda, do qual faço parte desde 2008.

Ser otimista.

Creio numa força imanente  
que vai ligando a família humana  
numa corrente luminosa  
de fraternidade universal.  
Creio na solidariedade humana.  
Creio na superação dos erros  
e angústias do presente.

Acredito nos moços.  
Exalto sua confiança,  
generosidade e idealismo.  
Creio nos milagres da ciência  
e na descoberta de uma profilaxia  
futura dos erros e violências  
do presente.

Aprendi que mais vale lutar  
do que recolher dinheiro fácil.  
Antes acreditar do que duvidar.  
(CORALINA, 1987a)

Fugindo de qualquer tom piegas, os quais odeio, tenho que confessar que Cora me deu a mão. E que mão! Puxou-me do fundo, içou-me para uma possibilidade de produzir com encantamento, que por sinal é a maneira única pela qual sei fazer. Cora foi a chave e foi a mão forte, como eram de fato as suas, capaz de erguer-me e impulsionar-me em uma nova trilha de produção.

#### ESTAS MÃOS

Olha para estas mãos  
de mulher roceira,  
esforçadas mãos cavouqueiras.

Pesadas, de falanges curtas,  
sem trato e sem carinho.  
Ossudas e grosseiras.

Mãos que jamais calçaram luvas.  
Nunca para elas o brilho dos anéis.  
Minha pequenina aliança.  
Um dia o chamado heroico emocionante:  
– Dei Ouro para o Bem de São Paulo.

Mãos que varreram e cozinham.  
Lavaram e estenderam  
roupas nos varais.  
Pouparam e remendaram.  
Mãos domésticas e remendonas.

Íntimas da economia,  
do arroz e do feijão  
da sua casa.

Do tacho de cobre.  
Da panela de barro.

Da acha de lenha.  
Da cinza da fomalha.  
Que encestavam o velho barreiro  
e faziam sabão.

Minhas mãos doceiras...  
Jamais ociosas.  
Fecundas. Imensas e ocupadas.  
Mãos laboriosas.  
Abertas sempre para dar,  
ajudar, unir e abençoar.

Mãos de semeador...  
Afeitas à sementeira do trabalho.  
Minhas mãos raízes  
Procurando a terra.  
Semeando sempre.  
Jamais para elas  
os júbilos da colheita.

Mãos tenazes e obtusas,  
feridas na remoção de pedras e tropeços,  
quebrando as arestas da vida.

Mãos alavancas  
na escava de construções inconclusas.

Mãos pequenas e curtas de mulher  
que nunca encontrou nada na vida.  
Caminheira de uma longa estrada.  
Sempre a caminhar.  
Sozinha a procurar,  
o ângulo prometido,  
a pedra rejeitada.  
(CORALINA, 1987b)

Eu não poderia recusar essas mãos transmitindo-me força e estímulo. Cora foi a mão que me puxou, a chave que abriu a porta trancada de minha adorada e desejada pesquisa para o doutoramento, foi também os óculos que me possibilitaram mirá-la e enxergar a conexão de sua obra com meu trabalho, pensar que a ele, além de honrar-me com sua presença, traria relevância e beleza. Cora é a confirmação da importância das narrativas de velhos, como já intuía eu, a partir das inspirações de Walter Benjamim e confirmações de Ecléa Bosi. Benjamin, em sua afirmação assertiva de que tudo que é vivido pertence à história, nem sequer deixar dúvida sobre essa convicção, que agora também é minha e de outros do nosso bloco. É ele próprio que, em sua segunda tese sobre o conceito de História, nos convoca a pensar que

a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, fomos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente". (BENJAMIN, 1987a, p. 223)

Não foi impunemente que eu acolhi aquela voz que se fazia presença e força em minhas construções. Benjamin me autorizava o movimento de imaginar em meio à narração temporal. Com ele, seus intercessores contemporâneos que seguem explorando seus escritos abertos no tempo nos levam a compreender que

a história é aberta, inacabada, nem pela teoria "materialista" ou "científica" do progresso, nem pela visão triunfalista dos vencedores, mas pode e deve ser contada de outra forma, e cabe a nós dar-lhe outro sentido. (GAGNEBIN, 2018, p. 80)

Pouco a pouco me dei conta também da dimensão universal das proposições de Benjamin, de sua importância para compreender – "do ponto de vista dos vencidos" – não só a história das classes oprimidas, mas também a da mulheres – a metade da humanidade - , dos judeus, dos ciganos, dos índios das Américas, dos curdos, dos negros, das minorias sexuais, isto é, dos párias - no sentido que Hanna Arendt dava a este termo – de todas as épocas e de todos os continentes. (LÖWY, 2005, p.39)

Assim, comecei a perceber que havia elos mais profundos do que eu poderia supor à primeira vista entre os escritos de Cora e os de Benjamin.

Existem alguns equívocos, quase que generalizados, sobre Cora Coralina e sua história. A ideia, por exemplo, de que foi sempre uma mulher doceira, moradora de Goiás Velho e que no final da vida, em seu momento crepuscular, passou a escrever e publicar poesias é mentirosa. A verdade é bem ao contrário. Cora escreveu a vida inteira, mesmo que sempre, ou quase sempre, tenha sido desestimulada pelos familiares e pela própria população local, que em sua juventude produziu o boato de que por trás de Cora, haveria um homem escrevendo por ela, pois não acreditavam que uma mulher, e principalmente uma mulher jovem, com histórico de aluna ruim, fosse capaz de escrever com tanta profundidade e beleza.

Cora viveu em Goiás Velho até os 23 anos, de onde uma noite saiu fugida e grávida com o companheiro com quem não poderia formalizar um casamento legal, pois ele era separado e não existia, ainda nessa época, os institutos do desquite e muito menos o divórcio. Poderíamos dizer que essas circunstâncias são completamente atípicas para as primeiras décadas do século XX, mas assim se deram. Por décadas, Cora não voltou a sua cidade natal. Durante 45 anos, viveu em várias cidades do interior do estado de São Paulo, praticamente a metade de sua vida. Cora é de Goiás, mas é do mundo. Intervinha e participava ativamente em sua cidade em todos os seus acontecimentos, efemérides e festejos quando ainda habitava aquela charmosa cidade no Planalto Central do país. Cora, além de ter participado ativamente da vida pública, seja em instâncias políticas, sociais, religiosas ou em associações com os fins mais diversos em todas as cidades por onde passou, interferiu também em suas configurações físicas, plantando árvores e flores por onde passava, participando de ações de caridade, assistindo os desvalidos, além de sempre, é claro, ter colaborado com sua escrita nos jornais locais de todas essas cidades. Cora Coralina foi uma mulher que interagiu com o espaço e a vida nas cidades que habitou, afetou e por elas foi afetada, as cidades. Nunca passou despercebida ou anônima por uma cidade, seja naquelas já com características de metrópole, como São Paulo, seja nas minúsculas outras urbes por onde passou e até mesmo pela cidade que ajudou a fundar, Andradina, no oeste paulista.

A primeira cidade em que Cora morou com Cantídio Bretas, seu marido, embora não casados oficialmente, foi São Paulo. Foi uma estadia rápida, em uma pensão familiar, moradia provisória, até que resolvessem em qual cidade do interior se instalariam para fazer a vida e criar família.

Cora outra vez se manifesta:

As novidades são festa para os meus olhos, diz ela. São Paulo tem luz elétrica nas ruas desde 1872, quando os lampiões de gás foram abandonados. As casas também. A água na pensão corre pelos canos, levada para uma casa de banho comum a todos os hóspedes. Há água quente para o banho: nos fogões à lenha existem serpentinas por onde a água passa e fica aquecida. Ainda existem latrinas fora, no quintal, mas dona Piedade conta que já estão sendo instaladas dentro das casas, com descarga de água que leva a sujeira para fossas ou para o cano dos esgotos que passam enterrados nas ruas. Na pensão, tão logo possam, vão mandar instalar (TAHAN, 2002, p.115).

Cantídio, continua Cora, em suas conversas masculinas no Largo de São Francisco, com homens de seu conhecimento, amigos de São Paulo, recebeu e aceitou a sugestão de Jabuticabal. Mudança arrumada e em poucos dias, seguimos para o destino escolhido. Nesta cidade, Jabuticabal, vivemos longos anos, ali nasceram nossos filhos, prosperamos. A cidade era conhecida por suas rosas, espalhadas por todas as partes.

Eu nunca fui mulher de ficar parada, de não participar das coisas. Logo que soube que existia na cidade uma associação de caridade e atenção aos muito pobres, fui até lá e me associei a eles. Com esse meu jeito imperativo e entrão, logo já havia assumido posição de destaque na associação. Resolvi também criar uma chácara para produção de mudas de rosas para a venda e para vender também as próprias rosas. Apesar das reclamações constantes de Cantídio, deu certo. Minha irmã veio passar um tempo conosco em Jabuticabal e acabou se casando por lá. Ali teve seu filho e também se fixou.

#### JABUTICABAL II

Cafezal.  
Canavial.  
Algadoal.  
Laranjal.  
Rosal. Roseiral.  
Cidade das Rosas.  
Terra de meus filhos  
onde fiz meu duro  
aprendizado da vida  
e relembro sempre  
amigos e vizinhos  
incomparáveis.

Para eles esta página  
de humilde gratidão.  
(CORALINA, 1987b)

Com os meninos virando jovens, Jabuticabal não oferecia oportunidade para que avançassem nos estudos e, depois de anos de discussão entre o casal sobre a necessidade dessa mudança, a família mudou-se para São Paulo, onde as oportunidades de bons colégios seriam melhores para todos os filhos. Mas Cantídio, que já estava com escritório montado em Salto Grande, continuaria por

lá, onde ficou muito bem. Isso fez com que viajassem bastante para ver a família instalada em São Paulo.

Em 1932, o estado de São Paulo encabeçava uma luta pelo estabelecimento e respeito a uma Constituição, em uma reação frente à quebra de sua hegemonia construída desde a República Velha em face dos novos arranjos políticos derivados da chamada Revolução de 1930. Conhecida canonicamente como Revolução Constitucionalista, em São Paulo chamavam-na de Guerra. Grande parte da população simpatizou-se com a causa e ajudou a uniformizar e armar seus soldados. As mulheres doaram ouro pela causa. Cora doou sua aliancinha, porque afinal, como ela já disse, seus dedos nunca foram para anéis, nem seu corpo para joias.

Esse foi um momento que ficou marcado na memória coletiva e pessoal dos Paulistas. No livro de Ecléa Bosi (1994) “Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos”, todos seus entrevistados falam do episódio de 1932 e a memória deles difere daquilo que a história oficial registrou. Para os paulistas (pelo menos em sua maioria) eles ganharam “a guerra” e os livros de História registrariam “injustiçadamente” um cenário de derrota. Não é meu propósito nessa tese enveredar pelo complexo debate historiográfico acerca daquele evento que segue plasmando o ideal de “superioridade paulista” como uma espécie de narrativa quase que de mito fundacional, mas o fato é que na guerra discursiva que se instala na cena do debate em torno do que entra e o que sai da História oficial, encontramos seu equivalente também nas memórias das pessoas comuns.

Cora, no seu canto em minha sala, dá um suspiro profundo e diz: a partir dali a vida mudou muito. Em 1933, recebi uma carta de minha mãe, da Senhora Jacintha, que conta da mudança da capital de Goiás para Goiânia, cidade projetada para ser sede do governo por Pedro Ludovico, governador do Estado. Minha mãe não se conforma, como muita gente que não aceitava sua Goiás passada para trás.

É o fim de nossa cidade, muita gente se mudando: os funcionários públicos, os aventureiros que acham que ali vão fazer grandes negócios, com grandes lucros. Todo mundo desprezando seu berço, indo em busca do incerto. Não sei como Goiás sobreviverá! A inauguração foi 24 de outubro, não vou esquecer este dia e nem este ano. A data que minha cidade morreu (TAHAN, 2002, p.160).

Em 1934, Cantídio adoece e morre. A dor pela perda do marido é grande. Mas o momento não é para lágrimas. Cora precisa conter sua dor e ser prática. Afinal, agora já não pode contar mais com ele para ajudá-la na formação dos filhos. Cora resolve abrir uma pensão e, com o dinheiro advindo do negócio e renda dos aluguéis dos imóveis, manteria a casa e os filhos que ainda dependiam dela. É bom que se lembre que estamos aqui a falar da década de 1930, quando as viúvas e os dependentes ainda não tinham direito a pecúlio ou pensão, conquistas históricas derivadas do amplo processo de construção da seguridade social no país, tema hoje sob amplo ataque e destruição.

Percebe-se que Cora não faz quase nenhuma referência ao marido em suas obras e desvia do assunto nas palestras e entrevistas. É claro que na análise de uma narrativa esse mutismo nos diz muito. Há uma obra biográfica, memorial, na qual um marido de 25 anos de convivência não é lembrado, um silêncio cheio de significados para a compreensão da narrativa.

Fitou-me no fundo dos olhos e disse: eu escolho o que lembro e enalteço, e também escolho aquilo que é melhor esquecer e foi-se.

Por muitas vezes ao longo da vida, Cora foi nomeada como uma mulher à frente de seu tempo. Porém, em um comentário pessoal, a poeta narra que um amigo certa vez lhe disse que em qualquer tempo ela seria uma mulher à frente de seu tempo (BRITTO; SEDA, 2009). Cora escreve sobre a vida, sobre os acontecimentos vividos, sobre o cotidiano das casas que habitou, sobre as cidades por onde passou e suas peculiaridades e características, tanto físicas quanto pessoais. Cora fala de pessoas, Cora é ecológica, fala de sua forma especial de ver o mundo, em uma narrativa autobiográfica e na verdade se mostra uma mulher de visão avançada, mas uma mulher de seu tempo, pois preza certos hábitos e costumes muito mais do que os modismos e transformações que rompem com costumes de um mundo estabelecido. Sua vida está narrada em sua obra, nos poemas e contos que escreveu durante toda a vida. Afinal, como dito, Cora Coralina – ou Aninha – sempre escreveu e sempre lutou para ser publicada. Não é uma poeta bissexta tão pouco, uma mulher que se dedica a escrever no final da vida. Como já redundantemente repetido, Cora escreveu a vida inteira, mas só publicou na velhice. O poema “Ressalva” poderia

ser dito sobre qualquer um de seus livros. Aqui Cora fala de si na terceira pessoa, mas consegue deixar claro que é uma mulher falando de si mesma.

Este livro foi escrito  
por uma mulher  
que no tarde da Vida  
recria e poetiza sua própria  
Vida.

Este livro  
foi escrito por uma mulher  
que fez a escalada da  
Montanha da Vida  
removendo pedras  
e plantando flores.

Este livro:  
Versos... Não  
Poesia... Não.  
um modo diferente de contar velhas estórias.  
(CORALINA, 1988)

Após a morte do marido, Cora e a família moraram em São Paulo por uns anos, ali os filhos foram se encaminhando. Cora teve 6 filhos, sendo que 2 morreram ainda bebês. Ela ainda criou desde muito pequena a filha de Cantídio com uma mulher de origem indígena, com a qual ele viveu amasiado após o término de seu casamento. Todos os filhos de Cora e Cantídio nasceram em Jaboticabal.

A vida, como antecipou Cora, mudou muito e outros rumos foram sendo indicados para os membros da família. A primeira filha, de nome Paraguassu, já estava casada quando o pai morreu. Logo teve filhos. Bretinhas o único dos homens que sobreviveu, foi para o Colégio Militar em Realengo, no Rio de Janeiro. Os outros seguiram com a mãe. Mas com o passar do tempo, também foram adequando aos seus caminhos e Cora ficou sozinha.

Percebo que sem a sua presença, minha escrita ficou dura, sem prazer. Queria saber trazê-la de volta. Mas tnhosa, como foi em vida, só vem quando quer. Antes conversava com seus poemas em seus livros, mas depois que ouvi sua voz, percebi seus maneirismos, isso ficou tão sem graça. Estava sozinho, pensei cá com os meus botões, de louco ninguém poderia acusar-me. Então lancei uma pergunta em voz alta. Cora, quem é você? Nada! Repeti a pergunta abaixando a cabeça junto ao teclado do computador: Cora, quem é você? Ouvi

sua voz: Quer mesmo saber, moço fuçador da vida de velho? Vou lhe responder então com um poema de minha lavra.

CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ?

Sou mulher como outra qualquer.  
Venho do século passado  
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra  
Entre serras e morros.  
“Longe de todos os lugares”.  
Numa cidade de onde levaram  
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram  
a minha infância e adolescência.

Aos meus anseios respondiam  
as escarpas agrestes.  
E eu fechada dentro  
da imensa serrania  
que se azulava na distância  
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria  
O vôo nas asas impossíveis  
do sonho.

Venho do século passado.  
Pertencço a uma geração  
ponte, entre a libertação  
dos escravos e o trabalhador livre.  
Entre a monarquia  
caída e a república  
que se instalava.

Todo o ranço do passado era  
presente.  
A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.  
Os castigos corporais.  
Nas casas. Nas escolas.  
Nos quartéis e nas roças.  
A criança não tinha vez,  
Os adultos eram sádicos  
aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já  
havia ensinado uma geração  
antes da minha.  
Os métodos de ensino eram  
antiquados e aprendi as letras  
em livros superados de que  
ninguém mais fala.

Nunca os algarismos me  
entraram no entendimento.

De certo pela pobreza que marcaria  
Para sempre minha vida.  
Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do  
que intelectual,  
não escrevo jamais de forma  
consciente e racionada, e sim  
impelida por um impulso incontrolável.  
Sendo assim, tenho a  
consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas, o meio,  
o tempo, as criaturas e fatores  
outros, contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira  
do que escritora, sendo a culinária  
a mais nobre de todas as Artes:  
objetiva, concreta, jamais abstrata  
a que está ligada à vida e  
à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.  
Sempre houve na família, senão uma  
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada  
a essa minha tendência inata.  
Talvez, por tudo isso e muito mais,  
sinta dentro de mim, no fundo dos meus  
reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.  
Sobrevivi, me recompondo aos  
bocados, à dura compreensão dos  
rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.  
Preconceitos de cor e de família.  
Preconceitos econômicos.  
Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me suplementou  
as deficiências da escola primária  
que outras o destino não me deu.

Foi assim que cheguei a este livro  
Sem referências a mencionar.

Nenhum primeiro prêmio.  
Nenhum segundo lugar.

Nem Menção Honrosa.  
Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha  
poesia arrancada aos pedaços  
do fundo da minha sensibilidade,  
e este anseio:  
procuro superar todos os dias  
Minha própria personalidade  
renovada,

despedaçando dentro de mim  
tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante  
que levanta os fracos  
e determina os fortes.

Quem sentirá a Vida  
destas páginas...  
Gerações que hão de vir  
de gerações que vão nascer.  
(CORALINA, 1987b)

As marcas da vida estão bem impregnadas na poeta. É perceptível que o poema foi escrito por alguém de larga experiência e que, durante seus muitos anos de vida, essas experiências experimentadas foram criando sentido e ela seguiu colhendo e armazenando sabedoria.

Cora retomou a palavra e interrompeu a sequência de meu pensamento. Mas não sou só isso, não sou só eu, também sou o outro, como disse o poeta português, provavelmente referindo-se a Fernando Pessoa, que em muitas de suas obras nos traz essa questão. Experimentei-me na pele de outras mulheres possuidoras de outros saberes e outras vivências. Bom, seguiu ela com sua postura altiva, é disso que sei falar, moço investigador, sei falar de mim, das minhas dores e alegrias, do que observo das paisagens e da natureza e das diferença que existem na vida dos homens e das mulheres que percebo ao meu redor. Assim, com anos de observação do mundo sem auxílio de lupa ou luneta, pude ver detalhes do mundo, que em verso transformei.

#### TODAS AS VIDAS

Vive dentro de mim  
uma cabocla velha  
de mau-olhado,  
acocorada ao pé do borralho,  
olhando pra o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
a lavadeira do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.

Rodilha de pano.  
 Trouxa de roupa,  
 pedra de anil.  
 Sua coroa verde de São-Caetano.

Vive dentro de mim  
 a mulher cozinheira.  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem feito.  
 Panela de barro.  
 Taipa de lenha.  
 Cozinha antiga  
 toda pretinha.  
 Bem cacheada de picumã.  
 Pedra pontuda.  
 Cumbuco de coco.  
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim  
 a mulher do povo.  
 Bem proletária.  
 Bem linguaruda,  
 desabusada, sem preconceitos,  
 de casca-grossa,  
 de chinelinha,  
 e filharada.

Vive dentro de mim  
 a mulher roceira.  
 – Enxerto da terra,  
 meio casmurra.  
 Trabalhadeira.  
 Madrugadeira.  
 Analfabeta.  
 De pé no chão.  
 Bem parideira.  
 Bem criadeira.  
 Seus doze filhos,  
 Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
 a mulher da vida.  
 Minha irmãzinha...  
 tão desprezada,  
 tão murmurada...  
 Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:  
 Na minha vida –  
 a vida mera das obscuras.  
 (CORALINA, 1988)

#### MINHA CIDADE

Goiás, minha cidade...  
 Eu sou aquela amorosa  
 de tuas ruas estreitas,  
 curtas,  
 indecisas,

entrando,  
saindo  
uma das outras.  
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher  
que ficou velha,  
esquecida,  
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,  
contando estórias,  
fazendo adivinhação.  
Cantando teu passado.  
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas  
e sobrados  
e telhados  
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro  
verde de avencas  
onde se debruça  
um antigo jasmineiro,  
cheiroso  
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas  
encostadas  
cochichando umas com as outras.  
Eu sou a ramada  
dessas árvores,  
sem nome e sem valia,  
sem flores e sem frutos,  
de que gostam  
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule  
dessas trepadeiras sem classe,  
nascidas na frincha das pedras:  
Bravias.  
Renitentes.  
Indomáveis.  
Cortadas.  
Maltratadas.  
Pisadas.  
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,  
revestidos,  
enflorados,  
lascados a machado,  
lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo.  
Pastados.  
Calcinados  
e renascidos.  
Minha vida,  
meus sentidos,

minha estética,  
todas as vibrações  
de minha sensibilidade de mulher,  
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia  
da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.  
(CORALINA, 1988)

Mas vive também dentro de mim Aninha com suas lembranças de um passado triste, de uma infância muito amarga, eu não me senti querida na vida. E sei que isso me marcou para sempre e modificou em mim os meus afetos e minhas manifestações de carinho e amor. O que veio para suavizar a minha vida foram meus filhos, os quais adoro. Amo. Mas aquela infância doída me tornou dura, mulher mais para carregar pedra do que para distribuir amor.

#### VINTÉM DE COBRE

Eu vestia um antigo mandrião  
de uma saia velha de minha bisavó.  
Eu vestia um timão feio  
de pedaços, de restos de baeta.

Vintém de cobre:  
ainda o vejo  
ainda o sinto  
ainda o tenho  
na mão fechada.

Vintém de cobre:  
dinheiro antigo.  
Moeda escura,  
recolhida, desusada.  
Feia, triste, pesada.

Eu tinha um timão de restos de baeta.  
Eu tinha um mandrião de uma sai velha  
de minha bisavó.

Vintém de cobre:  
ainda o vejo  
ainda o sinto  
ainda o tenho  
na mão fechada.  
Moeda triste,  
escura, pesada,  
da minha infância,  
da casa pobre.  
(CORALINA, 1988)

#### RIO VERMELHO

Longe do Rio Vermelho.  
 Fora da Serra Dourada.  
 Distante desta cidade,  
 não sou nada, minha gente.

(...)

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...  
 Rio que se afunda debaixo das pontes.  
 Que se reparte nas pedras.  
 Que se alarga nos remansos.  
 Esteira de lambaris.  
 Peixe cascudo nas locas.

(...)

Rio, santo milagroso.  
 Padroeiro que guarda e zela  
 a saúde da minha gente,  
 da minha antiga cidade largada.  
 Rio de lavadeiras lavando roupa.  
 De meninos lavando o corpo.  
 De potes se enchendo d'água.  
 E quem já ficou doente da água do rio?  
 Quem já teve ferida braba, febre malina,  
 pereba, sarna ou coceira?

(...)

Rio Vermelho – meu rio.  
 Rio que atravessei um dia  
 (Altas horas. Mortas horas.)  
 há cem anos...  
 Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha  
 todo dia, de manhã,  
 tomo a bênção do rio:  
 – “Rio Vermelho, meu avozinho,  
 dá sua bença pra mim...”  
 (CORALINA, 1988)

Os dois iniciam a falar juntos. Eu digo a ela: pode falar a senhora primeiro. Não! Fale o senhor. Sou de Goiás, mulher de muita conversa. Como já viu, se engato a marcha da fala, é difícil me fazer parar. Gosto de prostrar. Ela, que até aquele momento desde sua nova chegada permanecia de pé e bem empinadinha, sentou-se naquela cadeira da qual tomou posse em sua passagem por minha casa. Fale o senhor, insistiu, já acomodada na cadeira. Eu cocei a cabeça e ergui minhas imensas sobancelhas. Essas manifestações não chegam ser um cacoete, mas são bem comuns no meu cotidiano, quem me conhece sabe. Eu ia pedir que a senhora ficasse mais em minha companhia. Essa sensação alucinógena me colocava em uma situação de prazer. Quero

perguntar-lhe tantas coisas, saber do que os livros não contam. Não tenho muito mais tempo, mas para mais uns dedos de prosa posso sim permanecer. Eu gosto de me contar e o senhor gosta de me ouvir. Associemos nossos gostos e sigamos na conversa.

Quando a senhora volta para Goiás? Antes de minha volta, que foi pensada como rápida e temporária, ainda morei em mais duas cidades paulistas: Penápolis e Andradina, essa última, ajudei a tirar do chão. Ficava no oeste Paulista, ali fui lojista, dona de pensão, sitiante, até candidata a vereadora. Perdi, é claro, naqueles tempos não era de bom tom e nem bem visto que mulher se metesse em política. Mas quando vinham autoridades de fora, como o Governador, era eu a chamada para apresentar nossas querências e combater os argumentos fajutos que nos apresentavam.

Eu já havia há um bom tempo sido nomeada testamenteira da herança da velha Casa da Ponte e ia procrastinando minha volta à Goiás. Isso envolvia muitos herdeiros e muitos pensamentos diferentes. Até que não houve jeito, o Juiz da comarca intimou-me a comparecer em Goiás para assumir minha função. Deixei o sítio aos cuidados de meu funcionário e disse que em dias estaria de volta. Qual o que? Após 45 anos de ausência, quando pisei naquelas pedras, respirei aquele ar, ouvi o tintilar do correr das águas do Rio Vermelho... fui sendo puxada por uma força involuntária para a ponte do Rio Vermelho.

#### RIO VERMELHO

Longe do Rio Vermelho.  
Fora da Serra Dourada.  
Distante desta cidade,  
não sou nada, minha gente.  
(...)

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...  
Rio que se afunda debaixo das pontes.  
Que se reparte nas pedras.  
Que se alarga nos remansos.  
Esteira de lambaris.  
Peixe cascudo nas locas.

(...)  
Rio, santo milagroso.

Padroeiro que guarda e zela  
 a saúde da minha gente,  
 da minha antiga cidade largada.  
 Rio de lavadeiras lavando roupa.  
 De meninos lavando o corpo.  
 De potes se enchendo d'água.  
 E quem já ficou doente da água do rio?  
 Quem já teve ferida braba, febre malina,  
 pereba, sarna ou coceira?  
 (...)

Rio Vermelho – meu rio.  
 Rio que atravessei um dia  
 (Altas horas. Mortas horas.)  
 há cem anos...  
 Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha  
 todo dia, de manhã,  
 tomo a bênção do rio:  
 – “Rio Vermelho, meu avozinho,  
 dá sua bença pra mim...”  
 (CORALINA, 1988)

O senhor que tudo quer saber, sobre meu olhar pra o vivido na velhice, saiba que concluí que esse de fato era o meu lugar. E muitas coisas foram voltando junto comigo, as reminiscências de Aninha, que com as lembranças do vivido, ganhou vida própria. Passei a escrever a partir dali como duas personas: Aninha e Cora Coralina. Duas escritas distintas, dois conjuntos de temas diferentes. Me dirigi à velha Casa da Ponte. A encontrei deserta e mal-cuidada, cavucada. Tomei posse da casa e ali passei a morar, fiz alguns remendos que a tornassem habitável e fiquei, mesmo com as goteiras, parte do assoalho quebrado, outra destruída pelos impiedosos cupins, fiquei. Dei ordens para que em Andradina vendessem tudo que eu possuía e em Goiás, “vestida de cabelos brancos” fiquei para viver o resto de minha vida por ali.

Precisava de sustento, eu não tinha ganho. Matutei, matutei e inventei de fazer doces, que logo ganharam fama. Até o Papa Paulo VI deles comeu. Fiz e vendi doces por vinte anos. Com o dinheiro que possuía e com o que poupei, depois de muito tempo e muita demanda consegui, comprar as partes de todos os herdeiros da velha dirigi à velha Casa da Ponte, me tornei sua única dona. Sonho realizado. Ali vivi com muita simplicidade e dignidade até o fim de meus dias.

Mas o senhor não sabe de verdade o que é a minha cidade de Goiás. Afinal, só quem nasce e vive ali sabe. Os forasteiros podem até gostar, mas não compreendem tudo que em mais de duzentos anos aquela cidade traduz.

Aninha morava dentro de mim, mas quando em Goiás, pulou para fora. Com suas lembranças, ganhou vida própria e viveu a correr pelos becos de Goiás, a pisar as pedras e molhar-se nas águas do Rio Vermelho. Aninha reviveu em Goiás.

#### LUCROS E PERDAS

Eu nasci num tempo antigo,  
muito velho,  
muito velhinho, velhíssimo.

II

Fui menina de cabelos compridos  
trançados, repuxados, amarrados com tiras de pano.  
Minha mãe não podia comprar fita.  
Tinha vestidos compridos  
de babado e barra redobrada  
(não fosse eu crescer e o vestido ficar perdido).  
Minha bisavó, setenta anos mais velha  
do que eu, costurava meus vestidos.  
Vestido 'pregado'.

Sabe lá o que era isso?

A humilhação da menina  
botando seios, vestindo  
vestido pregado...

Tinha outros: os mandriões,  
figurinos da minha bisavó.

III

Fui menina do tempo antigo.  
Comandado pelos velhos:  
Barbados, bigodudos, dogmáticos —  
botavam cerco na mocidade.  
Vigilantes fiscalizavam,  
louvavam, censuravam.  
Censores acatados. Ouvidos.  
Conspícuos.

Felizmente, palavra morta.

VI

A gente era tão original  
e os velhos não deixavam.  
Não davam trégua.  
Havia um gabarito estatuído decimal  
e certa régua reguladora  
de medidas exatas:  
a rotina, o bom comportamento,  
parecer com velhos,  
ter atitudes de ancião.

V

Fui moça desse tempo.  
 Tive meus muitos censores  
 intra e extra-lar.  
 Botaram-me o cerco.  
 Juntavam-se, revelavam-se  
 incansáveis. Boa gente.  
 Queriam me salvar.  
 VI  
 Revendo o passado,  
 balanceando a vida...  
 No acervo do perdido,  
 no tanto do ganhado  
 está escriturado:  
 ” — Perdas e danos, meus acertos.  
 — Lucros, meus erros.  
 Daí a falta de sinceridade nos meus versos”.  
 (CORALINA, 1987b)

Depois de declamar esse belíssimo poema na persona de Aninha, Cora, aproximando-se um pouco, segredou-me: Não conta pra ninguém?

Não! Se assim me pede, assim farei, respondi eu.

NÃO CONTE PRA NINGUÉM  
 Eu sou a velha  
 mais bonita de Goiás.  
 Namoro a lua.  
 Namoro as estrelas.  
 Me dou bem  
 com o rio Vermelho.  
 Tenho segredo  
 com os morros  
 que não é de adivinhá.

(...)

Já bebi água do rio  
 na concha da minha mão.  
 Fui velha quando era moça.  
 Tenho a idade de meus versos.  
 Acho que assim fica bem.  
 Sou velha namoradeira.  
 Lancei a rede na lua,  
 ando catando as estrelas.  
 (CORALINA, 1987b)

Não posso mais ficar. Quem sabe um dia essa magia aconteça novamente e possamos prostrar mais e mais, o senhor não “ouviu da missa um terço”. Tanta coisa eu tenho pra contar. Eu sei, disse eu olhando para ela. Cora também me olhou e anunciou: quero lhe dar um presente, Coisa simples de gente sem posses, como eu sempre fui. Tirou da bolsa que trazia consigo um envelope bonito. Lindo! São textos meus que

ajudarão a compreender aquilo que o tempo que tenho não me permite narrar de própria voz, mas sei que vão ajudá-lo a descobrir alguma coisa que não saiba sobre o meu viver. Eu, emocionado, peguei aquele pacote fino, de um tom de verde misturado com azul, que lembrava águas. Para mim, que como Cora, nunca gostou de ouro em seu corpo, nem tampouco deu valor a joias, aquele envelope, mesmo desconhecendo o teor de seu conteúdo, valia para como um tesouro. E era. E é.

Entregou-me o envelope e colocou-se em posição de partida. Arrisquei: há ainda há tempo para uma pergunta? Se for breve. É verdade que você deixou pronta sua lápide já escrita e pronta para ser fixada em seu túmulo quando morresse? Sim. E por quê? Simplesmente porque não desejava que nenhum intelectual nariz empinado ou um político mau caráter escrevesse besteiras e tolices sobre mim.

MEU EPITÁFIO  
Morta...serei árvore  
serei tronco, serei fronde  
e minhas raízes  
enlaçadas às de meu berço  
são cordas que brotam de uma lira

Enfeitei de folhas verdes  
a pedra de meu túmulo  
num simbolismo  
de vida vegetal.

Não morre aquele  
que deixou na terra  
a melodia do seu cântico  
na música de seus versos.  
(CORALINA, 1987b)

Ah, ainda me disse Cora, antes de partir para sempre, também o fiz porque sou atrevida e não gosto que ninguém resolva nada por mim. Virou-se em direção à porta e saiu. Nunca mais a vi.

Esse fato aconteceu verdadeiramente. Não sei como, mas se deu. Não sou dado a drogas, não sou maluco beleza, não bebo nada além do social... talvez possa ser efeito da quimioterapia, quem sabe. Na época das fortes dosagens, eu tinha uns sonhos tão loucos, de tempos e lugares misturados... luzes das antigas discotecas da minha juventude. Talvez apenas a efervescência da inspiração benjaminiana. Assim como permanecia enorme o desejo de dar

sequência à minha pesquisa, como tinha muita vontade escrever e não dava conta de fazê-lo, quem sabe tudo isso junto não me levou para esse lugar, para essa conversa tão real ou, melhor dizendo, tão plausível, quando consideramos os meandros da Memória.

Ao abrir o envelope, deparei com lindas páginas coloridas em tons suaves e um papel bom de tocar com a ponta dos dedos. Tinha um cartão a parte que trazia o seguinte escrito: Algumas coisas me ligam a Goiás e explicam o porquê de mesmo sozinha, longe dos filhos, dos netos, de qualquer parente, continuei ali, produtiva até o último dia de minha vida. Trabalhei a vida toda.

#### DAS PEDRAS

Ajuntei todas as pedras  
 Que vieram sobre mim  
 Levantei uma escada muito alta  
 E no alto subi  
 Teci um tapete floreado  
 E no sonho me perdi  
 Uma estrada,  
 Um leito,  
 Uma casa,  
 Um companheiro,  
 Tudo de pedra  
 Entre pedras  
 Cresceu a minha poesia  
 Minha vida...  
 Quebrando pedras  
 E plantando flores  
 Entre pedras que me esmagavam  
 Levantei a pedra rude dos meus versos.  
 (CORALINA, 1987b)

Não sei em ordem de importância o que vem na frente, o Rio Vermelho e suas águas a acarinhar meus ouvidos durante todas as noites, a partir do som produzido de seu correr entre as pedras, ou a velha Casa da Ponte, que já era velha quando eu nasci, hoje tem mais de duzentos anos, talvez estejam empatados Rio e Casa. Outras coisas me predem ao espaço dessa cidade, resolver os dilemas de minha infância sofrida e largada; os becos de minha cidade, característica fundante de sua existência; as muletas, que me permitiram andar por Goiás, depois do tombo que tomei no porão de minha querida casa. Querido Antônio (não gosto muito de apelidos), deixo a você, como presente, esses textos,

eles me revelam como todos os outros que escrevi. Tenho consciência de uma obra autobiográfica. Faça deles o uso que quiser, são públicos e quanto mais pessoas souberem que eles existem, mais feliz eu estarei. Mexa comigo, brinque com minha obra, ponha-a de ponta cabeça e por favor descubra coisas que estão escondidas nas entrelinhas, ainda não de todo entendido. Eu vou gostar.

Abri os textos e agora os compartilho, apropriando-me dos escritos indicados pela autora, fazendo uso daquilo que me foi dado ainda que em sonho: o meu tesouro.

#### RIO VERMELHO

Goiás tem um rio que a recorta, dividindo a cidade em duas partes iguais. É um antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas em cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta.

Nasci nas margens desse doce rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estrando os sonhos da minha fantasia. As águas sempre correntes, sempre apressadas, quando passavam pela velha casa onde nasci, iam mais vagarosas, mais lentas e contavam-me longas e formosíssimas histórias das margens por onde andavam, dos bosques onde refletiram a verde roupagem das árvores, do ignoto donde vinham e do desconhecido para onde iam, cantando e falando, falando e correndo sempre...

E eu ficava longas e compridas horas, olhando pasmada para essas águas que corriam, corriam sem nunca se deterem, sem nunca se cansarem, atenta para essas histórias de maravilhas e de sonhos que só eu ouvia. Nas noites de abril, quando o luar vem lavar nas águas a alvura de seus véus e a cidade dorme e sonha sob um vasto coradouro de linhos e cambraias. Nas noites escuras, em que as águas espelham a verde luz do verde olhar dos astros, o rio tem estremecimentos humanos e repercute longínquo a abemolada surdina das serenatas distantes...

Pelas cheias, quando as chuvas lentas e monótonas fazem os dias goianos úmidos e tristonhos, a água do rio toma cor de sangue do seu nome e num coro de vozes formidandas entoa um cantochão funéreo e grave.

Troncos arrancados, galharadas verdes onde fremiram asas e balouçaram ninhos, detritos, resíduos, escórias e sedimentos, as águas encachoeiradas lavam e arrastam com violenta fúria...

Depois, a vazante; o rio, no comprimento de seu leito, recai na acalmia do ordinário curso.

As águas voltam a correr compassivas e mansas com a mesma feiticeira mansidão que embalou e deu asas aos sonhos de minha adolescência.

Meus ouvidos ouvem sempre a voz amiga, oh!, águas longínquas de minha terra, sempre a correr, sempre a cantar coleando as margens, dormitando um instante na tranquilidade profunda do remanso, despenhando-se das pedras, vencendo as distâncias, afloradas de largas folhas de taioba e nenúfares verdes, ecoando nas noites de

verão a coral sinfonia dos sapos e das rãs que moram no recôncavo das tuas pedras!..

Depois, oh!, rio, de espelhares as pontes, refletires os cais que marginam e estreitam e as casas que comprimem e apertam, além, já longe, amplias e cresces, bebendo fogo sôfrego os regatos e córregos humildes que encontras no teu curso, até que, afinal, tu mesmo, grande, enorme, volumoso, entras, te ajustas, confundindo-te para sempre nas águas vastas, ermas e azuis do mais belo dos rios, do desconhecido e maravilhoso Araguaia.

Longe de ti, oh!, Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiciosa e sedativa que despertou complacente as ilusões de minha adolescência...

Oh! Águas antigas e tranquilas! corríveis, corríveis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar, fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos.

Oh!, água feiticeira, cúmplices do meu grande infortúnio lavai uma vez, na tua piedosa cheia, os sedimentos e resíduos da minha dorida amargura...

Longe, longe, junto à casa onde nasci, passais aligeiradas, correndo e cantando, falando e contando sempre as lendas de Anhanguera e as lendas de Goiá.

Rio abaixo, ao abandono, boiou e rodou, perdendo-se para sempre, a teia emaranhada de meus sonhos mortos...

Na minha alma, hoje, também corre um rio, um longo e silencioso rio de lágrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que há de ir subindo, subindo sempre, até afogar e submergir na tua profundez sombria a intensidade da minha dor!...

(CORALINA, 2001)

#### CÂNTICO DA VOLTA

Velha casa de Goiás. Acolhedora e amiga, recende a coisas antigas de gente boa.

Vem de dentro um cheiro familiar de jasmims, resedá e calda grossa – doce de figo ou caju.

Um tacho de cobre areado referve numa trempe de pedras. Uma braçada de lenha e gravetos acende o fogo ancestral.

A “porta do meio”, com sua aldrava de palmatória, sempre cerrada, como no tempo das Sinhás-Moças. A “porta da rua”, sempre aberta, num corredor de lajes largas e polidas pelo piso das gerações.

A cidade-mãe nem me surpreendeu, nem me desencantou.

Conservada, firme, bem empostada, tem recatos de mistério, tem feitiço de prender.

Valiosa e interessante essa madeirama pesada que escravos lavraram e estas pedras manuseadas por gente rude e estes muros e beirais anacrônicos.

Relembra Bandeiras e minerações passadas. Muita lenda de ouro remanescente, que os antigos enterravam na espessura dos paredões socados. achados empolgantes, buscas sugestivas, atrações singulares e assombrações, de permeio, criando um rico folclore local. Sombras do passado deslizam pelas ruas estreitas e curtas, quebradas em ângulos imprevistos, abrindo-se em largos de simetria obsoleta.

Vou identificando os da minha geração e encarando de frente e inquirindo de perto os que sabem mais que eu.

A cidade bicentenária, assentada sobre pedras, sobre pedras se apruma e se sustenta.

Soldadas suas casas, paredes com paredes, portas com portas; agrupadas e unidas, num esforço tenaz e expressivo de apoio e coordenado defensiva.

Sentiu com altivez o tremendo impacto da mudança. Não se despovoou nem se desagregou com a grande expolição.

No seu progresso atual, sente-se um novo sentido de ajustamento, solidariedade e união dos outros que ficaram, se impondo com dignidade ao respeito e admiração dos que partiram.

Sobrevive aqui, ainda e sempre, o mesmo determinismo histórico que fez viver e florescer, dentro desta muralha de serras e rodeada destas águas vivas, uma autêntica civilização que, no enluramento de dois séculos, considerou um dia madura e apta para ser mudada, sem se esfalecer, deixando ainda, para os pósteros, raízes fortes e sementes fecundas.

Goiânia! O grande milagre de Goiás e da gente goiana!

Quarenta anos decorridos!

Outros tantos que iniciei o retorno, numa migração inconsciente e obscura, tenaz e muda, tendo a Serra Dourada como sigla, os morros por roteiro e as arestas da vida me demorando os passos; e sobretudo, e acima de tudo, o chamado ritual, agudo e poderoso da terra.

A vestal vigilante da minha saudade sempre conservou acesa a candeia votiva da ternura pelo meu duro berço de pedras.

Os morros verdes parece que vestiram para mim galas vegetais; festivo o azul lavado dos ares, e no meu cansado coração, uma festa maior: – A festa da Volta às Origens da Vida.

Plena Semana Santa.

A riqueza cromática dos sinos veste a cidade de uma velha mística religiosa, sonora e vaga, a que as procissões e andores de Dolorosas dão vida e cor.

A cidade lendária me toma nos braços, me enlaça e prende. Euforia, levitação...

Sinto-me renascer para o Canto Novo!

A Bênção do Fogo! O Canto das Profecias!

Aleluia... Aleluia...

O Rio Vermelho, de águas avolumadas, corre, como sempre cantando e pulando de pedra em pedra, como nos dias da minha infância.

Menina que passa na ponte, menina que pára, que espia o rio.

Eu me revejo em ti. Pequena, magriça, feia, despenteada, de jeito rebelde.

Sou eu mesma que me reencontro em você, pequena goiana, incerta, desgraciosa, marcada pelo ferro em brasa de um destino duro.

Ouçõ as lavadeiras do rio Vermelho...

Vejo, metidas n'água, as tradicionais mulheres de terra. Cafusas, morenas, trigueiras e retinas, de idade indefinida; têm a seu cargo fazer limpa a roupa suja da cidade (sem alusão malina).

Quando de tarde, atravessam as ruas, grandes trouxas alvacentas, equilibradas nas trunfas, têm um cheiro infante e gostoso de gente limpa, água e sabão.

Batem roupa o dia todo, à moda antiga, acompanhando com o compasso do tempo o ritmo da correnteza.

Sabem histórias do peixe encantado, tantas vezes encontrado, perdido e procurado.

Andam de engorras com a Mãe d'água. Nas durezas do ofício, se valem de São Caetano, bom santo, solícito e camarada; não é santo enjoado, de difícil atenção, e por isso, na volta do dia, elas vestem de colorido as margens do velho rio, ou seja, os altares do Santo amigo.

A cidade vai num anseio de valorização e progresso que sacode e empolga todo o Estado.

A juventude, inteiramente desintegrada do passado, enfeita as ruas e namora, confiante num melhor destino.

E a gente da velha ala?

Enraizada como velhas figueiras, agarrada às tradições e aos encantamentos da terra, sustentáculos, colunas e cariátides; embasamento, concreto e arcabouço, amparo e anteparo da cidade frustrada.

Velhas sentinelas que morrem no posto de honra; defensores tenazes e valentes do que aqui resta, de quanto aqui ficou, qual seja, o valioso Patrimônio histórico e cultural e as nobres tradições de Goiás.

Uma nova esperança acena no horizonte.

Com a expansão de Goiânia e com a possibilidade da mudança da Capital Federal para o planalto, Goiás será, sem dúvida, um centro de turismo, dos mais interessantes do país.

Assim compreendam seus assistentes e responsáveis, impedindo, em tempo, maiores atentados ao seu feitio característico e tradicional que merece ser inteligentemente resguardado.

Para ti, cidade-mater, este cântico perdido de quem volta às origens da vida. (CORALINA, 2001)

## BECOS DE GOIÁS

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polpes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha,

jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos

sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce

na frincha de teus muros empenados,

e a plantinha desvalida, de caule mole

que se defende, viceja e floresce

no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha

que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,

secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,

no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho,

pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura

todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,

discriminados e humildes,

lembrando passadas eras...

Beco de Cisco.

Beco do Cotovelo.  
 Beco do Antônio Gomes.  
 Beco das Taquaras.  
 Beco do Seminário.  
 Bequinho da Escola.  
 Beco do Ouro Fino.  
 Beco da Cachoeira Grande.  
 Beco da Calabrote.  
 Beco do Mingu.  
 Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,  
 dos becos da minha terra,  
 suspeitos... mal afirmados  
 onde família de conceito não passava.  
 “Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.  
 De gente do pote d’água.  
 De gente de pé no chão.  
 Becos de mulher perdida.  
 Becos de mulheres da vida.  
 Renegadas, confinadas  
 na sombra triste do beco.  
 Quarto de porta e janela.  
 Prostituta anemiada,  
 solitária, hética, engalicada,  
 tossindo, escarrando sangue  
 na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.  
 Becos de assombração...  
 Altas horas, mortas horas...  
 Capitão-mor – alma penada,  
 terror dos soldados, castigados nas armas.  
 Capitão-mor, alma penada,  
 num cavalo ferrado,  
 chispando fogo,  
 descendo e subindo o beco,  
 comandando o quadrado – feixe de varas...  
 Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,  
 perdidas,  
 começavam em boas casas, depois,  
 baixavam pra o beco.  
 Queriam alegria, faziam bailaricos.  
 – Baile Sifilítico – era ele assim chamado.  
 O delegado-chefe de Polícia – brabeza –  
 dava em cima...  
 Mandavam sem dó, na peia.  
 No dia seguinte, coitadas,  
 cabeça raspada a navalha,  
 obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
 na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...  
 Becos de assombração.  
 Românticos, pecaminosos...  
 Têm poesia e têm drama.  
 O drama da mulher da vida, antiga,

humilhada, malsinada.  
 Meretriz venérea,  
 desprezada, mesentérica, enxague.  
 Cabeça raspada a navalha,  
 castigada a palmatória,  
 capinando o largo,  
 chorando. Golfando sangue.  
 (ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.  
 Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.  
 Uma passagem de terceira no grande coletivo de  
 São Vicente.  
 Uma estação permanente de repouso – no aprazível  
 São Miguel.  
 (CORALINA, 1988)

#### MINHA INFÂNCIA(FREUDIANA)

Éramos quatro as filhas de minha mãe.  
 Entre elas ocupei sempre o pior lugar.  
 Duas me precederam – eram lindas, mimadas.  
 Devia ser a última, no entanto,  
 veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,  
 logo após morria.  
 Cresci filha sem pai,  
 secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.  
 Amarela, de rosto empalamado.  
 De pernas moles, caindo à toa.  
 Os que assim me viam – diziam:  
 “- Essa menina é o retrato vivo  
 do velho pai doente”.  
 Tinha medo das estórias  
 que ouvia, então, contar:  
 assombração, lobisomem, mula sem cabeça.  
 Almas penadas do outro mundo e do capeta.  
 Tinha as pernas moles  
 e os joelhos sempre machucados,  
 feridos, esfolados.  
 De tanto que caía.  
 Caía à toa.

Caía nos degraus.  
 Caía no lajedo do terreiro.  
 Chorava, importunava.  
 De dentro a casa comandava:  
 “- Levanta, moleirona”.

Minhas pernas moles desajudavam.  
 Gritava, gemia.  
 De dentro a casa respondia:  
 “- Levanta, pandorga”.

Caía à toa...  
 nos degraus da escada,

no lajeado do terreiro.  
 Chorava. Chamava. Reclamava.  
 De dentro a casa se impacientava:  
 " – Levanta, perna-mole..."

E a moleirona, pandorga, perna-mole  
 se levantava com seu próprio esforço.

Meus brinquedos...  
 Coquilhos de palmeira.  
 Bonecas de pano.  
 Caquinhos de louça.  
 Cavalinhos de forquilha.  
 Viagens infindáveis...  
 Meu mundo imaginário  
 mesclado à realidade.

E a casa me cortava: "menina inzoneira!"  
 Companhia indesejável – sempre pronta  
 a sair com minhas irmãs,  
 era de ver as arrelias  
 e as tramas que faziam  
 para saírem juntas  
 e me deixarem sozinha,  
 sempre em casa.

A rua...a rua!...  
 (Atração lúdica, anseio vivo da criança,  
 mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)  
 - proibida às meninas do meu tempo.  
 Rígidos preconceitos familiares,  
 normas abusivas de educação  
 - emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,  
 o rio mesmo, correndo debaixo da janela,  
 eu via por um vidro quebrado, da vidraça  
 empanada.

Na quietude sepulcral da casa,  
 era proibida, incomodava, a fala alta,  
 a risada franca, o grito espontâneo,  
 a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação...Comportamento estreito,  
 limitando, estreitando exuberâncias,  
 pisando sensibilidades.  
 A gesta dentro de mim...  
 Um mundo heroico, sublimado,  
 superposto, insuspeitado,  
 misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,  
 acrimoniosa repisava:  
 " – Menina inzoneira!"  
 O sinapismo do ablativo  
 queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendida.

Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.  
 Repreensões ferinas, humilhantes.  
 E o medo de falar...  
 E a certeza de estar sempre errando...  
 Aprender a ficar calada.  
 Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,  
 esta cinza que me cobre...  
 Este desejo obscuro, amargo, anárquico  
 de me esconder,  
 mudar o ser, não ser,  
 sumir, desaparecer,  
 e reaparecer  
 numa anônima criatura  
 sem compromisso de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.  
 Chorona.  
 Amarela de rosto empalamado,  
 de pernas moles, caindo à toa.  
 Um velho tio que assim me via  
 dizia:  
 “- Esta filha de minha sobrinha é idiota.  
 Melhor fora não ter nascido!”

Melhor fora não ter nascido...  
 Feia, medrosa e triste.  
 Criada à moda antiga,  
 - ralhos e castigos.  
 Espezinhada, domada.  
 Que trabalho imenso dei à casa  
 para me torcer, retorcer,  
 medir e desmedir.  
 E me fazer tão outra,  
 diferente,  
 do que eu deveria ser.  
 Triste, nervosa e feia.  
 Amarela de rosto empapuçado.  
 De pernas moles, caindo à toa.  
 Retrato vivo de um velho doente.  
 Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.  
 Sem proteção de Pai...  
 - melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.  
 Sempre a inferioridade me tolheu.  
 E foi assim, sem luta, que me acomodei  
 na mediocridade de meu destino.  
 (CORALINA, 1988)

#### ODE ÀS MULETAS

Maletas novas, prateadas e reluzentes.  
 Apoio singelo e poderoso  
 de quem perdeu a integridade

de uma ossada intacta,  
Invicta em anos de andanças domésticas.  
Muletas de quem delas careceu  
depois de ter vencido longo  
tempo e de ter dado voltas ao mundo  
Sem deixar sua casa.

Andarilha que fui  
de boas tíbias e justo fêmur,  
jamais reumáticos.  
Um dia o inesperado trambolhão,  
escada abaixo.  
Como sempre, as vizinhas  
prestativas, maravilhosas correm.  
Um vizinho possante  
me levanta em braços  
de gigante.

Uma ambulância  
Goiânia. Parentes à espera.  
Filhos que chegam de longe.

A Clínica.  
Por sinal que Santa Paula.  
Médicos ortopedistas,  
dos anos de meus netos.  
Gente moça. Enfermeiras, atendentes.  
Colegas fraturados.  
Jovens e velhos. Indistintamente.  
Viveiro. Cultura de acidentados,  
as entradas asfaltadas,  
as ruas alegres da cidade,  
as casas.  
Desastrados meios de locomoção.  
a ânsia incontida da velocidade.  
a pressa da chegada – a mesa de operação

A sala de cirurgia inapelavelmente branca.  
A mesa estreita operatória.  
Até outro dia muito breve  
da cirurgia eletrônica.

Agora: o soro, o oxigênio.  
Picadas leves.  
O branco invade o submundo sensitivo.

O bloqueio nervoso.  
Nada mais. A omissão total.  
O inconsciente, o inerte.

Atentos a anestesista,  
o cardiologista.  
Médicos amigos presentes  
formam a corrente magnética,  
vibratória, propiciatória.

O cirurgião absoluto, corta.  
Pinça, acerta, ajeita, aparafusa  
plaquetas metálicas,

irmanando ossos fraturados.

Depois... a volta triunfal  
à Vida.  
Vida! Como és bela na ânsia  
do retorno. Flores! Amigas.  
A cadeira de rodas no pátio, ao sol.  
A troca de cumprimentos.  
Cordialidade entre quebrados.  
A alta.

A casa humana, hospitaleira,  
carinhosa e fraterna.  
Abençoada casa de sobrinhos  
super amigos.  
Cheia de meninos,  
daqueles do Evangelho  
que se achegavam a Jesus.  
Carinhosos no me trazerem  
o copo d'água, a almofada.

As muletas fora de alcance.  
Sutis no abrir e fechar de portas.  
Acender e apagar botões de luz.  
Meus queridos meninos  
do tempo de Jesus.  
(Para vocês esta pequenina estrofe de carinho e gratidão.)

Muletas utilíssimas!...  
Pudesse a velha musa  
vos cantar melhor!...  
Eu as venero em humilde gratidão.  
Leves e verticais. Jamais sofisticadas.  
Seguras nos seus calços  
de borracha escura.  
Nenhum enfeite ou sortilégio.  
Fidelíssimas na sua magnânima  
utilidade de ajudar a novos passos.  
Um dia as perei a parte,  
reverente e agradecida.

Seja de uma grande bênção  
aquele que as criou  
em hora sagrada. Inspiração do alto.  
Vieram vindo devagarinho. Transformações  
várias através dos séculos.  
Foi bastão primeiro do indigente,  
desvalido, encarnecido, peregrino  
em distantes romarias.  
Varapau do serrano em agrestes serranias.  
Bordão de frade penitente, mendicante.  
Menestrel em tempos idos  
tateando incertos passos.  
Rapsodos descantado  
romança e baladas  
pelos burgos, castelos, castelânias.  
Cajado patriarcal de pastores,  
santos e profetas.  
Vara simbólica de autoridades

em remotas eras.

Subiu a dignidade eclesiástica  
e foi o báculo episcopal.

Entrou no convívio social.  
Bengala moderna, urbana, requinte  
e complemento da juventude.  
Estética e estilista dos moços.

Bengalão respeitável dos velhos,  
encastado em prata e ouro,  
iniciais gravadas,  
acrescentava algo ancião – respeito, veneração  
aos seus passos tardos.

Bengala de estoque...  
arma traiçoeira do malandro  
e do sicário.  
Bengalas de junco, de prata,  
de marfim e de unicórnio...  
encastoadas em ouro e pedras finas.  
Subiu e galgou. Uso e desuso.  
Modificada, acertada à necessidade humana  
reaparece, amparo e proteção.  
Transformação técnica,  
– muletas ortopédicas.

Do primitivo bordão  
à sua excelsa utilidade  
e ao seu préstimo constante  
e inexcusável,  
eu as canto numa ode de imensa gratidão.

Bengala branca sem igual!  
Quem não as viu um dia  
sobrelevando a multidão  
e deixou de atender ao seu sinal!...

Alçada pelo cego, ela faz  
parar o trânsito  
e atravessa incólume  
ruas e avenidas das cidades  
grandes num consenso  
dignificante de beleza universal,  
estabelecido pelos povos  
civilizados na Convenção Internacional  
de Proteção e Direito dos Cegos  
de todo o mundo.  
Mais do que as muletas  
que nos dão apoio,  
eu me curvo reverente ante  
a bengala branca do cego  
que é a própria luz de seus olhos mortos  
em meio à multidão vidente.  
(CORALINA, 1988)

Essa sessão do trabalho foi escrita em uma mistura supostamente pouco ortodoxa para uma tese de doutorado. Aqui se encontram imbricadas a pesquisa documental, no caso literária, o texto acadêmico, a imaginação histórica – que se faz arte e embrião de texto teatral –, a livre escrita e as representações da literatura autobiográfica de uma mulher que escreveu dos 14 aos 95 anos. Aqui está também o ficcional nos encontros e conversas inventadas, fantasiadas, ou seja, uma escrita não canônica, mas amplamente referenciada por meio de intérpretes relevantes do campo da Memória, da Sociologia, da Psicologia social, e até mesmo da História (LE GOFF, 2013; HALBWACHS, 2003; BOSI, 1994, 2003a e b; BENJAMIN, 1987, 2007; BARROS, 2003, 2006, 2008), que validam o trabalho de pesquisa acadêmica utilizando o ficcional como uma forma de apresentação do real. Segui essa pista e ousei trilhar esse caminho, sobretudo como experiência, como uma pulsão de vida em direção ao (re)existir e resistir.

## TERCEIRO ATO – CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES INVISÍVEIS, CIDADES NARRADAS

### PRÓLOGO

A cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do habitar, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do humano: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

Sandra Pesavento

O intervalo terminou. Aquele necessário ao meu retorno à escrita e conclusão da tese, e do público leitor. Houve tempo para que as emoções fossem reestabelecidas. Houve tempo para o café, a água, o cigarro de gosto duvidoso, a bala, a visita ao banheiro, para os mais refinados e presos aos hábitos da Bele Époque... Deu tempo até para o fumegante charuto. Houve tempo para que eu me equilibrasse e desequilibrasse várias vezes, houve o passar bem e passar mal. Mas aqui estou: em pé com os pés plantados no chão e a cabeça fervilhando com tudo que nela armazenei e organizei para concluir esse processo do sonho sonhado. Houve tempo para me inspirar no clássico *Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias* (PESAVENTO, 2007) que engendrou a paráfrase que nomeia esse terceiro ato.

À plateia, ao leitor, peço se acomodem da forma que melhor lhes aprouver, esse capítulo denominado terceiro ato vai começar. Não será o derradeiro fim. Como na estrutura dramaturgica escolhida, que se aproxima menos de um teatro experimental, e mais de um tradicional, haverá um epílogo antes que as cortinas se fechem pela última vez; ou antes que se vire a última, capa finalizando a apreciação da obra. Aqui, o eu autor e pesquisador reforçam

e defende suas convicções, compartilhada com autores consagrados, de que a ficção é capaz também de retratar a realidade. Esse texto é uma tese organizada como uma peça de teatro, estruturada como dramaturgia. No conhecimento, no desenrolar do enredo, a cada gesto, fala, ou intenção, os personagens se revelam, os cenários se evidenciam, nossas emoções são reforçadas por uma sonoplastia imaginária. É uma tese de doutoramento que guarda os protocolos mínimos da escrita e das regras acadêmicas, mas por uma decisão compartilhada entre orientadora e orientando, ficou estabelecido que eu, um homem que viveu desde sua infância até a maturidade envolvido em produções teatrais, eu, um homem das artes, eu, um ser apaixonado pela arte de representar, me revelo naquilo que há de forte em mim. Uma tese em que a narrativa pessoal do pesquisador se mistura às narrativas obtidas, por meio de entrevistas livres com os principais personagens de nossa peça/tese.

Nessa pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (BOSI, 1994, p.38).

Os vários cenários, as várias peles de uma cidade são o nosso cenário, o telão de fundo, os pisos interiores e exteriores são aqueles que representam os diversos territórios da cidade. Afinal, até aqui, já é possível afirmar que existem várias cidades em uma cidade, mas que, muitas vezes, essa é equivocadamente denominada única. Será no epílogo que este autor pesquisador trará suas percepções, será ali que se dirigirá diretamente ao público, ao leitor, para expor observações de uma década, desde que o objeto dessa pesquisa começou a se delinear como desejo de pesquisa de fato, pois, como já foi dito em seção anterior deste documento, esse é um tema de interesse de uma vida toda. Será no anteceder dos aplausos, esperados e desejados, que este autor falará dos encontros, das confirmações, de novas questões surgidas, do que ainda fica a ser pesquisado, averiguado em outras peças que, com essa poderão formar um conjunto com base investigativa derivada dessa primeira peça, ou melhor, dessa tese onde venho construindo respostas à pergunta de pesquisa já apresentada em seção anterior:

**Como o vivido e as práticas cotidianas de diferentes “fisionomistas”/ praticantes ordinários da cidade se inserem e se relacionam com a cidade e sua memória? Como a cidade comparece nas narrativas e de que modo tais narrativas ganham força para educar a própria cidade?**

Este terceiro capítulo do trabalho marca a apresentação das narrativas de quatro mulheres de vida longa, prioritariamente com relação às suas atuações e às suas interações com relação à cidade com a finalidade precípua de evidenciar a potência educadora da narrativa, consequência subsidiária da pergunta construída no processo dessa pesquisa. Usei para abrir a seção de cada uma de minhas entrevistadas os seus nomes associados a alguma frase que revele um pouco de suas narrativas. Quatro cenas que compõem esse último ato. Quatro narrativas, quatro vozes de mulheres de longa idade narrando a vida e revisitando o vivido, tendo como base a cidade de Juiz de Fora.

São elas:

- Geralda Caetano da Silva - A sonhadora da tarimba
- Leila Maria Fonseca Barbosa – A mulher das letras da cidade
- Mounira Haddad Rahme – A viajante da vida escolhida
- Thereza Azedo Leite - Uma Mulher entre três demolições

Ainda que três de nossas vozes narradoras sejam naturais de outras cidades – Dona Thereza Leite nasceu da cidade do Rio de Janeiro e conserva até hoje características típicas de uma carioca, Dona Geralda nasceu em Mercês, cidade da Zona da Mata Mineira, Dona Mounira é estrangeira nascida na Síria, sendo somente Leila Barbosa juiz-forana de nascença –, é na cidade mineira de Juiz de Fora que essas mulheres vivem coincidentemente a maior parte de suas vidas. As três migrantes chegaram por aqui ainda na adolescência. Seus tempos de vida em Juiz de Fora são muito maiores do que aquele que habitaram suas cidades de origem. Todas elas, hoje, no momento da realização deste trabalho, são vivas e lúcidas e todas elas têm idade superior a oitenta anos. Octogenárias que interagiram com o município referência da Zona da Mata mineira, sua gente e seus espaços, seus caminhos em suas manifestações culturais, seus mapas diversos e suas múltiplas representações. Cada uma, em seu campo de atuação, trouxe a sua colaboração. Como dito, nesse momento,

todas elas estão vivas, vivas e lúcidas e, ainda de seus lugares interagem, com a cidade. São capazes de refletir com eloquência sobre o tempo vivido e nos oferecer ricos e surpreendentes relatos sobre suas visões de mundo, o passado e projeções para o futuro.

Esta pesquisa não é unicamente de vozes femininas, mas elas estão aqui majoritariamente representadas. Essa não foi uma escolha intencional, antes pelo contrário. Aprendi com Silvia Ortof, quando fala de uma de suas obras, “*A Viagem de Um Barquinho*” (1995), que não somos nós que escolhemos as histórias, são elas que nos escolhem. Pirandello, dramaturgo italiano diversas vezes citado por Benjamim, também demonstra esse processo das escolhas das histórias pelos seus autores na peça teatral “*Seis Personagens à Procura de Um Autor*” (2004). Essa expressão ganhou muito força e sentido para mim quando uma das adolescentes entrevistadas no processo de pesquisa do mestrado relatou que a tomou para si e nos explicou como a compreendia. As histórias me escolheram. Cada uma da sua forma. No aprofundamento das leituras e debates sobre a pesquisa, o projeto inicial foi transformando-se. Sei que isso não é raro e aqui outra vez se isso deu.

Essa não é uma pesquisa que intencionava priorizar a voz feminina, mas os caminhos da pesquisa levaram a isso, a interação e a intermediação de narrativa, espaços e tempo e a relação dos narradores com as cidades onde deixaram suas marcas e se deixaram marcar por elas. A voz masculina de Jorge Couri que se impôs pela força da narrativa tornou-se o bendito fruto entre cinco mulheres e, por ser uma narrativa exemplar daquilo que preconiza os autores de referência sobre a força da rememoração, se faz presente no texto final da tese.

Em um capítulo anterior, trouxe a narrativa de Cora Coralina, que também se autoconvidou. A voz que vem de Goiás, chave do meu retorno ao processo de pesquisa, se convidou a ser voz e não somente ilustração poética, beleza ou enfeite. Sua obra toda, autobiográfica, reflete claramente sua relação e interação com as várias cidades em que viveu, assim, Cora se tornou indispensável ao trabalho. Seus escritos de uma vida inteira evidenciaram respostas às muitas questões propostas pela pesquisa. Ela se instalou e não havia como ser deselegante e sugerir a sua retirada.

Agora, nesse capítulo, é a vez das quatro mulheres longevas narrarem suas experiências de vida. Meu desejo é buscar perceber o duplo impacto delas com relação à cidade e da cidade em relação a elas.

Sem aprofundar-me na interpretação das entrevistas, até porque pretendo ouvir sugestões da banca de qualificação sobre metodologias e categorias de análise, já me foi possível perceber que existem aproximações e também distanciamentos abissais nos relatos do viver de nossas narradoras.

Ao apresentar o resultado do trabalho com as quatro mulheres, livremente entrevistadas, pretendo sinalizar o caminho das conclusões que posso construir no momento, uma vez que, em outros contextos e em outras temporalidades, outros indicadores poderão se apresentar ou saltar aos olhos de um intérprete com outras indagações. Também outras respostas e outras interpretações poderiam com acuidades trazer outras percepções deste mesmo material empírico agora trabalhado. O que importa aqui são as respostas que se apresentarão às perguntas feitas a esse conjunto empírico por esse pesquisador, que poderiam ser outras e até divergentes, se outros fossem o pesquisador e as perguntas.

Redundantemente afirmo que o cenário desse terceiro ato é a cidade de Juiz de Fora, ele é ao mesmo tempo único e múltiplo. Múltiplo nas temporalidades e territórios, nos espaços, nas formas de viver. As cenas serão vividas por quatro protagonistas, cada uma dona de uma cena, cada uma Dona de sua História, assim como a personagem de João Falcão na Peça “A Dona da História”, personagem única, que se encontra consigo mesma para o que podemos chamar de um acerto de contas, e que foi vivida magistralmente nos palcos por duas grandes atrizes, dividindo o mesmo personagem: Marieta Severo e Andrea Beltão. As “minhas” personagens, todas elas octogenárias, todas elas viveram mais de 90% de suas vidas na cidade cenário, todas elas com vida profissional longeva, todas elas afetadas por esse espaço geográfico de nome estranho: Juiz de Fora.

Haverá pouca, mas alguma interação e aproximação entre as quatro cenas e as quatro mulheres, pois em cada cena as peculiaridades serão mais evidenciadas. O que será aqui apresentado em cada seção deste longo capítulo,

em cada uma das quatro cenas deste terceiro ato, foi, como dito, obtido por meio de entrevistas livres.

É bem verdade que, no período inicial da pesquisa, houve uma aproximação aos procedimentos metodológicos da História Oral. Meses depois, esse primeiro caminho de método foi abandonado, uma vez que nessa tese claramente inspirada em Benjamin e Ecléa Bosi – que topou com Cora Coralina no meio do caminho, com suas pedras a erguer a vida feita de pedra em cima de pedra e, quando possível plantando algumas flores nas gretas e nos caminhos, que ainda guarda e usa a familiaridade com a obra de Drummond adquirida e trazida da pesquisa de mestrado –, o que mais importava era a narrativa dos personagens. Os caminhos de uma História Oral também canônica e tradicional, em nossa avaliação, amarravam, limitavam as conversas, cerceavam a liberdade dos encontros.

Somente mais tarde foi possível compreender que também no interior da História Oral há também tensões e conflitos de abordagens e que um historiador como Alessandro Portelli, por exemplo, nos adverte acerca do papel ético e político do pacto de escuta sensível que se estabelece entre o narrador e seu entrevistador. Assim, diz-nos, ele:

Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia (PORTELLI, 2010, p.3).

Outros caminhos se apresentaram: a leitura das obras de Ecléa Bosi, Michael de Certeau, Luce Girard, David Lowenthal, Löwy, e óbvio, Walter Benjamin – lido e relido em seus textos ligados às narrativas, à interpretação das cidades, à proposta de revisão da história, incluindo a constelação, assim como percebe a história, onde há espaço vagos para que novas inclusões possam ser admitidas, afinal, segundo o pensador judeu/alemão: “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido

para a história” (BENJAMIN, 1987<sup>a</sup>, p. 223). Aqui, a repetição da afirmação de Walter Benjamin aparece como reforço do valor e do significado dessa pequena afirmativa para o desenrolar desta pesquisa.

Foi por esses novos caminhos que se apresentaram, por meio do estudo e da leitura, que concluímos que as entrevistas livres seriam o melhor traçado para nos aproximarmos de nossos objetivos e buscar responder à pergunta principal da pesquisa e aquelas que derivam dela, bem como conseguir apreender, a título de encerramento do trabalho, a potência educativa da narrativa.

Ecléa Bosi afirmou em seu “Memórias e Sociedade: Lembranças de Velhos” que não raras vezes as melhores informações, as revelações mais relevantes vieram depois que o microfone foi desligado, numa conversa informal ou no acompanhamento da pesquisadora no descer de uma escada ou até a saída da casa (BOSI, 1994, p.39). Isso não poderia ser desprezado.

Luce Giard (2013), ao escrever em seu texto “Artes de Nutrir” sobre os hábitos culinários tocados por mulheres e repassado a outras delas de geração em geração, nos afirma.

Para apreender melhor as modalidades dessas práticas culinárias, foi acrescentada às leituras, experiências e lembranças pessoais, uma série de conversas individuais bem longas, com uma estrutura bastante flexível. A finalidade dessas conversas não era verificar opiniões frequentes, nem fazer um quadro estatístico representativo, (mas permitir-nos escutar a voz de mulheres: elas falam de seu modo de cozinhar, de organizar este trabalho, de vivê-lo e senti-lo – meio de conhecer sua própria linguagem, suas palavras e até as inflexões de sua voz, até o ritmo de suas palavras. Essas conversas não tinham como meta desembaraçar das imagens subjacentes, nem desvendar raízes inconscientes, sua intenção era apenas escutar mulheres falar; falar daquilo que, comumente, ninguém quer ouvi-las falar. Ninguém lhes dá atenção. Assim se pode aprender delas e só delas como se representa seu papel e sua competência, se elas dão importância ao seu saber-fazer e que secreta lealdade elas investem para encontrar uma maneira pessoal de cumprir uma tarefa imposta (GIARD, 2013, p. 222).

Essas entrevistas autora foram feitas com muita liberdade e graças à disposição de colaborar de algumas parentas e amigas de Marie Ferrier que as organizaram e de mim mesma (...) foram excluídas parentes próximas e não apelamos para nenhuma psicóloga, psicanalista, médicas, ou professoras universitárias: a experiência profissional delas, seu nível cultural e sua experiência em comunicação poderiam certamente interferir na nossa pesquisa (GIARD, 2013, p. 222).

Vozes vivas e diversas que se aprovam, se comovem e se lembram; vozes que se lastimam, respondem e se contradizem. Vozes que

revelam sem pretensão com palavras do cotidiano, práticas comuns. Vozes de mulheres que revelam a vida das pessoas e das coisas. Vozes, simplesmente vozes (GIARD, 2013, p. 224).

Usei o termo cunhado por Willi Bolle, “fisionomistas da cidade” (BOLLE, 1994), para nomear as pessoas que queria trazer para a pesquisa e mostrar, através de suas narrativas com relação à cidade, ou a cidade sobre outros olhares, uma vez que as narrativas não se restringiram somente às entrevistas, mas também às impressões trazidas pela literatura – como no caso de Cora Coralina, que viveu em várias cidades até retornar à sua Goiás, ou das imagens produzidas por Jorge Couri, que construiu uma crônica ou várias crônicas da cidade por meio das milhares de fotografias que produziu ao longo de 45 anos de atuação como fotojornalista, cujo o pano de fundo era sempre a cidade de Juiz de Fora, seus diversos territórios e camadas. Assim, tanto é possível pensar em sujeitos que como o flâneur benjaminiano que, ao se deslocar pela cidade, captura dela seus sentidos, como também aos sujeitos que vão configurando, por meio de suas práticas e leituras, a própria a fisionomia da cidade. Elegi algumas pessoas de uso diferenciados dessa cidade, de uso ordinários, pessoas que não estão necessariamente ligadas aos grandes nomes da história, mas que transitam e que trabalham nessa cidade e fazem ela girar.

Na cena/capítulo anterior, já havia apresentado as narrativas e o resultado das conversas com Jorge Couri e Cora Coralina. Nesta terceira cena/capítulo, completo o sexteto de narradores, trazendo o resultado do trabalho realizado com base na entrevista com quatro mulheres de vida longaeva. Por meio desses procedimentos, quis perceber como a memória dessas pessoas me ajuda a apresentar a cidade a múltiplos sujeitos e mesmo gerações. Acima de tudo, aposto na força comunicativa dessas narrativas para leitores que podem sequer ter nascido. Por meio dessas quatro mulheres, apresento Juiz de Fora, não a cidade canônica, que tem sido apresentada como única e de encantos mil, de passado rico e opulento (será?). Não quero novamente a cidade dos grandes nomes, dos grandes feitos. Então, seguindo os preceitos de Luce Girard, estabeleci o procedimento de conversar sobre a cidade com as nossas quatro entrevistadas. São conversas livres, em que elas poderiam falar daquilo que veio para elas a partir de uma provocação dos entrevistadores. Durante os encontros, por vezes bastou uma pergunta inicial e a conversa fluiu livremente, outras

conversas ocorreram mais com as características de entrevistas, com respostas mais curtas, levando, portanto, a mais perguntas. Mas nenhum resultado se mostrou melhor que o outro; foram diferentes, apenas diferentes, assim como são diferentes as quatro mulheres.

É necessário que se explique ao público ou ao leitor que os resultados construídos a partir das citadas entrevistas livres partem de bases muito distintas, muito peculiares. Claro que essa explicação não se deve somente ao fato de que cada uma de nossas narradoras possuem modos de vida, perfis e personalidades muito diferentes; mas também por ter havido possibilidades diferentes, as entrevistas se dão em tempos diferentes, em espaços diferentes e em volumes diferentes. As entrevistas com Dona Geralda Caetano da Silva e Dona Mounira Addad Rahme foram realizadas e transcritas em 2016, quando eu coordenava, junto a uma equipe de profissionais da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) a edição do livro “Outras Memórias Possíveis” (DUTRA et al., 2016), lançado pelo selo Funalfa em dezembro do mesmo ano. A entrevista com Dona Geralda Caetano da Silva foi realizada no dia 1 de setembro de 2016, na Rua Margarida da Costa 466, casa 3, no bairro Santa Luzia. Participaram como entrevistadores Carú Rezende, Giovana de Carvalho Castro, Monique Oliveira Abreu, Nilo Araújo Campos, Rita de Cassia da Silva Lima, Tamires Fortuna Pennisi e eu, autor desta tese. É importante ressaltar que a indicação da entrevistada foi feita pelas professoras Giovana de Carvalho Castro e Giane Elisa Sales. A participação de Giovana na entrevista foi fundamental para que Dona Geralda se sentisse acolhida e menos incomodada com um grupo de pessoas estranhas e com todo aquele aparato necessário ao registro de áudio e vídeo daquele momento. Giovana foi uma das crianças que viviam no quintal de Dona Geralda, sob sua guarda nas necessidades da mãe e por seu próprio desejo.

A entrevista com Dona Mounira Addad Mounira Haddad aconteceu no dia 02 de dezembro de 2015 na sede da Funalfa. Participaram da entrevista os seguintes profissionais: Antônio Carlos Siqueira Dutra, Wilson Cid, Carú Rezende, Nilo Araújo Campos, Toufic Nabak e Monique Oliveira Abreu

As entrevistas com Thereza Leite e Leila Barbosa aconteceram entre abril de 2018 e maio de 2019. Com Thereza, houve dois encontros, porém, antes

desses encontros gravei uma fala sua em uma sala de aula, onde ela palestrou para um grupo de alunos, a convite da professora Sonia Miranda. Nesse dia, lhe dei de presente o livro “Outras Memória Possíveis”. Filha de imigrantes portugueses, Thereza ficou muito encantada com o livro que concentra os depoimentos de dez de imigrantes ou descendentes deles e suas adaptações em solo Brasileiro, mais especificamente em Juiz de Fora. Esse encantamento influenciou muito as condições para nossa primeira entrevista, realizada em abril de 2018, quando a convidei para um café da tarde em minha casa. Ela queria falar daquele tema: ser filha de imigrante e a vida de seus pais no Brasil. Depoimento, por sinal, muito bonito. Disse-me que o próximo encontro, se eu quisesse, seria em sua casa. Assim se deu um outro encontro em sua casa no bairro Granbery, na região central de Juiz de Fora. Esse encontro se deu em 30 de março de 2019, quase um ano após a primeira conversa. Esse intervalo grande se deveu a vários fatores, dentre eles alguma intercorrência ligada à saúde de Thereza. Ali no cenário de sua sala de estar repleta de objetos de muitas épocas diferentes e cheios de histórias a contar – os objetos biográficos de que trata Ecléa Bosi (2003a) –, ficamos a conversar por três horas e meia. O exercício para essa tese se deu, portanto, na tentativa de captura dos elementos de sua narrativa que nos permitem olhar para a relação daquela mulher cuja vida pública foi tão intensa, com as suas cidades e, em especial, com a cidade de Juiz de Fora. Após esse momento, me foi, ainda, oferecida a transcrição de dois depoimentos colhidos pelo setor de memória da Funalfa. Recebi esse material, o que foi muito bom, mas que acabou criando uma desproporção entre o material de Dona Thereza Leite e o das outras entrevistadas, tarefa que ensejou para mim o duro exercício de equalizar a proporção dos textos em relação ao material das entrevistas, uma vez que se as cenas desse capítulo revelassem tal desproporção isso poderia, também ser travestido como um discurso valorativo, ao qual nos cabe refutar pela própria concepção de Memória que orientou a construção desse trabalho, pautada na máxima benjaminiana de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (BENJAMIN, 1987a).

A primeira conversa com Leila Barbosa se deu em sua casa, na rua Benjamin Constant, no centro de Juiz de Fora. Foi um encontro peculiar. A fala

de Leila é inteiramente permeada pela literatura produzida pelos escritores locais e o que parece ser algo pomposo, ao contrário, é completamente coloquial, pois percebe-se em poucos minutos de conversa que esse já é um hábito estabelecido em sua fala. É assim todo o tempo. O encontro se deu no dia 31 de maio de 2019. Uns quinze dias depois, nos encontramos mais uma vez, quando Leila pode esclarecer alguns pontos que achou que não tinha suficientemente claros em sua primeira fala. Por várias, vezes nos falamos por telefone. Essa interlocução teve iniciativa da entrevistada, que sempre lembrava de uma coisa que queria me contar, um fato pitoresco, um tema lembrado ou por outro motivo qualquer.

Com o material das entrevistas transcrito e reunido, inicio o trabalho de familiarização e interpretação das falas, percebendo o quanto poderia ser ajudado pelas leituras de Benjamin, seguindo o conselho que recebi de alguém que o tempo e a dedicação a transformaram em mais próxima de Walter Benjamin do que eu consigo ser até aqui. “Benjamin é um autor para inspirar”, reitera sempre minha orientadora. No meu caminhar com a obra desse autor instigante e surpreendente, sinto-me hoje mais capaz, quando da época da escuta dessa minúscula e precisa orientação, para a compreensão do que pode indicar a direção da fina agulha dessa bússola.

Assim, me inspiro em Benjamin para apresentar quatro narrativas de mulheres comuns, sujeitos e viventes de uma cidade que se enquadram perfeitamente no conceito de “praticantes ordinários” de Michael de Certeau (2013), em uma cidade nada parisiense. Para interpretar essas entrevistas, dialogo com a obra de Walter Benjamin, além de com outros escritores e poetas, diálogos possíveis, alguns já apresentados pelos intérpretes de sua obra. Mas trago também os meus poetas, aqueles que tenho lido uma vida inteira e aqueles que simbolizam a quem tenho dedicado a minha escuta e meu olhar. Assim, a poesia se soma ao método de análise e, mais uma vez, reforça a importância da ficção para a interpretação do real.

E quem são essas mulheres? Vozes comuns, donas de narrativas pessoais e de vivência e convivência no espaço da cidade ainda não acolhidas e ou aceitas pela grande narrativa, a narrativa tida como até agora vencedora

hegemônica como representante da memória e da história “tidas” como oficiais da cidade.

Como dito acima, são vozes de mulheres comuns, praticantes ordinárias da cidade, se tomarmos por referência a conceituação tecida por Michel de Certeau. Mesmo sabendo e sendo público que duas delas – Thereza Leite e Leila Barbosa – estiveram à frente de movimentos e funções públicas, que deram a elas notoriedade e espaços mais ampliados de falas e reconhecimento de ações, as classifico, como minhas duas outras narradoras – Geralda Caetano da Silva e Mounira Haddad Rahme – como estando dentro do conceito de Certeau, uma vez que falamos de suas vidas, de suas memorações, de seus esquecimentos e de seus possíveis ressentimentos. Não as escolhemos por serem mulheres que exerceram funções públicas e sim pela peculiaridade de suas histórias, por ações de uma vida majoritariamente vivida em Juiz de fora e também porque, ao imortalizá-las nesta tese, presto às quatro, indistintamente, um tributo, registrando suas histórias e memórias, suas palavras e ampliando a visibilidade e possibilidade de conhecimento daquilo que escolheram lembrar ao olhar o vivido. Ao mesmo tempo deixo rastros para a captura das vozes de tantas outras mulheres que ecoam nos universos invisíveis das cidades, sobretudo se consideramos o caldeirão cultural que se aglomera em torno de cada escola.

Quando os gestos se apagam, quando os objetos desaparecem ou se imobilizam na sombra de um depósito, na vitrine de um museu, às vezes as palavras ainda subsistem, em memória de um passado que não volta mais (CERTEAU et. al, 2013, p. 279).

Em seu livro, “Minha Avó e Seus Mistérios, Memórias Inspiradoras”, Frei Betto, respeitado ativista e autor de mais de sessenta livros, nos presenteia com uma porcelana rara, traz fragmentos das lições e memórias que guardou da avó, que morreu com avançadíssima idade. “Minha avó transvivenciou aos 105 anos. Tomou um cálice de vinho tinto, fez uma oração, recostou-se, fechou os olhos. Saiu do casulo e virou borboleta” (2019, p. 111). Frei Betto morou por um determinado tempo com sua avó após a viuvez de Dona Maria Zina e a coincidência de sua ida para São Paulo para continuidade dos estudos. É mais um encontro com a beleza. É mais um encontro ocasional com uma narrativa de ou sobre velhos, portanto, um momento de se falar sobre esses encontros se fez necessário.

O autor do texto impresso nas orelhas do livro, cujo o nome não aparece, quem sabe por erro, escolha ou descuido, afirma se tratar de uma obra que mistura realidade e ficção de uma vovó de verdade, de carne e osso, trazendo-a ao público revestida de um lirismo especial, com toques de realismo fantástico. Seguindo seu texto, diz que os conselhos de Dona Maria Zina são tanto originais, como úteis e valiosos. Assim se tornaram para mim também, e no último momento, no último arranco para conclusão da tese, em mais um ato de desobediência deste orientando, não pude deixar de ler o livro, não pude deixar de agregar mais essa beleza em uma tese que fala de velhos e suas narrativas. Transcrevo abaixo, na íntegra, um dos textos de Frei Betto sobre sua querida avó. Não é por acaso, apesar do acaso do encontro com essa obra. Ainda tive tempo de escolher incluí-lo aqui e, antecipando minhas narradoras de vida longa, Dona Maria Zina se torna mais uma narradora, embora de passagem rápida por essa tese, trazida, como Cora Coralina, pela literatura. Penso que o leitor desse texto concordará que fará todo sentido a inclusão desse fragmento, talvez quem sabe lido por um neto, na abertura do terceiro ato da cena.

Minha avó tinha cabelos anelados, muito brancos, presos em coque. A pele de boa textura lembrava amêndoas; o rosto ovalado ainda exibia frescor, apesar das rugas, dizia que sabedoria é pensar com os pés:

- Cabeça gosta mesmo é de sonhar, mas os pés tecem em passos a existências. Do modo que se pisa, se vive. O rumo dos passos define o da vida. Por isso, o que há de mais importante em nossos trajes são os sapatos. Quer conhecer a filosofia de alguém? Observa-lhe os sapatos.

E acrescentou:

- Quem se cansa de andar encurta a vida; quem prossegue afasta a morte para depois. A velhice começa pelas pernas, filho. Toda existência é um caminhar constante. Mesmo para quem se julga parado. Este é como o passageiro sentado no ônibus. Imóvel, observa a paisagem pela janela. Porém, a vida o conduz; provavelmente, a destino imprevisível. Melhor é ter em mente o destino a ser alcançado. Assim fica mais fácil o mapa da caminhada.

E disse ainda:

- Mas há quem se perca, seduzido, seduzido pelos atrativos do caminho. Há quem canse e desista, por imaginar o ponto final muito aquém do que de fato se situa. E há quem nunca alcança o objetivo, mas se sente feliz pela persistência, em persegui-lo.

E insistiu:

- Caminhe. Não arraste como lesma. Caminhe. Não pretenda voar como pássaros. E jamais retroceda.

Com olhar entretido com a costura no colo, como se falasse a si mesma, se perguntou em voz tímida:

- Para que serve os caminhos se não para nos conduzir a nós mesmos? (2019, p.15-16).

Resolvi incluir as divagações de Dona Maria Zina ao buscar apresentar as quatro narradoras desse terceiro ato: as quatro mulheres que entrevistei, sempre com o auxílio de um grupo de pessoas, diferentes para cada entrevista e para cada personagem, sendo eu mesmo o único participante comum em todas as entrevistas.

Usando da autorização para inspirar-me em Benjamin, trago também minha pequena coleção de citações, minúscula se injustamente comparada com a genialidade e a grandeza da coleção do autor inspirador, mas significativa como sinais para uma pesquisa em andamentos iniciais. São recortes de obras, são falas aproximadas de pensadores do mundo, estudiosos ou observadores, que nunca comeram na mesma mesa, que não são contemporâneos e tampouco se encontraram em outros ambientes.

Como já dito anteriormente, Walter Benjamin nos autoriza a compreender que a poesia e as artes costumam antecipar os temas que a ciência ainda tratará. Os poetas têm a capacidade de olhar e interpretar o mundo e suas organizações. Nessa lógica, apresento fragmentos da obra de poetas que enxergam também nos homens mais simples capacidade para participar da constelação da História. Meus autores, meu poetas e as escolhas e garimpo que realizei em suas obras por décadas me ajudarão na interpretação das entrevistas. Eu, presunçosamente, coloco meus poetas e meus autores como meus auxiliares de pesquisa.

#### COLEÇÃO DE CACOS

Já não coleciono selos (...)

E toda gente coleciona  
os mesmos pedacinhos de papel.  
Agora coleciono cacos de louça  
quebrada há muito tempo.  
Cacos novos não servem.  
Branco também não.  
Têm de ser coloridos e vetustos,  
desenterrados — faço questão — da horta.  
Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,  
restos de flores não conhecidas.  
Tão pouco: só o roxo não delineado,  
o carmezim absoluto,  
o verde não sabendo

a que xícara serviu.  
 Mas eu refaço a flor por sua cor,  
 e é só minha tal flor, se a cor é minha  
 no caco de tigela.

O caco vem da terra como fruto  
 a me aguardar, segredo  
 que morta cozinheira ali depôs  
 para que um dia eu o desvendasse.  
 Lavrar, lavrar com mãos impacientes  
 um ouro desprezado  
 por todos da família..  
 (...)  
 Escondo-a de José, por que não ria  
 nem jogue fora esse museu de sonho.  
 (ANDRADE, 1979).

O poema de Brecht que segue, bastante conhecido, é composto de uma série de perguntas; é uma mostra da obra de um homem e um artista que se incomoda com o mundo, que deseja transformá-lo e provoca de todas as formas possíveis que outros homens e mulheres também o façam. Àqueles que ergueram as grandes construções sobre a superfície do globo, os que de fato carregaram as pedras, usaram sua força física e muitas vezes perderam suas vidas na realização do ideal de alguém não houve espaço na narrativa oficial que os abrigassem: restam-lhes os cacos.

#### PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO QUE LÊ

Quem construiu a Tebas das sete portas?  
 Nos livros constam os nomes dos reis.  
 Os reis arrastaram os blocos de pedra?  
 (...)  
 César bateu os gauleses.  
 Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?  
 Felipe de Espanha chorou quando sua Armada naufragou.  
 Ninguém mais chorou?  
 Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
 Quem venceu além dele?  
 Uma vitória em cada página.  
 Quem cozinhou os banquetes da vitória?  
 Um grande homem a cada dez anos.  
 Quem pagava suas despesas?  
 Tantos relatos.  
 Tantas perguntas.  
 (BRECHT, s.d.).

Há uma intertextualidade explícita entre os dois poemas acima expostos com “O Apanhador de Desperdícios” de Manoel de Barros, todos estão ligados à quase totalidade da obra de Cora Coralina e a esse coletivo poético, se aliam

com facilidade aos autores de nosso referencial teórico para sustentar a interpretação e opção daquilo que vem a público das entrevistas realizadas com nossas octogenárias.

#### O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
 Não gosto das palavras  
 fatigadas de informar.  
 Dou mais respeito  
 às que vivem de barriga no chão  
 tipo água pedra sapo.  
 Entendo bem o sotaque das águas  
 Dou respeito às coisas desimportantes  
 e aos seres desimportantes.  
 Prezo insetos mais que aviões.  
 Prezo a velocidade  
 das tartarugas mais que a dos mísseis.  
 Tenho em mim um atraso de nascença.  
 Eu fui aparelhado  
 para gostar de passarinhos.  
 Tenho abundância de ser feliz por isso.  
 Meu quintal é maior do que o mundo.  
 Sou um apanhador de desperdícios:  
 Amo os restos  
 como as boas moscas.  
 Queria que a minha voz tivesse um formato  
 de canto.  
 Porque eu não sou da informática:  
 eu sou da invencionática.  
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.  
 (BARROS, 2003).

Aqui o poeta fala de sua aptidão para olhar o menor, o pequeno, o ínfimo, o insignificante. Mais um intertexto expressivo e direto com Benjamin. Mais uma bela composição de palavras para ajudar a direção do olhar. Assim como o poeta confessa só usar as palavras para compor silêncios, sugiro usar a poesia para auxiliar investigar os silêncios e os silenciados. Sugiro a lente da poesia para encarar os silenciadores, tal como havia feito na cena anterior com relação a Cora Coralina que, com tanta naturalidade, consegue falar sobre sua cidade, suas ruas e seus becos.

Percebo uma clara aproximação desses poemas com o conceito Benjaminiano de História como constelação. Entre estrelas, há espaços que podem, ou não, ser preenchidos; de buracos, cacos e outras imperfeições faz-se o resumo do existido. No poema apresentado acima – “Coleção de Cacos”, de Drummond – há uma conversa direta também com o pensamento de Ecléa

Bosi, benjaminiana declarada, cuja obra acadêmica, habitada de poesia, fala de velhos esquecidos e silenciados. Ecléa se contrapõe à ideia de que a narrativa, assim como o resumo do existido de Drummond, é inválida por possuir hiatos e buracos e se manifesta com um retumbante não discordante: não! Para ela, nada mais esburacado e sem total comprovação do que a história oficial. Segue a autora: se ela é válida, por que invalidar as vozes daqueles que não estão do lado dos vencedores?

Por isso, tenho me encantado por Benjamin, tanto o homem, quanto a obra. A primeira vez que o li, não o entendi e o deixei de lado. Hoje, suas ideias me provocam. As palavras de suas composições textuais, por vezes de suas bricolagens de texto, me revelam a síntese de um mundo que parece próximo aos mundos que gosto de olhar, que gosto de colocar reparo.

Benjamin me autoriza a olhar o mundo assim e me permite recorrer à poesia, que também apresenta o mundo. Ele quer trabalhar com os farrapos, ele quer olhar para aquilo que ninguém quer voltar os olhos. Benjamin me autoriza quando diz que tudo que é vida é pertencente à História.

Para direcionar o olhar às narrativas dos sujeitos simples, de vidas ordinárias, muitos já convencidos da inexpressividade de sua colaboração e de sua história pelos eficientes mecanismos de silenciamento e invisibilidade que, há muito, são praticados e naturalizados nas sociedades capitalistas, em todos os níveis e camadas, sigo o aconselhamento da inspiração. Fui, então, sob esse conselho, buscar a voz dos velhos, ouvi-las e registrá-las, procurar interpretá-las. Essas narrativas, com certeza, são potentes para compreender o funcionamento da sociedade e para desnaturalizar a morte das histórias com a morte do corpo onde moraram por muitos anos. Essas potentes histórias evaporam-se por absoluta falta de escuta e olhar. Por vezes, morrem antes de seus autores, mas como nos adverte Ecléa Bosi, “haverá alguém para recolher os despojos da cidade para os quais ninguém volta os olhos e o vento dispersa” (2003, p. 29).

Na proposição de no presente lançar os olhos para o passado, há de deixar-se perder no emaranhado de lembranças. Não importa ordem, cronologia. Há de se perder como Benjamin permitia-se perder pelas cidades, para se encontrar nelas.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas por que se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo (BOSI, 2003, p. 31).

A memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O Tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. Existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido (BOSI, 2003, p. 53).

Algumas coisas precisam ainda ser informadas nesse prólogo do terceiro ato. Primeiro, que considerando os diversos usos da língua, pelos diversos falantes e em respeito aos personagens depoentes nesse trabalho, optei por manter ao máximo a maneira de falar de cada uma delas, ou seja, as transcrições e os trechos selecionados para compor este texto tentaram ser fiéis e reproduziram o uso linguístico de cada uma das mulheres. Não corrigi frases interrompidas, “vícios” de linguagem, palavras repetidas inúmeras vezes como reforço no uso coloquial da língua. As variações linguísticas são múltiplas e isso tem a ver com regionalismo, grupos sociais, escolarização e muitos outros fatores. Por considerar que existe a forma culta do uso da língua e vários outros usos possíveis pelo fenômeno da variação linguística e por não considerar erro nenhum desses usos, a decisão tomada foi a de manter a forma de falar de cada falante para trazer sua contribuição a essa tese. A mim, pareceria demasiadamente arrogante corrigir, adaptar cada fala às regras da norma culta. Justificado por essa decisão, as falas de nossas mulheres octogenárias, quando recortadas diretamente das transcrições, aparecerão entre aspas, destacadas por negrito e em letra Times New Roman, diferenciando-as do restante do texto apresentado em letra Arial 12. “A pluralidade de expectativas e de memórias é o inevitável corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de uma pluralidade de tempos sociais” (CATROGA, 2009, p. 37).

As leituras prévias das transcrições e a memória daquilo que ouvi nas entrevistas trouxeram várias possibilidades de categorias de análise para a conclusão desta pesquisa. Conjugando umas com outras e desconsiderando algumas num delicado trabalho de seleção, cheguei em três categorias de

análise que serão utilizadas como eixos discursivos centrais para interpretação do material empírico produzido, apresentadas abaixo. Reforço que foram com essas lentes que olhei para os recortes que considerei significativos nas transcrições das entrevistas.

- 1- Narrar a vida e a vida na cidade
- 2- O trabalho e a relação com o universo público e privado
- 3- Ser mulher na sociedade.

Por razões éticas, acertamos – orientadora e eu – não disponibilizar na integralidade as entrevistas. Nossas personagens, uma delas hoje já com 93 anos, vivenciaram várias transformações em suas passagens pelo mundo. Muitos assuntos, temas e comportamentos, como sexualidade, gênero, diversidade religiosa, por exemplo, sofreram mudanças ao longo das décadas vivenciadas por essas mulheres nas construções diversas que realizaram ao cabo de suas vidas longevas. Recortes descontextualizados de suas falas poderiam ser desastrosos, uma vez que, apresentados dessa forma, não representariam o pensamento dessas mulheres hoje, vivas e lúcidas, respondendo por seus posicionamentos.

Na escrita desta tese, decidi por tentar aproximar ao máximo a fala das entrevistadas dos registros orais, mantendo suas peculiaridades discursivas e seu uso genuíno da língua, bem como de suas variações linguísticas em função de seus lugares sociais. Algumas adaptações no processo de transcrição foram feitas, mas o desejo de não descaracterizar excessivamente a fala das quatro mulheres sujeitos dessa tese guiou o processo de transcrição e, sobretudo, apresentação. Foram feitos ajustes somente quando as rupturas da fala exigiam relações de garantia do fluxo de leitura.

As autorizações de uso do material produzido foram concedidas por cada uma delas para uso acadêmico único e exclusivo para elaboração desta pesquisa. Qualquer outro recorte, por conseguinte, deveria ser novamente autorizado pelas mulheres aqui apresentadas por suas falas ou por seus familiares. Cabe ressaltar ainda que, para a versão preliminar dessa tese, os textos não foram lidos e autorizados por suas narradoras. Tal procedimento será

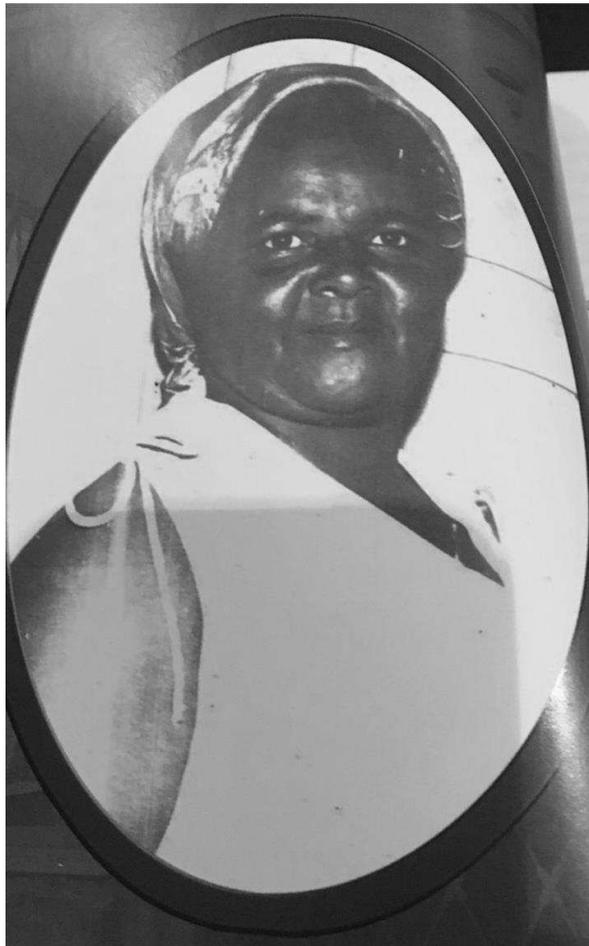
realizado para a versão final, que pode conter, eventualmente, alguma supressão ou modificação conforme o desejo manifesto das quatro mulheres, o que será integralmente respeitado.

Creio que, agora sim, estamos prontos para entrar no terceiro ato. É um ato longo, que traz as Donas das Histórias confiando a mim os seus viveres e deixando que eu os reescreva para virar o teatro de uma tese. Escolhi para encerrar esse longo prólogo e ligá-lo ao terceiro ato, mais uma vez, uma citação de minha autora predileta, Ecléa Bosi. Falando de pesquisa, cidade, depoimento oral. Um fragmento cheio de beleza.

Vou relatar brevemente alguns dados conseguidos na pesquisa. Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (BOSI, 2013, p.69).

## CENA 1: Geralda Caetano da Silva – “A Sonhadora da Tarimba”

Figura 33 - Geralda Caetano da Silva



Fonte: Acervo pessoal

### A LAVADEIRA

Essa Mulher...  
Tosca. Sentada. Alheia...  
Braços cansados  
descansando nos joelhos...  
olhar parado, vago,  
perdida no seu mundo  
de trouxas e espuma de sabão  
– é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.  
Roupa molhada.  
Dedos curtos.  
Unhas enrugadas.  
Córneas.  
Unheiros doloridos  
passaram, marcaram.  
No anular, um círculo metálico

barato, memorial.

Seu olhar distante,  
parado no tempo.  
À sua volta  
– uma espumarada branca de sabão.

Inda o dia vem longe  
na casa de Deus Nosso Senhor,  
o primeiro varal de roupa  
festeja o sol que vai subindo  
vestindo o quaradouro  
de cores multicores.

Essa mulher  
tem quarentanos de lavadeira.  
Doze filhos  
crescidos e crescendo.

Viúva, naturalmente.  
Tranquila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu.  
Enrodilhada no seu mundo pobre.

Madrugadeira.

Salva a aurora.  
Espera pelo sol.  
Abre os portais do dia  
entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.  
Enquanto a filharada cresce  
trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume  
na vasca, no gramado.  
No arame e prendedores.  
Na tina d'água.  
De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando, vai levando.  
Levantando doze filhos  
crescendo devagar,  
enrodilhada no seu mundo pobre,  
dentro de uma espumarada  
branca de sabão.  
As lavadeiras do Rio Vermelho  
da minha terra,  
faço deste pequeno poema  
meu altar de ofertas  
(CORALINA, 1988)

Escolhi abrir esta seção do trabalho, em que procuro analisar os ditos e não ditos de Dona Geralda Caetano da Silva, com esse belo poema de Cora Coralina. A homenagem da poeta às lavadeiras, do famoso rio de sua terra, veste

como uma luva a vida da nossa Dona Geralda. No poema, as nuvens de espuma são a vida, a vida que aqui nossa personagem revisita como envolvida em uma densa e espumante camada de memórias.

Conheci Dona Geralda Caetano da Silva em uma tarde juiz-forana ensolarada. Aquele dia não era frio nem quente. Eu fazia parte da equipe da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, como coordenador do projeto “Outras Memórias Possíveis”, que deu origem a um livro lançado em dezembro de 2016. (DUTRA, 2016) A entrevista com Dona Geralda aconteceu no dia primeiro de setembro de 2016, dentro do conjunto de entrevistas realizadas para o referido projeto.

Para execução deste projeto, existia o objetivo de realizar entrevistas com duas pessoas de cada uma das “principais etnias” que participaram da formação econômica e social da cidade de Juiz de Fora, embora seja claro que muito há de se discutir sobre o conceito de etnias aqui utilizado, o que não se constitui como objetivo dessa tese. Compreendendo existir muito mais de uma etnia em territórios italiano e alemão, por exemplo, e que maior ainda é o número de etnias agrupadas unicamente e erroneamente como etnia negra, pois não é preciso ser um profundo conhecedor da história da África para saber da imprecisão e do equívoco dessa nomeação. No entanto, não pretendo trazer aqui essa discussão, uma vez que, naquele contexto particular, considerava-se que essa era uma terminologia sedimentada e que, no entendimento de seus defensores, acabou adquirindo sentido ao longo do tempo quando se refere à participação de vários povos na caracterização de uma cidade, especialmente Juiz de Fora. Considero ainda que, a análise que proponho realizar com a entrevista de Dona Geralda, além das coisas lembradas registradas em áudio naquele dia e de outras que não foram registradas, mas ficaram bem nítidas nas minhas recordações daqueles dias – conforme nos adverte Ecléa Bosi em suas investigações acerca da Memória de Velhos (BOSI, 1994; 2003a) – não sofrerá interferência positiva ou negativa com a manutenção dessa denominação, uma vez que o que pretendo evidenciar é o lembrado do vivido a partir das lembranças e da voz da entrevistada naqueles momentos específicos.

Na história da cidade de Juiz de Fora, a narrativa oficial deu destaque à participação dos portugueses, alemães, italianos, sírios/libaneses e negros e,

mesmo que saibamos da participação de muitas pessoas de outras origens e nacionalidades, são esses os cinco grupos evidenciados na história que se conta aos turistas e que se repete todos os anos na maioria dos currículos escolares da cidade. Para o projeto “Outras Memórias Possíveis”, foram entrevistadas 10 pessoas, duas de cada um dos grupos relacionados. Nesta seção do trabalho, pretendo apresentar a história de vida de uma mulher negra e idosa, entrevistada a partir da indicação de representantes do movimento negro local. A força de sua história e a beleza de sua narrativa que encantaram vários leitores fez com que eu a elegesse como depoente desta tese, trabalho final de meu doutoramento, somando-se às histórias de outras mulheres entrevistadas especificamente para esta tese.

Estudos outros comprovam que Juiz de Fora chegou a possuir a maioria de sua população formada por negros entre os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX. Essa parcela da população se aproximou de 60% da população total (Informação repassada por Antônio Henrique Duarte Lacerda, Diretor do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora e pesquisador da história da cidade, com foco nas relações e “negócios” ligados ao uso da mão de obra escrava na microrregião de Juiz de Fora e arredores). Assim como em outros segmentos sociais, nesse grupo é claramente perceptível os esquecimentos, os silenciamentos e a invisibilidade (POLLAK, 1989 e 1982; RICOEUR, 2007) promovidos e sustentados pela história dos vencedores, usando aqui, mais uma vez, a terminologia adotada por Walter Benjamin espalhada por sua obra.

A equipe da Funalfa e eu nos encaminhamos para a casa da Dona Geralda Caetano da Silva, no alto do bairro de Santa Luzia. Ela nos contou estar ali desde que aquela parte do bairro era um grande pasto, disponível aos animais que circulavam livremente. Poucas casas, muito poucas, mas ali já existia a realização de parte de seu sonho: os primeiros cômodos que deram origem à casa própria onde mora até hoje. Com a palavra, Dona Geralda:

*“Eu nasci em Mercês. Eu fui criada em Mercês numa fazenda. Meu pai era Manoel Jorge e a minha mãe era Julia Rita de Jesus, por que antigamente não botava o sobrenome um do outro não, e tudo. Antigamente, hoje põe, né? Mas a vida foi essa que eu levei, criada assim... Minha família morava numa fazenda na região, de um homem muito sem educação. Eu fui criada na fazenda dele. Meu pai trabalhou 30 anos*

*na fazenda, nós fomos tudo criado nessa fazenda. Hoje estou com 87 anos. 87 anos [em setembro de 2016].*

*Eu tinha 6. Tinha 6 irmão. Todo mundo trabalhava na fazenda. Hoje eu vou te falar, tem 3 que eu não tenho notícia deles. Eu tenho uma irmã que eu cruzei com ela em Santos Dumont quando morreu minha mãe. Nunca mais eu recebi uma carta dela, nunca mais tive notícia dela. Não sei se é viva ou se é morta. Aqui só está eu e meu irmão que mora no Santa Rita.*

*E eu era a segunda. E era a segunda filha e tudo, mas... O meu pai era lavrador. O meu pai era pau de toda obra na fazenda. Se era pra fazer uma cerca, ele estava na frente. Se era pra roçar um pasto, ele estava na frente. Se era para raspar um curral é, é, preparar uma terra pra plantio ele estava na frente. Pra preparar uma terra, pra plantio, ele estava sempre preparado. Vinha um arando aquela terra e ele botava aqueles, aqueles rapazotes tudo a bater aqueles terrão, depois batia aqueles ferro que misturava aquelas terra, preparava aquela terra, que você via de longe assim, aqueles campos grande. Aquele campo grande que você vê pra fazer plantio de milho. O meu pai era mais quieto e a minha mãe era mais brava. A minha mãe era brava mesmo, mas a gente conseguia levar ela na conversa (risos).*

*Tinha uma casa na fazenda, onde nós morava. Essas casa de quatro, como é que é? De quatro esteio. De sopapo. (riso) Era casa de sopapo. Tinha coberta de sapê. Coberta de sapê. Era até uma casa de chão, era até uma casa muito limpa. Eu sempre gostei de casa limpa, você entendeu? Na casa da minha mãe, eu gostava de cortar vassoura, varrer aquela casa. E, era cuité que tinha, e tudo. Era cuité, que nós comia no cuité e ia lá no ribeirão e lavava aqueles cuité, e trazia e limpava aquela mesa assim, da minha mãe. Debruçava aqueles cuité todo dia. Eu pensava comigo assim: o dia que eu for ter a minha casa, eu não vou ter a minha casa assim desse tipo. Eu vou ter a minha casa. A casa da minha mãe era uma casa de pau a pique, era uma casa de pau a pique, essa camas de tarimba, eu dormia numa esteira de palha de bananeira, minha mãe fazia cada esteira de palha de bananeira e punha pra gente dormir. Não tinha uma coberta direito. Era pobre mesmo e tudo. Eu fico pensando comigo assim: quando eu tiver a minha casa nova eu não vou ter a minha casa assim. Eu vou ter uma colcha pra poder pôr na minha cama, uma coberta direita pra cobrir eu vou ter. Graças a Deus a minha casa eu tenho. Graças a Deus.*

*Como disse, eu trabalhava na casa de uma fazenda lá em Mercês. Uma família de gente muito rebelde. Uma família de gente muito ruim. Antigamente, não é que eu estou falando pro senhor. Hoje o senhor, você já tem estudo, vocês já têm estudo, já sabe a vida como era. Antigamente era uma gente sem educação, mas eu fico pensando. Como que as pessoas antigamente era sem educação, grossa. O senhor que nós foi criado numa fazenda dele, gente que homem grosso, sem educação. Você tinha até medo de passar, ele tinha sete filhos homem e uma filha mulher. Quando o filho ouvia conversa dele, o filho dele se tivesse num lugar assim, se tivesse um cômodo assim ele enfiava por ali a dentro, tudo pra dentro do cômodo, escondia tudo. De tanto sem educação que o homem era e tudo. Era demais.”*

Dona Geralda narrou sua vida a partir de suas lembranças do vivido na relação com lugares. Fala da fazenda em Mercês, onde, junto à mãe, ao pai e a outros cinco irmãos, morava em uma casa simples, casa de pau a pique, também conhecida como casa de sopapo, por ter as paredes erguidas por um trançado de taquara (bambu) e preenchidas por barro lançados em golpes de mãos em direção à estrutura de madeira e bambu. Ali tudo era muito humilde, as camas eram de tarimba, uma espécie de esteira de folhas de bananeira tecida pela mãe. Comiam em cuia de cabaça, uma espécie de planta que dá no mato aparentada da abóbora que, seca e partida ao meio, dava origem a utensílios muito usados no interior de Minas, como cuias e cuités que serviam de pratos, por exemplo.

Olhando para o mundo e o vendo tão diferente para umas pessoas e para outras, ela relata que não tinha revolta, mas que desejava que no futuro sua vida fosse diferente. Seus sonhos e desejos eram simples e poucos: uma casa onde não se comesse nas cuias de cuités, onde houvesse cama com colchão, colcha para poder deixar a cama feita e arrumada com beleza durante o dia e coberta para todos dormirem à noite. Mas, naquela realidade, isso era sonho distante e de difícil concretização, tanto que, no futuro, Dona Geralda se sente realizada quando muda para uma casa de dois cômodos no meio do grande pasto que era o alto da Cachoeirinha, hoje bairro de Santa Luzia. A casa foi construída pelo marido e, ao longo dos anos, foi crescendo por meio de “puxadinhos”, procedimento muito comum em bairros de população de baixa renda.

Cama bem arrumada e casa limpa parece ter se fixado nos seus desejos e suas práticas. Em um episódio muito peculiar, no decorrer da entrevista Dona Geralda fala, com entusiasmo, sobre uma situação em que contemplou seu trabalho com uma cama bem arrumada e feita com fronhas e lençóis que lavou, passou e engomou, sendo que o resultado visto a emocionou e a fez orgulhosa de si e de seu trabalho.

*“Na fazenda, a comida da fazenda era canjiquinha, que era a comida da fazenda, couve picada. A minha irmã, quando picava uma couve, ela picava uns sete molhos de couve. E ela picava fininha a couve. Era a couve, feijão, angu, que era comida de empregado da fazenda... arroz socado no pilão, misericórdia.*

*O pai tinha criação de galinha e de porco, o meu pai tinha e tudo. Depois que eu vim pra Juiz de Fora, ele já foi ficando idoso, já foi ficando doente e já foi deixando tudo pra lá. Ele já foi deixando tudo pra lá. A última vez que eu fui em Mercês, ela já não estava mexendo com muita coisa mais não. Ela já não estava com a saúde muito boa.”*

Dona Geralda não narra a vida dentro de uma cronologia fixa. Na direção de Benjamin em suas Teses sobre a História, seu tempo narrado não é uma linha reta, que aponta sempre para frente e para cima, sob uma perspectiva progressiva (BENJAMIN, 1987a). Entendo esse espiral do tempo como giros irregulares em tamanho e velocidade, com possibilidade de idas e vindas e, ao narrar a vida, Geralda comprova, mesmo sem conhecer os pensamentos do autor alemão, esse entendimento, pois não começa com o nascimento em Mercês e vai nos abastecendo de detalhes sequenciais. Não. Sua fala tem interrupções, idas e voltas e, com certeza, omissões e esquecimentos intencionais ou não. Como diz Ecléa Bosi, ela não puxou só um fio, como Ariadne, puxou vários, e vai tentando se virar com eles ao longo de sua lembrança.

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p.55).

A memória do indivíduo depende, pois, de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p. 54). Poucas vezes em seu relato Dona Geralda deixa transparecer guardar ressentimento, mas ele aparece sim, assim como pinceladas de mágoa da vida ou das pessoas. Mas as lembranças do passado cheio de privações mexeram com ela para sempre. Pede que ninguém ofereça a ela abobrinha ou chuchu e até couve diz não ser muito chegada. Diz que comeu muito desses alimentos por falta de opção e que não os consumiu nunca mais.

*“Oh! Eu sou um tipo de pessoa, não me dá abobrinha pra... Essa abobrinha verde, não me dá chuchu pra mim comer, couve mesmo eu como mas não sou chegada. Por que as únicas coisas que você comia na roça era angu, feijão, abobrinha batida. Era angu, feijão, chuchu. Ah, não.”*

O ressentimento parece ter pouco impacto sobre ela, mas algumas lembranças a fazem mudar o tom da voz, a ênfase, e a empregar a ironia para narrar como viveu. O sonho, sonho mesmo de viver em Juiz de Fora fica bem claro que foi construído a partir da percepção que tinha de si mesma e da condição de vida da sua família. Eram pai, mãe e seis filhos. Todos muito cedo começaram a trabalhar na fazenda, mas só o pai tinha salário, como dito anteriormente. É evidente em suas falas que ela não se reconhece como alguém que é inteiramente dona de si e de suas vontades. Embora as palavras utilizadas não sejam essas, o sentido de sua fala é muito claro. Aquilo não estava certo, mesmo que, naquela realidade, fosse prática naturalizada. Dinheiro e posição social, cor e origem mantinham os direitos de uns sobre os outros. Práticas de dominação e silenciamento mantidas e reforçadas através dos tempos. A marca e a exposição do vivido se contrapõem à ideia de que essa era uma situação aceita passivamente em todo e qualquer cenário.

*“Onde já se viu, você trabalhar sem ganhar? É por isso que eu sonhava em viver em Juiz de Fora. Pedia a Deus e todo mundo para arrumar uma casa para trabalhar em Juiz de Fora.*

*Na fazenda lá em Mercês a gente tinha..., quando criança, ia pra escola e a gente ia a pé todo dia, numa distância muito longe. Assim como daqui lá na saída da Graminha, andando a pé, a gente tinha que ir com a professora todo dia. Aprendia, era*

*uma professora muito boa. Ensinava direitinho e tudo, mas a gente andava muito. Mas como era roça, a gente andava a pé mesmo, então era uma coisa que a gente... Ia com a professora. Ia eu, ela e um irmão meu que mora lá em São Benedito. O Vadinho, você conheceu ele?*

*Ainda tinha um filho do dono da fazenda, mais novo. A nota dele da aula, ele estudava com essa professora também. A nota dele era 8, a minha e mais a do meu irmão era 10. Aí ele perguntava. Por que a nota deles, a minha é 8 e a deles é 10? Ela falava com ele assim: uai Adalto, é o procedimento deles e tudo. Por que nós era quieto, tinha medo de pai e mãe. Se respondesse e falasse com o pai, com o pai e mãe, batia. Então a gente tinha aquele respeito de pai e mãe. Respeitava os outros como pai e mãe. Quando vim de Mercês para Juiz de Fora, deixei pra trás todo mundo.”*

No caso específico, temos Dona Geralda vinda de uma fazenda onde era obrigada a trabalhar muito, de graça e sem nenhum direito trabalhista e social garantido. Algumas tarefas cotidianas reforçavam suas ideias de que o mundo não era igual para todos e, talvez por isso, lhe parecesse normal se localizar numa cidade capitalista tão plural e desigual como se isso fizesse parte de seu destino. A jovem Geralda e seus irmãos trabalhavam no serviço da casa dos patrões. Não eram remunerados por nada que faziam. Pesava ainda o fato de ser aquela prática costumeira, tida como um grande favor. “Uma ação benevolente” prestada pelos donos da casa e das terras. A patroa, ao “deixar” as moças, filhas do colono, ali aprendendo e aprimorando as práticas dos serviços domésticos de todos os naipes, permitia que incorporassem saberes e fazeres de importante significado para os senhores brancos e suas famílias, mas que aquelas moças não utilizariam no ambiente de suas moradias modestas. Faziam crer, e eram eficientes nesse fazer, que aquele aprendizado seria muito necessário no futuro. Era como se fosse uma escola informal, onde os saberes serviriam muito mais para solidificar e garantir a exploração e o mando do que propriamente para serem utilizados por quem adquirisse as habilidades em sua execução em seus próprios lares.

Em um momento de sua narrativa, foi possível perceber mais uma vez o ressentimento de fato. Ao descrever como eram lavados e preparados os panos com os quais a filha do patrão aparava mensalmente seu sangue menstrual, ela

não consegue manter a serenidade e olhar complacente que tem em relação à sua vida.

*“Ah, rapaz. Eu comecei a trabalhar muito cedo. A filha da dona da fazenda era internada num colégio de Rio Pomba. Nessa situação de mulher não tem problema falar não, né?(...) A moça ficava menstruada, aquelas toalhinhas que era de, aquelas toalhinhas de americano alvejado. A menina levava pro colégio, lá a menina (...) daquele jeito, (...) quando a menina vinha com aquelas toalhinha, aquilo vinha vermelho encardido. A menina quando voltava, voltava com aquilo igualzinho, branquinho. Eu tinha que clarear aquilo tudo. A minha mãe mandava nós ir pra fazenda, trabalhar com a dona da fazenda pra aprender a trabalhar, nós esfregava aquilo, botava pra quarar, depois fervia, esfregando na mão, correndo sabão até que aquilo ficar branquinho. Pra depois ainda passar com ferro de brasa pra menina ir embora pro colégio, levar pro colégio aquilo tudo branquinho, roupa tudo lavadinha, lençol lavadinho. Pra que? Pra sujar e trazer de novo pra gente lavar no outro mês. Porque naquela época era tudo americano cru alvejado e tudo. Era tudo clarinho, tudo limpinho, por que a minha mãe mesmo alvejava peças e peça de americano pra dona da fazenda.”*

Essa situação parece ter marcado para sempre as recordações do passado de Dona Geralda na fazenda onde viveu a infância e parte da juventude, o fato de ela ter que lavar os panos sujos do sangue menstrual da filha do fazendeiro. A cada mês, os pedaços de tecidos eram guardados sem nenhuma higiene prévia, e, em suas visitas à fazenda, a moça os levava para que Geralda os lavasse e os tornasse novamente alvos, higienizados, muito bem passados com ferro quente cheio de brasas produzidas pelo fogão à lenha.

No final da operação de alvejar os panos, o sangue que se via não era mais o que desceu do útero da sinhazinha em seu ciclo menstrual, mas sim o dos dedos de Geralda esfolados pela árdua tarefa realizada por ela. Aquela jovem negra se sentia humilhada pela realização dessa e de outras tarefas, ainda por cima sem ser remunerada, mas tinha que repeti-las ainda muitas e muitas vezes. Por essas e por outras, Dona Geralda pedia a quem conhecia ou encontrasse e tivesse oportunidade, que lhe arrumasse um emprego em Juiz de Fora. A cidade emergia, portanto, como um grande sonho de ascensão social.

*“Aí vim pra trabalhar na casa deles, dos donos da fazenda, na cidade, em Mercês. Com 19, anos eu vim trabalhar na casa deles em Mercês. Com a dona da fazenda. Gente, misericórdia, ela também não era fácil. Pessoa, misericórdia. A filha também, muito sem educação. Aí o que eu fazia? Elas brigavam, eu brigava com elas, falava sem educação e eu também (risos). Sem educação também, onde você já viu, era grossa, sem educação. Elas brigava comigo eu brigava com elas. Quando isso acontecia de brigar com a mãe, brigar com a filha, aí a primeira coisa que eu fazia era passar na casa do prefeito e falava com a dona do prefeito. Dona Maria, se a senhora tiver parente da senhora em Juiz de Fora e precisar de empregada, a senhora fala comigo dona Maria. Aí a dona Maria falava: pode deixar comigo, e eu ficava esperando.”*

Foi crescendo junto com ela, assim, o desejo de receber um salário pelo que fazia. Assim foi crescendo o desejo e o sonho da vinda para Juiz de Fora. Isso parece que virou ideia fixa. Na sua narrativa, é possível entender que foi um sonho concretizado e avaliado como positivo.

*“Uma vez eu fui em uma festa em Silveira. Já ouviu falar em Silveira? Fui em uma festa eu e uma colega minha chamou pra ir. Eu nunca gostei de ficar em casa com muita gente. Fomos na missa das sete. Quando é mais tarde, eu fiquei na casa da moça, e tinha uma quantidade de gente, a casa cheia. Eu pensei comigo assim: ah, não, eu não vou ficar aqui não. Aí eu resolvi, hoje eu vou pra Mercês. Eu vou no caminhão de leite! Mas parece que era Deus que estava me mandando para Mercês. Quando eu chego em Mercês, minha mãe falou: arrumei emprego pra você em Juiz de Fora, ainda hoje mesmo. Eu falei: Oh, glória a Deus (risos). Vim pra Juiz de Fora, no mesmo dia, feliz da vida. Graças a Deus. Aqui, aqui trabalhei, aqui em Juiz de Fora trabalhei, aqui namorei, aqui casei, aqui criei minha família. Já casei meus filhos tudo, graças a Deus. Eu saí de lá, mas os outros ficaram. Ficaram lá, de onde eu saí, ficaram lá em Mercês pra lá. Uma vez eu ainda voltei lá. Uma vez só. A mulher do meu irmão morreu e ele deve ter casado com outra, por que ficou viúvo novo e tudo. Também... Voltei pouco a Mercês.”*

Sonhando com a cidade grande e com a melhora daquela condição análoga à escravidão, Dona Geralda largou para trás a casa de taipa, a cama com tarimba de folhas de bananeira e sem cobertura, as cuias de cabaça que sua família usava como utensílio para se alimentar. Não olhou para trás e poucas vezes voltou.

*“Praqui (Juiz de Fora) eu já vim mais velha. Praqui eu vim com 22 pra 23 anos. 22 pra 23 anos. Aqui que a situação melhorou um pouco pra mim. Que aqui nessas alturas, eu trabalhei nos Altos dos Passos, na rua Pedro Botti. já onde eu vim trabalhar eles me aceitaram como uma filha deles. Era um casal de idosos, não tinha filhos e tudo. Me aceitaram como filha deles.”*

A “negrinha” trazida para dentro de casa “para ser criada como filha” permaneceu como tradição e costume até um passado bem recente e, ainda hoje, existem notícias da permanência desse padrão em quase todo o território nacional. Assim também foi com a menina Geralda. Dona Geralda se percebeu assim também: “eles me aceitaram como filha”. Mas talvez sua felicidade momentânea, ou a incorporação do discurso do ‘bom patrão’ não tenha deixado que percebesse que era sim a filha, mas a filha que trabalhava por um salário baixo, dormia no quartinho dos fundos, que os supostos pais não cuidavam de sua instrução, que não possuía os mesmos direitos que filhos de fato dessa classe social. Essa filiação muito mencionada em relatos de patroas e empregados não possuía uma uniformidade e poderia variar desde somente a nomeação: “quase uma filha”, ao afeto e o bom trato, comida igual à dos patrões, o que já era muito, considerando determinados cenários, o que garantia a percepção da própria serviçal de ser “quase uma filha”.

*“Aí eu peguei a conhecer a família do meu marido, aí eu já comecei a se entrosar com as moças, irmãs dele. E nesse entrosar eu comecei a namorar ele. Comecei a namorar ele e acabei casando com ele. E foi nessas alturas que ele comprou aqui, construiu aqui, e tem 53 anos que eu moro aqui nessa casa. Essa casa está precisando muito de arrumar.*

*Mas eu que não procuro mais eles não, esse negócio de eu não andar, eu já não ando mais [Dona Geralda sofreu um derrame alguns anos antes àquele momento da entrevista, não sabendo informar com precisão a data] e tenho que ficar procurando e tudo, eles também não me procura.*

*O doutor Otávio Augusto do Amaral, não sei se você já ouviu falar dele? Era menino quando eu vim aqui pra Juiz de Fora, esse menino tinha dois anos. E a senhora de onde eu trabalhava falava com ele, ele era um menino muito levado. Ela era a minha patroa e não tinha filho, não. Ela criou do irmão dela e tudo. Aí ela virou pra mim e falou comigo assim: “Nós temos um sobrinho e gostamos muito dele, a empregada que*

*não gostar dele não gosta de nós”. E mesmo na empregada da casa da irmã dela, ele cuspiu, dava chute... nossa, o menino era terrível. A primeira vez que ele me viu, foi amor à primeira vista. O menino gostou de mim. Mas com essa família, eu tinha tudo. Eu tinha tudo com essa família. Por que todo lugar que eu estava, eu estava com ele, junto do menino. O Bom Pastor ali, se tivesse história, no Bom Pastor eu andava com ele, andava com ele no Bom Pastor tudo, cansava ele.*

*Um dia eu estava deitada na cama, lembrei dele, de saudade dele. Lembrei dele e tive saudade dele. Ele era um menino que era muito levado, gostava de cuspir, chutar as empregadas. Elas batia nele e tudo. Eu vim praqui, fui conversando com ele, conversava assim, falava menino que cospe nos outros, menino que cospe e põe a língua pra fora, não põe a língua pra dentro, e tudo. Parou de cuspir, parou de chutar. E eu, tinha tudo com ela. Com a minha patroa.*

*Eu morava com a família, dormia no emprego e tudo. Eu acabava de trabalhar, por que era um casal só, que tinha emprego, era um casal de idoso. Então eu fazia o almoço deles, arrumava a cozinha, arrumava a casa. Naquele tempo, era assoalho assim, ela gostava da casa dela muito brilhando, eu passava escovão, limpava, eu limpava tudo. Depois que acabava de arrumar, eu ia lá pra casa onde estava esse menino. Lá eu arrumava a cozinha delas também, era duas solteironas que cuidou dele, que criou ele. Eu arrumava a cozinha delas, olhava ele, eu era amiga da família. Chegava lá, pegava ele, arrumava ele, levava ele no Instituto Santos Anjos que era ali, perto da antiga Prefeitura. Na Rio Branco, (Onde hoje funciona a agência principal da Caixa Econômica Federal em Juiz de Fora, entre as ruas Halfeld e Fernando Lobo) (...) aí eu levava ele, levava a menina também. Mas eu cuidava da família toda. Eu cuidava da família toda. Gente, com o tempo tudo se perde...”*

Como contou, Dona Geralda é natural de Mercês, uma das mais de cinquenta cidades no entorno de Juiz de Fora que dão à cidade o perfil de pequena capital regional, onde serviços de saúde, educação e muitos outros são procurados por essa grande população da Zona da Mata Mineira. Dona Geralda nos relatou que na sua infância, adolescência e início da juventude, vivia em uma fazenda em Mercês, ela, pai e mãe e irmãos. De todos eles, somente o pai recebia pelos trabalhos prestados, embora todos trabalhassem. Resquícios de uma abolição de escravatura mal planejada e mal executada, em que hábitos e costumes nas relações entre negros e brancos permaneceram intactos ou

minimamente alterados durante um longo período. Uma das falas mais marcantes de Dona Geralda em suas entrevistas é quando ela revela que se sentia uma semiescrava:

*“Como podia isso, meu Deus? Trabalhar e não receber pelo que se faz.”*

A revelação do sonho surpreende a nós, cidadãos urbanos que aspiramos por algo maior, e que temos a arrogância de tentarmos nivelar os viveres e até os sonhos. A diferença, portanto, nos causa espanto. Essa mesma diferença que pode saltar aos olhos, todavia, nos aproxima do sentido apresentado nas advertências de Sandra Pesavento acerca das dimensões sensíveis da cidade,

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as verdadeiras, as reais, as concretas cidades em que vivemos. Afinal, que chamamos de mundo real é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma. Pois o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas (PESAVENTO, 2007).

A cidade sonhada por Dona Geralda, em sua mocidade, era aquela que pudesse lhe permitir a realização de ser empregada doméstica em Juiz de Fora, pois assim faria funcionar a sua lógica de justiça e receber pelo trabalho que executava e gostava tanto de fazer, e deixar de ser uma semiescrava, (grifo e expressão minhas na busca da tradução e interpretação da fala da entrevistada), como se enxergava. Seus deslocamentos pela cidade no eixo centro-sul são também atravessados pela sua condição social particular de ser cuidadora das crianças daquela elite cujos traços advindos de um DNA social escravocrata lhe limitava o espaço de circulação e, ao mesmo tempo, lhe abria os sentidos para o plural de cidades que existe no interior de uma cidade como Juiz de Fora.

Em outra passagem significativa em seus relatos, reitera a diferença marcante de classes. De um lado, a família branca da casa grande “fazia o favor de deixar que aquelas moças e rapazes, filhos e filhas dos empregados da fazenda, trabalhassem ali para aprender o serviço”. Assim, no futuro, teriam um ofício que lhes possibilitaria a “quase digna” sobrevivência. Isso confirma a percepção intuitiva de nossa personagem de sua condição e de seus pares de

quase escravos ou, porque não dizer, escravos? Afinal, trabalhavam muito e não recebiam. Essa prática não é análoga à escravidão, embora não seja assim nomeada?

Juiz de Fora, a cidade que lhe era contada pelos outros, transforma-se no seu cenário ideal para projetar o futuro. Já podemos considerar aqui o primeiro uso de Dona Geralda desse espaço urbano. Ela sonha em viver e trabalhar na cidade que projetava em seus sonhos de romper com a vida que levava e de que não gostava em Mercês. Juiz de Fora, espaço urbano de referência para toda a região da Zona da Mata Mineira, a seduzia pelas possibilidades que lhe eram contadas de uma vida digna. Parece que não era de seu conhecimento que a cidade de seus sonhos possuía uma arquitetura arrojada em seus espaços centrais, que existia ali uma vida cultural efervescente e que seus cidadãos lhe nomeavam com muitos títulos, todos eles reforçando o imaginário de uma cidade de destaque econômico e cultural no cenário nacional. A Manchester mineira, a Atenas de Minas, a princesa de Minas, A Barcelona Mineira da Belle Epòque. A cidade não a seduzia por esses aspectos, pela cultura ou pela pujança econômica, nessa época já em evidente declínio. O que Dona Geralda sonhava mesmo era uma casa de família para trabalhar em Juiz de Fora.

Queria receber pelo que sabia fazer bem nos limites das aprendizagens que lhe foram possíveis: os serviços domésticos que aprendeu dentro da lógica da exploração, para continuar sendo explorada. Por isso, Juiz de Fora era sonho. Significava a ruptura com a servidão imposta e a possibilidade do desenho de uma nova história de vida. Por isso, se sente realizada e não cobra a conta da vida. Ela avalia que alcançou naquilo o que queria. Sonhos simples, distantes e impossíveis para a menina negra, filha do colono de fazenda na cidade Mercês, mas que, na cidade sonhada, foram realizados. Passou a receber pelos seus serviços. Se sentia querida e respeitada como um ser humano, fatos claramente perceptíveis na sua narrativa de vida. Além disso, apesar de todo o sacrifício e luta, foi na cidade desejada que teve a casa de laje, que não era como a dos pais. Sua casa era construída em terreno comprado pelo marido e não nas terras do patrão, como foi aquela casa de quatro paus de esteio lá de Mercês. Sua casa tem camas com colchão, colcha para forrá-las, sempre bem esticadinhas, e coberta pra todos nas noites de frio. “*Eu posso reclamar?*”

A vida em Juiz de Fora pareceu-lhe muito mais suave que aquela da fazenda e da cidade de Mercês. Talvez seja essa uma imagem do pensamento bastante precisa daquilo que Benjamin nos convoca a pensar em seus Diários de Moscou (1989) acerca do fato de que “de Moscou se vê melhor Berlim”. Como empregada doméstica na cidade grande, mas agora recebendo por seu serviço, Dona Geralda pode aprender a fazer e experimentar os gostos de novas comidas. No início, trabalhou em poucas casas, todas ligadas à mesma família. Assim, ao rememorar a existência nas duas cidades, Dona Geralda expressa um sentimento de gratidão muito grande aos seus patrões juiz-foranos, sentimentos muito diferentes daqueles que manifesta pelos donos da fazenda onde viveu a infância e juventude na pequena Mercês, que no curso da vida lhe aparece ressignificada. Sessenta anos de vida em Juiz de Fora, portanto, lhe fizeram olhar novamente sua cidade natal, qualificando suas ausências em termos de direitos sociais e civis, ainda que sua baixa escolaridade não lhe forneça ferramentas conceituais para discernir o significado de tais direitos. Seus sentidos na vida prática são, contudo, bem compreendidos. Desse modo, o ato de viver e narrar uma cidade numa vida longa traz consigo a condição de pensar de modo relacional cidades diferentes na conexão com a própria vida. Pensar isso sob o ponto de vista de sua potência educativa representa, essencialmente, ter em conta o valor comunicativo da narrativa, no sentido de permitir ao espectador ou ouvinte compreender a dimensão humana concreta e real das diferentes experiências históricas e temporais.

Em sua percepção, houve uma melhoria na vida. *“Aqui as coisas melhoraram pra mim ... Eu tinha tudo com a Patroa.”* Talvez para quem vem de um lugar onde os maus tratos, péssimas condições de moradia e acomodações precárias na casa de pau a pique, que tanto lhe incomodaram e que marcaram sua vida para sempre, uma simples solicitação ou agradecimento feito de forma delicada e, óbvio, a remuneração pelo serviço prestado, fizessem toda a diferença.

*“Casei na Igreja de São Mateus. Casei no civil 3 horas, eu casei no civil 3 horas, quem me casou foi o seu Juliano, você lembra dele? Seu Juliano. Quem me casou foi o seu Juliano e tudo. Casei 3 horas em casa e 6 na Igreja de São Mateus. A Igreja de São Mateus estava deslumbrante. Foi 25 anos da Igreja São Mateus. Tava fazendo 25*

*anos de Bodas de Prata. Dei muita sorte. A igreja estava ricamente enfeitada e pude desfrutar daquilo na cerimônia do meu casamento.*

*Tem uma coisa. Eu não tirei retrato porque o marido não quis que eu tirasse retrato. Eu tinha até o dinheiro pra tirar retrato... Mas os 200 reais que o filho da dona da casa mandou pra mim do Rio era para fazer o retrato, o homem (futuro marido) já começou a mandar antes do casório. Ele comprou mantimentos. Ai eu fiquei quieta. Por que? Diz ele não queria fazer conta antes do casamento. Ele trabalhava na tecelagem São Vicente ali.”*

Aquela jovem trabalhou com essa família por algum tempo. Saiu de lá casada. A indumentária de noiva ela ganhou toda dos familiares da casa que trabalhava. O sapato de um, o vestido de outro, o véu, a grinalda, o buquê. Teve direito a comemoração com bolo, refrigerante e uma linda mesa de doces. Ela, como mulher educada nas décadas de 1940 e 1950, representava bem o papel da mulher na relação do casamento. Assim era na maioria dos lares: “o homem manda a mulher obedece” e, antes mesmo de casar, Dona Geralda já havia assumido seu papel de mulher submissa na relação com o marido.

Dona Geralda era ainda muito jovem quando deixou Mercês para realizar o sonho de trabalhar em Juiz de Fora, deixou para trás a família. Pouco desfrutou e fez uso do espaço que aquela simpática cidade oferecia, pois os vinte e poucos anos que viveu em Mercês foram vividos na fazenda e o transporte até à cidade não era fácil nem acessível e ela e seus pares. Depois da saída de Mercês, os reencontros foram mínimos. O pai viu poucas vezes, nos raros momentos de retorno à cidade natal. A mãe foi a única pessoa da família que veio ao seu casamento. Tal como analisado por Ecléa Bosi, “Entre as famílias mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante” (BOSI, 1994, p. 20).

*“Depois que eu casei, o negócio já mudou. Eu já tinha a minha casa, o marido era um pouco meio enjoado, (risos) ele era um pouco meio enjoado não, ele era muito enjoado mesmo. Antônio Alcebiades. Ele foi trabalhador, muito trabalhador. Chegou a ser mestre de obras desse JJ Engenheiros. Ele foi trabalhar com construção civil. Foi um dos primeiros... como é que é, gente?*

*Eu casei e fui morar no Mundo Novo, eu fui morar no Mundo Novo. Lá a família do meu marido, tem uma avenida lá, e tem muito tempo que eu até não vou lá,*

*tem muito tempo. A metade da família do meu marido morreu tudo, sabe. Acho que só tem um vivo e tudo. Aí eu fui morar no Mundo Novo. Na Rua Acre. É. Rua do Acre e tudo. Aí eu morava lá. De lá foi aonde o Antônio, o meu marido, comprou esse terreno aqui, e construiu aqui esses dois cômodos aqui. Construiu esses dois cômodos, foi até os dois cômodos cobertos de telha. Um dia deu uma chuva, foi uma chuva de vento, tocou as telhas tudo pelo meio. Eu fiquei escondida debaixo da mesa e as três meninas, escondi elas debaixo da mesa e fiquei, segura em pé, segurando (...) qualquer coisa eu enfio a cabeça e tudo.*

*Não tinha luz... Não tinha água. Não tinha água. A gente carregava água na cabeça. Tem um poço lá na frente. Tem um poço lá perto da casa da Geovana. Tem um poço onde eu pegava água, lavava roupa. Eu fui muito lavadeira. Eu fui muito lavadeira. Eu lavei muita roupa. Ajudei meu marido, eu trabalhava muito. Era muito filho...”*

Casada, começou trabalhar como lavadeira naquele espaço, hoje todo preenchido de casas e puxadinhos, um espaço urbano muito parecido com muitas das periferias das grandes cidades brasileiras, com lajes e telhados de múltiplos materiais. Ali, onde era pasto, o grande pasto descrito por Dona Geralda, ali onde existiam apenas duas ou três casas além da sua, hoje quase não existe nenhuma área livre para o lazer dos moradores ou mesmo para novos puxados. O seu próprio terreno, ao longo do tempo, transformou-se em espaço para quatro moradias construídas paulatinamente pelos filhos. Sua casa hoje é também uma casa completa. Embora ainda muito simples, ela tem uma casa onde se come em pratos e com talheres, as camas têm colchão, colcha para enfeitá-las durante o dia e lençol e cobertores para as noites de sono. Muito tempo depois, as noites nas esteiras de folha de bananeira, tarimba, e o feijão com angu e abobrinha batida servido em cuia de coité hoje são recordações de uma vida que quis deixar para trás.

Como lavadeira, podia usar o espaço do entorno de sua casa, ao qual muitas vezes se referiu como grande pasto, para quarar a roupa que trazia lá de baixo de vários pontos da cidade para lavar primorosamente e devolver aos donos em perfeito estado de uso: lavadas e passadas e com aquele cheirinho de roupa secada ao sol, que é tão peculiar.

Equilibrou muita trouxa de roupa na cabeça e na barriga, driblando a lama nos dias de chuva e a poeira nos períodos de seca. Uma jornada que não parece simples nem prazerosa, mas que ela nos conta com orgulho e alegria.

*“Não tinha nem ônibus. Eu ia a pé mesmo. Vinha lá da Rei Alberto (rua da região central de Juiz de Fora) com uma trouxa de roupa na cabeça e outra na barriga. Lá da Rei Alberto. Naquele tempo, a gente era nova, hoje eu não estou valendo mais nada não. Eu falo com as meninas hoje. Não tinha ônibus, não. Depois é que começou a passar ônibus, muito tempo que começou a passar ônibus. Daqui de primeiro era trilho, tinha que era aqui é cavalo brigando aqui nessa rua, que eu tinha medo dos cavalos rolar aqui embaixo, que nem muro eu aqui não tinha e tudo. Tudo isso eu passei aqui. Hoje eu estou feliz, graças a Deus.”*

À medida que a família foi crescendo a casa foi sendo aumentada. Ao todo teve seis filhos naturais e adotou mais três, sendo nove no total.

*“Eu tenho 19 netos, quase tudo casado. Quase tudo casado (risos). Tenho 7 bisnetos. Tenho 7 bisnetos. A minha bisneta mais velha está com 13 anos. Com 13 anos.”*

Dona Geralda trabalhou muito durante toda a vida. Realizou aquelas tarefas que são tidas como as mais humildes. Limpou, cozinhou, lavou e passou em casas que não era a sua, fazia isso para os outros. Nunca se sentiu diminuída, teve e tem muito orgulho daquilo que sabia fazer melhor que a maioria. Certa vez, em uma das casas das quais ajudava a cuidar, parou na porta de um dos quartos e reparou na cama muito bem feita e arrumada. A menina de Mercês que dormiu em cama de tarimba, sem colcha e sem coberta, que sonhava um dia ter cama com colchão e outros itens, se encantava com a bela cama da patroa que seu trabalho ajudou embelezar.

*“Era uma roupa que era passada com ferro, roupa engomada. Um dia eu cheguei na casa dela, na porta do quarto dela assim. Gente, a cama dela estava tão bonita, aquele lençol bonito aquelas fronhas engomadas na cama. Gente, eu senti orgulhosa de mim mesma (risos). Antigamente eles não dava valor ao serviço, hoje o serviço é mais valorizado. O serviço de uma pessoa (...) dá valor, antigamente eles não dava muito valor ao serviço. Quando eu cheguei na porta do quarto dela, quando eu vi aquela cocha bonita, estendida, branquinha, assim. Aquele lençol, aquela fronha engomadinha. Eu me senti orgulhosa de mim mesmo, gente, mas como é que a cama*

*dela, da dona Heloisa está bonita. (...) era eu que lavava a roupa dela. Lavei a roupa dela muitos anos. A melhor roupa, eu ganhava dinheiro. Sabe quando eu ganhava? Dois mil réis.”*

É bom lembrar que agora ela recebia por ele, aquela cama tão linda era resultado da ação dos braços e mãos daquela que naquele momento já era uma senhora.

*“Eu lavei muita qualidade de roupa. Nosso Deus, o quanto eu lavei de roupa. A minha infância foi lavar roupa, minha mocidade. Por que você casa, (...) eu já casei com 23 anos e tudo. Com 28 anos ganhei a minha terceira filha. As maiores ajudaram a criar os menores e eu continuei lavando roupa e trabalhando na casa dos outros.”*

Seu trabalho, para o bem ou para o mal, ligava uma camada da cidade à outra. Transitava pelo espaço da cidade, da sua forma. Traçou com os seus pés os caminhos pensados, que quis ou precisou fazer no espaço da cidade. De certo modo, a história de Dona Geralda se vincula à minha própria história no exercício cotidiano de deslocamento pelos diferentes lugares da cidade e nos sentidos assumidos pela consciência lentamente construída acerca das múltiplas territorialidades visíveis e invisíveis na urbe.

O dinheiro de seu trabalho era absolutamente necessário para a casa se manter.

*“Mas, eu trabalhei muito, eu trabalhei. Ajudei o meu marido a criar os filhos. As vezes tinha dia que faltava arroz, tinha que receber dinheiro de uma, de uma senhora pra receber, eu já falava com as minhas filhas assim: passa no armazém, já vem trazendo arroz, passa no açougue vem trazendo toicinho, passa no açougue, vem trazendo carne de segunda, comprava carne de segunda...”*

A menina de Mercês que trabalhou desde muito cedo, passou a juventude ligada ao trabalho, deixou os filhos maiores cuidando dos menores em casa para cuidar e deixar a casa dos outros mais arrumadas, limpas e bonitas, hoje é a velha que mora na cidade que escolheu, mas não usufrui dos benefícios mínimos que deveriam ser garantidos pelo Estado a todo cidadão idoso. A trajetória de décadas como trabalhadora não lhe garantiu uma aposentadoria digna. “Como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem? A resposta é radical (...): seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem” (BOSI, 1994, p.20).

A menina que superava com melhores notas os filhos dos patrões não aprendeu além do básico, porque isso não era cogitado para alguém com sua marca social. Para ela, o sonho sob medida era ser empregada doméstica em Juiz de Fora. O sonho possível foi arquitetado e se transformou em vida. Aquela moça namoradeira e sapeca, que pegava carona no caminhão de leite escondido da mãe para ir para festas e bailes, hoje, já com 93 anos, olhou para o vivido e com o tom próprio de contemplação que possui na voz e no olhar, ao revisitar a própria vida, se descreve realizada e sem mágoas.

Juiz de Fora se tornou o lugar da realização do sonho. Seu desejo se cumpriu e durante sessenta e um anos trabalhou como babá, doméstica e lavadeira, porém, a cidade onde desejava viver e que dentro do seu olhar acolheu não garantiu a velhice segura, pois apesar das décadas trabalhadas, ela nunca conseguiu aposentar-se com o seu serviço.

*“Ah, eu trabalhei bastante tempo. Mas não aposentei, por que naquela época de lavar roupa, eu lavei, passei, passei para uma senhora lá na, como é que é gente? Na, ali perto da Igreja Melquita. Eu trabalhei pra uma dona do seu Mourão, eu sei que eu passei roupa pra ela 20 anos. Eu trabalhei pra dona Ione, na rua Santo Antônio, 23 anos. Eu trabalhei pro doutor Edivaldo, 18 anos. Lavando roupa e passando, 18 anos. Você pode notar, só pra esses 3 dá quanto? Só esses três, dá 50 ou 60... Já passou de 60. Acho que certo são 61 anos.*

*É, 61 anos de serviço. Já no tempo, se fosse pra mim aposentar, eu já tinha aposentado, não tinha carteira assinada naquele tempo, não tinha carteira assinada. Contando que ficou tudo por isso mesmo. Mas eu sou feliz, graças a Deus, eu recebo a pensão do meu marido. Recebo pensão do meu marido. Dá pra mim viver, com a graça de Deus dá pra mim viver e tudo. Que a gente dinheiro, não vai sair esbanjando dinheiro, né? E tudo. Sei lá, você recebe o dinheiro, compra aquilo que é necessário procê se alimentar, o resto você vai, né? Se for para você pagar um remédio, você que toma remédio controlado, negócio de pressão, né? E tudo.”*

Figura 34 - D. Geralda em sua casa



Fonte: Acervo pessoal

Dona Geralda fala sempre bem da vida, enaltece o que conquistou. Se percebe hoje como uma vitoriosa. Mesmo que para os padrões usuais tenha conquistado muito pouco e com muito, muito esforço e sacrifício, ela comemora chegar aonde chegou. Aquela menina negra da fazenda, inteligente e levada, que gostava da escola, que era esperta e atrevida o suficiente para enfrentar na escola o filho do patrão que questionou, certa vez, à professora porque sua nota era oito e da Geralda, dez, hoje vive com uma irrisória pensão do marido, mas se sente uma mulher realizada. Seu sonho foi vivido e lhe deu o bastante para achar a vida boa.

***“Além de comportamento bom, eu sabia tudo e ele não. Aquele menino era uma peste, ô menino levado.”***

Voltando a avaliar a vida, o vivido, fala dos espaços que conseguiu ocupar e usar e até mesmo conhecer da cidade dos sonhos, pois em suas andarilhagens pelo território de Juiz de Fora, Dona Geralda deixou claro que suas vivências se deram no espaço da zona sul da cidade. Tudo indica que sua vida como cidadã de Juiz de Fora tenha se dado em sua absoluta maioria do centro em direção à zona sul, onde fica localizada sua moradia. Ali trabalhou nas áreas mais nobres

como Santa Helena, Bom Pastor, Alto do Passos, São Mateus... e morou em bairros de trabalhadores daquela região: bairro Mundo Novo e Cachoeirinha, hoje renomeado de Santa Luzia.

*“Já foi e tudo muito pior. E aí eu vim morar aqui. Eu sei que eu morei aqui, morei aqui, ele, meu marido, acabou morrendo de acidente, ele morreu de acidente. Um dia eu saí pra trabalhar, quando eu voltei, o ônibus dava volta ali, deu volta por cima, a escada estava cheio de gente. Pensei em tudo, de menos na morte. Aí quando eu cheguei aqui na escada encontrei com a minha menina. Ô Gê, aconteceu um acidente, papai morreu. Eu falei: o que? Aconteceu um acidente, o pai morreu. Na hora eu fiz que liguei não. Na hora eu não liguei não. Chorei naquela hora, mas só tem uma coisa, as pernas não movia também não. Aqui em cima mora a minha nora. Uma nora muito boa que eu tenho. Aí ela me levou pra casa dela. É que as pernas não movimentou, uma emoção muito forte. Fui para o cemitério e fiquei até o dia seguinte as 4 horas, foi o enterro do meu marido, vim embora pra casa, por que eu fiquei aqui em casa, sentei aqui em casa, fiquei refletindo o que que aconteceu. É uma coisa que acontece, você num pensa que vai acontecer, mas acontece.*

*Eu tenho, meu mesmo é seis filhos. E tem mais 3 de criação. Mais 3 de criação, tenho nove. Nove. Agora essa que, que foi pra completar 9. Eu criei ela até um ano e sete meses. Que o caso da mãe dela é uma história grande. Tudo eu entrava no meio. A mãe dela engravidou de um senhor casado. E queria tirar ela. Eu falava pra, não tira esse neném não, dá esse neném pra mim, quando você puder cuidar dela eu te devolvo. Devolvi a criança pra ela com um ano e sete meses, e o sentimento que eu fiquei, a criança dormia aqui no meu quarto, dormia assim no meu quarto.”*

Dona Geralda expressou uma fisionomia que refletia sofrimento e perda pelo apego que a conectou àquela criança.

Em determinado momento, perguntada como uma mulher de poucos recursos, com seis filhos naturais e mais três adotivos, dava conta da educação e proteção dos filhos e ainda “trabalhar muito pros outros”, respondeu com pragmatismo:

*“Os mais velhos ia tomando conta dos mais novos. Mas também tinha época igual a gente está aqui conversando com vocês aqui. Ela é a segunda a mais velha. A mais velha que ia trabalhar em casa de família, ficava essa aí no lugar. Aí eu saía pra trabalhar, determinava tudo o que ela tinha que fazer. Você faz comida, dá comida pras*

*crianças. Ela fazia era feijão com arroz, uma batata, uma coisa qualquer. Faz comida e dá eles pra comer. Ficou pra arrumar pra ir pra aula, você arruma ele, manda ele pra lá. Assim que eu determinava. Saia e ia embora trabalhar e tudo. Quando eu chegava estava tudo certinho. Por que antigamente a gente botava ordem dentro de casa. Hoje, os de hoje não tem muito...*

*Ajudei meu marido criar os filhos. Nós criou os filhos igual. Por isso que eu falo. Casamento, o que eu falo com as minhas meninas. Gente, casamento tem que ter união. O casamento tem que ter união, tem que ter união, trabalhar os dois juntos, trabalhar os dois juntos pra não ter questão, ter questionamento.*

*A casa a gente foi aumentando, aí depois ele aumentou esses dois cômodos aqui. Como é que foi? Quando mudamos para cá, tinham pouquíssimas casas. O resto era tudo pasto. O resto era tudo pasto. Quando eu mudei praqui, era cheio de pasto lá em cima. Aqui era chamado Cachoeirinha, né?*

*Aqui em Juiz de Fora sempre ia nas coisas, nos acontecimentos, festividades, já o Antônio não era muito de sair não, entendeu? Então eu recebia as ordens dele. Ele gostava muito de ficar em casa. Obedecia às ordens dele que era um tipo de pai, por que às vezes ele ficava aqui em casa, às vezes também ele ajudava a fazer as coisas. Lá então, eu ficava em casa. Entendeu? Era um pouco nervoso, não era pouco nervoso não, era muito nervoso. Mas era um homem bom, não era ruim pessoa.”*

Nesse último fragmento retirado das entrevistas com Dona Geralda, é possível perceber a situação da mulher que mesmo trabalhando, colocando dinheiro em casa, independente financeiramente, estava subordinada ao mando do marido. Na tese de Doutorado de José Luiz Ribeiro, uma de suas colaboradoras verbaliza: “a gente saía do mando do pai para o mando do marido, trocava de dono. Só fui ser dona de mim, quando fiquei viúva.” (Ribeiro, 2001). Dona Geralda reforça aqui essa condição da mulher. Rebelde e corajosa para romper com uma situação de escravatura, mas adequada às normas de uma sociedade patriarcal que indica e aceita o mando do homem sobre a mulher.

*“Eu mudei de religião também, né? E tudo. Por que aí eu mudei de religião, por exemplo, eu era católica e passei pra evangélica, né? E tudo. Tem bastante tempo. que eu mudei de religião. Eu tenho 8, 8 anos, quase 10 anos que eu passei pra ser evangélica. Oh, por que me deu vontade de passar. Eu, por exemplo, eu tenho, meus filhos quase tudo é evangélico. Por exemplo, essa filha que mora lá no São Pedro, é*

*pastora, o marido dela é pastor. Tem uma outra que mora no 104 também é pastora, o marido dela é pastor. Então, a família é tudo... Mas já fui espírita, tinha o centro espírita, que o meu marido aqui, que tinha o centro espírito..., por tudo. Já estava até esquecendo do centro.*

*Essa criançada cresceu vendo as festas que tinham todas aqui, era maravilhosa... E tudo, e vem agora, por exemplo, entrar setembro era festivo... São Cosme e Damião. E aqui fazia festa, ficava muita gente aqui... Mas era o meu marido que organizava as festas. Ele recebia, recebia a turma lá e fazia a obra dele lá e tudo. Depois tudo acabou, ele adoeceu. Quando ele adoeceu, que ele deu derrame aí eu comecei a acabar com tudo. Eu vou acabar com tudo por que ele já não pode tocar e eu não vou pegar essa responsabilidade, né? Por que é uma responsabilidade muito grande que você pega. Ia com ele tanto na Igreja Católica, mas ia mais no centro do que na Igreja Católica e tudo. Mas eu gostava de fazer festa, São Cosme e Damião... teve um tempo que nessa região tinha muito centro espírita, mas a maior movimentação era aqui.*

*Hoje sou evangélica e gosto muito. Gosto de ir na igreja quinta, por que eles estão fazendo um curso bíblico, meu genro e minha filha está fazendo um curso bíblico. Então é quinta, terça, quinta e domingo. É dia lá do culto lá na igreja deles. É igreja Evangélica Missionária Geração de Adoradores, Igreja Evangélica Missionária Geração de Adoradores. Mas eu vou à igreja.”*

Sua fala traz o reforço de um fenômeno iniciado no Brasil na década de 1970, o crescimento galopante das religiões e seitas de vínculo evangélico – em uma evidente expansão pelas periferias urbanas, graças às capilaridades e porosidades encontradas por templos que se adequam em garagens, pedaços de casas e espaços que em nada se confundem com a suntuosidade histórica dos grandes templos católicos que, em função do processo de crescimento urbano, perdem importância e força. A vida de Dona Geralda traz um pouco também dessa fotografia do sagrado no país “majoritariamente” católico, lotado de centros e terreiros e práticas do candomblé, da umbanda e de outras religiões de matriz africana, além, é claro, do Kardecismo. O Brasil foi gradativamente se tornando o país dos evangélicos, segmento da sociedade que ganhou muita força e hoje, com poder e grande interferência na política e nos meios de comunicação, quebra hegemonias de séculos.

No ato de rememoração, a recordação do lazer que na cidade se configura para além do mundo do trabalho também ganha força narrativa.

*“Ia nos bailes da roça, dançava, era famosa no baile. Ganhava verso (risos). Ah, que beleza que era. Ganhava verso no baile. E a gente se achava, se achava. As vezes tinha um rapaz, que a gente ia no baile, ia no baile e sabia que eles ia no baile e tudo. Aí chegava no baile ficava dançando. “O fulano chegou. Mas ficava quieto”, ninguém perguntava, ficava quieto. Aí quando chegava, via que a gente estava dançando com outro. Cantava lá no canto o verso, o verso lá no canto.*

*Eu namorei muito, menina (risos). Eu namorei muito, nossa Deus do céu. Eu namorei muito. Lá em Mercês eu namorei pouco, lá em Mercês eu namorei pouco. Uma vez teve um moço, eu conversando com ele, ele virou e falou assim: Oh, eu não vou casar com você não, sabe por que? Eu gostava dele. Eu, você acha que eu vou trabalhar, capinar em roça? Eu não... Eu vou trabalhar em Juiz de Fora. Você acha que eu vou trabalhar em roça. A próxima vez que eu fui em Mercês, que eu vi ele, eu nem cumprimentei. (risos) Eu não, eu nem cumprimentei. Eu se achei, minha filha. Passei perto dele e nem cumprimentei. Eu não.”*

Indagada sobre o conhecimento sobre os seus avós e se era de seu conhecimento que algum antepassado seu que havia sido escravo, Geralda respondeu:

*“A minha avó eu conheci. A minha vó eu conheci. Era de Mercês. Era trabalhadeira. Ela fazia azeite (se refere ao azeite de mamona confeccionado com os bagos da planta que tinha usos diversos no meio rural. Quem tinha capacidade de produzi-lo era conhecido de longe).*

*Ela fazia umas 50 garrafas de azeite. Eles chamavam ela pra fazer azeite, ela fazia umas 50 garrafas de azeite, essa garrafas de litro. Essas garrafas de cerveja. Ela enchia umas 50 garrafas de azeite. Tem uma fazenda que curava vaca com azeite. Ela que era a “fazedeira” de azeite pra fazenda e tudo e tudo. Na mesma fazenda onde eu nasci.*

*Para fazer o azeite, a mamona era torrada. Era torrado. Era torrado, nessa época. Hoje é máquina, antigamente era socado no pilão, cozinhava e ia tirando por cima, separando aquele azeite, ia tirando. Depois ela secava aquela gosma da mamona e tirava e curava e acabava de encher as garrafas, umas 30 ou 50 garrafas. Era um remédio para curar animais como as vaca, o azeite de mamona.*

*Servia de purgante o azeite. Porque na roça, tomava purgante de azeite. Era muito bom, você tomava. Antigamente, na roça, era purgante que havia. Era remédio de roça que tinha.*

*A mãe do meu pai. Era a mãe do meu pai. Foi vendida pra outra fazenda, pra outro senhor, pra amamentar o filho do senhor. É que quando as mulheres era bonita, a mãe do meu pai era bonita. Por que o meu pai era baiano, meu pai era baiano e a mãe dele era índia e tudo. Contando que eu tinha uma irmã escura, é bem escura, mas com o cabelo vermelho, menina. Ela quando soltava o cabelo, o cabelo dela vinha no meio das costas. Aquele cabelo vermelho no meio das costas. Porque a minha família é mestiçada com baiano, com índio. Então a minha avó foi vendida pra fazenda de outro senhor para amamentar o filho. O tempo, como é que as pessoas eram antigamente, né? Contando que o meu pai já foi criar todos os donos de fazenda. A minha avó, a mãe do meu pai. Foi vendida para outro senhor. Pra amamentar o filho dele, entendeu? De escravidão a minha avó era quem falava. A minha vó Virginia era quem falava.*

*Eu não acho ruim não, eu gosto de conversar e tudo. Mas essa minha avó Virginia, você pode notar, essas donas assim, apanhadeira de café, fazedeira de azeite, isso é gente antigo, é antigo, fazedeira de rapadura de engenho, é gente antigo, entendeu?*

*Talvez eu tivesse vontade de voltar, eu voltaria sabe pra onde? Eu voltaria para Mercês. Mas pra mim voltar pra Mercês tem que ter uma pessoa pra me acompanhar e aí eu não vou. Os meus filhos não vai querer um deles me acompanhar pra Mercês. Eu tinha vontade de voltar pra Mercês. Cidadezinha boa... Não pra roça, zona rural, tô fora . Mas para [cidade] de Mercês eu voltaria. Hoje já não tenho muito entusiasmo com a cidade de Juiz de Fora. Pra dizer a verdade, pra mim viver. Pra mim viver. Mas entusiasmo assim, mais eu não tenho, não. Quando a gente é mais novo a gente tem mais entusiasmo com as coisas. Entendeu? Mais idoso o entusiasmo vai acabando.*

*Mas aqui tem a família que vem sempre me ver. Fazem visita. Hoje mesmo teve uma aqui. Ontem teve um mais velho também. O mais velho, acho que 30, 34 que o Marquinho tem?...*

*Quando eu mudei praqui, isso aqui era tudo pasto. Hoje eu olho aqui eu fico... engraçado, eu fico olhando e fico pensando, as vezes eu sento aí na varanda... engraçado como aqui mudou. Era tudo pasto. Uma vez eu me lembro que eu fui, eu estava até grávida de uma criança. Eu fui levar uma roupa e tinha uma vizinha que*

*morava aqui, a Geralda, ela gostava que nós pegava numa enxadinha, desentupisse valeta por que senão a água entrava na cozinha, entrava sempre na cozinha dela. Aí ela pegou a enxada de lá, abriu a valeta dela de cá, mas deu uma chuva de pedra e no dia seguinte ainda tinha até pedra. Hoje não tem mais dessa chuva não. Hoje acabou, o que tem mais é essa chuva fina, no dia seguinte olhava o pasto, o pasto estava tudo branco de chuva de pedra, e choveu e tudo. Hoje acabou essa chuva, choveu, acabou. Mas naquela época, olhava daqui o pasto, estava tudo branco, cheio de pedra. Nessa época que eu mudei para cá, já tinha as minhas duas primeiras filhas. A Fátima é a mais velha. A mais velha está com 61 anos. A segunda com 59.*

*Essas meninas quando era criança vinha tudo pra cá pra eu trançar os cabelo delas. Era uma convivência diferente. Umas dava banho nos filhos recém-nascido da outa, curava umbigo... eu curei pra mais de uns quarenta umbigo dos menino desse povo tudo daqui de volta.”*

Dona Geralda, em suas palavras declara-se uma mulher realizada. Gosta do que fez, da casa que ergueu com árduo trabalho seu e de seu marido, dos filhos que gerou e daqueles que acolheu como filhos, todos eles criados dentro de rígidos princípios e valores e com obrigações domésticas bem definidas para cada um deles, desde muito cedo. *“Eram os maiores cuidando dos menores, se não, eu não dava conta.”*

A mulher guerreira e determinada, que lutou caminhando na lama ou poeira, que também eram suas inimigas na lavagem e entrega das trouxas de roupa que trazia das outras camadas de cidade para lavar e secar em seu quintal, que enfrentou as dificuldades das duplas jornadas, revisita o vivido, olha para trás e se diz uma mulher realizada. *“Eu fiz a vida, eu realizei meu sonho. Sou uma mulher feliz.”* Capturar e amplificar sua narrativa significa, acima de tudo, uma possibilidade de humanizar a história e o entendimento da passagem do tempo na cidade possibilitando, inclusive, a reflexão acerca do tempo futuro.

Figura 35 – D. Geralda com o pesquisador



Fonte: Acervo pessoal

## CENA 2: Leila Maria Fonseca Barbosa – “A mulher das Letras da cidade”

Uma teoria da memória, em que o esquecimento é mais vasto e mais estrutural do que a lembrança, em que esta é só uma aventura excepcional do esquecimento.

Walter Benjamin – Quarta chave proustiana

*Figura 36 - Leila Maria Fonseca Barbosa*



Fonte: Disponível em <https://jfhipermidia.wordpress.com/cultura/lancamento-do-livro-um-olhar-poetico-sobre-juiz-de-fora/>

Encontrei com Leila Barbosa em sua casa, situada na área central da cidade de Juiz de fora, na rua Benjamin Constant, no dia 31 de maio de 2019. É, hoje em dia, uma antiga casa cercada de prédios por todos os lados e que, outrora, tal como preconizou Murilo Mendes em a “Idade do Serrote” (2018),

poderia estar entre aquelas casas da “cidade cercada de pianos por todos os lados”; afinal, a cidade de Leila não é – e ao mesmo tempo é – a cidade de dona Geralda. Entre o convite que lhe fiz para participar do grupo de mulheres entrevistadas para a elaboração deste trabalho e a realização da entrevista, passou-se quase um ano. Antecipei-me um pouco no convite e, depois, por um motivo ou por outro, sempre remarcávamos nosso encontro. Porém, quando aconteceu, foi um rico, surpreendente e revelador momento.

Leila Barbosa é uma senhora octogenária, mas longe está de ser uma anciã, muito pelo contrário. Ela é ativa, produtiva e dona de uma disposição invejável. Guarda uma beleza que encanta, os olhos verdes, os cabelos sempre arrumados que informam de uma vaidade sem exageros, mas que realça essa beleza que ainda a distingue. Ela nasceu Leila Maria Braga da Fonseca e ganhou o sobrenome Barbosa a partir da união em casamento com o médico e pesquisador José Carlos Barbosa. O sobrenome Barbosa deu à Leila a forma com que seu nome se tornou conhecido. Não há, nos meios acadêmico, literário, jornalístico e/ou cultural, em Juiz de Fora, quem não conheça a professora Leila Barbosa por seu trabalho no ensino universitário, como divulgadora da literatura dos escritores locais, bem como o de pesquisadora.

Leila Maria Fonseca Barbosa é natural de Juiz de Fora e por aqui morou quase a vida inteira. Somente esteve fora, interna no Colégio Sion de Petrópolis, durante o período do ginásio, correspondente atual dos nossos anos finais do ensino fundamental. Aqui, ao lado de seu marido, o médico José Carlos Barbosa, fundou seu reino: uma família de três filhos. Depois, vieram os netos e bisnetos. Uma família também com ativa participação na vida cultural da cidade. É difícil um evento envolvendo as artes e a literatura onde não esteja presente pelo menos um de seus membros. Com certeza, a mais assídua é mesmo Leila Barbosa. Esse é um dos motivos que a fazem querida e bem aceita em todo o meio cultural. É estimada e muito respeitada. Leila, na maioria das vezes em parceria com Marisa Timponi, tem realizado um vigoroso trabalho de pesquisa em torno da literatura da cidade. Um trabalho que se estende por décadas. Publicaram diversos livros com o resultado da longa trajetória de pesquisa. Leila escreveu, com a sua principal parceira, o livro *Letras da Cidade*. Nesse volume, fazem um primoroso trabalho de restituição e sistematização daquilo que foi

escrito sobre Juiz de Fora desde os seus primórdios até os nossos dias, analisando e comentando uma obra ou fragmento da obra de cada autor. Aqui, só adianto algumas percepções bem claras, oriundas de nossas conversas, deixando na voz da entrevistada, logo a seguir, a narração de sua vida.

É nítido que a leitura e o entendimento da cidade, para Leila Barbosa, se dão por meio da literatura e é assim que ela faz narrativas ou apresenta a cidade à qual não se cansa de declarar amor, seja em uma conversa casual, em uma entrevista, em um escrito para um jornal ou revista ou em seus diversos trabalhos com perfil mais acadêmico.

A sugestão de incluir Leila no conjunto das vozes desta pesquisa foi feita por minha orientadora, Sonia Miranda, devido à singularidade de sua relação com a cidade de Juiz de Fora, ou seja, uma fisiognomista no sentido benjaminiano (BENJAMIN, 2006) mais profundo, alguém que, ao percorrê-la através da literatura que narra e descreve a cidade, lhe confere forma e sentido para outros cidadãos. Logo me convenci que essa era uma excelente sugestão. Então, convidei Leila por saber que ela tem uma maneira peculiar de narrar a cidade e sua participação poderia contribuir para a tecedura deste trabalho.

Conheço Leila há mais tempo do que ela me conhece. Não nos conhecemos para a realização das entrevistas, pois nosso conhecimento vem de tempos outros. Sempre, desde a minha juventude, ouvi seu nome ligado aos movimentos culturais da cidade e, principalmente, àqueles ligados à Universidade Federal de Juiz de Fora. Aos poucos, bem aos poucos, fomos nos aproximando, e essa proximidade deu origem a uma amizade, com mútua admiração. Não sou íntimo de seu convívio mas, além de uma amiga, Leila foi uma grande colaboradora durante os oito anos e meio que estive à frente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage. Não fui entrevistar uma pessoa totalmente desconhecida. Ao contrário, entrevistei uma pessoa que já conhecia juntamente com boa parte de sua obra.

Uma característica que pude perceber, a partir do meu convívio com a professora Leila, é que falar das Letras da cidade se tornou uma prática de vida, naturalizou-se um uso do saber aprofundado e do gosto pelo tema. Assim, em seu discurso cotidiano, sem ser enfadonha e muito menos pedante, ela cita os poetas e escritores juiz-foranos no contexto de qualquer bate-papo ou em uma

palestra acadêmica, em um cafezinho casual, nos salões de palestras ou em ambientes diversos.

Leila é, de fato, a mulher das Letras da cidade. Conhece em profundidade o assunto. Frequenta e atua junto às Academias Mineira e Juiz-forana de Letras. Possui uma obra relevante e hoje indispensável para quem deseja iniciar ou aprofundar-se no estudo da literatura local. Embora estude diversos autores, desde os consagrados até os novos poetas e escritores, existe um olhar especial dedicado à obra de Murilo Mendes. Junto a Marisa Timponi, Leila possui vários livros publicados e diversos projetos e as duas fazem um esforço prazeroso em aceitar todos os convites para falar sobre seus estudos. As duas se agregam com felicidade a todo e qualquer projeto cultural, mas colocam especial atenção aqueles que têm foco na preservação e divulgação daquilo que foi transformado em texto sobre Juiz de Fora ao longo de várias décadas de trabalho, pesquisa e, sobretudo, fruição.

Uma característica central a ser ressaltada a partir de sua narrativa, tomando-se a centralidade da presença da literatura - da e sobre a cidade - em sua vida, é o fato de o tempo cronológico ser pouco marcado em suas falas porque seu tempo de vida é permeado pelo tempo da literatura. Ela quase nunca diz, me lembro que em 1950... Diferentemente disso, ela marca o tempo de outra forma. Naturalmente é mais comum ela dizer, “quando Belmiro Braga escreveu tal poema”, ou, “nessa parte da obra de Murilo Mendes, ele já não habitava Juiz de Fora.”

Leila tanto lê a cidade como escreve sobre ela. Afinal, como nos coloca Lana Mara Siman (2013), “a cidade é um texto a ser lido” e o que é lido precisa ser tomado como alguma forma de registro. Foi meu objetivo, portanto, revelar como Leila Barbosa escreve a cidade, seja no sentido literal ou figurado. Mais do que escrever a cidade, Leila a lê ininterruptamente, lê no sentido literal tudo aquilo que foi escrito sobre Juiz de Fora, em todos os tipos de portadores de textos. Mas a lê também em múltiplas linguagens: nas manifestações de cultura popular, no samba, no carnaval, nos textos fílmicos - desde as crônicas imagéticas de João Carriço, até a gama de filmes, com o tema da cidade ou que tenham a cidade como pano de fundo, da nova geração daqueles que buscam se manifestar por meio do cinema ou de vídeos – nas artes plásticas, na

fotografia. Assim, Leila Maria Barbosa está continuamente lendo a cidade e o fez ao longo de sua carreira profissional. Ela também, tal como Benjamin o fizera em seu clássico *Paris, Capital do século XIX* (2006), percebe as mudanças inevitáveis na arquitetura que vai, gradativa e continuamente, se transformando visualmente, seja pela falta de cuidado com o patrimônio histórico e arquitetônico, seja pelos gulosos tratores da construção civil que, por vezes, em atos de desobediência, engolem da noite para o dia um prédio muito significativo para a narrativa visual da cidade ou, mais do que isso, desequilibram as relações construídas entre o humano e a natureza no espaço da cidade.

Moro em cidade grande  
 mas sou todos os dias acordada  
 por passarinhos  
 desde os primeiros raios do dia:  
 o primeiro pio.  
 Depois vêm outros  
 e outros.  
 Ao longo de toda manhã  
 Eles cantam, conversam e lamentam os feitos dos homens.  
 São tucanos e maritacas e bem-te-vis.

De manhã Hortegas, 2021 p.43

A convocação sensível presente na poesia de Monica Hortegas encontra a fala de Leila acerca das mudanças urbanísticas processadas na cidade também a partir de seu lado avesso, quando olha para a vida cotidiana das pessoas em suas casas:

*“Eu acho que existe algo aqui em Juiz de Fora e não sei se teria outra saída para isso. Você tem que se posicionar de um jeito que possa ver os dois lados. Atualmente, há muita construção de prédios altíssimos, onde antes havia muitas casas. Eu, por exemplo, tenho várias árvores frutíferas aqui no meu quintal. E não consigo chupar nem uma jabuticaba. Minha jabuticabeira fica linda, cheinha de jabuticaba. Antes de amadurecerem, as maritacas vêm, acabam com todas elas. Este ano, apareceu aqui até um macaquinho. Veja só! E vêm todos para cá. Não se dividem pelas outras casas, pois não existem mais. Mangas, até as mangas elas chupam no pé. Eu tenho três mangueiras e se sobra um pouquinho, é porque são três”.*

Leila vem, assim, falando daquilo que aparece e some na cidade. Ela diz da concentração de prédios provocada pelo setor de construção civil local. Como é de seu hábito não reclamar pelo que se foi, ela encontra sua maneira de

reafirmar que é contra o progresso a qualquer custo. Ela está se referindo à ilha verde em que habita, bem no centro da cidade, porque os quintais foram sumindo das casas, juntamente com suas árvores, desenhando, assim, outras sensibilidades diante de um urbano árido. Derrubam casas e ampliam os terrenos destruindo os quintais. Tudo isso é feito com a anuência do poder público que, quando não autoriza a derrubada de edificações e “limpeza” dos terrenos com a retirada da vegetação, depois do estrago feito, anistia os desrespeitos aos códigos municipais com remendos de leis tendenciosas, em benefício dos construtores, ou com aplicação de multas irrisórias. Para falar disso, a sutileza de Leila a leva a se queixar sobre o ato de não aproveitar as frutas de seu pomar porque outros, como o seu, foram gradativamente desaparecendo dos arredores juntamente com as casas de arquitetura arrojada, amplos jardins e quintais. Os bichos silvestres, que sempre transitaram nesse centro arborizado, vão se concentrando onde lhes resta espaço e devorando as frutas, que se tornaram raras naquele perímetro. Ao queixar-se das jabuticabas e das mangas não comidas, a narradora está falando da transformação da cidade que tira casas de arquitetura artesanal e coloca no lugar enormes paralelepípedos de aço, cimento e vidro. Suaviza a leitura de um texto duro e cruel da demolição voraz da beleza da cidade trocada por prédios feios e desumanizados. Transforma, assim, uma notícia horrível em poema para criança; afinal, elas também precisam ser informadas que, em sua cidade, camadas da vida urbana são apagadas por caixotes feios sufocando os pomares, os bichos e a vida como era nesse território.

Sonia Miranda e Lana Siman, ao se referirem aos atos envolvidos na possibilidade de ler e auscultar os movimentos dos sujeitos na cidade, destacam que:

Assim sendo, ler a cidade no presente, na sua relação com o passado e o futuro, requer o desenvolvimento das sensibilidades auditivas, visuais, táteis (e por que não olfativas?); requer as observações das minúcias, requer a curiosidade do inusitado, pelo desconhecido, pelo que se mostra estranho e desconexo, pelas camadas do tempo que se declaram e se indiciam na sua materialidade e simbologia. Segundo Benjamim “o passado traz consigo um índice misterioso” (1994, p. 223) e, portanto, para dele nos apropriar é preciso, tal como o narrador, não desprezar os detalhes, as veredas por onde os caminhos se cruzam, se bifurcam e se fundem.

Ao abordarmos a cidade-texto sob essa perspectiva, não estaríamos incorrendo no risco para o qual chama atenção Chartier (2002, p.142),

qual seja o da textualização de toda a cultura alertará mais fortemente quando diz que toda História deve levar em conta a irregularidade da experiência ao discurso, prevenindo-se para o uso descontrolado da categoria “texto” com muita frequência indevidamente aplicada a práticas (ordinárias ou ritualizadas) cujas táticas e procedimentos não são em nada semelhantes às estratégias discursivas ( SIMAN, 2013. P. 47).

Sendo uma mulher que constrói sua vida nesse ato de habitar cotidianamente um local da cidade que vive impactado por suas transformações, Leila é também uma pessoa que busca essa mesma cidade transformada pelo fio de sua literatura, o que a singulariza nesse meu leque de quatro mulheres, aqui compreendidas em sua face de praticantes ordinárias da cidade (CERTEAU, 2013). A relação forte que liga Leila à cidade pelo fio da literatura já vem no seu DNA, uma vez que era sobrinha-neta de um dos grandes poetas locais, com reconhecida produção no cenário nacional: Belmiro Braga. Hoje, ela também é a guardiã do acervo de Belmiro Braga, acervo rico que guarda até materiais inéditos, dentre eles um livro nunca publicado. Ela conta que Belmiro Braga tem sido redescoberto.

*“Venho auxiliando muitas pessoas que vêm me procurar, pois estão produzindo teses e dissertações sobre Belmiro Braga, tanto no Brasil, quanto no exterior. Há, também, grupos de teatro interessados em produzir suas peças e ainda um filme com tema de sua vida que anda em processo moroso de produção. Belmiro Braga não é um simples escritor, ele é um grande poeta. Talvez tenha ficado esquecido por ter se oposto ao movimento modernista, quando voltou de Portugal e infelizmente logo depois faleceu, talvez seja isso...”*

Leila se ufana de ter vivido em Juiz de Fora a vida inteira, exceto no pequeno intervalo em que foi interna do colégio Sion de Petrópolis, mas para uma vida longa, esse período representa muito pouco. Sua vida foi quase 98% vivida na cidade onde nasceu, ama e enaltece. Ela é uma apaixonada pela cidade, tanto pelas suas preservações quanto pelas suas inovações. É sempre bom lembrar que a sua dupla paixão pela cidade e pela literatura, principalmente a produzida pelos autores locais, a faz perceber Juiz de Fora de uma maneira peculiar. Desse modo, Leila vê a cidade e transita por ela mediada pelas intervenções da literatura e dos trabalhos que narram a cidade, lendo-a e

interpretando-a por meio da escrita feita por poetas e cronistas da cidade de Juiz de Fora.

Assim, ela nos fornece uma pequena explicação de como começa a sua relação com a cidade:

***“Juiz de Fora, para mim, sempre teve uma relação muito forte, porque meu pai e minha mãe, mesmo não tendo nascido aqui, (ele era de Piauí, e minha mãe nasceu em Matias), os dois se casaram e vieram morar em Juiz de Fora.”***

A professora Leila morou em vários locais na cidade, todos eles ao redor do centro comercial, próximo ao polígono de casas onde, naquela época, residia a elite local, até se transferir, definitivamente, para esse polígono central, que é um dos múltiplos territórios da cidade, justamente aquele narrado por Murilo Mendes no sentido de evocar sua pujança cultural ao se referir à “cidade cercada de pianos por todos os lados”. Leila deixa claro que é a partir desse território nuclear da cidade que sua atuação se espraia por outras camadas e por outros territórios para toda Juiz de Fora.

***“...Cercada de pianos...” é, ela, até há pouco tempo ainda tinha pianos, agora tem até sanfoneiro! Mas é verdade. Meus vizinhos e minhas vizinhas todos estudavam piano. De fato, nos sábados e domingos, às vezes se ouvia piano sendo tocado. Essa frase de Murilo retrata bem Juiz de Fora.”***

Leila Maria Fonseca Barbosa endossa e ilustra a famosa e, hoje polêmica, frase do poeta Murilo Mendes, uma vez que, no entendimento de outros sujeitos, originários de outras porções dessa Juiz de Fora tão plural, essa frase ignora a cidade produtora de outros sons, usuária de outros instrumentos e outras práticas musicais. Mas Leila, como uma boa estudiosa da obra de Murilo Mendes e moradora da cidade cercada de pianos, interpreta a frase, se apropria dela para pensar a própria vida e a ilustra com as práticas que vivenciou na camada da cidade que a abrigava. Mas é bom que se diga que a cidade tem vários mapas sobrepostos, sob a forma de palimpsestos, sendo um deles um mapa sonoro, múltiplo e diverso. A prática ordinária da cidade construída pelos deslocamentos e organização da vida de Leila confirma que a camada da cidade identificada por Murilo Mendes existiu, ou melhor, coexistiu em harmonia ou confrontos com outros sons, alguns até mesmo proibidos.

*“Mas a minha relação com Juiz de Fora está ligada a muitas outras questões... A importância da cidade é uma delas, já que ela sobressaiu no cenário da história do Brasil. E, com isso, mais orgulho a gente sente...”*

*Sempre me senti de Juiz de Fora, nunca fora de Juiz de Fora e Juiz de Fora tem aquele charme que o nosso amigo, lá de Santos Dumont, descobriu: ‘Juiz de Fora é por inteiro lugar onde o ser humano, mesmo sendo forasteiro se sente juiz-forano’. (Erivelto Barroso)”*

Nossa personagem nos revela que morou em vários lugares da cidade. Todos eles próximos da região central. Desde menina, até hoje, já tendo ultrapassado a linha dos 80 anos, viveu sempre nessa região mais central, nunca na periferia ou bairros das camadas operárias. Suas vivências construíram para ela, durante anos, um mapa da cidade particular onde se inserem suas moradias durante sua vida. Sempre foram habitações próximas aos locais onde estavam localizadas as práticas mais eruditas da cultura local. Não fica claro, em suas entrevistas, como Leila - oriunda dessa camada social da cidade, de um lugar entre as elites e as camadas menos aquinhoadas da população - toma conhecimento da cidade inteira. Seria muito interessante – tal como sonhara Benjamin acerca da produção de um mapa imaginário de sua cidade de Berlim – se houvesse um equipamento que registrasse onde os passos das pessoas as levaram durante toda a sua vida, desde seu primeiro mapa geográfico no interior da primeira habitação até o seu último caminhar. Assim, teríamos às mãos, revelada graficamente, a exploração do território da cidade por cada um de seus habitantes. Isso poderia nos dizer muito sobre os usos da cidade. Louca utopia.

Fato é que nossa personagem deu milhares e milhares de passos no território desta cidade. Locomoveu-se de outras formas, de lá para cá e de cá para lá. Se não foi explicitado como Leila se empodera do conhecimento de outros territórios da cidade, fica uma indicação muito forte: a cultura e a busca de suas diversas manifestações, senão o único, foi um dos motivadores mais fortes para que Leila Barbosa, ao longo de sua vida, abrisse o portão da cerca de pianos e saísse para conhecer uma Juiz de Fora múltipla em manifestações de sons, instrumentos e representações culturais. Ela sabe e gosta disso, mas como uma apaixonada pela literatura, admira inúmeros autores, se insere em vários contextos culturais, participa, colabora, instiga, cobra a valorização e

condições ideais para produções culturais. Com tudo isso, seus olhos verdes faiscantes se tornam ainda mais luminosos ao ler, falar ou escrever sobre Murilo Mendes por quem mantém o seu fascínio pela obra e genialidade.

Murilo viveu pouco tempo em Juiz de fora e, durante esse tempo, os espaços em que transitou, frequentou e conviveu com pessoas eram aqueles habitados também por pianos. Ele não poderia se referir às camadas que não conhecia. Sua Juiz de Fora era, mesmo, “um trecho cercado de pianos por todos os lados”. Leila, todavia, percorreu locais de moradia distintos da casa atual, nos quais assistiu mais longevamente às transformações da cidade.

*“Há um lugar em que eu morei e que foi lá no Botanágua, [Região correspondente, hoje, aos bairros Vitorino Braga e Costa Carvalho] mas desse não me lembro, era ainda muito pequena... Comecei a saber onde estava morando quando fui para a Rua Belmiro Braga.... Na Belmiro Braga, até quando eles construíram o Bom Pastor, porque minha mãe, um dia, pegou o meu irmão quase sendo soterrado. Ele era pequenininho, e gostava de brincar nas terras que as máquinas tiravam... Foi quando ela disse: “não fico aqui nem mais um dia.” Papai comprou uma casa aqui na Benjamim, 1039. Ele fez uma reforma, viemos para cá. Saí daqui quando casei, e fui morar no [edifício] Excelsior, na avenida Rio Branco... Não!... primeiro eu fui para a rua Santo Antônio, no edifício dos Bara. Depois é que eu fui para o Excelsior e de lá para cá. Não foi muita [mudança], não é assim, porque tem gente, como o José Carlos, meu marido, que morou em Juiz de Fora inteira, cada ano num local... Do apartamento do Edifício Excelsior viemos para essa casa”.*

Pergunto a ela sobre o tempo que está naquela casa com o objetivo de compreender um pouco a respeito da dimensão de longevidade da relação dela com seu espaço imediato de vida e sobre o qual ela, inclusive, ancora parte de sua atividade profissional, a saber, abriga sua biblioteca e também o acervo de Belmiro Braga.

*“Nessa casa aqui, estou há mais de cinquenta anos. Como já disse, na infância morei lá em cima no Alto dos Passos, na Rua Belmiro Braga, numa casa que o meu pai construiu, ao lado de parentes meus. Lembro muito bem disso.... Minha avó materna morava na Rua Barão de Cataguases, na esquina com a Santo Antônio. Ameaçava chuva, eu pegava os meus irmãos, eu era a mais velha. Quatro irmãos, homens. Pegava meus irmãos, tomava um bonde vinha pra casa da minha avó, porque*

*a rua Barão de Cataguases enchia de água e ficávamos brincando de fazer canoinha para botar na enxurrada...”*

Leila rememora a infância dentro do rememorar da vida e em toda a sua fala o gosto pelas letras e pelas leituras é enaltecido. Esse rememorar da infância e do prazer de ser criança e brincante me remete a Benjamin e seu famoso texto *Infância em Berlim por volta de 1900*

Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver. Seja como for – para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Neles são formadas as aptidões que tornam decisivas em sua existência. E, porque, no que me diz respeito, elas foram a leitura e a escrita. E de todas as coisas com que me envolvi nos meus primeiros anos de vida, nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras. (...) A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova o quanto foi parte integrante da minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro tal qual sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo. (Benjamin, 1987f. p. 105)

Esta citação de Benjamin encontra Leila em suas recordações de infância e a encontra na idade madura ainda jogando o jogo das letras. Jogando com as letras e com os escritos, trabalha com a memória da cidade pelos escritos de poetas e escritores e entrega para a cidade um jogo a continuar sendo jogado por várias formas de leituras e apropriações de suas obras. E segue nossa personagem a debulhar os detalhes de suas memórias infantis.

*“Minha avó, minha avó materna... Minha avó era casada com esse meu avô que era o irmão mais novo do Belmiro Braga. Isso é uma coisa de que me lembro bem aqui de Juiz de Fora. Quando nós escrevemos sobre os bondes, por exemplo, escrevemos sobre algo que nos vem à memória. Eu me lembro de muita coisa porque minha memória é boa, por gostar e trabalhar com memória...”*

*E, de uma certa forma, tudo está muito ligado à minha história. Eu não posso deixar de pensar na minha história, já que eu lido com a história dos outros... Então a minha memória tem também que estar muito presente.*

Quando a entrevistada fala dos momentos da infância dos lugares de moradia, da locomoção de cinco crianças pela cidade, transitando de um ponto ao outro quando a chuva ameaçava cair, ela está revelando uma temporalidade

da cidade e um modo de vida distinto de nosso cotidiano. Revela que explorava a cidade, brincava nas suas ruas e nada em sua fala sugere nenhum perigo, nenhum risco. Aqui, a fala que nos traz faz lembrar Benjamin quando nos diz que há de se dar atenção ao lembrado e ao esquecido. Quantas outras brincadeiras de sua infância Leila não mencionou? Quantos detalhes de sua exploração da cidade não trouxe junto àqueles que nos apresentou? Sua memória, naquele momento da entrevista, a levou para essas lembranças e, portanto, posso afirmar, com segurança, se tratar de momentos marcantes de Leila e seus irmãos em relação à cidade.

Mais uma vez, as lembranças de Leila se aproximam das narrativas de Benjamin em *Infância em Berlim por Volta de 1900*, embora não seja explícita como o pensador judeu.

Em minha infância fui prisioneiro do antigo e do novo oeste. Eu habitava então ambos bairros, numa atitude em que se misturava teimosia e orgulho e fazia de ambos um gueto, o feudo de nossa família. Nosso bairro de proprietários, permaneci encerrado sem saber da existência dos outros. Os pobres – para crianças ricas da minha idade – só existiam como mendigos. E foi um grande avanço em meus conhecimentos quando comecei a entender a origem da pobreza na ignomínia do trabalho mal remunerado. Isso ocorreu num breve escrito, talvez o primeiro que redigi inteiramente para mim. Tratava de um homem que distribuía folhetos e das humilhações que sofria por parte de um público que não demonstrava interesse pelos papéis (Benjamin, 1987f. p. 125)

Seu ganho de conhecimento da cidade vai se dando ao longo da vida à medida que descobre outros territórios, o que vai provocando as descobertas de autores e músicos e escritores em outros espaços da cidade. Vai descortinando para si e depois partilha com o público outras e novas cidades além daquela de que já era, há muito, usuária e praticante de trânsitos múltiplos. Uma cidade rica em práticas culturais em todas as suas camadas sociais, em todas as suas peles. Leila se dispõe, até hoje, a ir conhecer um trabalho de um novo poeta, de um novo cineasta, e a perseguir, com o mesmo entusiasmo, as antigas e novas práticas sociais na cidade. Esse é o estímulo que faz sua cabeça desejar e pensar os caminhos com que seus pés e as rodas dos carros continuam a desenhar o seu próprio mapa da cidade.

Ela tem consciência que sua história é importante para seus atos de memória em relação à cidade. Se o trabalho com memória é um de seus focos,

tem que considerar a suas memórias, a sua história para narrar o vivido. Ela sabe disso, uma vez que memória é um dos temas fortes de seus trabalhos.

*“Juiz de Fora mudou muito, mudou e continua mudando! Mudaram muitas coisas. Foi aqui, nessa rua, que foi feita a primeira festa junina de rua. Era uma beleza! Os moradores, durante o mês de junho, iam para a rua colar as bandeirinhas. A gente amarrava uma cordinha de um poste ao outro e ia colando as bandeirinhas. Os encarregados iam de casa em casa recolher o que cada morador se dispunha a doar para a festa. No belo dia combinado, acontecia a festa... Além de uma prenda, cada morador contribuía também com uma guloseima. Um doce qualquer... um quentão. O famoso quentão. São ligações de vizinhança que hoje não se vêem mais.*

*E a turma da rua convidava o pessoal das outras ruas também. Então começou até a ter essa história das festas de rua daqui de Juiz de Fora. Depois a da Rei Alberto se tornou importante, porque a rua Rei Alberto era mais chique...”*

Leila nos fala de muitas coisas da cidade, coisas novas e outras já sabidas, mas contadas pela sua forma de narrar, muito especial, coisas que seus olhos viram e outras que seu constante e contínuo movimento de pesquisa trouxe para o seu cabedal de conhecimento sobre essas terras de cá. Ao narrar a cidade, vai entrelaçando a sua vida o que me faz aproximá-la, mais uma vez, de Walter Benjamin em seus textos sobre as cidades.

*Depois do ginásio em Petrópolis, vim fazer científico no Stella. E do Stella eu fui para a FAFILE, Faculdade de Filosofia e Letras... Eu queria fazer Ciências Sociais, mas não havia candidatos suficientes para o curso. Depois eu pensei na Filosofia, mas também não apareceram candidatos. Lá na FAFILE, só abria o curso quando havia quantidade de pessoas para formar uma turma. Então, o que sobrou foram Letras; nem eram Letras, mas Línguas Neolatinas. Eu não queria as línguas não, eu queria era a Literatura... Porque eu sempre gostei demais de literatura, estava muito ligada às coisas que eu fazia. Aí eu fui para Literatura. Lá, eu mal comecei e, no ano seguinte, montei um cursinho pré-vestibular para a Faculdade de Filosofia.*

*Nesse cursinho, os primeiros alunos foram aqueles que queriam entrar na primeira turma de Comunicação, Jornalismo, que foi montada em Juiz de Fora [antes da reforma universitária, de 1968, o curso de Jornalismo era integrante da Faculdade de Filosofia]. Então, foi a primeira aula que eu dei, praticamente. Eu tomei o maior susto, porque, quando eu entrei na sala, era todo mundo mais velho do que eu,*

*um pessoal que até já mexia com jornal e tudo. Eles queriam ter um diploma universitário para regulamentar a prática profissional que já desenvolviam. Então, foi interessante a ligação.*

*Minha vida foi muito ligada ao estudo e muito ligada ao ensino... E à pesquisa. Então a minha ligação de cidadã com Juiz de Fora não foi só por esses motivos, pois sempre me senti daqui. Sempre me senti e passei isso para os meus filhos. Não foi à toa que o meu filho Rodrigo saiu daqui para o Rio e logo voltou, para ser Superintendente da Funalfa.*

*Quando estudava no Sion, sempre tive muita facilidade na matemática. E sempre gostei. Gostava daqueles problemas mais complicados, de procurar resolver tudo. Mas, quando fui fazer vestibular, não havia mulher na Faculdade de Engenharia. Acredito que só havia uma. Aí, não deu para mim. E há uma fala do meu pai que eu acho extremamente interessante: quando eu fui pra Faculdade de Letras, alguém perguntou a ele: “Mas você vai deixar a sua filha fazer faculdade?” Porque, na época, as mulheres se formavam no científico ou normal e se preparavam para casar. Ele falou assim: “Não, ela vai casar.” A faculdade é “pra ela ter no que pensar na hora em que estiver lavando panela.” (risos). Pois é! Mas eu lavei pouquíssima panela na vida...*

*A Universidade Federal de Juiz de Fora, acho que foi – hoje é um pouco menos –, mas ainda continua sendo muito isolada da sociedade. Vive lá nas nuvens e a cidade aqui em baixo. E essa questão sempre mexeu muito comigo. Porque sabia que estava lá por conta da sociedade, não é? Funcionário público é pago pela sociedade. Então, eu sempre quis fazer alguma coisa virada para ela. Quando fiz mestrado, resolvi que a minha dissertação seria em voltada para a cidade. Foi então que ressuscitei o Belmiro Braga. Além do mais, tinha a possibilidade de ter acesso a muita coisa do poeta.*

*E logo que acabei de fechar o mestrado, encontrei com a Marisa, que estava ainda terminando sua dissertação sobre Murilo Mendes. Comecei, junto com ela, a fazer um trabalho sobre a cidade.*

*Fui para outros caminhos... Mas é isso. Em Juiz de Fora, tinha muito evento cultural e isso também é uma marca que eu trago, e que eu usei e aproveitei muito disso, meus pais gostavam... Assisti ópera, vi o Procópio Ferreira, no teatro no Central... E toda essa vibração que havia na cidade acho que ainda existe. Eu, inclusive, sou otimista e viro sempre para esse lado. Acho Juiz de Fora culturalmente muito forte.*

*Resolvemos, Marisa e eu, nós duas juntas, montar um projeto de pesquisa que pudesse mostrar o resultado do nosso trabalho para quem necessitasse dele, ou seja, para as pessoas que nos sustentavam. Isso era uma coisa que eu sempre pensei em fazer. Foi assim que nasceu o projeto História Literária de Juiz de Fora, projeto este que existe até hoje.*

*De repente, quando comecei a fazer a minha pesquisa que seria a minha tese de doutorado, verifiquei que existe uma característica muito forte na literatura de Juiz de Fora. É uma literatura que fala sobre a cidade, uma literatura de memória. Não é à toa que o maior memorialista de língua portuguesa nasceu aqui: Pedro Nava. A memória é a marca. A marca da literatura de Juiz de Fora.*

*Escrevemos um livro de literatura contando tudo isso. Por ordem cronológica e mostramos os autores e aquilo que eles falam sobre Juiz de Fora. Essa foi a marca desse livro. E essa foi a ideia da minha tese de doutorado, buscando mostrar que a literatura juiz-forana tem uma marca! Uma marca muito forte. O autor de Juiz de Fora, aquele que vive aqui, tem necessidade de falar sobre a cidade. Tem necessidade de contar coisas boas da cidade. Tem necessidade de reclamar daquilo que a cidade não tem, ou glorificar aquilo que para ele foi marcante. Você pode, inclusive, estudar geografia através disso. Você pode estudar história através disso. O rio Paraibuna é um sobre o qual escrevemos e pudemos perceber como, através do tempo o rio foi modificando, acompanhando a história da cidade. No começo, era um rio no qual o pessoal nadava, era um rio em que o pessoal pescava, era um rio de águas limpas que depois foi ficando apodrecido... Eu sempre curti fazer isso, acho que se eu fosse fazer outras coisas daria errado”.*

Leila, dentre tantas colaborações, escreveu e organizou, junto com a professora Marisa Timponi, dois livros: *Letras da cidade* e *Um olhar poético sobre Juiz de Fora*, nos quais deixam claro que a literatura é a sua melhor lente pra verem a cidade, suas lentes, seus melhores óculos para olhar a cidade e, conseqüentemente, o eixo narrativo central que organiza a narração da própria vida.

*“Mas, no final, a literatura foi e está sendo minha atividade. Eu, inclusive, me meti em várias áreas. Fui gerente de cultura da universidade. Tive que mexer com música, com artes plásticas, com pintura, com tudo isso. Acaba que você se envolve*

*também nos outros tipos de artes. Lá na Funalfa, fazendo parte da COMIC, do Concult. acabamos ficando expert em gerenciamento de cultura.*

*Depois que aposentei, acho que estou trabalhando mais do que antes. Primeiro, fui ser diretora do MAMM, depois tenho atendido alunos que estão pesquisando Murilo Mendes e Belmiro Braga... Mas tem ainda muita coisa para ser feita e tem muita gente fazendo pesquisa, tese...”*

Desse modo, Leila reafirma que a literatura que ela e a professora Marisa Timponi procuram vasculhar por toda a cidade é uma literatura que representa uma cidade real.

*“Eu acho que a gente encontra mais coisas dentro da Literatura do que na História. Por isso que a História usa a Literatura também, para poder se enriquecer. A cidade, na Literatura, por exemplo, é uma cidade real, mas também imaginada. É uma cidade real que foi imaginada: Ah! se fosse assim! Ah! podia ser assim! Ah! deveria ser!*

*E vai depender também do estilo de época, não é? Porque há épocas em que determinados estilos vêm mais à tona. Há uma época, por exemplo, em que a Literatura no estilo naturalista é a mais próxima da realidade. Depois vem no romântico, que é aquele que sonha. E os estilos de época vão se modificando, trocando razão e emoção. E é tudo cíclico, havendo prevalência ora de um, ora de outro...”*

Sempre que a conversa vai se direcionando para um caminho saudosista, não vai para frente. Fala-se de literatura saudosista, mas Leila não é uma pessoa saudosista. Assim, em raros momentos durante nossos encontros, falou de um tempo melhor que o outro, falou de tempos vividos e cada um teve a forma que teve com agruras, belezas, prazeres, medos, vitórias e derrotas. E segue em sua oratória, um bailado com as palavras que transita muito bem, como uma valsa bem dançada, entre o erudito e o coloquial.

A certa altura de nossa conversa, Leila abre uma fala em que compara os tempos da ditadura militar com os dias vividos no cotidiano do ano 2019, época da entrevista. Rememora, compara, mescla as questões do país aos seus trânsitos na cidade e às suas vivências pessoais. Transita no tempo, num vai e vem entre tempos, presentifica o final dos anos de 1970, reclama da pessoa que o povo escolheu para ocupar a presidência neste mandato que estamos

enfrentando, diz de si e do outro, insinua seu medo. Lamenta a partida do marido e companheiro de muitas décadas.

*“Já passei por períodos muito, muito, muito difíceis – aliás nós todos, brasileiros passamos, que foi o período da ditadura, especialmente os professores. Nós passamos muito aperto. Eu dava aula no Magister. Naquela casa [na rua Brás Bernardino, na escola gerida pela minha última entrevistada, Thereza Azevedo Leite, que estará na última cena deste terceiro ato], eu dava aula na sala da frente e me passaram para a última sala, porque eu dava aula de redação e pedia para o pessoal escrever sobre os acontecimentos políticos. Depois, quando estive na universidade, ficava muitas vezes em frente ao RU cercando os policiais, conversando com eles, para os alunos poderem fugir. De repente, um dia, vejo lá um aluno meu, vestidinho de soldadinho, se escondendo atrás da árvore. E ele tinha tomado pau. Eu pensei: Ah! esse daí deve ser meu vigia. Era um negócio, assim, que dava medo na gente. Tive parentes próximos que foram parar no DOPS, levados porque foram considerados perigosos apenas por terem escrito algo crítico sobre acontecimentos sociais.*

*Era [um tempo] muito, muito problemático mesmo. O José Carlos, meu marido, era do Partido Comunista. Eu ajudei um amigo dele a atravessar o rio Paraibuna a nado. Vivenciamos uma crise muito, muito forte... O pessoal fala que, agora, está diferente, mas continuamos a ter que tomar cuidado. Agora, nós colocamos na nossa presidência uma coisa estranha, não é? (risos). O que é isso? Por isso que eu acho que a educação é extremamente importante. É o tipo da coisa que repercute e repercute em todas as áreas, em todos os dados e em todos os acontecimentos. Agora, não é uma crise brasileira somente. É uma crise mundial. Isso também temos que levar em conta e, para você poder ver como é que eu tenho expectativa positiva em termos do Brasil. E aquilo [no tempo da ditadura] era um negócio muito, muito triste. Das pessoas sumirem, você não saber aonde que foram, o que aconteceu... Tristeza mesmo. Agora, as coisas estão todas travadas, tudo o que é possível. Tem três meses que fiquei viúva, que o Zé Carlos se foi [seu esposo havia falecido em março de 2019]. O Zé Carlos era engajadíssimo em tudo. É muito, é muito doído gente!”*

Leila tem uma participação política importante na cidade. Hoje, diz dispensar os partidos; seu encanto é pela cultura. As letras. Revela que quem fizer uma boa política pública cultural terá seu apoio e seu sempre valioso auxílio; caso contrário, já se posta na oposição e na ala dos reclamantes. Mesmo que a

causa seja do outro, se for ligado à cultura passa ser sua também. A cultura da cidade de Juiz de Fora, para Leila, é um tesouro sem preço, quem ousar dilapidá-lo haverá de enfrentar a eloquência de sua fala contrária e haverá, pois, de enfrentar uma arma poderosa: o conhecimento. O conhecimento de quem sabe da produção erudita dos poetas e escritores de vários tempos, acarinha a beleza da cultura popular, o conhecimento de quem sabe falar com propriedade de Murilo Mendes, Belmiro Braga, Pedro Nava; mas conhece as músicas de Geraldo Pereira, Mamão, que ouve o Batuque Brasileiro e a orquestra de Jazz da Pró-Música. A música de Aldir Blanc emoldura de modo sensível seu olhar para o Tempo.

Batidas na porta da frente  
É o tempo  
Eu bebo um pouquinho pra ter  
Argumento

Recordo um amor que perdi  
Ele ri  
Diz que somos iguais  
Se eu notei  
Pois não sabe ficar  
E eu também não sei

**Resposta ao Tempo** (Aldir Blanc / Cristovão Bastos CD Resposta ao Tempo – Nana Caymmi 1999.)

Segue sua fala que, ao mesmo tempo, a aproxima e a coloca com o pé atrás em relação à política partidária.

*“Sabe qual é o nosso partido? Chama-se PCJF. Partido da Cultura de Juiz de Fora. Não pode ser o de quem esteja lá, sabe? Por exemplo: eu já falei que vou fazer uma exposição... Eu tenho foto com todos os prefeitos desde o Itamar. Eu tenho foto com o Itamar, tenho foto com o Melo Reis, e tenho até uma que os meus parentes queriam jogar fora: com o Bejani. [ex-prefeito de Juiz de Fora, preso na operação Pasárgada, desencadeada pela Polícia Federal em 2008] Não deixei, falando essa daí é rara: pouca gente tem foto com o presidiário. (risos). Eu sempre tenho contato, com qualquer um que chega lá. Porque, se você mexe com alguma coisa na sua cidade – a gente mexe com cultura –, você não pode ter um partido político. Se o outro ganhou você para de trabalhar. Não pode! Afinal de contas, você trabalha é pela cidade, não pelo partido...”*

Ainda no campo da política cultural da cidade Leila participou e participa, até hoje, de vários conselhos. Todas essas participações ocorrem sem nenhuma remuneração. Sua ligação em todos os conselhos em que esteve, ou está, se dá de forma colaborativa, em virtude desse compromisso público que ela estabelece para com a municipalidade. Colabora de diversas formas com a cultura local, participando de comissões temporárias ou mais perenes. E é uma colaboração efetiva que a gente ouve na sua fala, mas também a vê acontecendo na prática. Essa é mais uma forma de Leila Barbosa fincar suas bandeiras que, além das defesas por uma cidade cultural, que garanta o acesso aos bens culturais aos seus cidadãos, as bandeiras imaginárias também dizem: eu, Leila Barbosa, participo ativamente da vida desta cidade, pratico ações culturais e luto pelo que acredito. Ou, simplesmente, dizem: estou aqui, com muita atenção em tudo o que se faz por essas cercanias.

E isso é uma grande forma de participação. É uma escolha. Uma vida dedicada às Letras e às Artes longevamente. Mas, com foco, também, na educação e na política, temas, aliás, tratados de forma inseparável por ela. Diz não entender por que separamos a educação da cultura a partir do governo federal. Segundo ela, essas são áreas que têm que andar juntas. Talvez por isso ela passe de um tema ao outro com tanta naturalidade como podemos ver abaixo, quando responde sobre a questão de ser sua forma de vida uma escolha.

*“É uma escolha. É uma escolha. E eu acho que quem está nessa área nossa, que é a área cultural, que também é a área de educação, de ser professor, a gente não pode vestir camisa como se fosse time de futebol. Porque isso vai distorcer... Distorce. Eu acho que você não deixa de dizer o que você é, o que você faz, mas você não pode atuar de uma forma tal que possa distorcer. Então, eu só aceito se meu aluno responder essa questão dessa forma assim ou assado [de um modo pré-estabelecido]. Eu não posso, não é? Eu, como professora, tenho que aceitar as respostas dos meus alunos. Eu tenho que dar para eles as opções que existem... Então esse negócio de escola, como é que é? Escola sem partido? Isso não existe! Escola tem partido, tem escolhas, tem rumos. Tudo tem partido no mundo, imagina na escola!”*

A narradora fala de suas experiências, fala de mudanças e adaptações às mudanças. Em determinado momento, falou que se inquieta com algumas decisões, da forma como elas são tomadas, como os grandes prédios que

sufocam nas casas que ainda persistem em sobreviver. Ou os seus donos a elas... mas fala muito mais das novidades do que das ausências, o que a cidade traz, o MAMM, como a universidade se apresenta para a cidade, como o MAMM se apresenta para a cidade, como a Funalfa se apresenta para a cidade.

A própria Raquel Jardim, escritora juiz-forana radicada no Rio de Janeiro, chora os casarões derrubados na Santo Antônio. Mas Leila não lamenta as perdas; aponta as coisas que vão surgindo e que vão sendo incorporadas pela cidade. Isso é do seu temperamento. Leila parece ter assumido a construção de si mesma, e se constrói do jeito que se gosta e que se sente confortável dentro do seu ser.

*“Acho que quero sentir o futuro pulsar, eu fui sentindo isso depois que eu fui pra Europa e que eu voltei pra cá. É uma coisa maravilhosa, não é? Você vai naqueles lugares lindos, já visitei bastante a Europa, muitos lugares ali e cada lugar com aquelas coisas lindas do passado bem guardadas. Mas, você não sente futuro ali, aquilo vai ficar ali a vida inteira, assim, daquele jeito. Praga, por exemplo, que foi uma das últimas cidades que visitei: maravilhosa, interessantíssima, tudo que você visita, tudo que você vê, aonde você vai, as músicas que você ouve, aquela coisa toda. Mas, de repente, aquilo, o que vai mudar? Vai continuar sendo um lugar turístico. Para as pessoas visitarem e para as pessoas lembrarem, eu acho importantíssimo... Que a história da gente está ali, mas aí você chega aqui: não, aqui tudo vai mudar... Ahh a casa, ahh, que pena que caiu. Eu vou fazer o que no lugar? Aí fazem, às vezes fazem uma coisa bonita também, não é? Não é só coisa feia que se faz não... (risos)*

*Então, eu acho que não tem jeito: a mudança vai acontecer e acho que o país, o Brasil, desde que nasci, é um país do futuro. Até hoje não chegou nele... (risos). Essa é a marca do Brasil: um país do futuro. Até hoje eu estou esperando esse futuro. Mas é interessante nessa parte que eu mexo, que nós mexemos: a Literatura. Os escritores têm essa possibilidade por usar a imaginação, eles são profetas, não é?”*

Walter Benjamin, mais uma vez, faz par com Leila – ou ela com ele –, pois acreditava que os poetas têm a capacidade de antecipar aos cientistas na leitura dos problemas do mundo. Penso que os dois usam sinônimos para dizer a mesma coisa.

Por vezes, a entrevistada parece que vai abandonar, por um tempo, o fio tênue da narrativa que a liga à cidade, ou seja, a Literatura. Mas esse é o tema

da sua vida, de uma vida inteira como ela nos conta lá no início do texto: *“era boa de matemática, mas meu negócio era as Letras, eu já tinha optado pela Literatura.”* Ela vai falar, em seguida, da sua visão de mundo, sobre o acumular, sobre ter ou não ter bens. Às avessas, nos fala daquilo que gera a desigualdade, a ganância de alguns pelo acúmulo de coisas que passarão a vida, às vezes, sem pôr os olhos nela, sem uso, sem sentido. Encontra-se com Brecht quando ele fala dos desvalidos, partindo do ponto contrário da apropriação e do acúmulo. É um outro lugar e uma outra forma de ler o mundo.

*“É, pois é, precisam de ética, essas coisas todas, não é? É algo impressionante. E outra coisa também é a questão da ganância... Essa ganância é uma coisa também inexplicável. Eu tenho um grilo danado com isso. Para que se quer tanto? Você só usa... só uma casa, usa só um carro, agora tem gente que precisa ter casa, carro, avião, cheio de joias, não sei. Para quê, gente? Não seria muito mais fácil viver? Parece ser uma espécie de filosofia de vida, precisa-se ter, descobrir quem você é, de onde veio, para que está aqui... Essa coisa toda... eu não senti essa necessidade absurda.”*

Ao prosseguir a narrativa sobre si, volta à cultura, parece que vai se entusiasmar a narrar seus trânsitos pelas manifestações culturais da cidade mas, estranhamente, parece se lembrar que tem um corpo que a limita e reclama, uma breve e única vez, sobre os limites da velhice. Leila não vai ser velha, nem que viva 200 anos, mas o corpo envelhece. Limita. Cansa. Como nos lembra a vó de Frei Beto, Dona Maria Zina. “A velhice começa pelas pernas, filho. Toda existência é um caminhar constante” (Frei Beto, 2019 p. 15). Nesse ponto, o Carnaval, tal como ocorrera em minha própria trajetória de vida, é, também para Leila, um passaporte para ver a cidade em suas camadas de tempo e sociedade múltiplas.

*“Eu adoro o carnaval! Eu transito nessas coisas todas, inclusive até mais do que devia. Sabe assim?... Porque, depois que você chega a uma certa idade, tem algumas coisas em que você tem umas limitações, não é? Eu quero ultrapassar essas limitações... Então, eu procuro sempre estar presente no que posso. Gosto, também, muito, de viajar, de ir para fora daqui... De vez em quando, vou ao Rio. Gostava muito do Rio de Janeiro.*

*Tem uma peça de teatro... um musical, lá no teatro da Gávea, lá no shopping da Gávea. Lá vai ter um - começa dia 12 agora - um musical e um aluno meu vai*

*apresentar. Um que fez comunicação, mas ele é músico. Então, ele vai apresentar lá uma peça e eu fui convidada. Acho que vou!”*

Segue Leila a acolher a produção de seus alunos artistas: saiu de Juiz de Fora e foi ao Rio de Janeiro assistir ao musical de ex-aluno. Saiu daqui para prestigiá-lo e, claro, alimentar sua fome de arte e cultura. Segue seus ex-alunos, sabe de suas produções, sendo que os que enveredam pelos caminhos das Letras e das Artes são seus diletos. Os cita com o orgulho da “velha” mestra que passou tudo o que pôde, que ensinou o que sabia a quem queria aprender.

*“O [Fernando] Gabeira foi meu aluno... Sabe qual foi a história do Gabeira? Ela tá parada ainda no meio, tem um nó ainda no meio, um grilo qualquer, um ruído. Eu tenho que descobrir ainda o que é. A sobrinha dele... não é sobrinha não... a irmã da Leda passou pra mim o e-mail dele e eu não consegui falar com ele. Passei um e-mail e voltou. Eu preciso falar com ele. O Gabeira foi meu aluno. Ele começou a fazer Comunicação, foi embora pro Rio, aquela confusão toda... Foi embora. Quando o Gabeira voltou (risos), eu o trouxe aqui [para falar para o setor de cultura], mas deu uma confusão ali na reitoria, que agora é o MAMM. O pessoal se entupiu na escada, não descia nem subia. Se não fosse a Zezé Féres, com aquele vozeirão dela, eu estava frita, porque eu não tinha voz para conseguir dominar o problema. Nós passamos lá para o CES. Ainda nem havia começado a palestra, nós todos fomos para o CES, lá para o prédio da Academia de Comércio. E foi ali que o Gabeira fez a palestra. Depois que o meu filho Rodrigo se formou, foi trabalhar na Folha de São Paulo, e o Gabeira foi ser repórter dele no Rio. Repórter do Rodrigo. Quando o Rodrigo descobriu que era o Gabeira me falou: “Mãe...!” pois o Gabeira, para ele, era ídolo. Passado um tempo, um belo dia, encontro, na rua, com o Gabeira, e ele: “Oh! Fui seu aluno, agora eu sou repórter do seu filho.”*

*Tivemos e temos autores, escritores. Hoje em dia, nós temos grandes escritores em Juiz de Fora. Tem o Ruffato, por exemplo. Por um acaso, todos foram os meus alunos (risos). Metideza... Todos não, mas o Ruffato, por exemplo, não é? O Ruffato fez Comunicação, foi meu aluno, mas ele resolveu ser só escritor. E conseguiu ganhar vários prêmios... Como ele sempre fez. Eu, inclusive, quando ele recebeu um prêmio, cheguei até a receber por ele, junto com a mãe dele, lá em Cataguases, porque ele não estava presente. Outro que também está fazendo sucesso com outras coisas é o José Santos. Também foi meu aluno. E são pessoas famosas. O Edmilson [de Almeida*

Pereira] *tem até um livro que dedicou, a mim e à Marisa, um livro que ele fez exatamente por isso. Ele foi também muito ligado à gente. Então, tem essa turma toda. Tem o [Fernando Fábio] Fiorese... Sabe, os atuais?... Que estão aparecendo aí atualmente e os antigos. E tem muita gente nova, viu?”*

Leila já havia deixado claro, em nossas conversas, não se tratar, de fato, de uma pessoa saudosista. Talvez o que podemos perceber nela é um perfil de uma pessoa que tanto se encanta por peças e obras de outras temporalidades como pelo novo, o provocante da juventude. Mas, instigado por uma senhora que já rompeu a faixa dos 80, que ama Murilo Mendes, paradoxalmente ao que indica o nosso olhar determinista, não é saudosista, a provoco com uma pergunta direta sobre isso. Quero falar sobre o tempo e as diversas temporalidades vividas e experienciadas por ela. Aliás, o tempo histórico, como nos evidencia Paul Ricoeur, é o tempo narrado (RICOEUR, 2010) e como uma excelente narradora, senti a necessidade de provocá-la com esse tema específico: o tempo. Volto à inspiração de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos...

Batidas na porta da frente  
É o tempo  
Eu bebo um pouquinho pra ter  
Argumento

Respondo que ele aprisiona  
Eu liberto  
Que ele adormece as paixões  
Eu desperto

E o tempo se rói  
Com inveja de mim  
Me vigia querendo aprender  
Como eu morro de amor  
Pra tentar reviver

**Resposta ao Tempo** (Aldir Blanc / Cristóvão Bastos CD Resposta ao Tempo – Nana Caymmi 1999.)

Para provocá-la, como disse acima, e talvez para poder afirmar aqui o que até então intuía, faço uma pergunta direta: Na sua opinião, houve tempos melhores de se viver em Juiz de Fora? *“Não sei! Eu não sei responder.”*

Que bom! Eu exclamei num impulso não contido. Que deliciosa resposta. E a gostosura de sua fala seguiu ao buscar explicar o não sei, disparado tão rápido e espontaneamente. Mais uma vez, com muita naturalidade, deixou claro

não fazer tipo, não posar de intelectual, mesmo sendo ela uma das mais reconhecidas intelectuais locais, ou que tenha mirabolado uma resposta para impactar de alguma forma sua narrativa. Não! Era Leila Barbosa sendo naturalmente Leila Barbosa e aí sim nos dá um banho de sabedoria. Não a acadêmica, não aquela sabedoria recolhida das centenas e centenas de livros que leu, mas uma sabedoria vinda da vida vivida, que só têm aqueles que viveram uma vida longa e reservaram um pouquinho de tempo para pensar o mundo e o tempo vivido.

*“Não sei. Pelo seguinte: eu acho que o tempo melhor você faz muito mais do que ele se apresenta. Sabe? Eu acho assim, por exemplo: se você tem, tinha lá seus 15, 18 anos, esse é o melhor tempo da minha vida, idade de ouro, como se fala. [Flor da Idade, comenta Fabiana Rodrigues que me acompanha na entrevista]. E Leila repete: Flor da idade! Pois é... entendeu? Então, será que é melhor do que hoje? Hoje, eu tenho a minha neta que vai formar em medicina, depois tem formatura do meu neto em Niterói... Lá [no curso de] cinema. Tenho dois bisnetos em São Paulo, preciso ir lá, eles são geniais. Hoje, me encontro com todo mundo, minha família, meus amigos, o que é muito bom pra mim... Por que devo ficar presa ao passado? Presa lá atrás? Bem que se a gente pudesse voltar ...num túnel do tempo e assim juntar uma coisa com a outra... Eu falava, eu falava assim quando era [jovem] ... eu falava que queria ter nascido neste século porque eu gosto de coisas, eu gosto dessas invenções, desses negócios todos, sabe? Quando apareceram aqueles canais de compras na TV, eu comprava tudo (risos). Essas coisas modernas, sabe? Um aparelho que faz pipocas só com ar quente, um descascador de abacaxi, uma escova que massageia a cabeça, outra que limpa coisas, não sei mais o quê. Às vezes nem presta pra nada, mas eu sempre gostei das invenções humanas.”*

Figura 37 – Família



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Confesso à Leila que eu pensei em não lhe fazer essa pergunta porque eu falei: ah já tá respondido no contexto da nossa conversa, ela já deixou claro, várias vezes, não ser saudosista e sigo dizendo: mas foi bacana fazer essa pergunta, porque foi possível perceber que sua narrativa manteve uma coerência com relação à sua fala de estar sempre valorizando o tempo presente. As coisas que se constroem agora para cada um de nós em nossa própria historicidade. Me deu a sensação de que ela é, para mim, uma amante de poetas da Belle Époque puxando, ao mesmo tempo, o fio longo que a liga aos *slans* poéticos que frequenta e onde descobre como os jovens das periferias fazem, hoje, a boa poesia. Por mais lugar comum que possa parecer a ideia de que Leila é uma

mulher de seu tempo, tal frase a descreve muito bem, assim como uma luva bem feita adapta-se perfeitamente à mão de quem a veste. Sua narrativa a respeito de sua vida e sua relação com a cidade nos permite ampliar esse olhar e compreendermos que Leila Barbosa é uma mulher de seus tempos nas diversas faces da cidade que a constituem.

Apontando para o futuro, ao longo da entrevista, Leila, tal como os personagens João e Maria da história infantil, vai deixando cair várias migalhas de pão pela estrada de nossa conversa. Deixa pistas daquilo que está programado em seu desejo para fazer no futuro próximo. Então, novamente a provoco: você já falou do filme do Belmiro Braga que você está participando da produção, o curta do Belmiro Braga. Falou de um novo livro. Quais são os projetos futuros? Enumera para mim, por favor. E sigo: o filme do Belmiro, o tombamento da capela da fazenda onde Belmiro morou... o que mais vai sair dessas mãos e dessas cabeças (opto pelo plural, porque sei que todos ou a absoluta maioria dos projetos e ações culturais de Leila são, já há muito tempo, desenvolvidos em parceria com a professora Marisa Timponi). Leila, então, sorri com satisfação e orgulho e segue enumerando os próximos atos.

Primeiramente, *“um livro sobre a história da Biblioteca do Murilo Mendes.* [Não se trata, aqui, da biblioteca Municipal Murilo Mendes e sim da biblioteca do poeta Murilo Mendes, doada a Juiz de Fora e recebida por meio da UFJF, hoje alocada no MAMM.] *Como [esse acervo] chegou aqui, como é que foi e as coisas todas que a universidade já fez para a biblioteca. É bem interessante o livro. Nele publicamos nosso trabalho de vários tempos e nossas palestras sobre Murilo. Essa biblioteca do poeta é importantíssima, porque, quando chegou aqui, os funcionários da Biblioteca Central da UFJF verificaram que, em todos os livros, havia uma marca a lápis de Murilo Mendes assinalando sua leitura. Essas marcas são o que se chama marginálias... O Rafael Cestaro, chefe da Biblioteca Central, [Bibliotecário e especialista em organização de acervos de longa prática em Juiz de Fora] nos chamou na Biblioteca para ajudá-lo e perguntou: o que a gente faz com isso? E nós vimos que era uma coisa importante, que ali estava o laboratório de criatividade, da criação do poeta Murilo. E que era algo que ninguém podia alterar. Não podia deixar qualquer pessoa entrar na biblioteca com lápis na mão, não podia deixar qualquer intervenção nada que modificasse aquelas marcas murilianas. Foi a partir daí que nós*

*criamos o Centro Murilo Mendes, depois o Centro de Estudos Murilo Mendes e, por fim, o MAMM. Tudo isso é contado no anexo de nosso livro A Trama Poética do Murilo Mendes, isto é nossa participação, a minha e da Marisa. Por isso, a ideia de um livro mais elaborado, com maior riqueza de detalhes, maior apuração e ampliação das informações sobre essa Biblioteca desde o termo de doação até hoje. Bom, dois livros: esse e um sobre o tombamento de uma capela em Belmiro Braga. O que mais? Por enquanto chega! Não é? Está de bom tamanho.”*

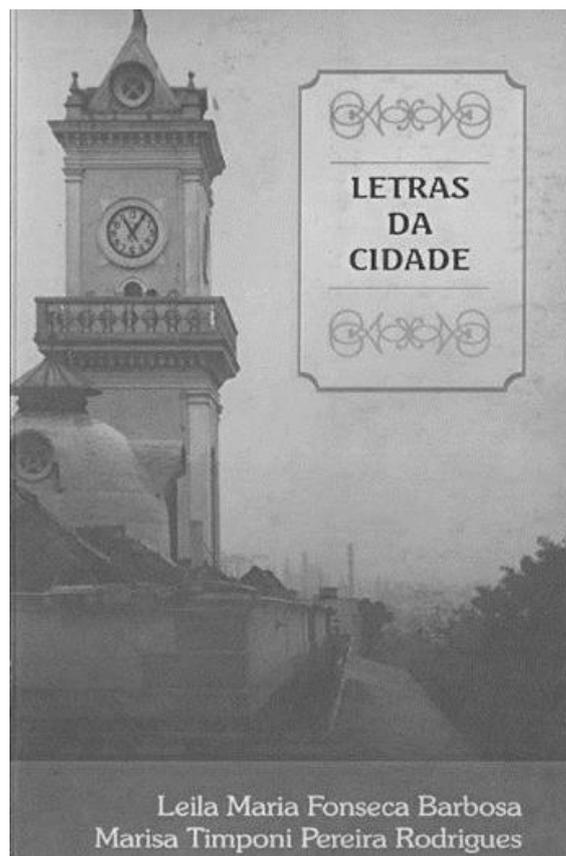
Continuo provocando: ah, mais deve ter mais alguma coisa no forno, seu e da Marisa.

*“Cheio de coisa! (muitos risos). Júri. Júri de tudo quanto é concurso. Temos participado de um atrás do outro. Várias entidades e veículos de imprensa fazem concurso atrás de concurso. Inclusive, não deixam que eu participe, porque eu tenho que ser júri. “A senhora não põe não. A gente vai fazer um concurso aqui, não manda nada não, porque você tem que ser júri.” (risos) Então, já viu, não é?”*

Mais uma vez, ela muda o rumo da prosa. Ela parece uma criança que chega numa sala de brinquedos e quer brincar com todos de uma vez. Quer contar, quer falar do que sabe, do que aprendeu e do que ainda quer fazer. A imagem da criança me vem, mais uma vez, pelo faiscar de seus olhos que nem brilham: faíscam com tanto prazer de falar daquilo que gosta e domina. Ao final da entrevista, é dela a provocação de um tema não abordado.

*“Sabe, gente, eu ainda queria falar um pouquinho sobre esse livro aqui (toma-o às mãos). O Letras da cidade. Nós não fizemos uma antologia. É que, de vez em quando, eles citam o nosso trabalho como se nós tivéssemos feito Letras da Cidade como uma antologia. Isso não é uma antologia. Nós não fizemos escolhas. Em antologias, selecionam-se os melhores, você escolhe entre todos os melhores. Ou faz um número temático, o que seja, mas antologia é uma escolha dentre um conjunto maior. Nós não escolhemos. Todos aqueles textos aos quais nós conseguimos chegar, que passaram para nós, e que escreveram sobre Juiz de Fora estão colocados aqui. Então, é exatamente uma história literária da cidade. Nós temos grandes escritores em Juiz de Fora, e todos vieram para dentro desse livro. Esse livro não é uma antologia, ele é uma história da literatura em Juiz de Fora.”*

Figura 38 - Capa do Livro Letras da Cidade



Fonte: Acervo pessoal

A seguir, Leila segue falando do que fará e se dispõe, aqui, como faz em qualquer espaço de fala que tenha, a colaborar com tudo o que considerarem que seu auxílio pode vir a ser útil. E é assim que é, de fato, na vida cotidiana em sua relação com a produção e divulgação cultural da cidade: se dispõe, se oferece e comparece quando chamada. Ajuda. Participa. Faz a diferença.

*“Tem muita gente nova que a gente vê, como eu estou fazendo parte desse tal júri que julga esses poemas, esses contos... Todo esse movimento, que agora o MAMM vai fazer também, com vários cursos e atividades para crianças, das coisas me empolgam muito. Então os funcionários e os estagiários do MAMM estavam falando sobre essa programação e eu achei lindo isso. Aí falei: o que precisar, pode me chamar, que isso aí eu ajudo com gosto. Fazer essas coisas, cursos, concursos literários é comigo mesma. Eu já fiz uma porção (risos).”*

Em um salto quase ornamental volta à riqueza cultural de Juiz de Fora: *“Mas, é isso tudo dá para a gente ver... Juiz de Fora é rica em cultura. Quando o*

*Rodrigo [seu filho] esteve na Funalfa, ele, junto com o Mamão, montou aquele fuzuê cultural, você lembra? É impressionante, em qualquer bairro, você sabe disso! Qualquer bairro que você vai, tem cultura em todas as áreas, não é? Gente de primeira linha. Em qualquer lugar que você vai, não é uma coisa elitista, é bem democrático, sabe? Bem, agora tem esse negócio do CEU lá de Benfica: eu fiquei encantada aquele dia que eu fui com você. Nossa! Maravilha aquilo lá. Eu tenho ido de vez em quando lá. Aquilo foi uma grande conquista para Juiz de Fora, e capitaneada aqui pelo nosso amigo, o então Superintendente da Funalfa, Toninho Dutra (muitos risos)”*

Alcanço o livro *Um Olhar Poético Sobre Juiz de Fora*, que estava sobre a mesa, e pergunto se esse é uma antologia. É confeccionado por escolhas? Qual a lógica de construção da obra? Ela segue, então, sua narrativa:

*“Esse daqui [mostra o livro Um olhar poético sobre Juiz de Fora] nasceu do trabalho que eu fazia para descobrir qual seria a marca da literatura de Juiz de Fora sem saber se possuía alguma. Descobrimos, então, que, de fato, tinha uma interessante marca [que era a marca de uma literatura de] as memórias, e para provar escrevemos esse livro. [mostra o livro Um olhar poético sobre Juiz de Fora]*

*Nós partimos do que nós chamamos de emblemas de Juiz de Fora, que são os diversos eventos culturais, os diversos pontos da cidade, como: o Cristo Redentor, o parque Halfeld, o Rio Paraibuna, a Halfeld... O folclore, o carnaval, os bondes, e aí nós buscamos, nesse livro, o que tinha sido escrito sobre esses temas. E nós mesmas escolhemos os lugares, os nossos emblemas da cidade. Escolhemos mais com os óculos da literatura, como sempre. Esse é nosso tema, nosso foco. Quando encontramos, ou já sabíamos de um autor falando sobre aquele assunto ou aquele espaço, nós, mais uma vez, puxamos pela própria literatura para fazer a seleção, não é? E fomos assim também começamos lá: no Morro do Cristo, a Rua Halfeld, o Parque Halfeld, o Rio Paraibuna, depois eu já não sei mais para onde nós fomos (risos)..*

*Juiz de Fora tem um enorme potencial turístico, pois é dona de dois museus que são reconhecidos nacionalmente por sua importância. O Museu Mariano Procópio, com um acervo prioritariamente da época do império, e o Museu Murilo Mendes, com um belo acervo modernista. Acredito que só isso já é um caminho pra um convite: “Não deixa de visitar”. Se os políticos da cidade conseguissem perceber o valor de sua vocação para a cultura e investissem nela, penso que a cidade conseguiria, inclusive, se recuperar, até financeiramente.*

*O Murilo tem um livro, que se chama “Discípulo de Emaús” e é todo feito de aforismos. Eles são geniais, muito legais, muito. Eu, inclusive, tenho uma seleção de alguns aqui, muito lindos, e, dentre eles, o que fala assim: “a memória é uma construção do futuro muito mais do que do passado”. Então, é isso que devemos tentar provar, não é? Que a memória é importante para que você não repita, no futuro, coisas que foram feitas e que não deram certo e também para que você não perca o seu caminho... Porque, se você não tem memória, é meio perdido, acaba indo pra qualquer lado, não é? Nisso, pelo menos, a memória ajuda bastante.”*

E você considera que a obra de vocês, as diversas pesquisas que realizaram e realizam, os livros que produziram e escreveram, cumprem esse papel?

*“Eu acredito que sim. Pelo menos, a gente, sem querer, é puxada pela memória, pelo trabalho que fazemos. Como chegamos a essa conclusão de que os autores de Juiz de Fora sempre se preocupam com a memória e nós, também, pois ao virarmos autores de Juiz de Fora, não podemos perder sua marca. Trabalhamos com memória também, a gente busca ter isso sempre presente.”*

Leila acompanha a cidade, o seu desenvolvimento, suas transformações a partir de outros lugares também, além da literatura, e em outros papéis sociais, como mãe de família, como professora, como escritora, como agente cultural, como gestora de espaços públicos que foi, espaços culturais ligados à universidade, como pessoa destacada na participação na cultura da cidade. Assim, desses lugares de olhar as camadas da cidade, as diferentes Juiz de Fora, daquelas que a literatura lhe revelou também saltam aos seus olhos. Parágrafos acima, ela cita sua presença nos bairros quando Rodrigo Barbosa (seu filho mais velho) era Superintendente da Funalfa e que participou dos Fuzuês Culturais nos bairros. Essas percepções da cidade se complementam com a literatura ou, como ela toma para si a palavra:

*“...se complementam com a literatura. Se complementam, porque, de uma certa forma, mesmo eu não querendo, carrego a visão literária e cultural comigo. Em qualquer lugar onde esteja, mesmo que seja diferente, sempre estou atenta aos movimentos artísticos. Há pouco tempo a Marisa me levou a um Baile lá na ASE (risos). [Clube da Associação dos Sargentos do Exército]. Então, ouvindo as músicas acaba-se sentindo o local onde acontece um evento cultural, porque eu*

*enxergo pelos olhos de um professor de teoria literária as músicas, as letras das músicas, por que foram escolhidas, logo aquelas? Por que o pessoal dança uma mais que a outra? É por causa do ritmo? Ou é por causa da letra da música? (risos) Então, tem sempre uma ligação, por menor que seja. Você falou, por exemplo, dos locais, não é? Eu já fui gestora de diversos locais... Já fui lá no CEMM [Centro de Estudos Murilo Mendes] que é hoje Casa de Cultura, agora vai virar faculdade de música... Aqui do MAMM...! Já gerei esses espaços, fui gestora do Circuito Cultural, que infelizmente, me parece, acabou.*

*Os lugares. Pois são, então, esses lugares todos... E todos eles têm ligação com nosso projeto, com a história literária de Juiz de Fora. Quero dizer Juiz de Fora, sua cultura... Sem falsa modéstia, nosso trabalho é muito bacana e muito importante para Juiz de Fora. Como já disse, é um trabalho que se estende pelo tempo, o trabalho de uma vida inteira.”*

Leila destaca o livro de sua autoria em mais uma parceria com a professora Marisa Timponi: Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos.

*“Nossa! Metidíssimo, esse livro, é metido pra caramba. Foi candidato ao Prêmio Jabuti de 2010; foi finalista [fazendo anedota com o seu senso de humor peculiar e constante, e parece inabalável]. Só não ganhou porque eu falei que não precisava dar para nós não, porque o Chico Buarque estava precisando, aí deram o prêmio pro Chico Buarque. (risos) Mas o nosso livro foi de ensaio; o dele era poema, literatura, sei lá. Talvez por isso... E mais, quando chegou o ano passado, teve uma exposição que foi feita sobre Ismael Nery no MAM de São Paulo, expuseram o livro e legendaram dizendo algo assim: “qualquer pessoa que quiser falar sobre Ismael Nery tem que ler esse livro”. Sabe? Fizeram um elogio danado e está lá, até hoje. Em exposição. No MAM de São Paulo, não é genial?”*

Então, alguém exclama: Oh! Exposto, no MAM de São Paulo, que legal! E Leila segue, encharcada de seu orgulho, envaidecida na narrativa de apresentar uma obra tão importante e tão linda.

*“Esse livro é muito metido, é muito chique. Mas por que é tão bonito?! Quem fez esse livro foi o nosso Mecenas, que não quis que seu nome aparecesse, essa belezura foi confeccionada em papel alemão. Mas não posso hoje deixar de agradecer a Norberto Geyerhahn.”*

Holandês de origem, Norberto foi dono, herança do pai, da editora Quatro Estações no Rio de Janeiro. Grande e famoso crítico de arte, gostava muito de Ismael Nery e pediu à Leila e à Marisa que fizessem uma pesquisa sobre tudo que encontrassem sobre Nery, escrito por Murilo Mendes no MAMM. Elas, como de costume, foram além. Do MAMM, recolheram tudo que encontraram de Murilo falando de Ismael e, ao contrário, Ismael falando de Murilo Mendes. Depois, vasculharam outros acervos e bibliotecas e assim varreram o assunto com rigor de longa experiência de pesquisadoras em literatura.

Daí, optou-se por fazer um livro, uma vez que o material recolhido por elas era muito rico e vasto, mas Geyerhahn não queria que fosse falado de seu envolvimento com a confecção e financiamento do livro: foi um mecenas que não gostaria de ter o nome divulgado. Também estabeleceu que o livro não seria editado com o seu selo: Quatro Estações. E, assim, o livro, *Ismael Nery e Murilo Mendes-reflexos*, foi editado com o selo do MAMM.

*“A cultura é o nosso nascedouro e vai fazer parte da nossa necessidade de contato com a sociedade. Como nós, professora da universidade, do nosso contato com o resto da cidade... Não só com os alunos da universidade, mas para trazê-los também para a sociedade. Minhas aulas sempre foram assim: eu punha os alunos na rua para fazer pesquisa. Por exemplo: Vocês vão pesquisar quem é e quem foi Murilo Mendes. (risos).”*

Aqui, Leila, ao lembrar sua parceria com Marisa Timponi, se encontra com o pensamento de Sonia Miranda e Lana Mara Siman (2013). São vários os pontos de tangência entre os processos de pesquisa das duas duplas. Trago, a título de exemplo, uma citação do prefácio desse livro escrito pelo professor Paulo Knauss e um segundo fragmento das próprias autoras:

Saber viver a cidade, portanto, vai além de ir e vir e assim pode-se dizer que a experiência da cidade educa, pois se caracteriza como espaço de formação que atinge níveis subjetivos profundos e provoca a cognição permanente. O campo da educação não pode ficar alheio a isso, daí a importância deste livro. Para acompanhar as palavras das organizadoras do livro, a cidade se define como um espaço para educar de modo alargado, para educar sentidos, sociabilidades, pessoas humanas por que não... escolas e professores (...) Se os alunos de nosso tempo são sujeitos urbanos, a educação, as escolas precisam ir ao encontro com a cidade. (Knauss, 2013 p.10)

Nesse sentido, a rigor, a experiência da cidade, em termos de práticas educativas, tanto pode engendrar olhares críticos a respeito da consciência histórica, numa perspectiva plural, quanto às camadas de

tempo selecionadas para compor a simbologia urbana, quanto pode, também, permitir diferentes usos do passado constituídos em nome da seleção de uma dessas camadas como se essa seleção justificasse, por si só, o discurso histórico tornado hegemônico. (Miranda e Siman, 2013. p.23)

*“Se nessa cidade houve isso tudo, até então, por que não pode haver nova perspectiva, novos caminhos? Minha posição é essa: eu amo essa cidade, acredito nela e trago aqui um poema que usei outro dia na abertura de uma palestra no Museu Mariano. Um poema e seu desvelo. “Maravilha abrir essa palestra. De onde brota a história registrada em luzes e letras. Cumprimentemos Juiz de Fora que, com os seus 169 anos, permanece adolescente e apaixonada, rica em cultura, estudantes e em artistas. Já foi a Manchester Mineira, fabril e febril de operárias e sonhadoras. Já foi a Barcelona de Minas, plena de sabedoria. Já foi a princesa de Minas, candidata a capital. Já foi Athenas mineira, rica em teatro, literatura e jornais. Pioneira em todas as áreas hidrelétricas, carnavalescas, esportivas, política, televisiva. E que, hoje, apesar de espoliada por aqueles que não acreditam em seu poder e suas belezas, continua brilhando rica e docemente no cenário brasileiro.”*

Leila não leu, simplesmente, os autores da literatura de Juiz de Fora. A Leila está atravessada, está encharcada, ela domina profundamente aquilo que faz parte da narrativa da própria vida. A Leila Barbosa é um exemplo vivo desse esforço benjaminiano de citar sem aspas (2007). Este é o ponto central do Benjamin: é a experiência posta na relação da produção do saber, da produção do conhecimento. E é o que a Leila transborda e transpira: Juiz de Fora.

Era necessário ouvir essa narrativa. Era absolutamente necessário registrá-la e trazê-la a público. Mesmo que Leila Barbosa seja autora de muitos livros, participante ativa da vida da cidade, professora universitária, gestora de importantes espaços públicos de cultura, talvez ela não seja inserida na galeria dos grandes personagens da narrativa histórica hegemônica, com todas as suas práticas e ações. Ela continua, como nomeia Michael de Certeau, como uma praticante ordinária da cidade. Aliás, penso que Leila, ao longo da vida, foi descendo degrau a degrau do posto de princesa que sua vida parecia apontar quando aluna interna do Sion em Petrópolis, com chances reais de estudar na Europa, para se tornar uma operária da Letras e da Cultura locais. Trabalha arduamente e chama para si a luta de divulgar Juiz de Fora como um espaço,

que hoje percebe, de múltiplas linguagens e de múltiplos territórios culturais. Leila sabe ler a cidade e ensina outras pessoas a fazerem isso. Leila, hoje, sabe que a cidade possui múltiplas peles.

Meu trabalho fica como homenagem, um tributo a essa mulher valorosa, da qual poderia escrever alguns livros com o material recolhido na pesquisa, isso sem ouvir ou buscar a fala de outros agentes da cidade sobre ela. Todavia, o limite do caráter deste trabalho acadêmico me impõe este pequeno intervalo de páginas para falar e principalmente apresentar a fala desta operária das Letras da Cidade, defensora da cultura e do direito à cultura. Ao terminar esse pequeno texto dominado pelo pensamento e pelas palavras de Leila Barbosa, registro aqui meu respeito e admiração pelas atitudes dessa mulher diferenciada. Repito: deixo aqui o meu tributo a Leila Barbosa.

Figura 39 - Leila Maria Fonseca Barbosa



Fonte: Tribuna de Minas

### **CENA 3: Mounira Haddad Rahme – “A viajante da vida escolhida”**

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é de um espaço e de um tempo, memória do interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança de suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidioso como o próprio tempo.

José Saramago – Palavras para uma cidade.

O discurso mnemônico de Dona Mounira não é linear. Tampouco é cronológico o tempo presente em sua narrativa. Concidentemente, como define Benjamin, não é um tempo nem homogêneo, nem vazio (BENJAMIN, 1987a). Os tempos e as memórias lhe vêm como num movimento ciclônico, vai e volta, repete um fato para contar outro distinto. Sua facilidade de virar a chavinha e falar ao mesmo tempo duas línguas tão distintas, o árabe e o português, mantendo conversa com duas ou mais pessoas, simultaneamente, com tempos diferentes, temas distintos e em línguas desiguais é notável. Assim como pula do Brasil à Síria num *zaz-traz* e volta com a mesma rapidez que foi, da mesma forma ela opera com a memória, como se estivesse dentro de um ciclone. Esse ato que seria temido por muitos, tem nela, dona de seus movimentos, saindo e entrando nesse vendaval cíclico e cônico, quando quer e bem entende, algo de natural e espontâneo. Assim, o que à primeira vista pode sugerir algo de perda dentro do cenário da rememoração, significa controle absoluto ao operar com um grande conjunto de reminiscências e memórias.

Escrevi e reescrevi esta parte do texto várias vezes, tentei torná-lo cronológico reposicionando suas lembranças, tentei balancear a apresentação aglutinando certos grupos de lembranças, mas lembrei que não estou organizando um arquivo, um fichário, estou trabalhando com recordações

humanas de uma representante dos vencidos e, assim, resolvi obedecer à sua lógica e assumir com idas e vindas, redundâncias e repetições.

Figura 40 - Mounira Haddad Rahme



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

*“Sou da Síria, esse é o meu começo. Eu nasci na Síria, na cidade Yabroud. Eu nasci no dia 13 de outubro de 1937. Lá meu pai tinha um pedaço pequeno de terra, meu pai, uns dos únicos, (nós), assim, pouca gente que naquela época tinha terras e tinha também água porque a gente comprava água pra poder plantar, assim, aguar as terras, conseguia sobreviver com dignidade.”*

Dona Mounira, como hoje é amplamente conhecida em Juiz de Fora, é uma mulher do trabalho. Nascida na Síria, cidade de Yabroud, conviveu, desde cedo, com a aridez da terra e com a escassez da água. A família era pobre, mas não miserável, como grande parte da população daquela sua região natal. Mesmo assim, tinham que trabalhar muito para comer. Desde cedo, as crianças eram inseridas no contexto do trabalho. Ajudavam nas tarefas domésticas e na

plantação e coleta de frutas, legumes e verduras. Ela narra que tudo era festa e tudo feito com muita música e alegria. Logo em sua primeira lembrança, o mundo da criança, Mounira nos sugere, intuitivamente, uma ligação com Benjamin na sua significativa coleção de citações do *Livro das Passagens*, nesse caso mais especificamente no famoso conjunto do *Tópico N* que compõe a obra de referência desse autor.

Somente um observador superficial pode negar que existem correspondências entre o mundo da tecnologia moderna e o mundo arcaico dos símbolos da mitologia. Num primeiro momento, de fato, a novidade da tecnologia produz efeito somente enquanto novidade. Mas logo nas seguintes lembranças da infância transforma seus traços. Cada infância realiza algo grande e insubstituível para a humanidade. Cada infância com seu interesse pelos fenômenos tecnológicos, sua curiosidade por toda a sorte de invenção e máquinas, liga conquistas tecnológicas aos mundos simbólicos antigos. Não existe nada do domínio da natureza que seja por essência substituído, subtraído de tal ligação. Só que ela não se forma na aura da novidade, e sim naquela do hábito. Na coordenação, da infância e do sonho (BENJAMIN, 2007. p. 503).

Ao acompanharmos Mounira no recordar de sua infância na Síria, é bom que se informe que, naquele país, ela viveu pouco além da infância e parte da adolescência, uma vez que saiu de sua terra natal com 15 anos e casada. Seguindo com as recordações festivas do trabalho cotidiano, sempre acompanhado do canto, conta que essa foi uma das coisas de que sentiu muita falta quando se estabeleceu no Brasil, apesar da fartura, da cobertura verde e vales e montanhas, de terra e água em abundância. Muito diferente da secura da terra pouco produtiva e do rigorosíssimo inverno na Síria, por aqui não tinha a farra diária vivida com mãe, irmãs, tias e primas em suas tarefas cotidianas, quando o trabalho não era fardo pesado e sim tarefa prazerosa embalado pelas músicas locais. É bem provável que, por isso, trabalhe com gosto e prazer até hoje, prestes a completar 85 anos.

*“Meu pai não tinha filhos homens, mais velhos então, eu fui o homem da casa com o meu pai. Braço direito do meu pai. Braço direito da minha mãe e assim foi a vida seguindo. Tínhamos fartura com a comida porque nós plantávamos nas nossas terras e comíamos e, meu pai, no tempo do verão, ele fazia, tecia um tipo de proteção para as ovelhas na época do inverno para não morrerem de frio. Então, ele levava,*

*aquilo para proteger os animais. Fazia isso todos os anos e com isso a gente sobrevivia. Era sempre o pão nosso de cada dia.”*

Ao recordar sua infância, Dona Mounira nos faz lembrar de duas outras narrativas presentes nesta tese: Dona Geralda Caetano, com as suas lembranças de um trabalho infantil compulsório na fazenda em que morava com a família que, muito diferente de Mounira, trazia revolta e ausência de prazer, e também as lembranças de minha, mãe Dona Lourdes, transmitidas por ela a mim e meus irmãos desde muito cedo, contadas sempre na realização das tarefas cotidianas de seu trabalho, repetidas vezes.

Como já nos disse Benjamin, as melhores narrativas são essas realizadas com foco nas tarefas do trabalho; contraditoriamente, são ouvidas e assimiladas com mais naturalidade.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1987e. p. 205).

Me aproprio das lembranças e narrativas de minha mãe e as apresento pelas minhas palavras. Elas também já fazem parte das minhas memórias, ainda que não vividas por mim

Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta etc.; essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato com cada texto chamando e suscitando outros textos (GAGNEBIN, 1995 p. 13).

Naquela dedicatória, que denominei mais que especial no início deste trabalho, trago a narrativa de infância de minha mãe. Ali ela deixa de ser somente a receptora de uma dedicatória e tem a narrativa de sua vida parcialmente apresentada, uma narrativa que também se integra às vozes deste trabalho. Por esse elo, naquele trecho de texto, Dona Lourdes se une ao grupo de mulheres, de vida longa que aqui narram o vivido. É bastante provável que as lembranças de trabalho e infância de minha mãe se liguem mais às de Dona

Geralda do que propriamente às de Dona Mounira. Porém, alegres, revoltadas ou entristecidas, são mulheres para as quais o trabalho se apresentou muito cedo e se estendeu por longos anos de vida. As três trabalharam desde a infância até a velhice e independentemente da forma como o trabalho se apresentou a elas, são hoje mulheres orgulhosas de suas trajetórias profissionais.

Na sequência da conversa, Mounira sugere suas memórias do tempo da vida na Síria. E explica o porquê de as práticas do trabalho familiar irem se sedimentando da maneira narrada.

*“É porque na época da Primeira Guerra Mundial, quem não tinha terra morreu de fome. Porque não havia muita gente que plantasse, não tinha terras e a terra que tinha era muito pouca. E pouca gente preservava. Então, depois da Primeira Grande Guerra, a primeira coisa que o Oriente fez, o Oriente fez, todos os povos fez assim, nessas cidades as pessoas procuraram comprar um pouco de terra e tendo água pra poder plantar e aguar e ter o que comer. Eu assisti à Segunda Guerra, eu nasci nessa data, em 1937, como disse, uma coisa que eu tenho muito forte na lembrança, coisa que eu assisti acontecendo, foi quando a Síria foi libertada da França. Eu lembro até hoje que nós estávamos nas janelas quando a Síria cantou, a França deu liberdade, que foi 17 de abril de 1946. Então, como a nossa casa era uma casa que, como essa aqui [estávamos no prédio da Funalfa, uma construção emblemática para a cidade situada no Parque Halfeld, esquinas da Avenida Rio Branco com Rua Halfeld, dois dos principais logradouros de Juiz de Fora], tudo acontecia na frente. Então, o pessoal cantava, dançava e gritava uma coisa: De Gaulle, que era naquela época... De Gaulle. De Gaulle.*

*O povo gritava, dançava, atirava coisas e gritava, gritava por De Gaulle, informar ao país dele que nós derrotamos eles, derrotamos o seu exército, não ficamos, não tivemos medo do avião. Porque eles tinham avião e na Síria era tudo muito simples. Então, eles dançavam e cantavam essa música. De Gaulle informa o seu país que nós... voltamos agora com nossa liberdade, matamos o seu exército e não tivemos medo do seu avião. Esse fato, na Síria, foi uma coisa muito boa. A pobreza que nós vivemos depois dessa guerra ela ensinou à gente a vida. Por quê? Porque a gente trabalhava pra comer, nós tínhamos que arar a terra, plantava o trigo, plantava a batata. O trigo*

*a gente não vendia, porque a gente tinha que ter pra comer o ano inteiro. Então, a gente separava parte por parte, por exemplo, o trigo pra fazer pão, o trigo cozinhava, pra fazer ele pra comer, pra fazer a lentilha, o outro pra gente fazer assim uma, sopa, não é? E, ano a ano, a gente tinha um carneiro e uma ovelha da qual nós criávamos e a gente matava no final do verão e fazia igual hoje, tipo carne seca, guardava ela e até hoje se faz isso, pendurava no teto e quando precisava tirava um pouquinho daquela carne, punha na comida. Porque, naquela época, que eu vivia lá não tínhamos fartura nenhuma no inverno. Num inverno 20 graus abaixo de 0 e as coisas, todo mundo não tinha dinheiro, trabalhava muito pra poder sobreviver e passamos esse aperto. Mas, com isso tudo, meus pais me colocaram no colégio de irmãs. Eram irmãs de dois corações aonde nós estudamos, estudamos a religião, estudamos... o conhecimento, estudamos. Tinha muitos livros. Quando a gente lia pelo mundo o que que passava, passou antigamente, antes das datas, pelo mundo e, ao mesmo tempo, ensinava a gente a ser fiel, ensinava a gente ser, assim, os grandiosos como é que sobrevive com sua honestidade e com isto era, e eu era a filha mais velha da minha família...”*

Intuo que essa narrativa da mulher idosa, olhando para o vivido e nos levando junto com ela às suas recordações dos tempos da vida em outras terras, na infância, explique a forte ligação que Dona Mounira guarda com a Síria até os nossos dias. Mantém fortes laços e fez fortes opções para sustentação dessa ligação. O sotaque tão forte e bonito que a caracteriza, que a anuncia, talvez seja uma escolha, mesmo que inconsciente, de dizer, hoje algo como “minha terra é essa e eu gosto muito dela, mas não sou daqui sou de lá. Sou síria! E me orgulho muito disso”.

Há pessoas que, com muito menos tempo praticando o português, se “livra” do sotaque ou o ameniza. Aos 70 anos de Brasil, praticando por longas horas, todos os dias, a fala da língua portuguesa, esse sotaque continua forte e charmoso e auxilia a realçar sua história de vida. Para muitos, o sotaque acaba, ou se torna um acento suave à fala, confundindo o ouvinte: trata-se de sotaque ou de prosódia própria? Para Dona Mounira, o sotaque é forte porque é querido e desejado, e revela sua origem por vontade e não casualmente.

Do Brasil, Dona Mounira passou a enxergar a Síria com o distanciamento necessário para poder ser capaz de entender a vida dura em seu país, mas

também os elos afetivos que a mantêm ligada emocionalmente à pátria-mãe. Uma aproximação parecida com aquilo que Walter Benjamin disse em seu texto sobre *Moscou*: “Por meio de Moscou se aprende a ver Berlim mais rapidamente que a própria Moscou” (BENJAMIN, 1987g. p. 155).

O Brasil se tornou seu espaço de vida e ela tem consciência de que não teria a vida próspera que conseguiu aqui em seu país de origem, mas, sempre que pode, alimenta os laços e relações que a mantêm com a cabeça e o coração ainda ligados com a Síria.

Nossa narradora nasceu em uma cidade típica da Síria, como nos narrou acima, é a primeira de oito filhos em uma família da minoria católica, em um país onde a maioria absoluta, cerca de 90%, é muçumana. Em 1953, Mounira era uma jovem muito alegre e integrada à família, era o pilar da casa, braço direito da mãe e do pai, e sempre disposta à realização de qualquer tarefa. Aqui, mais uma vez, a narrativa da mulher síria se liga à de minha mãe e de Dona Geralda, desconsiderando a alegria do trabalho em Yabroud, e o peso imposto às meninas de Tabuleiro e Mercês, respectivamente. São bem próximas as narrativas. Certas práticas do mundo dominado pelos homens eram comuns em partes diferentes do mundo e em camadas sociais distintas. Os traços e a moral de uma religião cristã auxiliam na conduta das “boas meninas” tementes a Deus e devedoras de respeito aos pais. Na falta do filho homem, tão desejado à época, em um cotidiano marcado pelas orientações e mando masculinos, faz com que as meninas assumam, ainda na infância, tarefas que, se houvesse na família o filho varão, não seriam realizadas por elas.

Aos 15 anos, ainda vivendo na Síria, Mounira viu, pela primeira vez, Nadim Youssef Rahme, que se encantou com aquela bela jovem de faces coradas de sol e muito sorridente. Numa história cheia de idas e vindas, ela, em poucos meses, se casou com ele. Ao fazer essa escolha, optou, também, por uma viagem ao desconhecido. Atravessou o Continente Europeu e o Oceano Atlântico e veio morar no Brasil, fugindo das limitações econômicas naquele país do oriente próximo. Mounira tinha mais três pretendentes declarados. Todos os três eram jovens promissores e com possibilidades de construção de vida econômica próspera e estável, principalmente para a realidade de extremas

dificuldades, nesse campo, na Síria, naquele momento. Perguntada como se deu a decisão da vinda para o Brasil, Dona Mounira segue narrando a vida:

*“A decisão de vir para o Brasil... eu completei 15 anos, acabei meus estudos, formei, acabei os meus estudos. E apareceu o meu marido que veio daqui do Brasil. Ele foi pra Síria passear, chegou era na data da Páscoa...eu fui na casa dos meus avós, na hora que estava voltando eu conheci ele. Assim, eu tava com a minha família e tudo, ele perguntou quem eu era, eu já tinha completado os 15 anos e aí, parece que ele achou, ele gostou, assim do meu jeito de ser, toda recatada, toda coberta, tudo (risos). Não podia aparecer o braço, quer dizer... saia comprida, meia, sapato, lenço na cabeça. Por quê? Nossa cidade era de muçulmanos e nós da minoria católica. Aí, diante disso ele chegou lá...*

*Ele se chamava Nadim , chamava Nadim Youssef. Então, o que aconteceu? Ele, passou uns dias, eu estava na roça trazendo a última carga de, tinha uma carga de, de, como é que chama? De trigo. E eu estava de um jeito que até hoje, ele nunca esqueceu e nem eu. Descalça, terra até o joelho, depois de três, quatro dias na roça só colhendo trigo, cabelo despenteado, mais o rosto muito vermelho, na hora que ele me encontrou eu fiquei tão morrendo de vergonha e ainda (tom de riso) montada em cima de um jumento carregando uma coisa de trigo. E daí ele me cumprimentou, eu com a cabeça voltada para o chão, que era assim que nós tínhamos que fazer, não pode levantar o olho, põe a cabeça no chão e vai embora. Assim eu conheci ele. Passando um mês e pouco, Nadim procurou meu pai, se ele queria que eu casasse, que queria casar comigo, e pergunta se eles aceitam ele como genro. Que assim lá funciona. Aí meu pai falou: “Vou perguntar a ela.” Ele me perguntou, eu falei que sim, mas aí havia três coisas contra: primeiro, a idade dele. Ele tinha 34 e eu 15. Então, segundo, era a viagem pra cá, me separar da minha família, minha mãe... e terceiro, eu tinha 3 pretendentes, todos novos e ricos para a realidade da cidade. Como é que eles iam permitir? Isso era impossível.”*

Com quatro pretendentes, Mounira tinha dois preferidos e pediu conselhos à mãe: como decidir na escolha de seu marido e seu destino? A mãe aconselhou colocar o assunto a cargo de Nossa Senhora e, pela crença familiar, foi a Virgem Maria quem apontou o caminho. O escolhido? Nadim Youssef Rahme. Entre abril e dezembro de 1953, tudo aconteceu: acordos, permissão de

contato, conversa entre os nubentes, noivado, e por fim, no último mês do ano, o casamento.

*“Mas, na verdade, eu bati o pé e casei com ele (risos). Eu bati o pé, foi uma coisa até muito engraçada. Minha mãe, pra salvar um pouco a situação, porque não queria que viesse, aí a minha mãe falou: “Então faz o seguinte: você vai escrever os quatro nomes - os quatro rapazes que tinham, que queriam casar comigo – você vai pra igreja, vai rezar, conversar com Nossa Senhora, que é sua madrinha, aí você vai colocar debaixo da toalha do altar os pequenos papéis... mas você tem que ser honesta com você mesma. Depois de rezar, pedir a intercessão de Nossa Senhora, você volta pro altar, ajoelha e de olhos fechados reza de novo e tira um nome. Aquele nome que sair porque Nossa Senhora, ela quer que você case com ele.” E por sorte, saiu o nome dele. O nome de Nadim .*

*Voltei pra casa, eu avisei que tinha acontecido, aí contra tudo e contra todos, os preparativos para a aproximação dos dois foram iniciados. Isso se deu entre abril a agosto de 1953. Em agosto, foi a primeira vez que ele me dirigiu a palavra. Em setembro, o meu pai permitiu que ele viesse pra casa pra conversar comigo. Era a primeira vez que nós tínhamos sentado um perto do outro pra conversar juntos, ficamos noivos em novembro e casamos dia 20 de dezembro, 1953. Foi tudo no mesmo ano.*

Figura 41 - Casamento Mounira e Nadim



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

*A família dele, eles também não moravam mais lá não, eles tinha ido embora pra ir de uma vez. Aí ele telefonou, eu lembro que, quando nós casamos, o Wady, meu cunhado, o Eduardo, não é? ele estava aqui, é irmão dele e mandou falar com ele: “Você pode casar, vir embora que a gente vai ficar junto.” Foi quando nós casamos, em 20 de fevereiro de 1953 e chegamos ao Brasil dia 20 de fevereiro... não! Nós casamos em dezembro, em fevereiro chegamos ao Brasil.”*

Toda a bravura daquela jovem de 15 anos e a fé fervorosa em Nossa Senhora foram fundamentais para que ela se deslocasse da Síria para a América do Sul, mas especificamente para o Brasil, para a cidade mineira de Juiz de Fora, onde já havia um cunhado instalado e feliz com os resultados alcançados na sua fixação como comerciante nestas paragens.

Veio em mim uma curiosidade do tamanho do interesse dela por Nadim. E a pergunta foi disparada: Se a senhora tivesse pegado um papelzinho com o nome de outro pretendente? A senhora teria dito a verdade?

*“Teria. Infelizmente, ou felizmente, a gente acredita, a gente tem fé. Então, se a Nossa Senhora tivesse indicado outro, outro nome, mesmo que não gostasse dele, teria acatado, porque lá, o que se dizia é que, com o tempo, a gente se acostuma ao outro. E seguia o conselho de minha mãe que indicou: seja honesta consigo mesma. Pedi intercessão da Nossa Senhora, que era a minha madrinha, que ela me ajudasse a decidir a minha vida, que ali não tá decidindo, tá decidindo a minha vida. E foi aonde que saiu o nome dele e eu voltei, casei e realmente tem uma coisa que, não me arrependo de nada que eu fiz. Se eu fiz alguma coisa errada alguma vez, também não arrependo porque eu pensei, primeiro, segundo, terceiro... e fiz, então, eu não arrependo.”*

Era uma menina de 15 anos, agora casada com um homem quase 20 anos mais velho, atravessando terras antes não pisadas e mares não navegados, se dirigindo a um país sobre o qual sabia muito pouco. Do idioma, não conhecia sequer uma palavra. Ao chegar ao seu destino, encontrou uma pequena colônia síria instalada, o que facilitou muito a sua vida, dada a tradição de mutualismo instalada na cidade que tinha a cultura de receber imigrantes de diversas nacionalidades.

Desde o primeiro momento de sua chegada ao Brasil, trabalhou muito. Tanto naquilo que se refere às tarefas do lar, como ajudando na organização da venda de tecidos, como mascates, do marido e do cunhado. No início, eram empregados de conterrâneos seus e percorriam a região vendendo cortes de fazendas compradas dos próprios patrões. Com o tempo, muito afinho e trabalho, conseguiram abrir o próprio negócio. Continuaram a atuar no ramo de tecidos, mas agora como proprietários. A Rua Marechal Deodoro, em seu segmento conhecido como “parte baixa”, se caracterizou por sediar as lojas de sírios, libaneses e outros imigrantes provenientes do oriente próximo. Foi ali também, naquele espaço de patrícios, que foi fundada por Nadim e seu irmão, a Casa Chic, que existe até hoje, sendo uma das poucas sobreviventes desse tipo de comércio em Juiz de Fora.

*“Quando chegamos ao Brasil, viemos direto pra Juiz de Fora e nós chegamos aqui, apesar que tinha o meu cunhado, minha cunhada, mas me fez falta reuniões, me fez falta a benção dos pais, mesmo reuniões dos tios. Sentia falta das festividades mais simples que tem, chegava às vezes à véspera de um ano novo, numa festa dessa assim, por exemplo, o meu pai fazia, a minha mãe fazia uma bandeja de tomates, a minha tia fazia um arroz, minha avó fazia alguma coisa juntava aquelas 20 e tantas pessoas e fazíamos uma festa. Cantávamos, dançávamos e feliz... porque era assim, nós tínhamos uma casa, uma casa, por exemplo, era onde a gente morava, era, vamos que seja um quarto, um quarto pra dentro era do meu pai que tinha cinco, seis filhos, desse lado no meio era do meu avô e do outro lado era do meu tio. Então, uma casa desse tamanho [marca com os braços um espaço pequeno] ou maior um pouquinho, abrangia três famílias. Esse convívio me fez falta, isso me fez falta no começo, nos dois anos primeiros...”*

“Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (198) Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. (...) A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. O

sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa interpenetração. O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (BENJAMIN, 1987e. P 198-199)

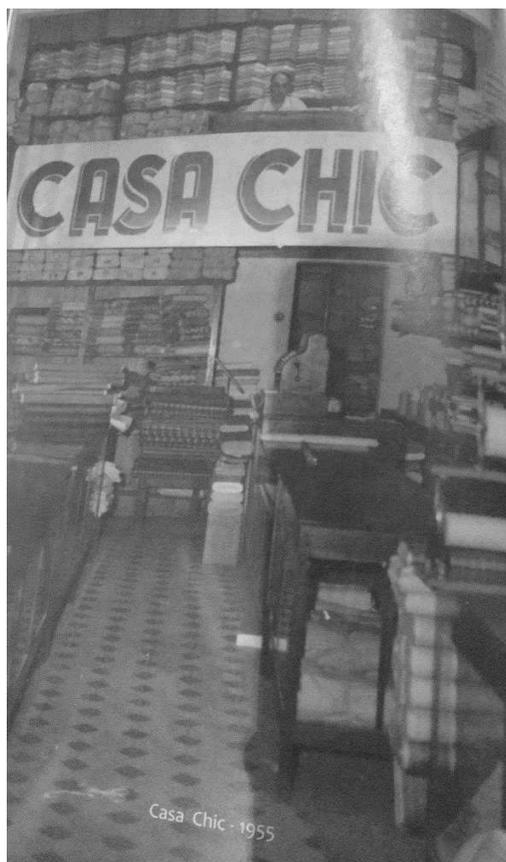
Em uma livre interpretação e aproximação com a citação de Walter Benjamin, apresentada acima, creio que Dona Mounira representa, ao mesmo tempo, os dois tipos de narradores destacados por Benjamin em seu texto *O Narrador, Considerações à obra de Nikolai Leskov*. Ela, de alguma forma, flutua entre essas duas possibilidades de narrativas. Ao sair da Síria, com 15 para 16 anos, ela é a viajante, a que sai. No Brasil, 12 anos sem voltar ao país de origem, narrou a vida na Síria para amigos, para a nova família, para os fregueses, para os filhos. Depois desse tempo, ela se torna a eterna viajante e a narradora de vida longa. Ela se torna *A viajante da vida escolhida*. Mounira fixará vida no Brasil, se tornará, oficialmente, cidadã brasileira e é em nosso país que ela escolhe viver a maior parte de sua longa vida de 85 anos. De Juiz de Fora, sua nova base de vida, ela olhará o mundo. Daqui sairá dezenas de vezes ao longo desses 70 anos de Brasil para voltar à Síria e outra dezenas para conhecer outros tantos países do mundo. Mas é para o Brasil que ela volta sempre. Parece-me, assim, que ela é sempre a narradora que volta. Aquela que volta à Síria é também a que volta ao Brasil, mas nunca abdicando de seu lugar de narradora nessa dupla territorialidade. Mas, depois de tantos anos de fixação nas terras de cá, ela é, também, para nós, a narradora que fica e nos conecta com as terras de lá. Assume os dois lugares de fala e com desenvoltura expõe as suas múltiplas narrativas. Ela é, de fato, uma boa narradora, tem histórias para contar e encantar. Puxa os olhares para si quando, com seu forte e lindo sotaque, movimentada-se para contar sobre, principalmente, o que viveu, viu ou ouviu. Ao espalhar memórias, transmiti-las aos familiares, parece saber que, assim, elas não tombarão mortas. Suas histórias, narrativas não desaparecerão em um breve espaço de tempo, e não morrerão com ela. Porque ela contou, narrou, perenizou as histórias de sua vida. E é bastante provável que alguém,

pelo menos por algum tempo, assumo o papel de narrador das histórias por ela transmitidas, mesmo as mais difíceis. A esse respeito, compartilha conosco o fim de seu casamento ainda tão jovem.

*“Meu casamento com Nadim durou 23 anos. Fiquei viúva com 39 anos e dois filhos, num país que ainda não era totalmente meu... não foi fácil.”*

Na época da morte do marido, a Casa Chic já havia prosperado e funciona até hoje, décadas e décadas após a sua fundação. Ao contrário de tantas outras lojas de tecido que cerraram as portas após a invasão de roupas prontas no comércio, em sua maioria oriundas de países asiáticos. A abertura comercial processada em função do comércio globalizado após os anos 90 viria a representar um grande impacto para estabelecimentos comerciais tradicionais e modificaria significativamente a paisagem mercantil da cidade, historicamente demarcada em ruas específicas para diferentes funções. Com isso, as tradicionais lojas de tecidos praticamente desapareceram.

Figura 42 - Casa Chic



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Comprar tecidos nas lojas tradicionais da cidade e levá-los à costureira é um hábito que vai, pouco a pouco, caindo em desuso. Com isso, as dezenas de lojas do ramo, que existiam na cidade, foram fechando, fechando... poucas sobraram e algumas trocaram de ramo. Entre as poucas sobreviventes está a Casa Chic, onde a presença e a gerência eficiente de Dona Mounira cresceram e solidificaram-se, durante esse tempo de mudanças, até todo o comando concentrar-se em suas mãos. Mas, até isso se dar, muitas águas passarão por pontes sírias e brasileiras.

Nos tempos áureos do comércio de tecido no varejo, copiar o modelo usado por uma artista de cinema ou cantora famosa, comprar revistas de moda nas bancas e escolher um vestido usado por uma manequim, comprar um corte de tecido, cujo valor coubesse no bolso ou na bolsa de seu comprador, levar a uma costureira ou a um atelier, era o fino da bossa.

*“Após a morte de Nadim , fui trabalhar com meu cunhado e minha cunhada na loja. Atendia os fregueses e freguesas e isso foi me ajudando assim com a língua daqui, não é? O trabalho na Casa Chic ajuda muito a gente a familiarizar, assim, com o português. Aproveitava o contato com as freguesas para perguntar sobre uma palavra ou outra, como se diz isso ou aquilo. Aí, depois de um certo tempo, aprimorou a pronúncia e aprendi a pronunciar o fonema P, por exemplo, inexistente na língua da minha terra, não é?”*

O casamento de Mounira com Nadim durou 23 anos e foi interrompido pela morte prematura do marido. Viúva, muito jovem, ainda não havia completado 40 anos quando se viu sozinha com os filhos e uma vida para fazer. Continuou a tocar os negócios junto ao cunhado e à cunhada. O tempo passou e Mounira foi assumindo cada vez mais a frente do gerenciamento da loja e outros negócios. Hoje, após a morte dos cunhados e da sobrinha, assumiu definitivamente o comando da Casa Chic. Para não falir como tantos outros proprietários de casas de tecidos na cidade, a maioria seus compatriotas, diversificou os negócios, especializou-se em artigos para carnaval e tecidos finos, ainda que na imensa exposição de panos que é hoje a Casa Chic, com o dobro do tamanho da original, é possível que se encontre de tudo que se procura em matéria de tecido: algodõezinhos, TNT (tecido não tecido), tecidos para

cortina, artigos para vestidos de noivas e cerimônias requintadas, ou seja, do mais simples ao mais sofisticado e, é claro, um dos pontos fortes da loja, hoje, produtos ligados ao carnaval. O difícil é entrar ali e sair sem comprar nada.

Dona Mounira, com seus 85 anos de idade, está na loja todos os dias. De pé em toda a jornada diária. Atende o balcão, sempre com um “olho no peixe e outro em vários gatos”. Assim, enquanto atende um freguês, está atenta ao atendimento dos funcionários e pronta para corrigi-los caso forneçam uma informação errada ou estejam prestes a perder uma venda. Atende dois ou três fregueses de só uma vez. Supervisiona ou atende o caixa, atende representantes e o contador na loja ou ao telefone. Mesmo assim, é sempre muito gentil e nunca manifesta cansaço.

O domínio de nossa língua possibilitou sua inserção em outros ciclos. Esteve à frente do grupo responsável pela construção e depois pelo funcionamento do clube Sírio e Libanês na cidade. Participou ativamente também da organização para a construção e manutenção da Igreja Melquita no Bairro Santa Helena. Católica praticante e paroquiana ativa, ajudava na organização da Festa de São Jorge, tradicional festejo dos católicos maronitas, que também acontecia até bem recentemente no Bairro Santa Helena e que movimentava o fluxo de lazer na cidade, trazendo para aquele espaço moradores de diferentes bairros.

Não posso afirmar se somente por gosto ou com um misto de estratégia comercial participa ativamente do carnaval da cidade. Vende seus produtos carnavalescos para os compradores de Juiz de Fora e de cidades de toda a região. Mounira é alegre, feliz, sorridente e ao mesmo tempo muito firme, principalmente se o assunto for negócios. Sua vida é aquela loja cheia de móveis e utensílios antigos, alguns que remontam à época da inauguração. O piso de ladrilhos hidráulicos originais, não uniformes na composição. Talvez pela experiência das ausências e necessidades passadas na infância, ainda na Síria, deixa claro que não desperdiça nada, muito menos dinheiro. Dona Mounira parece ser a confirmação de um dito popular muito ligado aos imigrantes que vieram para o Brasil originários do oriente próximo, os quais, para a irritação severa de muitos deles, eram denominados, genericamente, de turcos.

Costuma-se se dizer que o umbigo do dono junto ao balcão é que faz o negócio prosperar. Acreditando na fala popular, ou não, o fato é que Dona Mounira, não abdica de seu posto e comparece todos os dias à loja e coloca seu umbigo bem próximo ao balcão e olha tudo; afinal, há outro ditado que diz: “os olhos do dono é o que engorda os negócios”.

Mounira é, hoje, uma matriarca síria em Juiz de Fora. Com boa posição na vida, as dificuldades financeiras são lembranças remotas de sua infância em sua terra natal. Ela lamenta não conseguir transmitir aos jovens o bastão das tradições de sua terra e de sua gente, e teme pelos esquecimentos no futuro.

No recorte de fala seguinte, nossa narradora nos relata fatos sobre a fixação da vida de seus compatriotas e dos imigrantes libaneses na cidade. Essa é uma memória incorporada por ela daquilo que ouviu; não é a narrativa do que viveu como já nos ofereceu acima e voltará a fazê-lo até o término deste texto.

*“Nosso povo chegou por aqui em levás, não vieram todos de uma vez porque eles vieram aos poucos. A primeira, quem veio, a primeira pessoa que chegou em Juiz de Fora foi da Tabara depois, não, antes da Tabara veio Neman Salomão, ela tinha loja libanesa. Então, depois veio o da Tabara. O que que acontecia? Sempre mandava umas cartas para Yabroud dizendo “eu estou aqui e não estou satisfeito.” Igual meu cunhado, quando ele chegou ao Brasil, em 1928, ele foi pra ser, foi pra, foi para o estado de São Paulo.*

*Felipe Andraus era meu tio. Ele foi para Cerqueira César [município do Estado de São Paulo] e o Wady José Rahme, que era meu cunhado, foi para Piraju [idem] porque a irmã dele estava lá. Em Piraju, eles foram empregados, tanto ele quanto o Felipe Andraus. E, sendo empregados, aprenderam um pouco a língua e tiveram algum dinheiro porque eles, quando chegaram da Síria, não tinham nenhum centavo. Esse aqui [o tio] foi para a casa do tio dele e meu cunhado foi pra casa da irmã. Na hora que eles tiveram um dinheirinho, mandaram pra Síria, pra Yabroud uma carta dizendo que não estavam satisfeitos. Aí voltou a carta pra eles, pra Piraju, dizendo que, em Juiz de Fora, numa cidade em Minas Gerais, havia yabrudenses, que eram quatro famílias muito bem conceituadas, que era o da Tabara, era o Neman Salomão, era os Mockdeci – os Mockdeci que eram quatro irmãos e uma irmã*

*Mockdeci - e tinha um Bara que era o Nagib, o mais velho, esses que estavam aqui. Quer dizer: se eles viessem pra Juiz de Fora, eles se juntariam a esses. Tinha Pedro Hallack, que era da Casa Petrus. Essas famílias que vieram aqui antes, já tinham chegado ao Brasil em 1883, gostaram de Juiz de Fora, voltaram para a Síria e depois eles trouxeram as famílias. Aí, nessa que veio, mas quem veio primeiro mesmo, final de mil oitocentos e não quando, 1890 e pouco e quando eles voltaram, voltaram para Juiz de Fora. Aí que veio também a família Arbex, que tinha a Casa Vitória... [Antiga loja de enxovais, tecidos e camisaria, muito famosa na cidade, que funcionou primeiramente na Avenida Rio Branco, próxima à antiga rodoviária da cidade e depois transferiu-se para a Rua Marechal Deodoro parte baixa, região do centro comercial da cidade, já algumas vezes citada. A Casa Vitória foi inteiramente destruída por um grande incêndio na década de 1970.]*

*Então, essas famílias aqui, eles fizeram uma colônia. Por natureza, eles já fizeram uma colônia que eram da Tabara, depois vem o Eduardo Haddad, depois veio o Salomão, veio os Mockdeci e veio os Arbex da Casa Vitória. Então, quando chegavam aqui, eles recebiam eles de braços abertos. E foram recebendo. Tinha uma pensão que, hoje, é em cima da, não tem a Casa Chic? Tem aquela galeria... Havia uma pensão muito grande ali e toda a patriçada que vinha ficava naquela pensão. Então, ali, eles tinham o quê? A pensão para morar, tudo na parte, Marechal parte baixa. Tinha pensão para morar, tinha os amigos que foram se aproximando, tinha os Mockdeci, onde eles jogavam gamão, pessoal gostava de jogar gamão, e começou a vida.*

*Porque a gente sim, vai responder, vai respondendo na língua simples da qual a gente sabe... Isso que não tenha dúvida. Por que florear e falar tudo assim de estudos, isso a gente não sabe. A gente sabe falar o dia a dia é o que nós sabemos... a gente sabe contar a vida que vivemos e também aquilo que nos contaram.”*

Respondo com indisfarçável satisfação: mas é isso que a gente quer. A senhora entendeu perfeitamente. (risos) É isso que a gente quer captar, é essa a história que está na cabeça de vocês, as pessoas que estamos entrevistando, que a gente quer registrar. Contar para aos outros. Com a permissão de vocês, como foi dito, é claro.

Dona Mounira é muito astuta e inteligente e logo capta o que desejamos. Assim, de forma natural, ela assume o discurso do pesquisador usando a compreensão de parte do método capturado por ela no decorrer da conversa.

*“Então, como eu vinha contando, meu cunhado chegou e o tio Felipe ficaram empregados na casa do Pedro Petrus Hallack. João Pedro. Ele chamava João Pedro. Que tanto quanto foi na história de Juiz de Fora colocaram a foto deles na capa. Era João Pedro Hallack e os dois empregados dele que era o Wady meu cunhado e Felipe Andraus. E ali, eles fizeram, compravam os pedaços de, de tecido e saiam, chegava o trem lá embaixo – sempre eles me contavam isso – eles saiam na hora de sair o trem o Wady cortava cinco ou seis cortes de tecido e ficava na porta do trem oferecendo pra quem chegava pra quem quisesse comprar. E com isso eles fizeram a vida.*

*Cheguei ao Brasil em 20 de fevereiro de 1954, eu voltei pra Síria em 1966, em, em julho de 1966, com dois filhos que são e fiquei só com os dois mesmo: a Samra e o Mounir, e depois desse daqui eu voltei em 75 com o meu marido. Em 77 ele morreu e aí eu fiquei... Eu fiquei aqui sozinha com as crianças aonde que eu já estava na loja, já tinha sido, o futuro já tava, eu já estava conhecendo a língua toda, já tava conhecendo os tecidos. Onde nós tivemos trabalho...*

*Já no aspecto religioso, ah! Adaptar-me à religião aqui não foi muito difícil, porque, naquela época, tinha o padre Pedro e ele celebrava na Igreja do Rosário e o meu marido tinha uma voz muito bonita, que cantava as missas. Então, pra nós, os domingos, nas festas, sempre tinha missas solenes com padre, com padre Pedro e ele cantando, ele cantando as missas. Então, pra mim, foi uma coisa assim que não deu muita diferença. Logo em seguida, começou a construção da Igreja Melquita e ali todo o nosso esforço virou para a Igreja Melquita.*

*Agora, o Clube Sírio Libanês, no começo, mais os libaneses e os sírios o que acontecia? Eles ficavam, as famílias grandes cresceram, as escolas, os filhos ficaram no colégio e eles acharam melhor fazer o Clube Sírio Libanês porque unia mais as famílias sírios e libaneses, pra ver se podia manter um pouquinho a tradição e casar seus filhos juntos. Assim, que não saíssem para fora, casassem fora daquele círculo.*

*Fizemos o Clube Sírio Libanês, fizemos a igreja Melquita, mas o Sírio e Libanês pouco deu, como é que eu vou falar pra vocês? Essa união, conhecimentos não*

*rendeu... por exemplo, igual a minha filha: ela adorava uns dois, três rapazes sírios libaneses, mas, mas exigência do pai que era sírio muito rígido, você sabe como tá a situação, e é só namoro dentro de casa, e queria que voltasse, da antiga e então acabou cedendo e casando ela com um brasileiro. E não com aqueles de interesse dela.*

*Mas, na vida, nem tudo sai como o planejado, e não era essa a condição, percebe isso? Mas tinha aqui, por exemplo, nós somos os yabrudenses, eram 66 famílias, os libaneses eram mil. E outra coisa muito mais importante: os sírios, quando chegaram para Juiz de Fora, chegaram a maioria pobre e trabalhava de mascate para sobreviver, e os libaneses, como eles saíram do país deles em 1943, três anos antes, eles foram, tiveram a independência e, no Líbano, eram todos católicos e os franceses soltavam muito mais dinheiro na Síria. Eles vieram pra aqui, as famílias, igual o Simão Gabriel, igual esses antigos que vieram e abriram fábricas, vieram com dinheiro. Então, essa aqui foi a diferença dos sírios quando chegaram e os libaneses quando chegaram. Sete, oito libaneses quando, famílias libanesas vieram com dinheiro. Eles vieram, abriram, os Ganimi, abriram fábricas de malha, de malharias que era muito difícil. E nós, os sírios, dentro de nossas posses, ficamos no comércio. Por isso que eles eram mil, mil famílias, porque já tinham descendentes e nós somos, de lá, 66 famílias.*

*Falando da minha adaptação e das dificuldades, uma delas foi a língua. A língua, eu tive dificuldades no começo, muita dificuldade no aprendizado. Mas depois, rapidamente, fui vencendo. Mas por quê? Eu descí pra trabalhar na loja, como eu estudava um pouco francês e eu traduzia um pouquinho, eu comecei a escutar assim, essa aqui é a pura verdade. Eu comecei ver que os árabes falava diferente dos portugueses na loja. Quando eu descí pra trabalhar, então percebi a fala do jeito dos brasileiros e o modo de dizer eram diferentes da “patriçada”. Porque, por exemplo, igual meu cunhado falava “balitão”, “cobertão”, mas, na nossa língua, não tem o P só tem o B... Nem o P, nem o V. Não tem. Não tem o P então, eles falam até hoje. Falam “brato” assim, quando não tem p... “Brimo”. “Brimo”. “Brimo”, “brato” e “bé” então não tinha essa, não tinha. Então, ficava todos eles. Mas, eu escutava a diferença. Por exemplo, o que mais me chamou atenção: “nós foi”, “nós fez”, nós assim. Aí, quando chegava os brasileiros, o pessoal fala “nós fomos”. Falei: “Mas tem qualquer coisa de errado”*

*...Tem coisa de errado nisso, pensava eu. Como eu tinha estudado um pouquinho francês e a língua não era tão difícil eu fui numa Zappa [papelaria e livraria tradicional da cidade que funcionava na Galeria Pio X, essa passagem é um corredor de lojas que liga as duas principais ruas do centro comercial de Juiz de Fora, Halfeld e Marechal Deodoro], tinha naquela época, não é? Pedi um livro de admissão. Eu fui pedi um livro de admissão e tinha uma vizinha. Samra, nessa época, já estava no colégio. Eu não sabia ensinar ela. Eu precisava ensinar ela. Então, as duas coisas. O que que é plural mãe? Não sei. O que que é singular? Não sei. O que que é isso? Não sei. Eu chamava a minha vizinha, chamava a Maria. “Menina Maria Lucia, o que que é isso?” Aí ela foi me explicando. Aí, com o livro, quando eu comprei, eu fui aprendendo tudo. Aí eu aprendi a língua certa e eu comecei a falar certo aonde que eu deixei de falar igual eles. “nós fez”, nós foi”, nós não sei, era tudo e ainda pior é palito, “período”, por exemplo, “período” não? como que é “período”? Se aqui, se o brasileiro falava período. Então nisso que eu fui achando a diferença. Então, no livro, eu estudei.”*

Dona Mounira, em outro momento de sua fala registrada em áudio, fala do uso das línguas em casa. Em casa, no convívio familiar, os filhos aprenderam o árabe, língua falada na Síria. Diz que os filhos aprenderam o idioma dos pais:

*“Meus filhos aprenderam o árabe e até agora falam árabe. ...tanto a Samra quanto o Mounir. O Mounir fala igual a mim, porque, na nossa língua, tem o masculino e o feminino. Então, igual que eu falo com ele masculino ele fala comigo no masculino porque o mais que sabe aprendeu comigo, acho que é por isso. Então, do jeito que eu me dirigia a ele como homem, ele dirigia a mim como homem. Porque foi assim que ele aprendeu. Agora, a Samra fala mais do que ele. Entende tudo, ela foi três, quatro vezes para a Síria. Então, lá, ela aprendeu mais, reforçou o que já sabia.”*

Em um outro recorte de sua fala, destaco a questão do clima, a diferença climática entre as cidades onde a maior parte da sua vida é vivida: Yabroud e Juiz de Fora. Por aqui, as diferenças entre as estações não são tão marcadas como em terras sírias. Lá, um inverno rigoroso marca a vida e os hábitos e interfere em todas as ações cotidianas.

*“No mês de outubro, o tempo começa mudar é de que período? Outubro, novembro, dezembro, janeiro, quando chega fevereiro eles falam assim, fevereiro começa, por mais que venha a neve, sempre tem o cheiro do verão. Porque dá sempre um sol. Enquanto chega março, igual março aqui não é o tempo das águas?... Lá o tempo também é das tempestades, porque já é fim do inverno. E depois, agora tem uma coisa: o inverno é rigoroso, 30 graus negativos às vezes, e quando passa a época da chuva de inverno, nós ficamos com sol direto até outubro.*

*A gente, em janeiro, faz o trigo, depois que a gente tira o trigo faz a batata, e depois, em volta das batatas, a gente plantava milho, alguma coisa e depois, no outro ano, a gente tirava as batatas, vendia as batatas e a gente comprava a matriz, porque a batata, se sair da terra ela não dá. Então, você tem que comprar; a gente comprava a matriz da batata em Chipre. Assim, a matriz pra gente cortar e plantar novamente. A gente vendia ela, vendia pra outros países e comprava a batata de Chipre pra poder a gente plantar. E, de 10 em 10 anos, a gente virava a terra. Porque a terra cansava, então a gente virava 1 metro e 80 até pegar uma terra... descansada e virar ela pra poder começar, 1 metro e 80. Eu já fiz isso tudo, não é? Essa aqui... e no inverno não se faz nada. Nada. Nada... Aí, durante o verão, vamos dizer assim: que fazem as conservas... porque fica barato conserva.*

*A gente faz conserva de tudo, não é? Faz a berinjela, o queijo, a coalhada, e a, como é que chama? A abobrinha, ele seca, põe assim no sol, põe ela e no sol ela seca, põe ela assim, finca ela, faz igual um varal, depois seca toda. Tem aquela carne que eu te falei, seca ela, cozinha e guarda. Mistura no arroz e faz a refeição. Então, ficamos novembro, dezembro, janeiro, fevereiro praticamente sem plantação sem nada.”*

Dona Mounira fala da tendência da colônia síria em Juiz de Fora para a atividade comercial. Em relação ao tecido, a família optou, também, por comercializar o produto. Antes, o marido era mascate e depois fundaram a Casa Chic, que também já é antiga na cidade.... *“Nós fizemos agora 30 de maio, 85 anos de loja.”* [fala registrada em 02 de dezembro de 2015] *A Casa Chic nasceu quando veio o meu cunhado de Piraju; ele veio e ficou um ano com o, como é que chama? Com o João Pedro. Aí, o João Pedro vendeu pra eles, porque ele queria voltar pra Síria pra ficar um bom tempo. Então, vendeu pra eles o ponto, eles tiraram Casa Petros, que era*

*o nome da casa do João Pedro, e colocaram Casa Chic. Sempre trabalhamos com tecido. Depois, a gente foi se especializando em tecidos pra carnaval, não é?*

*Primeiro, nós tínhamos sócios que trabalhavam. Quando meu marido morreu, eu fui trabalhar na loja, eu assumi a parte dele, não é? E começou o pessoal falando assim: “Olha! Nós compramos pra carnaval, só tem aqui na libanesa e a loja síria. Por que vocês não começam a trabalhar?” Aí, fui, aos poucos, colocando, os produtos do carnaval e artigos mais finos. Eles, meus cunhados, não estavam acostumados com esse trabalho, com esse tecido fino e nem com o carnaval. Então, eu fui, devagarzinho, entrando no artigo de carnaval, fui, devagarzinho, entrando no artigo fino, e fomos indo, e eu discutia muito com o meu cunhado porque ele achava que eu estava abusando, esse aqui não vende, esse aqui não vende. Até que, um dia, aconteceu um fato com o qual ele parou. Eu fui pra São Paulo pra fazer compra para o carnaval e cheguei em São Paulo o cetim tava custando 92 centavos. Aí, eu viajei para Americana, cheguei na fábrica tava 55 centavos. Eu fui e comprei uma quantidade muito grande, na verdade foi muito grande, não é pouca não. Eu fiz as contas, se considerar que 92 centavos iam vender a 1,50, quer dizer: nós estamos ganhando muito porque, vamos considerar, se em São Paulo era 92 centavos, como comprei em Americana por 55 centavos, o nosso lucro é muito, muito maior. Quando a mercadoria chegou o meu cunhado ficou maluco. “Nossa Senhora!: Não! Tem que devolver, que quando eu trabalhava com o seu marido eu só punha o pé aonde que alcança você tá fazendo as coisas...” E eu escutava, escutava. No final, falei com ele assim: “Vamos fazer um trato? Um contrato.” Ele falou: “O que?” Falei: “Olha! Eu saí, com a morte do meu marido, lisa de tudo, que tudo que eu tinha ficou pras crianças, pro Mounir mais pra Samra. E eu saí só com o capital, quer dizer, eu saí pura de tudo. Vamos fazer uma coisa? Se nós perdemos, eu já perdi tudo mesmo, já perdi Nadim, já perdi tudo mesmo, um pouco mais, um pouco menos não faz diferença. Então: lucro todo seu, prejuízo é meu. E, se nós ganharmos, o lucro é meu e seu não tem nada.” ...*

Figura 43 - Mounira Haddad Rahme



Fonte: Disponível em <https://www.acesa.com/cidade/arquivo/secosemolhados/2013/08/23-clubesirio-e-libanes/>

*“Aceita?” “Aceito!” “Então tá: você deixa descer tudo. Desce tudo.” Três, dois meses depois, o cetim no comércio já estava 1,50 e nós tínhamos comprado ele a 55 centavos. Nem tinha pago. Na época do carnaval, chegou a ser vendido a 4,0 ... Foi uma coisa assim... aí, ele, muito honesto. Ele muito honesto e muito sério, chegou perto de mim, uns cinco, 10 dias antes do carnaval, ele chegou perto de mim e ficou assim, eu logo quando ele começava a fazer assim eu sabia que ele queria falar e não tinha coragem.....aí, eu olhei pra ele, falei com ele: “Wady, deixa eu te falar uma coisa: você está falando pelo contrato que nós fizemos.” “É!” então eu disse: Não! Eu falei isso só de brincar. Você é o dono da loja, você que é o principal, você que fez Casa Chic, eu apenas entrei depois, você pode dividir metade pra mim, metade pra você.” “Pode ser?” Eu falei: “É claro que pode!” “Você quer ver?” Eu falei: “Não! Vai você então, você mesmo divide, põe pra mim no banco como sempre, eu não quero nem saber o que que aconteceu.” Desde aquele dia, tudo ficou uma maravilha e aí nós começamos a vencer, a trabalhar, a fazer prédios e fazer novas coisas, novos negócios, tudo junto...*

*A única coisa que eu faço agora, porque ele já fez quase, ele já fez 28 anos que ele morreu, meu cunhado, não é? E eu assumi com a minha cunhada e minha sobrinha, a Leila, nós assumimos a loja. E, depois da morte delas, eu comprei a parte*

*do meu sobrinho e, assim, hoje, eu e minha família somos os únicos donos, não é? Então, a gente tava sempre renovando, os próprios carnavalescos trazem pra mim: “Oh! Dona Mounira, olha esse daqui vai vender bem, esse aqui tá melhor, compra pra mim.” Fomos vencendo escutando os carnavalescos, os fregueses, eu nunca, minha opinião, foi assim não, não, não, não chega assim ao que o freguês quer, eu pergunto aos funcionários, eu faço tudo que eles pede, faz então, e com isso nós vencemos.”*

Perguntada sobre como é ser mulher, assim, à frente de negócios, Dona Mounira respondeu com outra pergunta: *“Aqui ou na Síria?”*

*“Na época em que eu vivi na Síria, você mulher trabalhava dentro de casa. E seguia o que o marido falasse. Primeiro você obedecia era ao pai, depois de casada ao marido. Era assim e em muitas partes do oriente ainda é. Eu vivi isso na Síria. Saí de lá em janeiro de 1954. Hoje, não, hoje as coisas mudaram muito.*

*Antes dessa época, dessa guerra não, a mulher já tava, por exemplo... a minha sobrinha é dentista, outras são dentistas, são de tudo assim que, são médicas, são é, como é que chama? Todas estudadas, a mulher na época do Bashar [Bashar Háfez al-Ássad, atual presidente da República Árabe Síria cujo governo se iniciou após a morte de seu pai, Háfez al-Ássad], depois que o pai dele morreu e ele assumiu e a mulher passou a ter toda a liberdade. Então ela não usa mais burca, ela estuda, ela vai ao curso, à universidade... mas na minha época na Síria, não...”*

Explicitamente, não responde sua visão de si como mulher à frente dos negócios. Mas, como sabido uma memória puxa outra, assim, de sua fala outros fios interceptaram a sua resposta à pergunta objetivamente feita. Não creio que tenha sido intencional, não creio que tenha fugido da resposta. Novos fios mnemônicos se inter cruzaram, e a conversa fluiu, sem que voltasse à pergunta feita. Porém, no meu entendimento Dona Mounira deixa claro, ao longo dos trechos de suas falas aqui reproduzidas em recortes, por mim conduzidos, que se considera uma mulher de negócios bem sucedida, e se empodera desse lugar com satisfação e altivez. Não deixa dúvida, ela é uma líder nata e destemida, claríssimo que ela que puxa para a frente e conduz a loja a novo rumos, embora mantenha um pé no conservadorismo e na tradição. Receita que, nesse caso específico, deu certo.

*“Outra coisa que aconteceu, foi quando a nossa cidade, Yabroud, os muçulmanos mais radicais assumiram. Melhor... tomaram a cidade e ficou todo mundo, todo mundo assim... você pagava pra eles tomar conta de você se não eles matavam os católicos, muita gente. Quando Bashar al-Assad decidiu, isso foi em segredo que foi, Bashar al-Assad decidiu atacar Yabroud, ele conversou com o patriarca que chegou aqui no Brasil e falou com ele: a cidade de Yabroud ia ser atacada para que todos os católicos saíssem de lá. Aí, cada um que tinha parentes em Damasco, aonde que tinha suas famílias, saíram todos deixando a cidade toda, assim, vazia... como um cenário.*

*A Síria da minha época de moça, nova, bonita e mesmo muito tempo depois, quando íamos visitar os parentes, era uma beleza. Teve época de eu ir todo ano. Minhas recordações são muito boas. As pessoas fala: mas a senhora trabalhava desde cedo. Então, mas eu gostava. Gostava muito. Desde muito criança eu gostava de trabalhar com meu pai ou com minha mãe... aprendi a lidar no campo... desde os sete anos. E tudo que eu aprendi usei aqui. É impressionante, tudo, tudo que eu aprendi, igualzinha. Por exemplo, quando eu fui viajar, eu saí de Yabroud dia 27 de janeiro, meu avô chegou pra mim, me abençoou e falou comigo assim: “Minha filha, vou dizer pra você uma coisa você põe no seu ouvido e fica com ele. Duas coisas nessa vida: se um dia você estiver na pior, não desespere porque tudo passa, o tempo passa e se você chegar no alto conserva a sua consciência, continua do jeito que está e conserva a sua consciência. Única coisa que eu falo pra você, só isso. Se tiver ruim tenha paciência que o tempo passa; agora, se chegar no auge, você conserva a sua consciência.” Uma evocação equivalente ao que Ecléa Bosi também encontrou em seu clássico sobre Lembranças de velhos...*

A imagem de nosso pai caminha conosco através da vida. Podemos escolher dele uma fisionomia e conservá-la no decurso do tempo. Ela empalidece se não for revivida por conversas, fotos, leituras de cartas, depoimentos de tios e avós, dos livros que lia, dos amigos que frequentava, de seu meio profissional, dos fatos históricos que viveu... Tudo isso nos ajuda a constituir sua figura. Meu pai me ofereceu de si muitas imagens até sua morte. Guardarei apenas a última, a de suas horas derradeiras? Ou recuarei no tempo em busca de imagem mais juvenil? Vejo que sua figura não cessa de evoluir: ela caminha o meu lado e se transforma comigo. Traços novos afloram, outros se apagam conforme as condições da vida presente, dos julgamentos que somos capazes de fazer sobre seu tempo. Nos velhos retratos, o impacto da

figura viva vai se apagando, ou vai sendo avivada, retocada (BOSI, 1994. p. 426).

*“E olha, tudo eu aprendi a fazer: rede, aprendi a costurar, aprendi a bordar, sai de lá com 15 anos, costurava pra fora pra poder viver, pra me vestir de anjo (risos) que não tinha dinheiro pra gente pagar pra vestir de anjo. Isso tudo aconteceu, isso tudo me ensinou a ser humana, a ser assim, a pensar grande e não ter medo de nada. E a respeitar. Eu respeito os humildes, os pobres, mesmo na minha loja, eu respeito os humildes, eu respeito os pobres, eu ajudo, eu ajudo eles, faço um preço melhor porque eu fui pobre, eu fui humilde, eu sei o que isso significa. Por isso que eu ajudo, por causa disso, porque eu sei o que isso significa...”*

*Eu acostumei logo, acostumei com o clima, acostumei com a comida, acostumei com o feijão, com o jiló, com tudo que eu gostei, eu aprendi, eu gostei, quando eu cheguei eu gostei do Brasil. Eu gostei tudo, tudo que fazia. Não sei por que era um outra, um outro mundo. Um outro mundo que você olhava diferente. Então, eu gostei do Brasil, o clima, mesmo as únicas coisas que foi difícil foi as reuniões que eu fazia com a nossa família que fazem falta aqui.*

*Vim para o Brasil de navio. Nós, 30 dias a primeira vez. Nós saímos de lá 27, foi menos, foi menos um pouco. Nós saímos de lá dia 27 de janeiro, chegamos no Brasil dia 20 de fevereiro. Foram 23 dias.*

*Ainda tenho duas irmãs e 25 sobrinhos vivendo na Síria, e uma irmã em Resende. Então, eu ia todo o ano, no mês de maio, e minha irmã, a de Resende, em janeiro, e, com isso, a gente levava pra eles um pouco [de ajuda financeira], cada um, um pouco pra poder sobreviver. Então, eu fui 23 vezes. Agora, depois que a guerra começou...”*

Por várias vezes, durante a entrevista e, também, nas inúmeras conversas informais que tivemos, Dona Mounira fala da falta que sentia das reuniões cotidianas com a família, especialmente após a deflagração da Guerra, que lhe interditou a experiência que, por tantos anos, lhe foi cotidiana: ir à Síria sempre para reencontrar sua família. Se ressentia das farras em casa, do canto e das danças. Fala sempre sobre as festas na cidade de Yabroud, festas religiosas e cívicas. Ela sempre fala dessas lembranças com o tom daquilo que, aqui, chamamos de saudade e com um brilho especial no olhar.

*“Por meio do Clube Sírio e Libanês e das famílias patricias, tentamos manter a tradição e as comemorações de nossas terras. De início, realizávamos as três festas mais importantes. A primeira, a gente fazia festa da independência da Síria, da festa do aniversário do clube e independência do Líbano. Mas, com o tempo, ficou pesado. Quando os velhos, os sírios e os libaneses, estavam vivos, você enchia tudo, enchia os salões. Uma alegria grande, Nossa Senhora! Uma alegria, só você vendo que sempre eles ficavam muito satisfeitos, participavam cheios de felicidade. Agora, entre os descendentes, já perde um pouco. Então, agora, resolvemos fazer uma festa só. É uma festa só, é onde que tem dança, onde que tem a dança árabe, aonde que é, faz as comidas, vem comida síria, mistura-se síria com libanesa...”*

*No nascimento do Clube Sírio e Libanês, em 1960, eu já estava aqui há 6 anos. Estava aqui. A mulher, naquela época, não falava muita coisa. Os maridos, os homens é que falavam. (risos) Agora sou presidente do clube há 25 anos. (risos)”*

Será que há espaço para alguma dúvida que Dona Mounira se considera uma mulher capaz e eficiente à frente dos negócios ou das empreitadas das comunidades síria e libanesa por aqui? Ela deixa claro, sem sutilezas, por várias vezes, que se sente capacitada e que é determinada para fazer tudo que deseja ou precisa fazer.

Ela nos conta que os netos já não estão muito ligados à tradição da cultura síria, que eles, mais ou menos, têm outra vida. Uma vida com novos hábitos e preenchida também com as novidades dos novos tempos, um mundo tomado pelas imagens, novos ícones culturais e pela tecnologia.

A Síria de Yabroud retoma o assunto da condição da mulher. Nesse recorte de fala, é interessante observar que sua narrativa traz a condição da mulher na sociedade em tempos e espaços muito diferentes. Não é uma condição feminina, são várias. Não falamos de um machismo, mas de muitas manifestações desse comportamento que assumem homens e mulheres em todo o planeta. Não falamos de um tempo, embora possa parecer que estamos falando de uma vida vivida de 1937 linearmente até hoje, mas falamos de múltiplas temporalidades. Não falamos em tempo linear, mas de um tempo em espiral. A fala de Dona Mounira é a confirmação no vivido, das indicações e

afirmações de meus autores de sustentação evocados nessa tese (BENJAMIN, BOSI, RICOEUR, DRUMMOND, CORALINA). Transitamos junto a ela desde 1937 até hoje: da Síria ao Brasil. Assim é possível observar aquilo que se rompe e aquilo que se preserva. Dona Mounira mesmo nos fala que, em sua terra natal, não seria a mesma mulher em que se transformou aqui no Brasil. Por mais lugar comum que tenha se tornado essa expressão e por isso mesmo tenha se desgastado, mas Dona Mounira é o exemplo vivo de empoderamento na sua condição de ser humano, mulher e empresária. Sua narrativa nos confirma isso:

*“Não, aqui no Brasil é diferente, não é querido? Você chegar aqui no Brasil o que que acontece? Eu aprendi com a morte do meu marido. Até onde ele tiver vivo, tudo que falava era sim senhor, que era assim que eu estava acostumada. (risos) Era tudo sim senhor. Quando eu assumi no lugar dele e comecei a ver a coisa mais errada ainda, assim os passos, não dava passo nem nada, aí eu tive que começar ir à frente. Aí foi um processo natural. Eu sempre trabalhei igual. Eu sempre trabalhei. Trabalho desde os sete anos e gosto de trabalhar, tanto que trabalho até hoje, todos os dias. Por gosto. Como eu já falei para vocês, comecei com sete anos”. [ela sempre volta ao tema do trabalho na infância nas suas lembranças aqui assumidas sob a inspiração benjaminiana.]*

A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. (BENJAMIN, 1987e. p. 211)

*“Eu tinha sete anos e trabalhava na máquina pra costurar, trabalhava na roça pra poder viver, sobreviver, trabalhava com o meu pai, com meu avô, arar a terra, preparar terra, tirar o alimento da terra. A gente fazia pão lá na Síria, a gente colhia o trigo, depois você vai faz, vai faz o trigo, depois você faz o pão, faz a massa, faz o pão e come. Era tudo feito em casa pelas mulheres. As mulheres que faziam isso tudo. As mulheres são capazes, se as deixarem fazer o que desejam. Podem ser o que quiserem, desde que tem liberdade para isso.*

*Fiquei no Brasil, viúva, muito nova, com dois filhos para criar e a vida para ganhar. Como se diz por aqui, a vida foi se refazendo, mas, a partir da minha viuvez, tive que assumir as rédeas na condução da casa e da família, e me colocar na loja, que*

*os homens sempre querem mandar... no início, com meu cunhado um pouco complicado, mas depois nos acertamos, ele passou a me ouvir como sócia, mas a gente teve que buscar o meu espaço, o meu lugar, senão... [risos]*

Como coloquei para o leitor no início desta seção, Dona Mounira não viveu em linha reta; aliás a vida não é uma linha reta. As memórias parecem fios dançantes em sua cabeça e ela, cheia de energia como é, e gostando do ato da rememoração, vai pegando os fios sem ordem e, assim, de novo, evoca permanentemente, o fio longo da sua cidade natal. Afinal, Bosi nos fala que “O mapa de nossa infância sofre contínuos retoques à medida que nos abrimos para outros depoimentos. (BOSI, 1994. p. 413)

*“Sempre me recordo de Yabroud. Quando eu saí de lá, eram 4 mil habitantes. Hoje, ela tem em volta de 45 mil habitantes. A cidade cresceu muito, ela cresceu, que que acontece? A nossa cidade, ela tem duas montanhas, ela tem duas montanhas, uma menor e a outra maior. A menor, quando chegou um tempo, começou a terra a não dar água, começou a água ficar pouca e tudo, que tinha muita gente de Yabroud no Kuwait, na Europa... Aí, veio um engenheiro e falou que era pra poder ter água. Essa montanha menor, cortaram a cabeça, assim o cume, não é? Cortaram todinho e fizeram um platô, uma área enorme, plantaram 23 mil, não sei... 230 mil, não me lembro quanto que eles me falaram naquela época. Plantaram, lá no alto, muitas e muitas árvores. Arborizaram aquela montanha pra poder trazer água... ...pra cidade. E aquela outra montanha, a maior, era muito grande não tinha, não tocaram nela, chamava São Maron. Essa montanha que dava, quando você tá lá em cima, nela, você vê o Líbano. Reflorestou...reflorestaram uma delas, mas na outra ninguém tocou, tá do jeito mesmo que sempre foi. O reflorestamento deu resultado pra água que passou a ter em nossa cidade.”*

Mais um fio. Um pulo no tempo de lá para cá, de cá para lá.

*“Mas eu tive um segundo casamento. As coisa aconteceram mais ou menos assim: aconteceu um fato no Clube Sírio Libanês do qual queriam vender o clube, queriam vender o clube. Com essa história da venda do clube, nós fizemos uma reunião. Estávamos em sete, nós estávamos sete sírios e eles eram em 14 e meu tio, meu primo Michel tava com as procurações. E meu tio Felipe estava doente e o Wady, meu*

*cunhado, também estava doente, não puderam ir na reunião. Aí, eles ligaram pra todo mundo pra poder ir, ou então dar procuração. Quando nós chegamos na reunião, eles chamaram o Nelson, foi aí que eu conheci, conheci ele depois. [aquele que viria se tornar seu segundo marido].*

*Chamaram, aquele senhor, o Nelson, como ele era sócio - mas eu ainda não conhecia ele não - pra ele presidir a reunião. Ele foi e presidiu a reunião e na hora H eles eram 14 votos pra vender e nós, com os nossos votos eram 13 e dele era o voto de minerva, não! Eram 14 a 14 e precisava de um voto de minerva. Vai Nelson e ele falou assim: “Eu sou contra a venda.” Aí, o Michel foi, o Nelson virou, aí eu achei engraçado aquele homem chegar assim: eu sou contra a venda e deu o voto de minerva dele então o clube... o clube não foi vendido.*

*O voto do Nelson salvou o clube. Depois ele virou presidente do clube. Não tinha ninguém que queria ser e ele foi ser presidente até conseguir Roberto Auyla que aceitou ser presidente do clube. Na reunião com Roberto Auyla, na posse dele, eu cheguei para o Nelson, eu não o conhecia, falei com ele: “Olha! Eu quero te agradecer porque você, com o seu voto, você salvou o clube.” Ele virou pra mim e falou comigo assim: “cinco mil metros construídos dentro do centro de Juiz de Fora, se o Clube Sírio vender vai, nunca vai levantar isso de novo, e eu sou contra isso, e eu vou ficar aqui como presidente do conselho até eles fazer o que tem de ser feito. Eu vou ser presidente do conselho até ver o clube pronto”. Aí, com o tempo foi ficando. O Roberto Auyla até se animou, mas comecei a conversar com o Nelson na reunião, comecei a ver como é que tava difícil dele ir, não tava fazendo nada...*

*O Nelson começou a ir na loja, eu não conhecia ele. A Samra, minha filha, disse: “Mãe olha como que ele tá olhando pra você!” “Eu não quero saber disso não”... (risos)... “Mãe, mas a senhora tá perdendo, parece gente boa.” Falei: “Como é que você sabe?” “Olha o sapato dele... olha a camisa dele, não é qualquer pessoa...”*

*Mas é que eu não queria nada disso... não queria mesmo. Mas, aí, um dia, eu resolvi conversar com ele, ele foi e me deu o telefone dele. Aí eu falei com a Samra, com a minha filha: “Que que eu vou fazer com isso?” Falou: “Telefona pra ele.” Eu telefonei pra ele, aí nós começamos a conversar... e acabamos casando. Esse foi meu*

*segundo casamento, com o Nelson Teixeira Leite de Andrade. Brasileiro... foi 10 anos depois que eu conheci ele, 10 anos depois e foi no Clube Sírio Libanês...”*

Certa vez, em uma conversa amistosa, considerando que é muito boa de prosa e de contar histórias, me falou de seu segundo casamento. Fiquei intrigado e ao mesmo tempo encantado com o seu pragmatismo com o tema, principalmente para alguém dada às práticas católicas e ao que deixa transparecer, sem disfarces, de gosto conservador. Contou-me, sem exigir sigilo, que era uma mulher nova, matinha suas necessidades e desejos. Assim, firmou casamento com o médico Nelson Teixeira Leite Andrade. Cada um manteve sua casa e um visitava o outro uma vez por semana. Viúva pela segunda vez, Mounira quando fala “meu marido” dá a impressão que sempre está se referindo a Nadim Youssef Rahme, o homem que modificou sua vida para sempre, que a convenceu da escolha em atravessar o oceano, pai de seus filhos e, ao que indicam suas falas, o amor de sua vida.

*“Depois de casados, eu e o Nelson, eu conversei com ele. Na reunião, eu comecei a ver as coisas que estavam acontecendo e na época...Eu falei pra ele assim: “Se eu me candidatar à presidência do clube você me apoia?” Falou assim: “Eu apoio em tudo. Pode candidatar que eu lhe apoio.” Assim sou presidente do clube desde 1992, muito tempo, não é?”*

*Eu tenho dupla nacionalidade, sou brasileira. Sou naturalizada brasileira, mas não perdi a minha nacionalidade síria. Quando eu entro da Síria, eu levo o meu passaporte junto, eu entro com o meu passaporte e minha carteira de identidade e meu livro de eleição.”*

Dona Mounira segue narrando, animada, a história da sua vida. E conta que os filhos não possuem dupla cidadania porque ela não os registrou na embaixada da Síria. Optou por manter para os filhos somente a cidadania brasileira.

Puxando a conversa para outro aspecto, questiono Dona Mounira sobre o envolvimento dos jovens com as tradições dos sírios e libaneses, porque, quando a gente ouve o pessoal das colônias portuguesa, italiana, alemã, todos

se queixam de que a descendência não é entusiasmada com as tradições e a provoqueei a falar sobre a experiência que vivem com seus descendentes.

*“Mas, sabe o que que é? Quando nós fizemos os 50 anos do Clube Sírio, foi ano passado, não esse ano, nós tivemos uma ideia pros jovens. Nós notamos que tinha muitos jovens na festa. Muito e muito, muito jovem. Quer dizer, nós tínhamos, eu contei naquela época, foi mais ou menos foram 185 pessoas, 55 pessoas, como que é? Eram jovens. Então, foi onde nós tivemos uma ideia, se esses jovens, se eles foram até o clube, então eles gostam. E aonde teve a ideia de ter os jovens, separadamente, até que eles aprende, porque eles não têm a nossa prática, mas também nós não temos...o talento deles. Porque eles têm... eu vejo na minha loja, uai, o que os meus netos fazem, eu não faço...meus netos ficam no computador, lança nota, fazem tudo, tá certo, a administração é minha, aonde eu tenho que comprar, eu tenho que fazer o preço, eu tenho que correr, mas se me deixar no computador eu sou burra. Não, eu não entendo nada. Você põe uma vírgula... Nós fizemos uma reunião, ano passado, com o Banco do Brasil, a Caixa Econômica e o, é, como é que chama? A Associação Comercial e vieram nos contar: se, hoje, sair um centímetro de tecido em qualquer lugar vai direto na Receita Federal. Então, você não pode, toda a mercadoria que tem, você tem que registrar ela. Eu não sei registrar, porque se uma vírgula der fora do lugar o computador não aceita... então, aonde, com isso eu tive a ideia, eles todos aprovaram, a direção, toda a diretoria, eles aprovaram isso...”*

*E o que é? Fazer um grupo jovem, pra poder vir o jovem e eles mesmo se governam por si, eles mesmo dão a ideia e nós apoiamos, justamente para não morrer... não morrer o clube, suas atividades e a tradição de nosso povo. Para nós, é importante manter unido. E temos que conseguir passar isso para eles, os jovens. Mas eles vão querer fazer as coisas do jeito deles e nós vamos apoiar.”*

Embalados por sua voz, imaginamos as festas que realizam aqui nos dias de hoje, e ela nos leva, novamente, à sua infância na Síria e ainda aponta caminhos possíveis para que os mais jovens, para que os descendentes se mantivessem ligados à tradição dos povos sírio e libanês. Aqui, Dona Mounira nos lembra que a narrativa é capaz de unir passado, presente e futuro naquilo que Paul Ricoeur chama de triplo presente.

A teoria do triplo presente, reformulada em termos de tripla intenção, faz brotar a *distentio* da *intentio* fragmentada. É preciso citar o parágrafo todo: “Preparo-me para cantar um canto que conheço. Antes de começar, minha expectativa se estende (*tenditur*) para o conjunto desse canto; mas, assim que começo, à medida que os elementos retirados de minha expectativa tornam-se passado, minha memória se estende (*tenditur*) para eles por sua vez; e as forças vivas de minha atividade (*actionis*) são distendidas (*distenditur*), para a memória por causa do que já te disse e para a expectativa por causa do que vou dizer. No entanto, minha atenção (*attentio*) está presente; e é por ela que transita (*traicitur*) o que era futuro para se tornar passado. Quanto mais essa ação avança e avança (*agitur et agitur*), mais se abrevia a expectativa e se alonga a memória, até que a expectativa inteira se consuma, quando a ação inteira acabou e passou para a memória” (RICOEUR, 2010. P. 37)

*“Ainda nos dias de hoje, igual na minha casa, quando vão na granja, uai. Quando vai na granja, vai meus netos, você não sabe o prazer que eu tenho com essa minha neta com o namorado, o neto com namorada, todos cheio daqueles jovens bonitos, sadios, de sentados, batendo papo. Eu faço aquele almoço, coloco na mesa, eles vêm e comem tudo que vê: “Nossa, vó, que coisa boa!” Essa que é a vida. A minha vida é eles, uai...*

*As reuniões com fartura de comida nos unem. Sempre foi assim, mesmo na Síria, com toda aquela dificuldade no meu tempo de menina, tinha fartura nas mesas dos encontros e reuniões.*

*Eu gosto de cozinhar os pratos típicos. No mais de tudo, de tudo, eu faço. Churrasco, ainda igual o nosso churrasco temperado. É da Síria? É igual o da Síria que faz ali. ... Põe um pedaço de carne no espeto, carne com uma cebola e um tomate, carne, cebola e tomate, tempera ele com um pouquinho de sal, um pouquinho de... não põe muito tempero pra não tirar o sabor da carne. E assa ele no, no, na brasa... Aqui fazemos com filé mignon, não é? Lá tinha muita carne de carneiro, o carneiro daqui ele é duro. Ele não é como o carneiro de lá. Churrasco lá é pequeno, não é igual aqui, chegavam aqui no Brasil eles se assustavam, pedaço, sai sangue...lá a gente faz no palito em pedaços pequenos, tempera eles com um pouco de limão, um pouquinho de, de alho, pra não tirar o sabor da carne... mas aqui nossas comidas mais conhecidas são quibe...esfirra, Homus, babaganoush... de berinjela, mas o verdadeiro babaganoush brasileiro não gosta, acha que está queimado. Porque eles não sabe. Não! Que a gente tem que queimar a berinjela, ela não é assada e não é cozida. Coloca ela na chapa e queima ela, depois tira a casca por dentro dá aquele sabor de queimado, mas, aqui é*

*onde que está o sabor. E o brasileiro, na hora que põe na boca: ‘Não, esse aqui tá queimado.’*

*Vamos festejando, brincando e brigando pela preservação da nossa cultura, da nossa arte do sentido da nossa arte. Assim mantemos, mantemos o clube, mantemos as famílias. Quibe, esfirra, nenhuma, não fazemos nenhuma festa sem ter quibe, esfirra, quibe cru.”*

A alegria das festas trazida por Dona Mounira, que ela contou, narrou, relatou, as festas de família, que tinha quando morava na Síria, vemos muito isso aqui, naquilo que fazem até os dias atuais.

*“É, esse aqui uma vez, aconteceu um fato muito engraçado: na Síria, nós éramos pobres, assim diante da família não precisava de nada, não éramos ricos, mas também não éramos pobres, assim de esmolas, nós tínhamos a nossa terra. E nós tínhamos uma, uma videira, com seus 10 pés de uva, não é? Mas, nós fomos lá, vimos que elas estavam com, com coisa, dava pra fazer passa. Nós não tínhamos nada, isso aqui foi um fato muito engraçado e até hoje nenhum de nós esquece. Aí nós vamos... que que nós vamos fazer? Não tinha dinheiro, não tinha nada. Alugamos a carroça, essa aqui igual essas carroças daqui, sentamos atrás a minha tia, minha mãe, nós todos, levamos um pouco de erva de fazer mate e junto com o mate um pouco de semente de uva, essas coisas todas simples, não é? E chegamos lá na feira, quem tem mil pés de uva fazendo, nós tínhamos poucos. Sentamos lá, fizemos tudo em menos de meia hora. Era muito pouco e nós tínhamos contratado a carroça pra ir buscar a gente (tom de riso) um pouco mais tarde. Sentamos, cantamos, enquanto os outros estão trabalhando nós cantamos, dançamos e tomamos mate, e comemos um pouco daquela sementinha e tudo. Aí eles viraram e, e todo mundo começou a comentar que, porque o nosso apelido lá é ciganos, porque a gente gosta de cantar e de dançar e tudo, não é? Aí eles viraram e falaram pra nós assim: “É, vocês os ciganos, vocês, vocês ficam embriagados de comer uma, uma... sementinha” (risos) “Vocês se embriagaram com uma sementinha.”*

*Não é uma passa, uma (risos) uma passa. E olha isso aqui foi a maior coisa que, foi logo no ano que em seguida eu casei, vim embora. A nossa alegria é assim, é de nós mesmos.*

*O legal daqui que, em uma festa, por exemplo, um jantar tal. Além do show, acabou todo mundo volta pra dançar, as mulheres da colônia, as jovens, tipo assim todo mundo sente falta quando não vai em algum lugar. Eles que levantaram, os jovens, não é? É muito gostoso, os casamentos também quando a gente vai dançar, todo mundo levanta, isso que é legal. A gente vê a cultura, não é? É muito bom.*

*Não se misturava, isso aí, não é saudável sim sabe por quê? Porque, igual a gente, sabe o que que os nossos avós, nossos pais nos ensinaram a nós? Que nós sempre vivíamos com guerras. Então, você nunca tinha sossego, não tinha nem uma, é sempre os mulçumanos atacando os católicos, mesmo se os drusos, mesmo que vinha, quer dizer: a gente vivia sempre e sempre infeliz. Então, nós criamos pra nós a satisfação interna pra poder, assim viver feliz, alegre e deixar o mundo correr.”*

Em sua narrativa transitam, assim, uma infinidade de temas que a vinculam ao seu tempo histórico de vida e às múltiplas territorialidades e culturas que a compõem. Conforme Ecléa Bosi,

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates (BOSI, 1994. p. 407).

Para Dona Mounira, mostrou-se importante, durante toda a narrativa, a pauta de ser uma estrangeira acolhida no Brasil, mas que jamais abdicou de seu pertencimento sírio. Ao narrar, por diversas circunstâncias, ela presentifica seu passado e pacifica a distância de seus elos de origem. Se insere no país que a acolheu, mas opta, no tempo presente, por acolher pessoas de sua própria nacionalidade que, diante do desafio da guerra, se veem expropriadas e necessitam de ajuda. Assim, a narrativa serve para inseri-la nesse duplo espaço de pertencimento e identidade. É uma mulher que transita pela vida pública, pelo viés do comércio e se insere também em outros universos da vida da cidade, tais como o mundo do carnaval, a festa que funciona como mediadora de minha vida pela cidade, a de minha família e a família da professora Leila Barbosa, mulheres separadas no espaço, mas que se encontram por meio de uma dada experiência histórica.

Conheço Dona Mounira há muitos anos. Desde as minhas primeiras investidas pela arte teatral, procurava sua loja para compra de materiais e tecidos para confecção de cenários e figurinos. Durante o tempo em que fui Superintendente da Funalfa, nos aproximamos muito, tanto pelas práticas do carnaval, quanto por compormos a comissão de organização das Festas das Etnias. Ao longo desse convívio, além de toda a narrativa registrada oficialmente, com foco na realização desta tese, ouvi muitas histórias e múltiplas narrativas trazidas sempre com o sorriso no rosto e com alegria de quem assume o gosto na vida por ser um narrador. Suas histórias agora também são minhas, foram incorporadas pela minha escuta e eu as compartilho em muitas ocasiões. Suas deliciosas histórias passaram a fazer parte do meu repertório de conversas e eu me sinto muito orgulhoso de ter dado atenção e escuta a essa mulher forte e guerreira que escolheu o caminho de ser a **“viajante da vida escolhida”**.

Figura 44 - D. Mounira, hoje, em plena atividade no comando da Casa Chic



Fonte: Tribuna de Minas

#### CENA 4: Thereza de Azevedo Leite – “Uma mulher entre três demolições”

*"Minhas asas estão prontas para o vôo,  
Se pudesse, eu retrocederia  
Pois eu seria menos feliz  
Se permanecesse imerso no tempo vivo."  
Gerhard Scholem, Saudação do anjo*

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. - Walter Benjamin

Figura 45 - Thereza de Azevedo Leite



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Trago, como abertura do texto com recortes das narrativas de Thereza Azevedo Leite, as Teses sobre a Filosofia da História de Walter Benjamin, mais especificamente a tese nove, talvez uma das mais difundidas e citadas do

referido conjunto das teses do autor. Aqui, Benjamin, como é sua característica, usa uma imagem para comunicar o que deseja. Benjamin é um autor que se expressa pela evocação de fragmentos e do que ele designa por imagens do pensamento. Junto à sua enorme coleção de fragmentos, ele escreve, muitas vezes, por imagens ou sobre imagens. Sejam elas construídas no campo imaginário, metafórico ou concreto, como no caso da tese nove, em que se utiliza de um quadro intitulado *Angelus Novus*, de Paul Klee. Benjamin referencia-o e interpreta-o a partir de seus principais eixos de atenção, como o entendimento de progresso, passado, presente, futuro e subliminarmente está falando também de um de seus temas preferidos: a cidade, algo muito importante no processo de construção desta tese.

Thereza, a *Mulher entre Três Demolições*, é a representação viva da nona tese sobre a História de Benjamin, tanto que, sem conhecer a obra, em uma fala recortada de uma de suas entrevistas, ela nos oferece um pensamento que se aproxima muito da ideia de Benjamin sobre passado, futuro na interpretação da imagem do *Angelus Novus*. *“A minha vida inteira, porque, depois você vai ver que a gente chega a um ponto na vida que você tem uma estrada pra frente, mas você tem uma estrada para trás também. Então, é interessante, porque a gente começa a perceber o que é na verdade tão importante pra aquela pessoa”*. Tal como o anjo de Klee, Thereza constrói esse olhar em direção ao passado e ao futuro.

Ao escrever esta seção do trabalho, que apresenta quatro mulheres idosas, vivas e lúcidas, após o nome delas, apresento um título que, penso, de certa forma, sintetizar aquilo que foi narrado por cada uma. Para Thereza Leite – ou Dona Thereza como é tratada por muitas pessoas –, eu adotei a expressão *Uma Mulher entre Três Demolições*. Nomeada e titulada, vou trazendo recortes de suas falas mesclados às minhas interpretações e citações dos autores de sustentação desta tese.

Ao ler e reler as falas de Dona Thereza, percebi um fato curioso. As demolições promovidas pelo prefeito Henrique Dodsworth na cidade do Rio de Janeiro, durante a ditadura do Estado Novo – ele fora interventor no então Distrito Federal entre 1937 e 1945 – foram planejadas como eixo principal para a formulação de novos caminhos para o trânsito no centro da cidade que se avolumava a olhos vistos. Todavia, essa grande intervenção causou também

uma significativa mudança social, com a derrubada de mais de 500 prédios. Além de remover diversos setores populares da área central, a reforma urbana estadonovista destruiu diversos ícones da história carioca, como o bairro da Praça Onze, local onde ocorreram os primeiros desfiles de escolas de samba no início da década de 1930. A era das demolições no Rio de Janeiro havia se iniciado, na verdade, anos antes, ainda no contexto da Reforma Pereira Passos e, do mesmo modo que Walter Benjamin observa em relação à Paris do século XIX, esse ideal urbanístico de grandes avenidas “corresponde à tendência, corrente no século XIX, de enobrecer as necessidades técnicas com pseudofinalidades artísticas. Os templos do poder espiritual e secular da burguesia deviam encontrar sua apoteose no enquadramento das fileiras de ruas... [E no Rio de Janeiro, tal como em Paris], a fantasmagoria se fez pedra. (BENJAMIN, 2006. P. 64). A demolição na capital da república brasileira que também sonhava em ser moderna como Paris, envolvendo centenas de prédios, afetou também a vida dessa mulher narradora e sua família, como resultado da derrubada do prédio onde estava sediado o comércio do pai. Por essa razão, eles se transferiram para a Zona da Mata Mineira, modificando, radicalmente, suas vidas e seus hábitos.

*“Eu já conheci meu pai [tom de riso] bem de vida. Então, ele já era um negociante, atacadista. Ele tinha uma loja que foi derrubada quando abriram a Av. Getúlio Vargas. Era na rua dos Andradas, ele tinha uma loja atacadista. Recebia laticínios até de fora do Brasil. Muita coisa vinha da Holanda, não é? É... então ele já era um próspero negociante.”* [Thereza retira da bolsa e oferece uma fotografia para que seja observada por nossa equipe.]

*“Você vai dar uma olhada no retrato e vai ver a postura deles... é uma postura de... olha aqui! Isso aqui é em Jacarepaguá, isso eu não era nascida, isso aqui é Jacarepaguá, quando começa a subir a estrada para a floresta da Tijuca. Que dizer, eu tô com 84 anos [fala de 2018]. Imagina quantos anos tem esse retrato? Olha a pose do cara e da minha mãe, os dois portugueses imigrantes, não é comum você achar isso. Ela de chapéu, de carteira, ele de chapéu e terno.”*

Figura 46 - Pais em praça no bairro Jacarepaguá no Rio de Janeiro - década de 1930



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

*“Eu tirei do porta-retrato pra trazer. Pensei: deixa eu mostrar isso aqui para o Toninho que mostra bem aquilo que eu te falei outro dia: um cara que viajava com fita de cinema, exibindo filmes pelo interior do país, voltava com não sei quantas coisas, entendeu? E aí fica um português posudo desses.”*

*“Eu tinha mais afinidade com ele... com meu pai. Eu reconheço nele o cerne de toda uma formação política, porque eles não sabiam o que era política, política em todos os sentidos, não é? Não sabiam o que era política. Minha mãe era as duas coisas. [tinha] uma formação de dona da casa e era dona de sua casa com rigor, compromisso, visão para o mundo. Uma formação de que o casamento não é nada, não é uma bengala. O meu pai dizia isto: “Você tem que estudar e tem que ter uma profissão. Se você casar, quiser ser dona de casa, mãe de família, é uma coisa. Mas, eu não quero você dependendo de ninguém; isso não é um tipo [bom] de casamento.”*

Em uma de nossas primeiras conversas, com o objetivo de buscar sua voz como uma narradora em relação à cidade, entreguei a ela um exemplar do livro *Outras Memórias Possíveis*. Aquele livro foi um propulsor e um provocador de suas lembranças de seus pais imigrantes e nos revelou: *“Eu acho que a gente é uma soma de cultura, de gente, de gente que a gente conhece, não é? A gente é a soma disso. Então, quando eu vi o livro *Outras Memórias Possíveis* que você me deu*

*de presente, eu achei interessante porque é uma oportunidade que você está me dando de eu poder registrar esse pai educador que eu tive, essa mãe educadora que eu tive e mostrar muito também sobre eles, não é? Eles trouxeram e me deram uma bagagem de vida de ser trabalhadora, batalhadora, enfrentadora, isso é coisa de imigrante. Eu tenho orgulho de ser descendente de portugueses. Então, quando eu vi a linha do livro eu disse assim: que coisa boa se eu pudesse falar sobre isso.”*

*“Para a reestruturação da Avenida Rio Branco e a construção da Avenida Getúlio Vargas, se deu uma demolição geral de todo aquele campo ali do lado da Candelária, Central, Leopoldina, sabe? Aquilo não era nada daquele jeito. Tanto que, você passando lá, hoje, você vai ver a Candelária, os fundos é que estão na avenida, aquilo ficou com tudo trocado. Não é? Eu me lembro do Palácio Monroe [prédio exemplar da arquitetura eclética brasileira, localizado na Cinelândia, que abrigou o Senado Federal Brasileiro entre 1925 e 1960 e foi demolido na década de 70], uma coisa lindíssima, foi estupidamente derrubado, não é? O Palácio Monroe... Me lembro dele lindíssimo. Os vitrais mais bonitos que eu já vi na minha vida, demoliram, quebraram aquilo tudo, tinha uns leões lindos. Foi mais ou menos na mesma época. Muita gente deve ter tido abalo com esse tipo de demolição que fizeram no Rio de Janeiro. Eu acho que, com essa demolição e com a situação, o meu pai não estava bem de saúde. Ele resolveu se aposentar. “Ah! Eu vou me aposentar que eu já trabalhei demais. Então eu vou viver de aposentadoria, de um aluguel de casa...” no lugar de fazer isso e ficar no Rio, ele quis sair do Rio, nós tínhamos casa no Rio, no bairro de Santa Teresa. Mas ele não se desfez dessa casa, nada disso. Ele dizia: “eu quero passar um tempo fora do Rio, eu quero ter, não quero ter fazenda não... eu quero ter um sítio”.*

*“Essa região aqui de Barbacena, Oliveira, de Oliveira para baixo, tinha um monte de fornecedores dele. Aí, um desses caras falou pro meu pai: “Ó, em Ewbank da Câmara tem uma coisa que acho que pode lhe interessar” ... E meu pai comprou um sítio por lá. Um sítio grande, tinha até vaca, essas coisas. A vinda pra cá foi um complicador dele com a minha mãe violento. Que a minha mãe não queria vir, não.”*

*“Então, na verdade, a loja do meu pai ficava na rua dos Andradas. Avenida dos Andradas, Buenos Aires, é a Praça da Sé. O Rio também tinha uma Praça da Sé. Sabe? E aquilo tudo foi abaixo. Aquilo tudo virou um campo aberto assim. Eu me lembro disso. É, ali era uma área de muitos portugueses. Todo o comércio atacadista de alimentação tava muito na mão de portugueses que já tinham um acesso econômico*

*mais evoluído. Então, ali havia loja de atacado de tudo. E esse prédio que, em cima era uma residência, embaixo era uma grande loja de laticínio, tinha frigorífico, tinha tudo isso, era a loja do meu pai, isso tudo foi demolido. O meu pai resolveu se retirar do comércio e, na ocasião, dizia ele que estava cansado. Ele estava com 66 anos. E, realmente, eu me recordo que ele andava meio adoentado. Ele descobriu que estava diabético dentre outras questões de saúde.”*

*“Meu pai, anos antes, já tinha mexido com fabricação de queijo, dessas coisas, em outro lugar. Foi quando ele resolveu comprar um sítio que era, assim, uma fazenda em miniatura. Porque era um sítio, mas tinha vaca, tinha retirada de leite, tinha, sabe? Essas coisas, tinha pomar, essas coisas todas. E aí ele comprou uma área que tinha sido herdada por uma família de Ewbank e a área em que estava construída a sede da antiga fazenda o meu pai comprou, com um pasto, uma coisa assim. E resolveu vir morar em Minas. Aquilo foi uma revolução na minha casa no Rio, sabe? Eu achei até que a minha mãe não vinha. Mas, brigas bravas mesmo e tal e coisa. “Eu vou mesmo, se você não quiser ir você não vai! Disse meu pai. Eu tô cansado do Rio de Janeiro. Você se quiser, fica aí com a menina e eu venho de 15 em 15 dias”. Aí, você imagina, eu devia ter acho que uns 12 anos, e a minha mãe sonhava em me dar uma educação, assim, de boneca, sabe? Minha casa virou um cenário de guerra. De um lado, minha mãe, brava, defendendo que, pela minha educação, deveríamos continuar no Rio de Janeiro e, de outro, meu pai, desejando com afinco vir para Minas.”*

Nessa guerra venceu o pai. Do Rio de Janeiro cosmopolita e metropolitano, a vida passou a ser vivida na zona rural de um pequeno município mineiro denominado Ewbank da Câmara.

*“Minha mãe, esbravejando muito, resolveu seguir meu pai, e eu, é claro, junto. No Rio de Janeiro, tínhamos uma vida burguesa. Então, nesse modelo de vida, era chique tocar piano. Eu custei a me livrar disso cara! Era péssima no piano. Horrível no piano, mas as minhas duas madrinhas eram professoras de piano, cara! E minha mãe achava um luxo que a filha tomasse aulas do nobre instrumento. Então, foi uma luta. Tive que estudar piano. E eu odiava aquilo. Eu detestava tanto que eu punha um romance... eu leio muito romance. Tinha uns folhetins naquela ocasião, uns folhetins que eram de novela, eu punha o folhetim na frente da partitura e ficava lendo, quando a minha mãe chegava, tarara...tarara... [fazendo menção a tocar] tá entendendo? No Instituto Nacional de Música, tinha um homem exigentíssimo que era o meu professor*

*de piano: quando batia com a mão na beirada do piano, o piano até estremecia, sabe? E eu tava lá fazendo os exercícios e tal, mas eu estava pensando em outras coisas. Definitivamente eu não gostava daquilo.”*

*“Mas, voltando ao meu pai, eu acho que ele teve um baque com aquele negócio de demolir tudo, sabe? Sabe, assim, tinha umas crises existenciais. Eu tenho a impressão que é isso. Eu acho que, com a demolição, aquilo foi uma revolução: a impressão que a gente tinha é que tinham jogado uma bomba naquela região, que derrubaram tudo: só ficou a igreja da Candelária.”*

Mudança mais radical impossível. Quando as adaptações já pareciam estar bem sedimentadas e os estranhamentos, óbvios, para uma mudança tão significativa, já acomodados, dois acontecimentos mudaram, novamente, os rumos e o destino de nossa narradora. A morte repentina de seu pai, e, num intervalo curto de tempo, a desapropriação e consequente demolição do sítio onde a família morava em Ewbank da Câmara, para a construção da BR 040, trouxeram mãe e filha para uma temporada em Juiz de Fora, antes da volta definitiva para o Rio de Janeiro. Retorno que nunca aconteceu. Era a segunda demolição que revolveria a vida daquela família.

*“A minha mãe, uma vez que nossa casa no Rio estava alugada, resolveu ficar provisoriamente, mas, aí, eu acabei conhecendo e me apaixonando pelo Aurélio. Num curto intervalo de tempo casei e fiquei aqui. Filha única, ela acabou ficando também, não é?”*

Juiz de Fora passou ser a cidade onde a vida seria vivida, a partir dali, por Thereza e sua mãe. Mais circunstancial do que por desejo, principalmente para a mãe de Thereza, a fixação em Juiz de Fora se deu de forma definitiva. A vida se fez, e momentos significativos desse viver e as diversas relações que estabelece com relação a Juiz de Fora serão trazidos pela narrativa de Thereza ao longo deste texto.

Muitos anos, algumas décadas, se passaram até que, em 2005, uma terceira demolição afetaria fortemente, mais uma vez, a vida de Thereza Leite. A demolição da casa de estilo modernista onde, por quatro décadas, funcionou o Colégio Magister, criado por Thereza e seu marido Aurélio em 1970.

Com base em arranjo orquestrado pelo poder executivo local, o conselho municipal do patrimônio não aprovou o tombamento do referido imóvel, depois de uma discussão cheia de idas e vindas, que se arrastou pelo tempo.

Atropelando os trâmites legais para uma demolição, os proprietários, na mesma noite em que sucedeu a infeliz reunião do conselho de patrimônio, tratores vorazes destruíram aquela casa, desconsiderando toda a história emblemática de um espaço de liberdades que representou o Colégio Magister para a cidade. Além do prédio, perderam-se também elementos da arquitetura interna que poderiam ser salvaguardados, mesmo com a absurda decisão do conselho pelo não tombamento daquele imóvel de arquitetura tão significativa e diferenciada. Uma história muito semelhante à do Palácio Monroe se repetiria na memória da narradora. O exemplo mais doloroso disso é um maravilhoso painel de Guignard que existia no salão central no térreo da casa. De todas as demolições, na prática, talvez essa tenha sido a que menos modificou a vida de Thereza Leite, uma vez que, desde 2002, o Colégio Magister já não funcionava naquele emblemático prédio. Mas, com certeza, foi essa a demolição que mais a afetou em suas camadas mais profundas. Uma demolição que também a demoliu, que a jogou no chão. Aquele não era um prédio de propriedade da família e por isso mesmo tiveram de deixá-lo quando perderam, em instância superior, em Brasília, uma ação movida pelos proprietários do imóvel. Juridicamente, de fato, aquela não era uma propriedade sua, mas, simbolicamente, aquele edifício, ao qual ela e o marido deram vida e identidade, era, naquele momento, mais dela do que de qualquer outra pessoa na face da Terra.

O que a demolição produz na cidade envolvendo as sensibilidades urbanas? A demolição desfaz sensibilidades construídas, ambientes construídos como, por exemplo, o Colégio Magister. Ela desfaz trânsitos, percursos e usos, paisagens, memórias visuais e modifica lugares.

Talvez o leitor estranhe a variação na forma de tratamento que empregarei a Thereza ao longo do texto. Convivemos em vários cenários e, em cada um deles, ela era conhecida de uma forma. Hoje, para mim, ela é a Thereza. Aquela que a clausura imposta pela pandemia do novo coronavírus [anos 2020 a 2022] transformou em minha colega de mensagens de WhatsApp. Isso nos deu um

novo tipo de contato e fez crescer muito nossa intimidade. Mas fui professor do Magister, onde ela era chamada por todos de Dona Thereza. Um Dona construído em torno de uma necessária autoridade para uma diretora de escola, a autoridade mais democrática deste mundo, mas uma autoridade de fato constituída e exercida com variados pesos de mão a pedido da necessidade de cada circunstância. Quando Thereza exerceu a função pública de secretária de Educação de Juiz de Fora, era conhecida e nomeada por Professora Thereza. Já me referi a ela e a tratei pelas três formas e é bem provável que essas três formas de tratamento apareçam também aqui ao longo desta escrita.

A professora Thereza é uma das pessoas que aceitaram participar de minha pesquisa. Pessoas de vida longa narrando suas experiências e memórias com relação à cidade, ao vivido e à sua visão de mundo com o objetivo de me impulsionar rumo à reflexão em torno da potência educadora da narrativa. As limitações físicas e de locomoção, próprias de algumas pessoas de idade avançada, fizeram com que nossos encontros fossem muito espaçados no tempo. Percebo, também, que nem todos os dias são favoráveis à alma para o encontro com outras temporalidades do eu. Nem sempre estamos dispostos a nos encontrar e a sermos confrontados por nós mesmos. Assim, os encontros acontecem quando há disponibilidade e desejo do narrador para tal.

Nossas conversas não são entrevistas estruturadas, tampouco coleta de depoimentos: são conversas livres. Opto pelo termo conversa para denominar as práticas dos encontros com os narradores. Não realizei uma coleta de depoimento dentro dos ritos de orientações metodológicas próprias dos cânones de uma certa história oral produzida a partir de manuais de procedimentos e regras de conduta rígidas quanto à entrevista, roteiro, gravação e transcrição. Ao contrário disso, nossas conversas são fluidas, sem regras duras, e os temas vão e voltam livremente à pauta de nossa conversação. Se não há uma entrevista estabelecida com perguntas prontas para serem respondidas, há, sim, um eixo que nos baliza no sentido de não produzirmos conversas estéreis. Todavia, “um pouco de conversa jogada fora” pode ser até produtivo para deixar o narrador sem amarras ou preso a convenções normativas. No caso de Thereza, isso é fundamental, pois adora um papo, uma conversa. Adora contar um caso e é uma

grande narradora, talvez com a mesma potência e força daquela trazida por Benjamin em seu texto sobre Nicolai Leskov (BENJAMIN, 1987e)

No nosso primeiro encontro, Thereza solicitou que, quando nos encontrássemos novamente, isso se desse em sua casa: bem provável que sugestionada por suas próprias memórias. Relatou que, durante vários momentos de nossa conversa, sentiu vontade de mostrar-me fotos e objetos que fazem parte de situações ou momentos narrados. Assim ficou tratado. Esse foco espontâneo e intencional de Thereza em sua fala nos remete, mais uma vez, às referências de Bosi quando ela nos fala da importância daquilo que denomina de objetos biográficos nos processos rememorativos.

Quanto mais votados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam.

São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam a sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-mundi do viajante... cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (BOSI, 2003a, p. 26).

*“Eu dou valor afetivo às questões. A mim não me importa. Essa mobília em que vocês estão sentados, foi comprada pela minha mãe quando nós mudamos para Juiz de Fora, em 1952, tem 70 anos. Já mudei o pano umas 3 vezes, não vou mudar mais porque eu vou morrer antes. Mas eu descobri que a afetividade é o ponto central da energia. Eu não sou nem natureba, nem sou esotérica, mas é o ponto forte da vida da gente. A gente precisa disso. A gente se sente bem em um ambiente em que a gente é amado. No lugar que eu nasci tenho amiga até hoje. Imagina, eu tô com 85 anos. [em 2018]”*

A casa com muitos quadros, porta-retratos, jarros, enfeites, bibelôs, deixa claro o motivo pelo qual Thereza nos solicitou um encontro em sua residência. Conta, com orgulho, que todos os móveis daquela sala são do início da década de 1950, comprados ainda pela mãe. Revela, assim, a importância daqueles móveis e objetos no auxílio da narração da própria vida.

Em todos os encontros, falou da mãe e do pai, da importância deles em sua vida, na sua constituição enquanto pessoa. Mas suas falas indicam que o convívio mais longo com a mãe, as indicações do pai e suas posturas perante

a vida foram capazes de produzir marcas indelévels que se manifestam em suas atitudes até hoje.

*“Eu não esqueço, em nenhum momento, que o nascedouro das minhas ideias foi sempre a educação que eu tive dos meus pais. Dois portugueses sem estudo, com grande experiência de vida é... tanto um, quanto o outro. O meu pai era um homem batalhador, trabalhador que, mesmo sem saber, tinha uma visão muito importante, a visão do papel da mulher dentro da sociedade. A minha mãe era a mulher com o perfil correto do que deve ser uma mulher como cidadã numa sociedade. Dois batalhadores.”*

*“O meu pai, muitos anos mais velho do que a minha mãe, era um homem solteirão, e a minha mãe era uma mulher que já tinha se separado de um casamento. Casamento ao qual ela foi levada pela família, porque na época dela era assim. Ela era uma menina de 15 anos na ocasião. E esse casamento não deu certo e ela, vocês imaginem, 80 anos atrás teve a coragem de sair do casamento, e sair fugida para retornar a Portugal. Mas, chegando, não se adaptou novamente ao país de origem e manteve um forte desejo de voltar ao Brasil. Ela sabia que, para isso, precisaria de uma Carta de Chamada, um convite feito por alguém já estabelecido no Brasil.”*

*“Inicialmente, ela não conheceu o meu pai pessoalmente. Ela achou um envelope com o timbre da firma dele e escreveu a ele. Nessa carta, ela pediu que ele fosse o patrício que fizesse a tal Carta de Chamada que garantiria sua volta. Meu pai também não a conhecia, mas resolveu atender ao pedido daquela mulher que desejava tanto voltar às terras de cá. Assim, foi atendida prontamente e veio novamente para o Brasil. Cinco anos depois, eles tiveram que ir ao Consulado Português pra poder... para o meu pai se livrar da responsabilidade sobre ela. Aí, nessa época, eles se conheceram pessoalmente.”*

Em todos nossos encontros falou daquela indicação do pai, quando ainda era uma menina caminhando para se tornar moça, e ele, o pai, percebendo que o interesse dos rapazes por ela e dela por eles começava a aparecer, poucos dias antes de morrer, ele lhe ofereceu um conselho inusitado para a época: *“Escuta, talvez esteja cedo para começar a pensar em namoros, você é jovem, isso de fato vai acontecer, mas não é tempo de pensar em casamento, enxoval... Pense em uma profissão, pense em ser você por você. Eu não gostaria que você passasse do meu domínio para o de outro homem. Os namoros provavelmente vão acontecer, mas não*

*faça disso uma questão central em sua vida. Não perca tempo bordando enxoval; isso, se precisar, a gente compra. Pense em ser uma pessoa com uma profissão.”*

Para os dias atuais, essa pode ser uma conversa naturalizada, mas, para os idos dos anos de 1940, o casamento era foco de famílias e das moças. Uma conversa como essa revela um homem extemporâneo, capaz de pensar muito além de seu tempo. Thereza nos diz da nítida consciência da força dessa conversa em sua vida. Diz de como a fala do pai reaparece e se manifesta em vários momentos e até hoje produz efeitos em seu viver.

*“Meu pai morreu em março de 1952. Ele viveu muito bem, mas não deixou fortuna. Por quê? Porque todo domingo a gente ia para restaurante, ia assistir concerto, ia assistir não sei o que, teatro, cinema, não é? Então, ele não foi desse tipo de português que ficou de tamanco guardando dinheiro, comprando casa aqui, apartamento ali, não sei o quê; não, não foi. Era um homem que desfrutava dos prazeres da vida e nos oferecia o que havia de melhor em todos os aspectos.”*

O casamento, apesar da fala do pai, veio cedo. Com 17 anos se casou com o companheiro da vida toda, Professor Aurélio, e, assim, interrompeu os estudos antes da conclusão do curso Científico no Colégio Granbery.

*“O Aurélio era amigo de umas pessoas que também eram meus amigos e que tinham tios em Ewbank, essa coisa assim, não é? E daí, no final do ano eu conheci o Aurélio. Ele era professor de umas amigas minhas, lá na Escola Normal e elas alegavam que ele não namorava aluna e eu dizia: “Como eu não sou aluna, eu fui com a cara desse homem.” Ele tinha 28 anos e elas: “Ah! Mas você andando com a gente ele não namora aluna.” “Ah! Mas eu não sou aluna dele. Eu estudo no Granbery, não é?” E bateu e valeu. No primeiro dia que eu olhei para ele e ele olhou pra mim, no outro dia ele me ligou. Pra casa da vizinha porque eu não tinha telefone. Quando eu cheguei lá, a minha mãe não gostava que eu desse o telefone da casa da vizinha, aí, a Amélia, que era a vizinha, disse assim: “É um homem!” A minha mãe me olhou, ih! Quando eu voltar de lá vai ter. A minha mãe era bravíssima. Fui lá, quando atendi o telefone: “Pois não, quem é?” “É o Aurélio professor da Marina. Eu quero falar com você, pode ser?” “Pode!” Aí nos conhecemos, namoramos, eu resolvi casar, terminei o segundo ano Científico, interrompi os estudos, não completei o curso Científico e me casei com 17 anos, prestes a completar 18. Isso gerou um casamento de 60 anos ou mais.”*

Em cinco anos, quatro filhos, uma casa para administrar, aquelas crianças para criar, mas uma vida pra fazer e não seria no lar, pelo menos não somente no lar. Havia uma vida a desbravar. Resolveu, mesmo em ordem inversa, assumir as orientações do pai. Influenciada, provavelmente, pela convivência e a prática do marido e seus amigos, sempre presentes em sua casa, entendeu que voltar ao curso Científico não caberia mais em sua vida. Voltou a estudar sim, mas no curso Normal noturno. Tudo muito diferente, inclusive o sentido de escola. Para quem frequentou escolas da elite no Rio, Santos Dumont e Juiz de Fora, para quem foi colega de carteira de Affonso Romano de Sant'Anna no Colégio Granbery, um novo mundo se descortinou através das práticas e convivências em um curso Normal noturno. Suas colegas de sala eram trabalhadoras do comércio e operárias. Uma camada da sociedade que, até aquele momento, não fazia parte de suas convivências.

*“Meu pai morreu em 1952, eu casei em 1954. E aí... mas eu tive quatro filhos seguidos, em cinco anos, e fui sempre postergando a data de voltar aos estudos.”*

*“Como eu casei com um professor, a minha casa virou um ninho de professores, não é? Quase todos eram casados com professoras. E aí a minha ideia de terminar o curso Científico e fazer um curso de Direito. Eu tinha a ideia de fazer um curso de Direito por causa dessas ideias de defender os movimentos sociais.”*

*“Comecei a mudar de rota e aí surgiu uma preocupação, uma preocupação de não ter uma profissão. Veja bem a influência do meu pai. Eu pensava: e se o Aurélio morre como é que eu faço pra criar essa gente toda? E, às vezes, eu falava isso com a minha mãe e ela dizia: “cê deixa de ser boba, nós temos uma casa grande no Rio de Janeiro, nós vamos para o Rio de Janeiro eu alugo os quartos todos e a gente cria esta criançada que foi você que inventou”. [tom de riso] Porque ela falava assim. Me lembro quando fiquei grávida do meu terceiro filho, ela quase me bateu, “você não tem juízo, tanto filho assim, não tinha tanta criança, eu não gosto de criança”. Mas ela gostava sim! E me ajudou muito com a criação dos meus filhos. Aí, o que aconteceu? Eu vim para o Granbery, fui estudar no Granbery, eu estava parada há 10 anos. Dez anos depois, quando eu voltei, a estudar eu falei: “sabe de uma coisa? eu vou fazer um curso Normal”. Coincidentemente, aí surgiu o primeiro curso Normal à noite em Juiz de Fora que foi no Granbery.”*

*“Depois, quando eu montei o Magister, eu vi o quanto tinha sido importante aqueles dois anos do curso Científico. Por isso eu acho que nada é perdido. Porque, depois do Granbery, eu fui fazer um curso de Filosofia na universidade. Antes de terminar o curso, quando faltava pouco pra terminar, veio uma lei [determinando] que, para ser proprietário de colégio, tinha que ser graduado em Pedagogia, e nós, nessa época já tínhamos o Magister. Pois, aí, me transferi para a Pedagogia.”*

*“Pois é. Eu fui para esse curso Normal em 1964. No primeiro mês que eu entrei para estudar à noite, fazer o curso Normal, eu vi que estava grávida do meu quinto filho. Eu disse assim: Ah! Esse agora vai ser criado diferente, porque, agora, eu não paro mais, não é? E, de fato. Eu me lembro que ele tinha uns 8 anos e, um dia, ele começou a choramingar: “A mãe dos outros encapa caderno, aqui em casa eu não tenho caderno encapado”. Aí, a minha filha que já estava mocinha, falou assim: “Ô cara deixa de ser burro, é porque a mamãe é diferente, a mãe dos outros fica em casa”. Eu me lembro de ela falar isso: “coitada da mãe dos outros”, não é? Aí, ela falou com ele: “Deixa de ser bobo cara, vai com o caderno mesmo sem encapar”. Então, eu peguei os cadernos e falei: não, hoje à noite eu vou encapar tudo. Falei com ela: você vai na rua compra um papel bonito e ela respondeu: “Ah! Engraçado, o nosso era papel pardo, por que que o dele tem que ser bonito?” “Porque ele é de outra geração, você vai lá e compra o papel, se tiver umas figuras geométricas, você me traz tantas folhas de papel que eu vou encapar esses cadernos hoje.” Não é? Aí encapei os cadernos dele.”*

*“Bom, aí eu já tinha terminado o curso Normal... já estava dando aula no curso primário, era alfabetizadora em curso primário... lá na Vila Olavo Costa e trabalhava também em uma escola do estado, o Francisco Bernardino ali entre o bairro Manuel Honório e Bairu.” “No primeiro ano após terminar o Curso Normal, eu comecei a fazer esse trabalho como professora alfabetizadora voluntária.”*

*“Pois é, quando eu digo pra vocês que eu sou privilegiada e muito bem assistida pela vida, no sentido de oportunidades, e eu acredito que há pessoas que têm mais do que outras, eu acredito nisso. Eu acho que eu tenho sido muito, muito privilegiada. Foi importante pra mim conhecer determinadas pessoas. É... eu tenho, eu sou católica é... e sou, hoje, hoje declaradamente uma católica que segue a Teologia da Libertação. (...) Eu já era, já achava, que ser cristã era fazer uma opção por quem precisava mais. (...) mas foi o pastor luterano Breno Schumann que me fez entender a questão da pobreza. Conheci muitas outras pessoas que me apontaram caminhos e leituras e até hoje tenho*

*amigos que prezo muito e eles me trazem para o necessário debate cotidiano para a transformação do mundo. Vejam a minha sorte: conheci o Pe. Jaime Snoek, o Pe. Dalton de Barros de Almeida, Redentoristas da igreja da Glória [líderes religiosos da cidade com importante atuação junto a movimentos sociais e comunidades eclesiais de base no nascedouro da Teologia da Libertação]. As minhas colegas do Centro da Mulher Mineira, com algumas delas converso até hoje... trabalhei com pessoas supercultas, estudiosas, muito instruídas em todos os lugares em que atuei, e sempre tive muita afetividade pelos meus companheiros de trabalho. Isso também faz a diferença, pois considero que afeto é a base de tudo.”*

*“Aprendi muito com as pessoas. E tive a sorte de ter pessoas importantes na minha vida, que foram dando fundamentação para isso também, não é? Isso passa de uma situação social, passa por uma formação filosófica, passa pela minha formação cristã, não é? Quando perguntam a minha religião eu falo: sou católica cristã. Porque o catolicismo te dá uma doutrina, mas o cristianismo te dá uma direção. A mim me interessa a doutrina na medida em que eu tenha uma direção. Não é? O meu pai dizia assim: “Eu não sei nada de igreja, mas você tem que escolher porque vale a pena a pessoa ter uma religião.”*

*“Mas a gente corre muito risco, principalmente eu, mulher, na minha geração, de achar que a gente fez porque é um mérito que nasceu com a gente. Então, eu acho que não é. E, o quanto um imigrante vem, traz uma cultura e, de repente, cria uma possibilidade de alguém trabalhar e de uma mulher, sua filha, ter uma vida pública, sabe? Isso já me diferencia.”*

*“Por exemplo, outra pessoa importante na minha trajetória foi o Murílio Hingel [que, futuramente, viria a ser Ministro da Educação no governo Itamar Franco e Secretário de Estado de Educação de Minas Gerais, também quando Itamar Franco, após ser presidente da República, foi eleito governador de Minas Gerais]. Eu sempre fui muito ligadona com o Murílio Hingel. Eu conheci o Murílio antes de conhecer o Aurélio, nós devíamos ser da mesma idade. O Murílio sempre foi muito avançado em termos de educação, não é? Trouxe de São Paulo um grupo que era de discípulos do Paulo Freire. Um grupo que tinha alfabetizado não sei quantas mil pessoas numa represa que eles abriram em São Paulo. Ele me telefonou: “Thereza!...”, mas vocês imaginam que isso no período da repressão. “Thereza!, eu*

*acho que vou trazer um grupo pra dar um curso de alfabetização no método Paulo Freire”. A coisa era tão difícil, e eu achei aquilo, de início, uma loucura.”*

*“O Murílio, como secretário de Educação de Juiz de Fora, trouxe esse povo para dar o curso, eu não sei nem... se deveria falar disso, se isso ficará registrado, mas não tem importância não; isso é uma coisa que eu acho seria interessante ficar registrado neste meu depoimento. Já que o depoimento vai servir de pesquisa.”*

*“Pois é. Aí, foi como se eu tivesse descoberto a chave do cofre, sabe? Que eu matei não sei quantos coelhos com uma coisa só. É, foi realmente, assim, uma grande descoberta e... é interessante que eu fui fazendo esse trabalho. Quando eu comecei, devia ter uns 10 moradores da Vila que vinham para a igreja... e, quando eu saí, eram mais de 200 alunos. Foi um momento espetacular na minha vida e aquilo me trouxe uma ligação afetiva com aquele povo do chamado ‘buraco do Olavo’. Ali eu conheci, de fato, o que era pobreza com todas as suas faltas e até seu cheiro.”*

*“Quatro anos depois eu já tinha o Magister, aí tava complicado, mas eu já tinha deixado semente lá, e aquilo virou fermento, sabe? Aí, a gente puxou uma escola que tinha no asilo João Emílio e criamos uma escola vinculada ao Instituto João Emílio. Tinha que ter um nome. Bom. E, o pessoal que foi vindo foi se convencendo da questão e... pra mim foi muito bom.”*

*“Porque, pra você atingir na área da educação, você tem saber o que é que você faz, porque se você não souber [não funciona] isto é, ... inclusive, a educação é feita num nível de contracultura. Quando eu montei o Magister, foi num período de repressão política [após o AI-5] e ele era um colégio mais livre do que quando eu fechei, em 2006... o Magister foi criado por minha causa. Porque eu já via, na ocasião, os colégios com esse atraso. Eu já via isto. Eu, diferente do Aurélio, não sabia, não sei Matemática, mas eu sabia uma Filosofia que ele conhecia como História da Filosofia. Eu já tinha estudado isso. E eu comecei a querer montar um colégio. Só que a minha pretensão era montar um colégio assim: primário, era o que eu dava aula.”*

Thereza começou a alimentar o desejo de criar um colégio que unisse o seu encantamento com a escola que frequentou durante a infância no Rio de Janeiro [uma escola em um grande jardim, com muitas plantas, natureza viva, muitos bichos] com aquilo que havia adquirido de conhecimento sobre educação ao longo de seus estudos e com as convivências, que, como sabemos, também educam, com amigos do marido, seus novos amigos e importantes

personalidades na área da educação em Juiz de Fora. Porém, atropelando o sonho, ou desejo, que vinha lentamente se construindo em seus pensamentos, um fato mudou os rumos e a ordem dessa história.

*“A Irmã Aglaé, diretora e responsável pedagógica do Colégio Stella Matutina, onde Aurélio era professor de Matemática, o chamou para uma conversa. O Magister nasceu de um convite que o Aurélio recebeu da diretora do Stella. Ela explicou para o Aurélio que a congregação estava perdendo algumas religiosas que trabalhavam no segundo grau e que ela não estava conseguindo fazer uma reposição, se o Aurélio aceitava coordenar o segundo grau para ela, o segundo grau do Stella com a modalidade de vestibular. Foi mais ou menos quando os cursinhos chegaram no auge. Que ela não queria fazer convênio... isso se deu entre 1970/1971.”*

*“O Aurélio disse que ia pensar. Mas, ele já trabalhava com a irmã Aglaé há muitos anos. Ele disse assim: Eu vou pensar e tal...” “Então tá bom! Mas, tenho um pouco de pressa porque o ano vai começar.” Foi muito em cima da hora.” “O Aurélio chegou em casa e me disse: “Thereza! A irmã Aglaé me chamou, está com muitas dificuldades, em parte porque ela não tá conhecendo um professorado fora do Stella, ela sente que falta mais gente para esse novo modelo e ela não conhece isso; se eu quero pegar a coordenação. Mas, eu não posso pegar isso sozinho, porque eu não vou largar os empregos que eu tenho – ele tinha cadeira na Escola Normal, não sei o quê, não sei o que lá. Você topa entrar comigo?” Eu pensei e disse assim: Eu acho que pra coordenar cursinho, não. Eu sempre me posicionei muito contra essa questão de cursinho.” “Pra coordenar cursinho, não. Você sabe que eu tenho a ideia de montar um colégio, mas não seria um colégio a começar do segundo grau. Ele disse: “Por que não?” Eu disse. “Você vê a possibilidade?” Ele disse: “Vejo! Você não fala que um segundo grau bem feito elimina a necessidade de um cursinho especial?” Eu disse: Eu tenho certeza que elimina. No dia seguinte, ele falou comigo assim: “Olha! Eu vou procurar a irmã Aglaé e vou dizer pra ela isso que a gente conversou. Que coordenação de segundo grau, não, mas, se ela quiser, a gente monta um segundo grau, aí a gente firma com ela”. Assim nasceu. Ela aceitou, fizemos um contrato com o Stella e, a partir daquele ano, o segundo grau seria por nossa conta. Nossa! o tanto que a gente trabalhou, você não faz nem ideia...”*

*“Então, tudo começou dentro do Stella. No prédio velho do Stella... Bom, aí, começamos a pensar no colégio. O Aurélio nunca tinha pensado em ter um colégio.*

*Ele era professor e tinha muita facilidade para dar aula. Mas não tinha essa mesma facilidade para dirigir uma escola. Ele não gostava disso. Encontro com pai, mãe e tal, ver resultado, ele não gostava disso. Aí ele foi falou que a irmã, se aceitava assim, assim, assim. Aí que eu topei, foi um colégio só. Agora, coordenar para o Stella não, porque eu não concordava, inclusive, com a formação pedagógica do Colégio Stella; eu achava ultrapassada. Começamos, os dois, a pensar no colégio e pensamos também em alguns professores para os quais a gente passaria a ideia do colégio para ouvir o que eles pensavam de um colégio com aquele formato. Conversamos com o Murílio e não só ele deu a opinião como ajudou muito a pensar o colégio. Conversamos, e aí as coisas foram acontecendo.”*

*“Sobre o Breno Schumann: eu recebi um telefonema do Rio, do provincial da ordem dominicana que era meu conhecido que me disse: “Thereza, vai para Juiz de Fora um pastor luterano que está sendo perseguido aqui no Rio de Janeiro, então a igreja luterana mandou ele para Juiz de Fora. Ele é uma pessoa, um cristão desse tipo, um homem brilhante, inteligentíssimo, teólogo, estudou na Alemanha, não sei aonde, não sei aonde, não sei aonde e com uma simplicidade incrível. Vê se você faz um ambiente para ele aí. Provavelmente ele vai bater na universidade porque o padre Jaime não vai perder ele de vista.” Aí, o Breno foi o segundo que nós chamamos. O terceiro foi o Romão [José Eustáquio Romão]. Juntamos esse pessoal e abrimos o jogo com eles. Aí, eu coloquei a ideia que eu tinha. Ó, a minha ideia é de uma formação humanística, a mais completa possível, com prática política, criando situações políticas dentro do próprio colégio, fazendo isso, isso, isso. Dando o mesmo peso à História, à Geografia, à área de Ciências Humanas. E à medida que a gente foi discutindo isso, a gente foi já pensando no corpo docente. Então, a primeira turma que deu aula para a gente foi: a Margarida Salomão [atual Prefeita de Juiz de Fora], que estava saindo da universidade; o Lauro Mendes, que estava saindo da prisão em virtude do regime militar; o Breno Schumann [pastor luterano com credibilidade entre religiosos católicos e ecumênicos, um dos fundadores do Curso de Ciência das Religiões da UFJF], que estava fugindo da igreja no Rio de Janeiro; o padre Dalton, que tinha nome pra tudo quanto era lugar na quarta região militar; o Aurélio; o André Hallack [professor de Matemática], que tinha um passado não muito católico lá com as questões de esquerda; o José Paulo Netto [importante e reconhecido intelectual marxista] para trabalhar com literatura; o Vicente Cruz [foi um conhecido e*

respeitado médico neurologista da cidade], *para trabalhar com biologia, ele tinha sido um líder estudantil. Todo mundo tinha tido uma certa vivência política. Levamos o José Luiz Ribeiro* [fundador do Grupo de Teatro Divulgação, o grupo de Teatro mais longevo da Cidade, hoje com 56 anos de existência].”

*“Chamamos uma pessoa, minha amiga até hoje, que é de Belo Horizonte, que trabalhava com Pierre Weil em Belo Horizonte, a Lucy Paixão. A Lucy conhecia profundamente uma linha... de Psicologia. A Lucy veio para Juiz de Fora, separamos as turmas, fizemos duas turmas que não passassem de 35 alunos, de jeito nenhum, em cada delas. Escolhemos o professorado com o perfil de educação humanística, todos! Quem tinha faculdade, quem não tinha faculdade... e assim, ficamos no Stella dois anos. E começamos o colégio.”*

*“Tempos difíceis. Muito difíceis! Que você imagina que a gente começa um colégio e que, contando com o meio, interagindo com o meio em um período político do mais difícil. Nós tocamos o colégio desse jeito. A gente nunca sabia se a gente ia ser preso, se não ia ser preso, entendeu? Enfrentamos isso. Os militares que estavam chegando em Juiz de Fora colocaram os filhos para estudarem com a gente. A gente não sabia se era por muita crença ou se era por desconfiança. Foram pra lá. Um entusiasmo muito grande, um professorado muito bom e... e o colégio foi isso que vocês escutam falar até hoje.”*

*“É claro que alguns conflitos começaram aparecer e nós resolvemos, então, fundar nosso próprio colégio. Nós mudamos para a Braz Bernardino, é isso mesmo, nós mudamos para a Braz em 1973.”*

*“Eu fui casada, e, sou viúva, de um professor de Matemática. Que dizia que Geometria era a parte áurea da Matemática. E que a Geometria fazia a mente abstrata das pessoas. No primeiro dia em que fomos visitar a casa onde viria a ser instalado o colégio (era uma casa que havia sido a residência de uma família abastada da cidade), fomos pra ver se esse espaço servia para um colégio, ele disse assim pra mim: “Só o fato de estar num prédio com tantos estímulos geométricos, eu vou te dizer que, só por isso, ela já serve para um colégio. Porque nós vamos aproveitar todos esses estímulos para provocar o crescimento de uma abstração de espaço em todos os meninos que entrarem aqui.”*

Figura 47 - Colégio Magister - Paineis de Mário Silério



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

*“Nós tivemos a preocupação com a formação. Aí, deu isso que deu. Pra mim, é uma coisa assim, muito boa, muito gratificante e nós não ganhamos dinheiro nenhum com o colégio. Pelo contrário; eu fechei o colégio, quando ele tava no auge do nome, mas com queda, porque, se você vai fazer um trabalho de educação, você não pode botar 60 pessoas numa turma. 40, não dá. Quando vai chegando no 32 você já tem que botar uma barreira. Porque você não dá conta. Segundo o Paulo Freire, o que é muito forte na educação não é tanto o aprendizado: se você quer estudar alguma coisa você estuda. É o dialógico, a conversa. Como é que você pode ter uma relação com o aluno se você tem 60 na mesma sala? Não vai ter. Então, nós conseguimos montar esse colégio e com isso nós continuamos pobres. E até, pelo contrário, eu que sempre paguei muito bem os professores, quando fechei o colégio eu tinha perdido a sede na Braz Bernardino, porque eu não tive dinheiro para comprar o prédio e não consegui um prédio parecido com aquilo. E colégio, pra mim, tem que ter árvores, tem que ter plantas, tem que ter gata, a minha gata velha veio de lá. Aí, teve um momento, não sem sofrimento, em que eu disse: Está na hora de parar. Passei uma noite sem dormir, de manhã quando estava tomando café disse: Aurélio, eu acho que a gente não devia abrir*

*o colégio ano que vem. Por isso, por isso, por isso. Quê que você acha? Ele disse: “Eu concordo, eu já tinha mais ou menos pensado isso. Vamos fechar num momento em que ele ainda está bem.” Fechei em 2006!”*

*“No tempo em que o Magister foi criado, a rua Braz Bernardino ainda era uma rua de quintais. Existiam algumas casas de quintais, prédios baixos. Esse espaço urbano se transformou, ao longo da existência do Magister, mas existe também uma certa idade em que isso os acolhe, os recebe, proporciona a construção de uma vida e de uma carreira. Existe, também, um dar de volta à cidade.”*

Para entender a sequência dessa história e também clareá-la mais para o leitor, indago à Thereza sobre a saída do Stella e a fixação de um novo colégio em um novo endereço na cidade. Para confirmar o meu entendimento e também daqueles que conhecerão essa história ou a reviverão pela escrita destas linhas, pergunto: E, então, pela sua fala, percebo que vocês saíram do Stella direto para aquela casa que os encantou na rua Braz Bernardino? Ao que ela responde:

*“Fomos direto. A casa estava para alugar, nós alugamos, fizemos uma adaptação e fomos para lá. A vantagem de ter ido pra lá é que o Magister funcionava, abria às sete horas da manhã, fechava às 10 e meia da noite de segunda e, eu vou te dizer, até sábado. E, além disso, a gente começou com essas turminhas, depois a gente montou um noturno, bom! E aí aconteceu o seguinte: a gente queria um colégio ligado à comunidade, a tudo que acontecia na cidade, não é? Arte, a gente levava os alunos, essas coisas. O que acabou acontecendo é que todo mundo que precisava de uma sala lá conseguia [e o colégio acolhia, tendo se transformado, na verdade, em um espaço público da cidade]. O Arlindo Daibert queria fazer uma exposição, a universidade fechou, não queria o Arlindo lá. Aí, o Arlindo me procurou e eu disse: “pode trazer a exposição pra cá.” Ele fez uma exposição no Magister, e eu fui encontrar quadros da exposição dele no Museu Nacional do México! Essa exposição foi colocada em primeiro lugar aqui no colégio. Começou no Magister. E teve muito movimento de visitação.”*

*“O fato é que foram também criados projetos paralelos. O projeto ‘Arte Livre’, por exemplo: faziam publicações, músicas, todo mundo que tocava alguma coisa dava show lá. Esses meninos todos, o Pompeu, todo mundo tocava lá. É, se promoviam várias, inúmeras coisas, cursos... trouxemos pessoas muito gabaritadas em educação para fazer palestras, tínhamos reunião de formação, reunião de formação de*

*professorado... tínhamos um trabalho de leitura que eu fui até expor, fui convidada para expor na Biblioteca Nacional, no Rio. Tinha! Fui na Casa da Leitura, fazer uma exposição e depois me chamaram para participar de um seminário com professores no Rio. Fui parar em Teresópolis por causa do projeto de leitura, andei muito por aí mostrando como se trabalha com a literatura dentro de uma escola, sempre com a preocupação num sentido interacionista...”*

*“E o colégio deu certo. No momento mais incrível, mas, assim, o colégio era um ambiente muito afetivo. Há coisas que aconteceram, muito interessantes, sabe? Anos depois, é... o colégio não era religioso. Era um colégio leigo, leigo. Mas acontecia de tudo lá, até casamento espírita, você tá entendendo? O Breno era luterano, o Lauro era espírita, foi assim. E, de repente, foram aparecendo desejos de fazer primeira comunhão... era um espaço plural e democrático e onde se estimulava e valorizava a liberdade em todos os seus sentidos.”*

Sigo dialogando com Thereza naquilo que ela vai nos entregando em sua bela narrativa. Aliás, é bom que se diga que Thereza é, além de tudo, uma excelente contadora de histórias, uma narradora no sentido mais preciso da palavra. Ciente disso, sigo no meu papel de investigador com a percepção clara de que ela é conhecedora da importante relação da cidade com o Magister e vice-versa. Assim, esse contexto da cidade de Juiz de Fora, as ambiências, as amizades de que ela tanto falou durante nossas conversas vão sendo transmitidas na sua voz. Ela também sabe da importância de sua relação com a cidade em suas múltiplas camadas. Thereza Leite é testemunha ocular e participativa, ao longo de sete décadas, essas sete décadas que vive como moradora de Juiz de Fora, do redesenho da cidade em toda as direções, tanto no seu cenário físico quanto no cenário intelectual. Ela é testemunha viva e leitora da cidade como múltiplas escritas; afinal, como nos afirma Lana Mara Siman, “A cidade é um texto a ser lido”, e o Colégio Magister, na verdade, se apresentava como parte desse texto apresentado à cidade como leitura pública (SIMAN, 2013). Thereza assiste de vários pontos, mas, na maior parte do tempo, do seu posto de observação mais significativo, o Colégio Magister que, mesmo tendo tido suas atividades encerradas, ainda parece morar dentro dela, as múltiplas escritas em camadas que foram sendo caligrafadas e que formam esse provisório palimpsesto urbano que hoje é a cidade. Sigo perguntando.

A senhora disse. agora há pouco, assim: “*é... a gente projetou, pensou essa escola, colocou funcionando*”. Durante o tempo que a gente conversou, a senhora, várias vezes falou que as coisas não se fazem sozinhas, nem com o dedo de um só... ideias e pessoas vão se aglutinando em torno de uma proposta, mas a senhora disse assim: “*e o colégio aconteceu*”. Foram mais de 40 anos dessa forma. Então, olhando esses 40 anos, o colégio cumpriu esse papel que vocês pensaram para ele?

*“Cumpriu e continua cumprindo. Eu vou te dizer... porque um aluno, um ex-aluno meu, que hoje é professor, não está em Juiz de Fora mais, ele tá no Rio, falou assim comigo, numa reunião de ex-alunos: “Dona Thereza! ah! Que pena que fechou e tal. No Magister aprendi a ser gente, aprendi cidadania!” Ele foi lá dizer isso. Sabe o que eu falei pra ele? O Magister não acabou, porque eu trabalhei nessa linha e faço força pra trabalhar e digo o que está certo! E precisa de ter um colégio dessa e dessa maneira. Mas os princípios do Colégio permanecem em você e em muitos outros.”*

*“O outro, que é um rapaz negro, passou anos com um problema sério, ele tem uma anemia que só dá em negro... [anemia falciforme]. E os professores e funcionários do Magister o ajudaram muito nos momentos de crise. Ele passava uns períodos internado e o Colégio e os alunos davam-lhe toda a assistência e o apoio. Então ele disse: “Ó, Dona Thereza! A senhora não quer montar um Magister em Florianópolis?” Eu disse: Por quê? “Porque eu tenho um descontentamento com o colégio dos meus filhos.” Mas por quê? “Dona Thereza! Olha! Quando eu ganhei o prêmio em Florianópolis, que eu enfrentei os meus colegas, eu ganhei o prêmio que fui para em Israel, enfrentei os meus colegas, por ser negro, e ganhamos o prêmio lá. Essa coragem de enfrentar o ambiente eu aprendi no Magister. Porque lá, eu nunca me senti diferenciado por ser negro, e assim fui construindo segurança para essas conquistas. Era assim que eu queria que meus filhos tivessem um colégio. Como moro lá, eu precisava de um Magister em Florianópolis”.*

*“Uma outra moça, hoje advogada atuante na cidade, muito inteligente e também muito questionadora, nas oportunidades que teve me falou de seus sentimentos em relação ao Magister e a importância do colégio em sua formação. Transformou suas impressões em depoimento público e eu trouxe aqui comigo a publicação de seu depoimento no Jornal Tribuna de Minas.”*

Fundado no fim dos anos 1970, o Colégio Magister formou diferentes gerações de estudantes de Juiz de Fora até o encerramento de suas atividades em 2002. Além de ser lembrado com carinho pelas iniciativas pedagógicas progressistas, o colégio também é citado por alunos e por juiz-foranos em geral pelo prédio onde operou, na Rua Braz Bernardino, um raro exemplar da arquitetura modernista na cidade. Com a demolição do imóvel, em 2005, o município perdeu mais uma obra do arquiteto Arthur Arcuri, considerado um dos maiores expoentes da arquitetura modernista da cidade e do país. “Estudar no Magister foi um privilégio. Penso que em nenhuma outra escola do mundo um aluno foi tratado com tanta humanidade, com tanto respeito e com tanto estímulo ao aprendizado quanto naquele espaço mágico, acolhido entre as paredes de uma antiga casa familiar. Lá, em plena ditadura militar, recebemos nossas primeiras lições de democracia, de feminismo, de igualdade racial e social, aprendemos a valorizar as diferenças e as múltiplas possibilidades de ser. Tínhamos, também, um intenso contato com a natureza: havia uma criação de galinhas que andavam soltas pelo jardim, e que no meio de uma prova apareciam ciscando dentro da sala de aula, para gargalhada geral de alunos e professores. Muitas saudades desse tempo, daquela casa, da árvore centenária cujas raízes, reza a lenda, chegavam ao Rio Paraibuna. Muito obrigada, Tribuna de Minas, pela oportunidade de externar, aqui, lembranças tão felizes! (FARANY, 2015)

***“Esses três depoimentos que eu te apresentei posso multiplicar por 100. Porque escuto isso sempre... escuto isso sempre. Não são só pelas minhas palavras que posso dizer que o Colégio atingiu seus objetivos, mas também pela voz de muitos dos alunos que passaram pelas nossas salas.”***

Nesse momento de encerramento das atividades, o Colégio já não funcionava naquela casa modernista na rua Braz Bernardino. Em 2002, com a perda da ação nas instâncias superiores de Justiça, foram obrigados a sair do prédio e improvisar espaços para a continuidade do funcionamento do Colégio. Em 2005, como referido acima, o prédio foi impiedosamente destruído e, no seu espaço, existe, hoje, uma galeria que atravessa da rua Braz Bernardino até a sua paralela, rua Espírito Santo. Em cima da galeria, há uma torre de ferro, concreto e vidro que abriga escritórios e moradias. Espaços feios e sem nenhuma personalidade arquitetônica, que mataram o último representante, na rua Braz Bernardino, de um espaço central que um dia existiu, de casas com quintais, pomares e jardins. Essa destruição foi gradativa, mas, em 2005, época da demolição daquele exemplar da arquitetura de Arthur Arcuri, aquele imóvel se mantinha como último representante dos tempos das árvores e flores naquele logradouro central. Nenhum sinal se preservou daquele espaço cidadão, para

onde afluíam pessoas, movimentos sociais, partidos políticos, movimentos religiosos em busca de acolhimento.

Outra grande participação e colaboração de Thereza Leite com a cidade de Juiz de fora é seu envolvimento no movimento em defesa das mulheres. Quando isso era assunto a que poucos davam ouvidos, Thereza, católica declarada, deixa claro, várias vezes, que traz da doutrina somente aquilo que é cristão. Se denomina cristocêntrica. Em uma livre interpretação de suas falas, penso que, por isso, aquilo que é construído pelos homens e mulheres, em nome de Deus e ajudando na fixação do “ideal” da mulher submissa e obediente, pura, casta e do lar, nunca colou em sua figura, antes pelo contrário. Thereza praticou e defendeu uma vida em sociedade com participação da mulher ombro a ombro com os homens. Afinal, como o leitor leu acima, foi seu pai que lhe apontou esse caminho como certo. Repito aqui suas palavras: “um homem que tinha consciência do importante papel da mulher na sociedade.”

*“Eu acho que a palavra define a pessoa, não é? Eu sou feminista! Não quero saber nada de gênero, nada de movimento de mulheres, sou feminista. Apesar de ter um artigo no livro sobre o caminhar das mulheres. Sou feminista. A mesma coisa é a questão da igreja, sabe? Eu sou cristocêntrica. O que é isso? Eu sou ecumênica, também ajudei a formar um centro ecumênico, vou em tudo quanto é lugar, se você me disser, olha...”*

*“Como mãe, não quero perder, de jeito nenhum, essa minha condição afetiva. Afetivo, o potencial afetivo de gostar das mulheres e dos homens, dos animais, das plantas, não é? E, como esposa, estar com uma pessoa por gostar, por encontrar parceria e amizade e não porque é submissa ao marido. Afinal, não foi à toa que, mesmo um pouco mais tarde do que ele esperava, entendi as palavras de meu pai: não saí de seu domínio para o de outro homem. Entrei em um casamento sacramental, coisa que, para mim, é sagrada, de fato, no qual eu e meu marido fomos parceiros de uma vida toda.”*

*“Eu ajudei a criar e participei de um movimento importantíssimo que é o Centro da Mulher Mineira. Ele foi gestado, talvez assim uns três anos antes, por um grupo, do qual eu fazia parte também, de pessoas muito compromissadas com questões políticas, com questões sociais. Nós já éramos preocupadas, como somos até hoje, com essas questões. Acho que, do grupo, talvez a que, no momento, tivesse a preocupação maior*

*com a questão da mulher, talvez fosse eu. Eu, hoje, analiso isso dessa maneira. Não que as outras não tivessem preocupação (...) Esse momento, sabe quando foi? Foi quando voltou para o Brasil a Maria Conceição Tavares, que voltou a Branca Moreira Alves, que voltaram outras assim, não é? Nomes de grande expressão que tinham se exilado, principalmente na Europa, por causa da questão política. Essas mulheres voltaram [no contexto da Anistia] e nós tivemos contato, não só com os textos. Com essas mulheres, nós descobrimos que também, do mesmo jeito que nós já éramos conscientizadas na questão das diferenças nas mulheres, outras brasileiras, que moravam no Brasil, não foram exiladas, estavam no mesmo patamar que o nosso, não é? Aí, tinha uma Fanny Tabak, uma mulher preparadíssima, uma Heloneida Studart, que foi deputada no Rio de Janeiro, e outras tantas, digamos assim, expoentes na área. Todas numa área acadêmica. No nosso grupo, tínhamos duas professoras de História: a Maria José Feres [que viria, futuramente, a ser Secretária de Ensino Fundamental no MEC] e a Selma Estiguer, não é? Eu entrei no grupo como educadora. Abri o Magister para a criação de um espaço, para o grupo se reunir, e tivemos muita disciplina. Semanalmente, nós nos reunimos, durante mais de dois anos, para estudar essas questões, fizemos contato com essas mulheres, trouxemos essas mulheres a Juiz de Fora, abrimos ao público o conhecimento dessas mulheres e, com isso, a coisa foi tomando vulto e a gente foi ampliando esse trabalho. Inicialmente, com algum tipo de trabalho às vezes até assistencialista, aquele negócio de socorro, de socorrer uma mulher que estava sendo ou maltratada ou destruída no trabalho, ou na vida doméstica, aquela coisa toda.”*

*“Enquanto isso, mantenho meu grande orgulho de ser mulher e ser mãe, sabe? Sei lá de fazer essas coisas que a cultura fez chegar até a minha cabeça, eu não ponho essas coisas fora. Agora, sou ombro a ombro com outras questões da esfera político-social. Isso não tenho dúvida. Se eu entrar com um homem, numa eleição, eu vou entrar pra ganhar e passar ele para trás! Eu posso perder, mas não por falta de ação da minha parte. Então, eu não gosto de discurso feminino. Eu gosto do discurso feminista, que tem um arcabouço político! Então, o Centro foi fundado assim. Com mulheres que tinham prática, não tinha ninguém revoltado, não tinha ninguém não querendo ser mulher, não tinha nada disso. Esse foi o ponto forte.”*

*“Minha mãe mesmo não entendia o serviço de proteção que fazíamos. E perguntava: Thereza, por que você tem que se meter na vida dessas mulheres? Elas*

*precisam de suporte, mãe, elas precisam de proteção e apoio para ultrapassarem a violência, algumas correm risco de vida. Então, ela me perguntava: Thereza, você apanharia de um homem? Claro que não. Porque, se ele me desse uma eu daria duas nele... e seria pra nunca mais tentar! Pois é, seguia minha mãe: eu também, pois então deixe que se resolvam por lá. Para que se meter nesses casos? Você tem muito a fazer por aqui...”*

*“Mas eu sabia que não era bem assim. Muitas mulheres, até hoje, incorporam o discurso machista, outras não enxergam saídas e não têm mesmo saída. Por isso precisávamos agir pelo reposicionamento na sociedade e ampliação de sua participação e outro foco seria a assistência às mulheres em situação de vulnerabilidade. E assim seguimos. E fizemos muitos avanços nessa seara.”*

Durante o período de nosso contato e também em outros convívios que tivemos ao longo de quase 30 anos, em outros espaços e outros fazeres, percebia que havia a construção de uma Thereza Leite como uma heroína que enfrentava a tudo e a todos, destemida, desprovida de medo. Corajosa, revolucionária, consertadora de mundos, retificadora de desvios. Uma “supermulher”, que assume papéis e funções sociais diversos e dá conta de tudo o que assume. Perguntei, então, à Thereza, como ela se enxergava: como uma heroína ou uma pessoa que aplica suas convicções na prática da vida? Ao que ela me responde com uma breve leitura de si mesma, focando, principalmente, na questão acima colocada.

*“Bom! Eu quero fazer uma colocação que uma (...) mais uma vez eu vou dizer pra vocês que não fiquem imaginando que eu sou uma supassumo de coragem. Que tudo correu bem, que acertei sempre. Não é isso. Tá?! Porque se eu passasse essa imagem pra vocês, eu, realmente, não seria o que eu queria. E, às vezes, uma pessoa entusiasmada como eu sou, porque eu sou uma mulher entusiasmada. Eu estou com 84 anos [fala em 2018] e ainda sou entusiasmada! Então, uma pessoa que tem esse pique pode passar isso. E isso é uma coisa errada. Eu passei momentos de muito medo. É (...) e, por isso, eu tenho pavor quando penso na possibilidade de a gente ter um governo de ditadura mais uma vez. Vocês não têm uma ideia do que é isso. Porque nasce um clima de desconfiança, que ninguém mais tem confiança em ninguém. A coisa não é brincadeira. Tivemos vários momentos difíceis. Mas sempre, sempre, sempre (...) com a cara assim, de peito aberto. Enfrentei as coisas de peito aberto! Ou*

*na calada, articulado, eu nunca entreguei os pontos, de não fazer aquilo que eu considerava certo.”*

*“Tive momentos, olha, olha todo mundo que me conhece sabe as dificuldades que eu tive em 64. Colégio, professor preso. E a postura da gente? O Aurélio foi parar três vezes na quarta região militar por causa de Zé Paulo, Lauro Mendes, não sei o quê, não sei o que lá, não é? É... mas a gente definiu, a gente deu uma fotografia daquilo que a gente ia fazer e do jeito que a gente era, eles queriam intervir, mas não intervieram, entendeu? E, com isso, eu fiz o trabalho que eu queria fazer. É, tinha medo? Tinha! Se eu dissesse que não tinha eu estaria mentindo, mas fizemos o trabalho. Agora, você tinha, você achava pessoas. A sensação que eu tenho, hoje, é que nós estamos em um campo minado. É uma coisa esquisita. Não sei se vocês percebem isso. A gente nem sabe bem, você monta uma equipe, essa questão coisa da corrupção ficou de tal maneira “instituída” que a gente nem sabe se debaixo do pescoço da gente pode estar acontecendo uma coisa errada e a gente não sabe... Por falar em medo, tenho medo pelo rumo que as coisas estão tomando em nosso país hoje [em 2018].”*

*“É (..) eu acho que às vezes, vale contar a história por conta da ilustração. Quando eu digo pra vocês que o ambiente era difícil, era muito difícil. Um belo dia, o Aurélio, meu marido, foi chamado na Delegacia de Ensino pelo coronel Januzzi, que era uma pessoa ótima. Ele tinha um cargo de confiança, mas era uma pessoa séria. E, chegando lá, ele falou com o Aurélio que uma professora que trabalhava no colégio ia ser detida no dia seguinte. Ele também era professor de Matemática e foi examinado pelo Aurélio num concurso que ele fez. Então ele tinha, também, plena confiança no Aurélio. Ele disse assim: “Mas Aurélio eu estou falando isso pra você. Eu não quero que você fale pra Thereza”. O Aurélio respondeu de pronto: “Então, Januzzi, você fez mal. Porque eu e ela somos sócios do colégio. E eu não posso saber alguma coisa ligada ao colégio e não passar pra ela, nem vice-versa.” “Então, você conta o que quiser e se quiser.” Então, ele contou! Naquele ano, entre os livros escolhidos pro vestibular, tinha um livro do Rubens Fonseca que eu não lembro mais o nome. E esse livro realmente tocava em algumas questões ligadas à contestação à ditadura (...), essas coisas assim. A Leila Barbosa colocou esse livro na lista dos livros de literatura para o vestibular da UFJF, e a gente tinha que dar o livro pra ser lido. Então, retomando a conversa do Aurélio com o Cel. Januzzi, ele disse pro meu marido: “Essa professora também leciona em outro colégio...”, vou guardar o nome tá?! “Em outro colégio, usa o mesmo*

livro lá. Porque lá também prepara pro vestibular.” *Aí o Aurélio disse pra ele assim: “Olha! Eu quero que você saiba que eu vou contar pra Thereza! Tem mais: eu vou contar que você me disse. Eu sinto muito. Que você me disse que essa professora antes do meio dia de amanhã vai ser chamada. E a Thereza não vai guardar isso, tenho certeza que ela não vai!”. Chegou no colégio e disse: “Thereza, temos um grande problema. O problema é esse, esse, esse! Januzzi, meu amigo, preocupado de a gente ter problema, me chamou pra (...). E, agora?” “E, agora?! Que eu já tô saindo! [disse ela ao professor Aurélio]”. Essa moça morava no Largo de São Roque. “E, agora que eu já tô saindo! Nós temos que dar um jeito de tirá-la de Juiz de Fora.”. Saí de lá, fui na casa dela e contei pra ela. Quando eu acabei de contar, ela tremia assim, que aquele negócio (...), o negócio era pesado! Eu disse: “Calma.” “Thereza, o que é que eu vou fazer?” Eu disse: “O negócio vai ser amanhã de manhã, eu vou chamar mais gente lá em casa, pra gente resolver juntos”. “Tá!”. O primeiro que eu chamei foi o padre Jaime Snoek, um grande sujeito de Juiz de Fora. Juntamos lá em casa e (...), e o Gilvan [Procópio Ribeiro], que era professor da universidade, não sei se ainda é, se já aposentou. [falecido em janeiro de 2022] “Levamos a Auxiliadora, a professora chama Auxiliadora, ela mora em Belo Horizonte, chamamos a Auxiliadora e ela foi lá. E eu acho que é melhor você não [explicar para a mãe]”. A mãe dela era velhinha. “Acho melhor você inventar uma coisa qualquer pra sua mãe. E vem pra minha casa.” O Aurélio concordou. “Vem pra cá. Nós vamos ficar todos aqui, pra gente dar uma cobertura pra você e (...), vamos fazer isso”. Ela foi pra minha casa, o Aurélio procurou o coronel Januzzi, que era o Delegado de Ensino e, disse assim: “Ó! A professora tá na minha casa! Os professores do Magister estão avisados, a Thereza ...”. Foi eu mesmo! “A Thereza já envolveu até os padres da igreja da Glória. Ela tá lá em casa.” *Aí, ele disse assim: “Pois é. Nós chamamos o diretor da outra escola e o outro (...). O diretor da escola deixou na minha mão, ficar com a professora, demitir a professora.” Disse assim: “Isso nunca vai acontecer no Magister. Se vocês tiverem uma professora vocês vão pegar esse homem. E tem mais, na hora que os alunos do colégio souberem disso vão pra rua fazer passeata.”. E a gente sabia que iam fazer porque eles fizeram por causa do José Paulo Neto. O que me assustou muito. O que eu não queria era que eles fossem pra rua. Eu fiquei preocupada de ter um pai, alguém falou aqui de pai dizer que a gente tava incitando os meninos a ir pra rua. E não! Juntei todo mundo no salão e disse: Vocês vão me prejudicar! O colégio vai ficar prejudicado! Se o professorado**

*quiser ir pra rua, eles têm essa autonomia. Vocês ainda não têm isso ... Vocês não têm peso pra fazer isso, a coisa vai se voltar contra a gente.”*

*“Eu tive medo, eu tive muito medo. Mas, muitas vezes, o medo vinha depois da coisa feita. Tinha que fazer e eu fazia, sem pensar muito. Tive medo por mim, tive medo pela minha família, pelos professores, pelo Colégio, pelos nossos alunos... mas, se tinha que fazer, ia lá e fazia de peito aberto! Escondia professores, ajudava na fuga de perseguidos, colocava cartazes na entrada do Magister com o horário das aulas e avisando, não haverá aula do professor tal, porque ele se encontra preso pela 4ª Região militar; cedia o espaço do Colégio para reuniões suspeitas aos olhos dos militares. Por vezes, quando eu colocava a cabeça no travesseiro, eu dizia a mim mesma: Thereza, você é louca! Você tem cinco filhos, uma mãe idosa, um colégio... mas, quando via, lá estava eu envolvida em outra questão, em um outro socorro. Só sei de uma coisa: não sou heroína, nunca me senti assim. Mas sou destemida e atrevida! Talvez isso tenha me levado a me envolver nessas questões.”*

Durante o processo de derrocada financeira do Colégio e após seu fechamento, o lastro social e político construído pela Professora Thereza de Azevedo Leite fez com que ela ocupasse o cargo de Secretária de Educação do Município de Juiz de Fora no primeiro mandato de Custódio Mattos como Prefeito da cidade [1993 a 1996]. Ela também participaria de seu segundo governo [2009 a 2012] como assessora especial de Educação.

*“Eu fui muito feliz também na política, nos meus oito anos participando de governos do PSDB na cidade. Eu não sofri nenhuma, nenhuma pressão do Custódio pra fazer nada. Na verdade, quando eu fui pra Secretaria de Educação, o convite se deu da seguinte forma: foram três pessoas na minha casa, juntas, a Eleuza Barbosa, a Sonia Miranda e o Reginaldo Arcuri, e me fizeram o convite. Bom, como eu tenho uma postura meio desobediente, achei que esse negócio não ia dar certo comigo e disse isso para eles. E, na tentativa de convencimento, eles seguiram: a gente tá querendo uma linha inovadora, não sei o que..” Bom, mas primeiro eu quero conversar o Custódio. Falaram com ele e ele de noite foi na minha casa.”*

*“O Custódio já era meu conhecido de alguns anos. Então eu disse: Olha! Eleuza e Sonia me procuraram, com o seu consentimento, me fizeram esse convite, insistiram, não é? Não é que eu não me interesse, até me interesse. Porque eu me interesse, de fato é verdade, eu me interesse de pegar às vezes algumas coisas pra fazer em que eu*

*possa ter uma liberdade para fazer aquilo em que eu acredito. Isso não quer dizer que eu não ouça você, mas eu quero que você saiba que eu não vou fazer politicagem. E o campo da educação dá muito isso, que eu sei. Ai eu disse pra ele: olha eu tenho três situações que eu preciso falar com você, a primeira é essa. Eu não vou fazer politicagem na Secretaria de Educação, vai ficar quem trabalhar e trabalhar bem. A segunda coisa: eu tenho um compromisso na CNBB, eu tinha um compromisso até o final do ano. Eu nunca saio das coisas para que eu fui eleita. Então, eu tenho duas viagens para o exterior. Quando eu sair, eu peço licença, tudo bem? E continuei: tem ainda uma terceira situação, que eu queria ser responsável por convidar determinadas pessoas pra determinados lugares. Ele falou assim pra mim: “São só essas suas três indicações?” E respondeu: “Tudo bem, eu concordo com você.” Enquanto eu fui Secretária de Educação, nunca ele desviou um minuto, um milímetro disso que ele combinou comigo naquela noite. Nunca!”*

*“Na segunda vez, eu já estava com dificuldade de andar e na Secretaria de Educação, para o secretário funcionar, ele tem que ter muito boa mobilidade porque ele tem que ir aonde a coisa acontece. E as coisas acontecem nas escolas. Eu já disse: isso eu não posso pegar. “Então você faz uma assessoria?” Isso eu faço. Também nunca vi nada sendo conduzido errado por parte dele. Então, eu acho que o Custódio é sério. Agora, eu senti, da última vez, que ele estava um pouco cansado disso, mas talvez não seja só cansado; é cansado dessa nova situação, porque está um risco você trabalhar com política, não é? Pra você ver, a gente não sabe nem em quem a gente vai votar, ué. Não sei se vocês sentem isso, mas eu sinto isso.”*

*“Eu tenho uma ideia, não é original minha, é de alguns pensadores, eu tenho roubado isso deles: que o que faz a mudança na sociedade é a cultura; não é o ensino. O ensino é um instrumento. Mas é a cultura que faz isso. Então, como secretária da Educação, o que eu mexi? Eu dei muita força para as questões de cultura. Teatro, eu criei o coral das escolas municipais, teatro, música, aula de música, essas coisas. E na área de ensino, porque nessa parte cultural você tem, às vezes, mais possibilidades de fazer coisas boas. Porque depende de você ter uma proposta, mexer com artistas, ter uma credibilidade nessa área. Isso é uma coisa que não me falta. Então, eu fiz muito trabalho na área de arte. Criei uma revista do professor, criei esse professor também faz arte, isto tudo começou quando eu fui secretária de Educação. Algumas coisas*

*ficaram. Como o Coral das Escolas Municipais. E sem abrir mão do ensino. Mas, nessa questão, você depende do professorado.”*

Figura 48 - Thereza de Azevedo Leite em entrevista na sala de sua casa



Fonte: Acervo Pessoal da entrevistada

*“Eu quero dizer para vocês o seguinte: eu sou, há muitos anos, educadora. Não faço questão nenhuma de ser professora de nada. Nada, sabe? Não faço questão disso! Eu sou um educadora, abro frente para os outros se educarem. E chamo gente para ser professor disso, disso, disso e daquilo, não é? E eu sei o que eu preciso da área que eles ensinam para eu poder cobrar deles. Agora, se você me perguntar da aula de Geografia, eu não sei. Eu tive uma sorte danada, porque fiz o Curso Normal e um Curso Científico. Isso, pra mim, foi uma riqueza muito grande porque sempre consegui coordenar trabalhos de Curso Científico porque aprendi Química, Física, esses troços.”*

*“E... não tenho coragem de dizer que sou professora, mas, às vezes, dou aula. Mas é porque eu escolhi a minha vida. Então, se você olhar politicamente, no movimento feminista, na igreja, como diretora e fundadora do Magister, secretária da Educação, assessora, eu sou educadora. Eu quero ter, eu tenho a presunção de melhorar o mundo. Acho que é isso.”*

Em sua incursão pela política, nas eleições do ano de 1996, Thereza Leite ainda foi candidata a vice-prefeita, compondo chapa pelo PSDB com outro secretário do primeiro mandato de Custódio Mattos, o advogado Reginaldo

Arcuri. A chapa não saiu vitoriosa, mas Thereza diz ter aprendido muito quando foi para as ruas fazer campanha junto ao povo. Estar junto ao povo é coisa que lhe agrada.

Na sua última passagem pela Secretaria de Educação, de 2009 a 2012, a professora Thereza retornou à Vila Olavo Costa, antes, 40 anos atrás, chamada de buraco do Olavo. Foi lá que Thereza iniciou sua trajetória de educadora como professora alfabetizadora voluntária a chamado de uma amiga dos movimentos sociais da Igreja Bom Pastor. Quatro décadas depois, ela retornou para a coordenar e participar de um movimento de alfabetização de jovens e adultos. Ela diz que sempre se sentiu muito à vontade naquele território da cidade.

*“Até hoje. E os caras tomam conta de mim, você sabia disso? É... assim de o cara me ver descendo do carro, tá dentro do botequim, já tá ó! Virado. “Professora Thereza, deixa eu levar a senhora até ali...” Me lembro dessa conversa até hoje. “Aqui tem uns vagabundos, mas eu tando com a senhora, a senhora tá com Deus.” Eu disse: “Eu sei disso, então você me dá seu braço.”*

Tentei juntar alguns fios e assim provocar que ela confirmasse coisas que ficaram ditas, mas não explicitadas. Então, segui: “essa relação da senhora e do Magister com a cidade, como é que a senhora vê isso? Assim, esse contexto da cidade de Juiz de Fora, as ambiências, as amizades de que a senhora tanto falou durante nessa nossa conversa de hoje, como é que a senhora percebe essa relação com a cidade, com o espaço da cidade? O que se modificou ao longo dessas sete décadas em que a senhora presenciou o redesenho da cidade em toda as direções, tanto no cenário físico, quanto no político, também no cenário de pensamentos e ideias e de pessoas. Como é que a senhora percebe isso?

*“Eu, Thereza, me sinto, nesta cidade, como se eu estivesse na minha casa. É... na verdade, não é só o Magister. É o Magister, o movimento de mulheres, é o movimento de igreja. Mas, o que mais me colocou assim junto a qualquer tipo, de homem e de mulher, foi o trabalho do colégio. Sabe? Eu acho que aquilo que eu desejava pro colégio acabou acontecendo comigo, essa inteiração com a própria comunidade.”*

*“Eu encaro a vida da seguinte maneira, a minha e observando a vida de muita gente que eu conheço: eu acho que a gente tem momentos de muita, de pouca, de nenhuma dificuldade e às vezes até momentos tristes na vida. Eu também já passei por*

*isso. Assim, sendo muito clara pra você, eu tive muito mais momentos de satisfação do que de insatisfação. Já deu pra você perceber que eu gostei do que o pai e a mãe me fizeram... não é? Dá pra perceber isso, que gostei de colégio. Gostei tanto do colégio onde eu estudei na infância que tentei fazer um parecido. Eu tenho muitos amigos e gosto deles. E sou amada por eles. Eu sinto isso. Eu... eu tive só uma filha e 4 homens e a minha filha faleceu. Mas eu sinto o amor da Eleuza por mim, da Soninha, sabe? Assim, um carinho. As minhas noras, nora com sogra, na minha casa não tem esse tipo de problema, entendeu? Então, eu sou uma pessoa muito feliz mesmo. Mas, eu já tive momentos difíceis. É... o próprio Magister, quando começou, houve uma campanha contra. Que tipo de campanha contra? É um colégio de comunistas. Você pensa bem: uma classe média alta vem com um negócio de só tem comunista, numa época que ser comunista, pra muitos, era quem matava criança. E outra coisa: tem droga, tem isso, tem aquilo... há momentos pesados e mais difíceis.”*

*“Tive um momento difícil no meu próprio casamento, mas eu sempre tive uma ideia muito sacramental de casamento: pra mim, estar casada no civil, não estar casada no civil, é indiferente... mas o casamento sacramental é uma coisa que tem a ver comigo. Eu acredito nisso, sabe? Não é mística! Então, uma pessoa que acredita nisso tem qualquer tipo de união, seja casada, seja amigada, seja divorciada e casada com outro. Eu falo assim: na união entre um homem e uma mulher tem que existir amor, afeto, confiança, lealdade, respeito, uma série de coisas, admiração.”*

*“Um amor não sobrevive sem admiração. Quando você ama um homem e um homem ama uma mulher, ele tem admiração, ela tem admiração. Então, um casamento nessa situação, eu falo casamento de viver junto, não é pra ser desfeito. Eu sempre tive essa concepção. Eu sempre tive essa ideia, sabe? Eu sou capaz de aguentar trilhões de complicações, mas eu quero manter isso. Não é porque eu tenho medo de largar o cara, nada disso. Entendeu? Também foi vencido.”*

*“Eu sofri demais com a doença da minha filha. Minha única filha que, se eu tivesse feito uma encomenda, ela não ia sair a maravilhosa mulher que ela era. Tanto fisicamente, inteligentíssima é... era pesquisadora sênior da universidade de Michigan, a mulher sabia Matemática, Estatística, doutora nisso. E bonita. É. Bonita. Você tá entendendo? Era a minha companheira de viagem, a gente ia pra Europa, pra não sei pra onde, não sei pra onde. Foi um momento difícilimo, difícilimo! Então, eu tenho isso, mas eu encaro essas coisas, essas situações com a mesma naturalidade que eu*

*encaro os momentos muito bons. Eu tô aqui num momento muito bom, não é? Estou sendo chamada para contar, e eu tô contando o quê? Eu tô contando as coisas boas que eu consegui fazer, tô lembrando das pessoas que me ajudaram a fazer isso, porque ninguém faz nada sozinho, ninguém faz, quem pensa que faz é idiota, não faz. Você tá entendendo? Então, eu vejo assim com a mesma naturalidade que eu vejo os momentos bons, os momentos de felicidade, alegria, eu vejo os momentos também difíceis.”*

*“Então, eu festejo um e enfrento o outro. Entendeu? Eu festejo, faço festa, exponho isso, digo pra você que eu estou feliz na sua casa hoje, não precisava ter dito isso. Tô feliz, tô gostando de ter vindo aqui hoje, tô gostando de ver a sua casa, tô gostando de ver a sua casa do jeito que é uma representação do que você tem dentro de você, os objetos que você tem, isso me dá uma ideia do lado bom da humanidade que o Toninho tem. Você tá em momentos difíceis. Eu sou guerreira. Como eu sou guerreira, Toninho, eu enfrento.”*

*“Acho que a vida é assim, não é? Então, eu enfrento as dificuldades. Você acha, você imagina como que foi difícil fechar o Magister, como foi difícil, entendeu? Mas, eu cheguei à conclusão de que eu tinha que fechar. Porque, se eu fosse começar a mexer com dinheiro de pai, mais isso, mais aquilo, eu ia perder essa condição de ter esse espaço. Porque, onde dinheiro entra, quem dá, manda. E a gente precisa ter uma autonomia pra poder fazer isso. E, em colégio, todo mundo tem a mania de se meter, não é? E coisas não são assim. Mas eu tenho a satisfação de trabalho completado. Eu tenho a satisfação disso. Eu tenho a alegria de um trabalho completado. Sabe? Eu acho que eu sou uma pessoa felizarda porque cheguei aos 84 anos [fala de 2018] trabalhando desde os 18, podendo dizer que, profissionalmente, eu fui uma pessoa feliz. Feliz! Não é sucesso não, porque sucesso é um negócio muito vazio. Há muita gente que mexe com educação que está saindo milionário. Eu acho que eu até teria um pouquinho de escrúpulo se eu estivesse rica, sinceramente, porque eu acho que educação não é pra você ficar rico. Entendeu?”*

*“Explorando professor, não pagando, fazendo isso, como é que faz? Aliás, nós passamos algumas dificuldades por causa disso. Porque nós começamos o Magister pagando o melhor ordenado/hora. Ai, o Detoni, que estava do lado, disse assim: “Vai quebrar por causa disso.” E a gente correu o risco. Se tivemos que fechar por causa do dinheiro, 40 anos depois, tá danado de bom, não tá menino? Ora! Tá danado de bom, não é? Imagina eu olhando para uma puta de uma casa e dizendo assim: ah! Isso aqui*

*foi comprado com o dinheiro do Magister. E ver o sangue dos outros na parede. Não é?”*

Penso que Thereza se revelou nos principais temas de sua história que é tão rica e peculiar. Digo que foi muito doloroso deixar tantas coisas importantes, bonitas, significativas de fora deste texto. Mas essa é uma apresentação dentro do escopo de uma pesquisa, trabalhando com a voz de pessoas de idade longeva narrando a própria vida, buscando verificar a força e a capacidade educativa da narrativa com relação à cidade. Para análise, como já dito em capítulo antecedente, fixou-se três eixos: A vida narrada com relação à cidade, O trabalho, e o Ser mulher na Sociedade. Nos meus recortes, foquei nesses três eixos e assim, pragmaticamente, fiz os recortes que considere relevantes. Mas lamento não poder ter trazido toda a força e toda a pujança dessa mulher contadas por ela mesma ao conhecimento do público. Mas, quem sabe crie coragem para um texto de outro estilo e de maior fôlego e, assim, preste a ela o merecido tributo.

Vou fazer uso da repetição, coisa não muito recomendada em um texto acadêmico. Mas vou assumir esse erro e deixar que duas frases-texto sejam formadas repetindo as palavras de Thereza Azevedo Leite. Até porque ela fala melhor de si do que eu.

*“Eu, Thereza, me sinto nesta cidade como se eu tivesse na minha casa, na minha casa.”*

*“Eu acho que eu sou uma pessoa felizarda porque cheguei aos 84 anos [fala de 2018] trabalhando desde os 18 podendo dizer que, profissionalmente, eu fui uma pessoa feliz. Feliz!”*

*“Eu acho que eu até teria um pouquinho de escrúpulo se eu estivesse rica, sinceramente, porque eu acho que educação não é pra você ficar rico. Entendeu? (...) Imagina eu olhando para uma puta de uma casa e dizendo assim: ah! Isso aqui foi comprado com o dinheiro do Magister. E ver o sangue dos outros na parede. Não é?”*

Em algum lugar, ela disse algo parecido com isso:

*“Acho que as coisas se deram como tinham que se dar.”*

Ao finalizar este texto, onde se mesclam recortes das falas de Thereza Leite com as considerações que faço sobre essas falas e o suporte teórico que trago de meus autores de referência, penso que essa pessoa tão diferenciada a

qual denominei “Uma Mulher entre Três Demolições” e que sofreu o impacto prolongado dessas ações, cada uma delas a seu tempo e na altura do seu viver e que produziram impactos e reverberações diferentes em sua vida, merece ter outros aspectos de seu viver destacados.

Depois de um pequeno tempo de distanciamento desta escrita, uma noite de pouco sono e com Thereza habitando, ainda, meus pensamentos, é provável que o Anjo de Klee narrado por Benjamin tenha me visitado em um intervalo de sono, entre os muitos momentos alternados entre despertar e dormir durante essa noite. É bem provável que o Anjo tenha soprado para mim ventos diferentes. Assim, imaginando-me inspirado pelo Anjo, acordo de vez para o dia com a certeza que é preciso falar do caráter construtivo dessa mulher: ela, entre as demolições que a afetaram, é uma grande construtora, uma grande impulsionadora da transformação do mundo, já há muito proposta pelo seu principal guia, Cristo, e por uns de meus poetas preferidos, Drummond e Brecht. Isso, só para citar três personagens históricos, dentre tantos outros homens e mulheres que lutaram e lutam por essa necessária transformação, e que, de alguma forma, transitaram nesta tese.

Como anjo de Klee na interpretação de Benjamin já destacada anteriormente, Thereza reconhece os estragos do passado, mas, aí, ela, talvez divergindo do anjo, enaltece também as construções que nele se deram. As demolições, pelo seu olhar, foram pesadas e avassaladoras, deixaram escombros materiais e fixados na alma, mas lembra que, no trilho de sua vida, como o anjo, aponta para frente e para trás. Com gosto pela vida vivida, ela conclui que os momentos de dificuldades, embora pesados, foram muito menores que aqueles em que a vida se deu com alegria e possibilitou o estabelecimento de boas relações e construções erigidas sob sua batuta ou com sua inadjetivável colaboração.

Thereza construiu história. Ela concorda com isso e sente que, desde muito cedo, foi preparada para essa tarefa, pelos princípios transmitidos pelos pais, que tanto valoriza. Thereza construiu barricadas para proteger os amigos e até desconhecidos das forças da repressão durante a ditadura militar, construiu um Colégio com personalidade fixada na liberdade, espaço significativo e emblemático na história de Juiz de Fora. Ela, cotidianamente, repete um bordão

que revela muito de sua forma de compreender a relação entre Educação e Sociedade. Diz ela, amiúde, que, em tempos de ditadura, a escola tem que ser o espaço de aprendizagem da liberdade e, conseqüentemente, um lugar onde tudo é permitido. Mas, em tempos de democracia, a escola tem que ser o espaço de aprendizagem dos limites. O Magister foi um importante espaço de liberdade e aprendizagem de cidadania em Juiz de Fora, razão pela qual sua demolição deixa um rastro simbólico de muitas destruições, para além da empresa privada. Essa mulher que, algumas vezes, a vida tentou demolir, não caiu, e, se caiu, levantou mais forte.

Aproveitou muitas vezes de escombros e cacos e restos, os farrapos para auxiliar homens e mulheres na construção de caminhos. Deu abrigo, protegeu, socorreu. Coordenou projetos, assumiu cargos, brigou, apontou o dedo, foi confessamente atrevida e destemida, enfrentou com capa de heroína, que lhe servia para camuflar o medo, que não poderia nunca ser imaginado, mas que a fazia tremer por dentro, mas não por fora. Aparentemente, ela era uma muralha de destemor e fazia supor que não era fácil combater com ela o bom combate.

Com o viço da menina-moça que fixa a vida em Juiz de Fora, por volta dos 15 anos, ela segue, aproximando-se dos 90, com a mesma determinação, vigor e esperança que sempre alimentou por dias melhores em um mundo melhor. Ela não esmorece e nem a dificuldade de locomoção e a clausura criada pela pandemia a impedem de vociferar contra as injustiças e aberrações vividas nos dias atuais.

Mais uma vez, como o Angelus Novus, não o de Klee, mas o de Benjamin, ela tem os olhos arregalados para algumas possibilidades de futuro que nos são oferecidas aos olhos e aos ouvidos, mas segue de pé, de espinha ereta e com o coração tranquilo; apesar da alma inquieta e por vezes inconformada, com muita esperança de modificar o mundo, segue cheia de ânimo fazendo valer aquilo que aprendeu com Paulo Freire, Gramsci e outros inúmeros autores que leu, e com os intelectuais com os quais conviveu, e também com o povo simples e humilde com o qual ela afirma ter aprendido mais que ensinado.

Assim é Thereza: Uma mulher entre três demolições que construiu uma história que merece relevo e destaque. Que sua narrativa, neste trabalho, a

imortalize para muito além da tenebrosa sombra – oxalá passageira – que nos atemoriza nos tempos de exceção e fascistização da sociedade.

Figura 49 - Thereza de Azevedo Leite em entrevista com o pesquisador Antônio C. S. Dutra



Fonte: Acervo pessoal

## EPÍLOGO

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminho para o final com brilho nos olhos, apesar de todas as dificuldades vividas em nível pessoal durante a construção desta tese. Em meu trabalho para realização do processo de pesquisa e da escrita deste texto, não houve um momento de desprazer, de sofrimento ou de amargura. Não por conta de meu doutorado e minha tese. Hoje, não sinto alívio por terminar; ao contrário, sinto desejo de continuar e, com tudo que armazenei de conhecimento e textos e livros, eu poderia escrever mais 1.000 páginas ainda sobre o tema. Mas é preciso um ponto final. No entanto, confesso que já sinto saudades dessa convivência longa, de cinco anos e meio, em que convivi com o desenho e a concretização deste texto. Sei, também, que algumas questões permanecerão comigo, e devo comunicar que outras novas nasceram de minha relação com o tema de pesquisa. Isso aponta futuro. Isso me faz aspirar por futuro.

Não tenho certeza de que levarei ao público, ao leitor destas cenas, principalmente aquelas relacionadas às seis vozes narradoras apresentadas nesta tese, toda a emoção e as sensibilidades que me reconstruíram ao longo desse período do doutorado, período tão contraditório de minha vida. Cheio de desejo de viver, de aprender e ensinar, desejo de voltar às salas de aula, para ajudar as escolas a encontrarem respostas para as questões antigas e para as novas colocadas pelo momento surreal que vivemos trazidos por tempos de doenças, guerras e ameaças constantes à democracia. E, assim, terminar uma carreira como educador, cheio de orgulho e paixão pelo meu nobre ofício. Mas, vivendo um momento pessoal difícil, que já foi muito pior, ainda permaneço amedrontado com a morte brincando com minha vida em suas mãos. Paradoxalmente, esse medo e esse desconforto não foram suficientes para tirar o brilho dos meus olhos nesse momento em que busco um título acadêmico que, sem modéstia, penso merecer, por toda minha trajetória, meu envolvimento e compromisso com o fazer de uma educação pública de qualidade na cidade de Juiz de Fora. Esse meu envolvimento é conhecido e reconhecido pelos meus

pares e pelo público, que sempre busquei atender com respeito, vivenciando e evidenciando os princípios democráticos, pois foi assim que sempre atuei nos cargos que ocupei, desde a condução de uma sala de aula, tarefa prazerosa e muito nobre, até o posto de Secretário de Cultura da cidade de Juiz de Fora. Sei que isso não confere a ninguém o direito a um título de doutor em Educação; então, para concretizar esse objetivo pessoal, trazendo a minha larga experiência e vivência na prática de trabalho com a Educação, no sentido ampliado, nesta cidade, voltei à Universidade, mais uma vez, buscando respostas. Estudei, pesquisei e produzi este texto com seriedade e prazer de um pesquisador que, hoje, consigo perceber que sou.

Certa vez, ouvi a fala apreensiva de uma menina muito nova, recém-saída da graduação, que seu orientador de mestrado havia lhe dito que “pesquisa é para ser feita com sangue nós olhos, sem “mi mi mi”. Que não se pode nunca esmorecer, há de enfrentar e lutar a cada minuto para encontrar os melhores resultados”.

Considerarei aquilo tão absurdo e insano, tão longe de minhas convicções, crenças e das minhas vivências como estudante, professor e pesquisador que, emudeci... Essa fala me pareceu mais a fala de um treinador incitando um lutador a entrar no ringue e duelar com seu adversário, ou seja, no meu entendimento, esse orientador transforma o tema de pesquisa, daquela jovem mestranda, em seu adversário e, divergindo do que eu penso, não um parceiro com o qual se constrói junto.

Eu, ao contrário, fui sempre amigo de meus temas de pesquisa, sempre os acolhi com abraços afetuosos e cuidei para que entre eles e eu sempre houvesse uma relação cordial e colaborativa. E assim foi.

Esse fato me fez lembrar uma pergunta lançada pela Professora Sonia Miranda, no segundo semestre de 2017, no penúltimo dia de uma disciplina sobre Walter Benjamin que ela ministrou naquele semestre e na qual eu estava matriculado. A pergunta deveria ser respondida, por nós alunos, para a última aula do curso. **“O que significa traduzir o seu objeto de pesquisa em uma tese de doutorado ou uma dissertação de mestrado?”** Pergunta que eu respondi na época da seguinte forma:

Significa que um aspecto do mundo me chamou o olhar.

Significa que eu fui tocado por ele de forma mais significativa do que qualquer outro ser vivente.

Significa que ele ganhou força em mim e adquiriu sentido no meu sentimento de mundo.

Significa que esse assunto faz sentido na minha percepção da necessária transformação do mundo.

Significa que nos tornamos quase amigos, pois ainda brigamos um pouco para que ele se ajuste ao meu olhar e eu me ajuste ao seu jeito de ser tema de interesse.

Acho que significa, então, que, casamos, e vamos nos adaptando um ao outro: eu e o meu tema.

Significa que fui escolhido por seis histórias maravilhosas de um homem e cinco mulheres narradores de suas próprias vidas, com suas lembranças e seus esquecimentos.

Significa que outras histórias, dentro desse escopo, ainda poderão me escolher e, apesar de ainda não as conhecer, sei que conversarão com o meu tema. Afinal, hoje sei que há fortes e potentes histórias prontas para serem descobertas e narradas.

Significa que me inspiro na história apresentada por Walter Benjamin, em seu texto *O Narrador*, a história do rei do antigo Egito enterrado com, entre outros bens, sementes capazes de lhe oferecer sustento ao acordar em uma nova vida em um outro mundo.

As histórias que foram narradas, e as que ainda se apresentarão a mim ou a outro ouvinte atento, sei que se assemelham às sementes de trigo que, durante milhares de anos, ficaram fechadas nas câmaras das pirâmides, conservando até hoje sua força germinativa.

Significa que acredito que, como as sementes, essas histórias fechadas em cápsulas, e aparentemente adormecidas, podem, com muito pouco, revelar todo o seu potencial e apresentar-se ao mundo, não mais como sementes, mas como plantas capazes de florear, florescer e parir novas sementes.

Para Benjamin, a arte do narrador é também a arte de contar, sem a preocupação de ter de explicar tudo; a arte de reservar aos acontecimentos sua força secreta e não encerrá-los numa única versão. (...) o relato do narrador permanece irreduzível a interpretações posteriores, capaz por isso mesmo de provocar surpresa e reflexão

mesmo depois de muitos séculos, semelhantes, diz Benjamin, “às sementes germinativas mantidas no vácuo nas pirâmides, e que até o dia de hoje conservam sua força germinativa (GAGNEBIN, 2018. P.69)

Assim, ao longo de todo o meu curso, ouvi, incorporei e elegi histórias para compor esta tese. Significa que encontrei outra “Senha do Mundo”. Seis narradores me encontraram e eu os encontrei, como na peça teatral de Luigi Pirandello *Seis Personagens à Procura de um Autor*. Feliz coincidência: novamente me encontro, no percurso do doutoramento, com o teatro, interesse de uma vida inteira. Ali, no desenrolar da peça, os personagens imploram para terem suas histórias contadas. No meu caso, eu pedi a ele e a elas que me deixassem contar suas histórias. Que as narrassem para mim. Em movimentos peculiares e habitados de muita beleza, cada narrativa foi apresentada, e eu assumo o papel de transmiti-las ao mundo.

As histórias que já conhecia, dentre as seis, eu as revisei com novas narrativas dos personagens, procurei por outras e encontrei. Assim escolhi as seis que me encantaram mais, cada uma a seu modo. Assumi para essas narrativas o papel de fiel escudeiro, assumi minha pança de Sancho e procurei ser o melhor tradutor para cada uma delas. Elas se tornaram tão pertencentes ao meu universo, que outro narrador, mesmo que quisesse, não me superaria nessa função.

Seguindo, me preparei para escolher as exatas palavras e estabeleci uma relação de parceria com narradores e narrativas e assim construiu-se este longo texto, feito artesanalmente com as escolhas das palavras e cumprindo os combinados estabelecidos com cada um dos narradores. Me preparei para o uso da língua, culta ou da tida como imprecisa, escrevi as histórias de meus narradores com relação à cidade e procurei compreender se havia ali, na força da narrativa, a capacidade de educar. Vaidoso, gosto da forma que ganharam e da forma que vieram morar dentro do meu texto.

Eu me inspirei nas *Teses sobre a História* de Walter Benjamin: várias delas compareceram neste texto, explícita ou implicitamente. Aqui, para olhar para as narrativas, valeu a força da segunda Tese, com recorte para o seguinte fragmento: “**Não existem nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos das vozes emudeceram**”. Nela coloquei muito sentido, atentei para o narrado e

botei e procurei entender os silêncios; quando os escutei, eu os apresentei aqui neste texto, do qual me orgulho e apresento ao público.

Cheguei ao fim! Mesmo que seja um fim temporário.

Meus olhos continuam brilhando. Não! Eles agora faíscam, e tanto, e com tanta intensidade, que seriam facilmente identificáveis mesmo num céu muito estrelado numa noite junina. A pesquisa e a escrita nunca me trouxeram sangue nos olhos, mas sim satisfação e felicidade. Mesmo com todas as adversidades da vida pessoal, fui muito feliz durante esse tempo de doutoramento. Fui feliz e termino feliz. Em mim, por enquanto, a vida vence a batalha. Sem pedância ou arrogância, me autoproclamo um vencedor. Tenho esse direito! Meus olhos ainda brilham, mesmo dentro de um mundo com tanto a ser feito na busca e confirmação de direitos de homens e de mulheres, principalmente os mais vulneráveis. Meus olhos ainda brilham no desejo de colaborar com a necessária transformação do mundo. Meus olhos ainda brilham! Deixem-me ficar.

Iniciei o projeto de doutorado com um equívoco que se estendeu durante certo tempo do curso: a ideia de que havia muito pouco, ou quase nada sobre registros, estudos, publicações que considerassem os homens e as mulheres comuns, os praticantes ordinários, como prefere Certeau, aqueles farrapos que não foram considerados pela História, como se refere Benjamin, aqueles cujas memórias escorrem pelas frestas das gavetas e dos assoalhos, como nos sugere Ecléa Bosi. Além deles, muito outros autores e estudiosos já há muito apontavam novos caminhos e provocavam uma discussão em torno do tema, como, por exemplo, Walter Benjamin, que, a partir de indicações de revisão da História feita por vencedores, e a reescrita de outra, a História dos vencidos deverá ser escrita a contrapelo. Benjamin ainda sugere, ao longo de sua obra, que tudo que é vivido pertence à História. É evidente que seria impossível qualquer narrativa histórica que considerasse os fatos e as relações tecidas ao longo da vida, ou ainda a colaboração dada ao andamento da vida no mundo, por mais de 8 bilhões de pessoas. Isso seria tarefa impossível em todos os sentidos, mas considero não ser isso o que o pensador alemão propõe. A partir da literatura com a qual tive contato durante os procedimentos de pesquisa, para a preparação deste documento escrito final, exigência formal acadêmica para complementação do curso e obtenção do título de doutor em Educação, e da produção de empiria

pelos procedimentos metodológicos da pesquisa desenvolvidos junto aos personagens narradores elencados para compor o conjunto de narrativas deste trabalho, fica uma indicação muito clara de que confirma o equívoco acima referido. Existe muita literatura teórica de suporte, literatura de inspiração e, até mesmo, literatura de ficção, que confirmam a preocupação com uma inclusão dos praticantes ordinários, dos farrapos dos restos e suas vivências em uma narrativa mais ampliada e diferenciada da História.

Colecionei, durante o período de pesquisa, mais de 60 obras dessa direção. E, por esse motivo, também fui percebendo que a minha primeira pergunta, de uma série de outras ao redor do tema, já parecia respondida: As narrativas dos personagens não considerados pela a História oficial têm a capacidade de educar? Encontrei, inclusive, a resposta amplamente respondida em uma obra coordenada pela minha orientadora neste trabalho. O livro *A Cidade para Professores*, por meio dos vários artigos que o compõem, explicita o quanto as narrativas são educadoras. (MIRANDA, MEDEIROS e ALMEIDA, 2016)

Embora essa questão pareça superada e já suficientemente respondida, por sugestão da Professora Marizete Lucini – membro das bancas de qualificação e defesa da tese em questão – volto àquela pergunta inicial: Narrativas educam? Ouço sua proposição como uma forma de provocar-me a reforçar a resposta já admitida como certa por um grande grupo de profissionais e pesquisadores do campo da História, do Ensino de História e algumas outras áreas das Ciências Sociais.

Existe um grande volume de produções – em nível local, ou melhor dizendo, nesta e em muitas outras cidades ou comunidades – com base em registros escritos, filmicos, fotográficos, dentre outras linguagens, focadas nas vivências dos homens e mulheres comuns, publicações e pesquisas com foco na história dos “praticantes ordinários”, uma história marginal à grande narrativa histórica hegemônica, à narrativa tida como a dos vencedores. Do conjunto acima referenciado, gostaria de destacar uma obra: *Urbe*, filme do cineasta Marcos Pimentel. Nessa narrativa fílmica, o autor persegue, por dias, um cachorro vira-latas pelas ruas de Juiz de Fora. Assim, é possível perceber rachaduras, deteriorações, o chão da cidade, os homens espalhados pelo chão

da cidade, o mato no canto, o lodo na fresta. Ali, naquela narrativa de perseguição de um cachorro, aparece uma cidade jamais olhada. Não assim. Podemos perceber, por acaso, um desses detalhes. Mas, nesse conjunto de sinais de declínio, ele fala muito de nós humanos, dos pisos que sustentam nossos andares e de como tratamos os espaços coletivos, sejam eles públicos ou privados, da cidade que nos abriga.

A fala que se segue é mais que óbvia, mas sinto-me na obrigação de reforçar que o espaço de pesquisa é um espaço de aprendizado. Não posso falar de outras pesquisas, posso falar desta: *A cidade em atos de Memória*. Esse foi um espaço e temporalidades de múltiplos aprendizados. Aprendi muito. Aprendi com meus professores, aprendi lendo afamadíssimos teóricos, escritores e poetas, homens e mulheres que produziram conhecimento por toda a vida. Mas aprendi com os meus narradores e aqui quero realçar que aprendi muito com dona Geralda Caetano da Silva. A lavadeira que trabalhou 65 anos de sua vida de quase 90 anos, e as leis deste país não garantiram a ela uma aposentadoria de sobrevivência mínima. Aprendi o quanto isso está errado e o quanto revela sobre as grandes iniquidades desse país.

Mas aprendi também com seu modo peculiar de vida. Aprendi com sua sabedoria analfabeta, considerando a norma culta, mas impregnada de tantos outros saberes. Parafraseando o poeta Ferreira Goulart – “somos homens e mulheres comuns feitos de carne osso e esquecimentos” –, nossa vida pulsa em corpos, mas pode subitamente cessar. Nesse momento, não haverá pertencentes da história dos vencedores ou dos vencidos; haverá só um corpo que jaz, que tomba, que cai. Geralda me lembrou um aprendizado adormecido: direitos são para serem vividos. E ela, menina moça, ainda moradora da cidade de Mercês, clamou pelos seus. Num ato de retroalimentação entre aprender e ensinar. E, ao me lembrar daquela mulher, negra, pobre, lavadeira, mas se sentindo realizada na vida, não posso perder a chance de dizer: como é linda a sua narrativa.

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e Social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas essas atividades humanas. (...) o impossível seria, também estar sendo um ser assim, em procura, sem que, na própria e necessária procura, não se tivesse inserido o processo de

refazer o mundo, de dizer o mundo, de conhecer, de ensinar o aprendido e aprender o ensinado, refazendo o aprendido e melhorando o ensinar. Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo na medida que transformávamos, em que reinventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. Sujeitos de uma prática que se veio tornando política, gnosiológica, estética e ética.(FREIRE, 2001. P. 24 e 25)

Assim pesquisei e aprendi: sim, narrativas educam! Minha pesquisa e meu texto confirmam aquilo que já se encontrava respondido. A força da narrativa permite aos sujeitos de múltiplos tempos ver e capturar a humanidade essencial do outro que se coloca como narrador diante de nós, independentemente da faixa temporal a que o leitor ou receptor da narrativa vier a pertencer. Assim, com essa camada quanto à certeza da imortalidade inerente à narrativa entendo que essa pergunta acompanhada de sua resposta afirmativa é uma oportunidade que não deveria ser perdida para o fortalecimento desta conclusão. O abandono da resposta a essa pergunta seria a perda da oportunidade de confirmação dessa indagação: que o meu texto deixa claras e evidentes minha compreensão e minha confirmação de que, de fato, narrativas educam. Afinal, embora respondida e aceita por um grupo de estudiosos, essa não é, ainda, uma questão consensuada. E se torna necessário reafirmá-la a cada oportunidade. Principalmente para aqueles que aceitam a provocação de Benjamin quanto à (re)escrita da história a contrapelo.

Após cinco anos e meio de trabalho e estudo, com base na empiria produzida e as ideias dos autores dos quais me apropriei para construir novos caminhos teóricos, quanto à resposta à pergunta: narrativas educam? Minha posição é firme e inequívoca: sim! Narrativas educam!

O ato de voltar a essa pergunta me faz pensar em tantas outras questões que ficaram no caminho percorrido pelos procedimentos de pesquisa, mas que não foram inócuas nesta construção textual. É imprescindível voltar à questão adotada como a pergunta estabelecida como eixo desse processo de pesquisa, construída a partir da aglutinação de perguntas e questões que me despertavam o olhar e o interesse em torno da força e da importância das narrativas dos “praticantes ordinários” com relação à cidade.

Voltar às perguntas iniciais e refazer os trilhos até o delineamento da pergunta de pesquisa. Uma vez que a primeira pergunta – As narrativas são

capazes de educar? – embora pareça resolvida à primeira vista, ela reaparece no encaminhamento do trabalho como algo que precisa continuar sendo investigado não só para o convencimento dos céticos, como para ampliação da base argumentativa daqueles que já caminham nessa direção.

Quando, no início do trabalho, essa pergunta pareceu banal e de tudo resolvida na conversa entre os autores que são trazidos a este trabalho, bem como no processo de pesquisa realizado por meio de entrevistas e da leitura de materiais encontrados sobre os nossos personagens, ela parece ainda não estar satisfatoriamente respondida e tudo indica que precisamos continuar ampliando e aprimorando o conjunto de respostas que já se apresentam a essa pergunta. É necessário falar que aqui não estamos nos referindo única e exclusivamente ao ensino de História, ou educação no âmbito escolar; estamos falando da Educação no sentido mais amplo, aquela que se dá nos limites das escolas, mas aquela também que acontece de forma espontânea em outros espaços públicos e privados. A cidade aqui aparece, com força, como espaço potente, ou melhor espaços potentes para um contínuo processo educativo, uma vez que, a essa altura, já é possível afirmar que a cidade é múltipla, não una. Possui várias peles e não uma única e está preta de múltiplas possibilidades educativas, para espaço de todas as idades. Os espaços da cidade reverberam infinitos sons e não só aqueles gerados pelos pianos da cerca muriliana, e, principalmente, faz interagir um sem número de temporalidades, confirmando, aqui, o conceito de palimpsesto urbano, apresentado por Sandra Pesavento.

Ao encerrar essa trajetória de andarilhagens investigativas, é possível evidenciar, para os leitores desta tese, que, desde cedo, portanto, dois elementos que se inter cruzam como objeto de pesquisa foram se despontando na relação com minha própria experiência: a cidade e a força das narrativas. Uma questão de fundo, portanto, foi se dispendo vida afora e, para esse contexto, se converte em uma pergunta investigativa central que pode ser expressa em minhas inquietações:

**Como o vivido e as práticas cotidianas de diferentes “fisionomistas”/“praticantes ordinários” da cidade se inserem e se relacionam com a cidade e sua memória? Como a cidade comparece nas**

### **narrativas e de que modo tais narrativas ganham força para educar a própria cidade?**

Dito em outras palavras, isso implica investigar as relações entre Memória e Cidade e vislumbrar a potência narrativa e educadora que se abre em direção a outras memórias possíveis. É provável que a cidade se revele de maneira plural e polifônica em momento de escuta e olhar de atenção, mas os sentidos dados por homens e mulheres idosos às memórias de suas relações com e na cidade foi a mola propulsora para essa pesquisa. Principal questão investigada. Afinal, não será a narrativa – seja ela ficcional ou histórica – um exercício em busca da imortalidade do homem comum? Afinal, os autores de sustentação desta tese e outros que compareceram em citações, mesmo que em menor volume, são unânimes ao considerar que novas narrativas devem ser consideradas na reescrita de uma nova história. Como podemos observar abaixo:

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escodem atrás dos episódios. A literatura conhecia já esta prática pelo menos desde o romantismo: Victor Hugo faz surgir Notre Dame de Paris num quadro popular medieval que a história oficial havia desprezado. (BOSI, 2003 a. p. 15)

Portanto, voltar o olhar para as pessoas e as coisas do presente, para a vida comum e sua diferenciação indefinida. Reencontrar “o gosto da germinação anônima inominável” e tudo o que constitui o vivo do sujeito. Ver o gelo frágil dos hábitos, o solo movediço dos partidos tomados onde se incisam circulações sociais e costumeiras, onde se descobrem atalhos. Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modernos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito; invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las; biscates sujeitos ao peso dos constrangimentos econômicos, inscritos na rede das determinações concretas. (CERTEAU; GIARD, MAYOL. 2013. P. 217)

A citação de Benjamin que segue soma-se aos demais autores na consideração da inclusão de novas narrativas para uma nova história. E revela que, na época em que pesquisava e escrevia, nos idos dos anos de 1930 e início

dos anos de 1940, Walter Benjamin já observava que existiam estudiosos e cientistas interessados nos registros da vida dos “praticantes ordinários”

Até agora foi publicada uma seleção de 60 reproduções, que oferecem uma inesgotável matéria para observação. “Sander parte do camponês, do homem ligado à terra, conduz o observador por todas as camadas e profissões, desde os representantes da mais alta civilização até os idiotas.”

(BENJAMIN, 1987g. p. 103)

A tarefa do historiador materialista será, para Benjamin, saber ler e escrever uma outra história, uma espécie de anti-história, uma história a “contrapelo”, como diz, ou ainda a história da barbárie, sobre a qual se impõe a da cultura triunfante (...) Ora, os dominantes do momento são os herdeiros de todos aqueles que venceram. Portanto, a identificação afetiva com o vencedor beneficia sempre e respectivamente os dominantes do momento. Isso diz o bastante (...) escrever a história dos vencidos exige a aquisição de uma memória que não consta nos livros de história oficial. É por esse motivo que a filosofia da história de Benjamin inclui uma teoria da memória e da experiência, no sentido forte do termo (em alemão, *Erfahrung*), em oposição à experiência vivida *individualmente* (*Erlebnis*) (GAGNEBIN, 2018. P. 66 e 67)

Paulo Freire nos apresenta uma colaboração que, embora um tanto radical, me parece estar diretamente ligada às citações acima referenciadas. Com isso, com a colaboração de mais um grande autor, vamos reforçando as respostas às perguntas de pesquisa.

Às vezes, sinto um certo descompasso em certas cidades entre a quantidade de marcos que falam ou que proclamam envaidecidamente feitos de guerra e os que falam de paz, da doçura do viver. Não que esteja defendendo a ocultação de fatos belicosos que escondem ou explicitam malvadezas, perversidades incríveis de que temos sido capazes nos descompassos de nossa história. Mostrá-los às gerações mais jovens é também tarefa educativa das cidades. Mas mostrá-los nem sempre como quem deles se orgulha. (FREIRE, 2001. P. 30)

Desejo, neste espaço de escrita das considerações finais, falar que considero minha tese bonita, poética, mas, no apontamento de caminhos futuros, quero falar de memórias “dolorosas”, “feias”, afinal, nem todo homem e toda mulher conseguem ser felizes um dia; nem todo ser humano consegue realizar desejos, ter o mínimo de bens e gêneros materiais para ter uma vida minimamente digna. Essas vidas também pertencem ao vivido no mundo e, por indicação de Benjamin, devem fazer parte da História.

Se tudo que é vivido pertence à História, como nos diz Benjamin, e eu já me aproprio dessa fala assertiva – ela é um dos motivos por meu encantamento por Walter Benjamin –, mas o que pode parecer ingenuidade e imaturidade

teórica diz muito mais. Essa indicação que usei algumas vezes neste e em outros textos carrega consigo toda uma teoria, aqui agregada.

Voltando ao carnaval, ao qual tanto me referi nas primeiras seções deste documento. “Tudo que é vivo pertence à História” pode ser compreendido como um carro abre-alas, no desfile de todo um pensamento defendido por Benjamin e por mim incorporado. Nesse enredo está também amplamente defendida a “imperativa necessidade de revisão da História.”

Desejo, assim, se a vida permitir, pesquisar a memória em alguns segmentos da sociedade – os cidadãos privados de liberdade, os cidadãos em situação de rua, prostitutas, em espaços de doentes isolados, hospitais e/ou casas de tratamento psiquiátrico, favelados e outros e outros.

Olhei para uma pele da cidade e um certo grupo de cidadãos, que não se restringe apenas às seis vozes aqui apresentadas.

Nesses cinco anos e meio pelos quais se alongou (além dos quatro inicialmente previstos) a realização do curso de doutorado e desta escrita autoral com a colaboração do pensamento de uma gama enorme de pessoas – desde o principal intelectual de sustentação teórica até aquele idoso que vi na rua, o olhei, senti vontade de saber de sua história - consegui redefinir e reafirmar em mim mesmo o peso das imagens e palavras que enredam uma vida e, conseqüentemente, a força e potência que as mesmas podem desempenhar em um trabalho educativo, seja ele em espaços escolares ou não escolares.

Walter Benjamin, em *Infância em Berlim*, por volta de 1930, nos diz que, para os garotos de sua classe social e de sua idade, os pobres existiam como exóticos mendigos que completavam o cenário urbano. Fica no ar, em meu entendimento, que Benjamin sugere que são como personagens, figuras ficcionais de literatura. Só muito mais tarde soube da existência de bairros inteiros de pobres e miseráveis, na mesma Berlim em que ele e seus pares desfrutavam do fausto. Apartados de várias formas e mecanismos, coabitavam, na sua cidade, milhares de pessoas em situações de miserabilidade e ele ignorava totalmente esse modo de viver.

Embora vivamos a era da explosão da comunicação, ainda de forma geral ignoramos muitas formas de viver, muitas formas subterrâneas de sobreviver. Nosso olhar também é, muitas vezes, equivocado e ignorante. Ainda que não

saiba explicar como, talvez por mero acaso, mas me recusando a incorporar a indicação piegas que “o universo conspira por você”, conhecida por mim em um dos dois livros que li de Paulo Coelho, mas que a distância atemporal me impede de afirmar ser de sua autoria, tem servido para explicar o surpreendente positivo na vida das pessoas. Fato é que, durante esses cinco anos e meio de curso e pesquisa, busquei muita literatura sobre memória, modos de vida, lugares de viver e cidade. No entanto, muita coisa veio parar em minhas mãos, chegou a mim inexplicavelmente. Muita coisa: entre 30 e 40 livros, reportagens, pistas apareciam como que por uma estranha vontade própria. Claro que aqui estou falando de objetos e assuntos diretamente ligados ao meu tema de pesquisa.

Como disse, tomei conhecimento de muitas obras relacionadas com o ato de trazer à tona a história dos vencidos, li muitas narrativas de velhos, entre um teórico e outro acabei por ler o livro biográfico de uma grande atriz, Fernanda Montenegro – *Prólogo, ato e epílogo; memórias* – editado pela Companhia das Letras em 2019. Li também *Quarto de Despejo*, transformado em livro a partir dos escritos de Carolina Maria de Jesus em cadernos achados no lixo. E, como sabido, muita Cora Coralina. Trazer esse trio de mulheres juntas parece caduquice. Mas elas se encontram nas narrativas da cidade. Durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek, Fernanda nem sonhava em ser a grande dama do teatro nacional, e, naquele momento, narra em seu texto que sobrevivia peregrinando entre Rio de Janeiro e São Paulo, morando em pensões fétidas e comendo, quando isso era possível, o que era permitido a ela e ao marido com os tostões miseráveis que conseguiam angariar entre uma apresentação e outra. Carolina Maria de Jesus conduzia sua existência subterrânea sobrevivendo, mal, na favela e vivendo dos restos de comidas e objetos que catava na rua. As duas narram fatos relacionados a esse governo que nunca frequentaram os livros didáticos de História. Contam, em narrativas muito parecidas, construídas com palavras muito diferentes, que foi um dos piores períodos para se viver no Brasil. O sonho de Juscelino de construir Brasília quase levou o país à bancarrota. Narram que era quase impossível sobreviver. Carolina diz que foi naquela ocasião que viu o maior preço do feijão de sua vida: “impossível comprar”. As duas não demonstraram guardar nem muito respeito nem muita admiração por aquele presidente.

Já Cora, vivendo em Goiás Velho, adorava JK. Uma vez que a fundação de Brasília ressuscitou a cidade de Goiás que vivia um período de declarada decadência após a transferência da capital do estado para Goiânia, sua cidade do coração renasceu com o turismo com a nova capital do país.

Essas três narrativas, mesmo com posições diferenciadas, podem, muito bem, fazer o papel de escova, na função de escrever a História a contrapelo e fazer uma revolução naquilo que é ensinado.

Trago, em seguida, uma citação Paulo Freire com toda a sua eloquência e ampliada capacidade argumentativa ao versar sobre Educação. Aqui, o mestre nos fala de cidades educativas e reforça, com brilho e competência, as questões que buscamos responder desde o início do processo de pesquisa e, posteriormente, a escrita da tese.

Por isso que é importante a afirmar que não basta reconhecer que a cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou nosso desejo. A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo um selo de um certo tempo, o estilo, o gosto somos nós e nós somos a cidade certa época. A cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A cidade. (FREIRE, 2001, p. 28)

As narrativas educam! O espaço da cidade, os nossos personagens de vidas longevas nos provaram, por suas narrativas de vida, que a cidade, seu espaço e seu contexto estão incluídos em seus viveres e que existe uma mútua afetação nesse relacionamento: cidade e seus fisionomistas; os fisionomistas em suas cidades. Eles nos apresentam novos desenhos, novas lentes, novas formas de compreensão da cidade. Assim, a narrativa de meus seis idosos eleitos podem, sim, como a de qualquer outro cidadão dos múltiplos espaços da cidade, trazer contribuições a uma história que, inspirado em Benjamin defendo, está aberta. Como Jeanne Marie Gagnebin reafirma na página 69 do livro *Walter Benjamin: os cacos da história*: “Esse conceito enfático de experiência permite, assim, a escritura de uma anti-história, porque, ao invés de encerrar o passado numa interpretação definitiva, reafirma a abertura de seu sentido, seu caráter inacabado”.

Como ponto final, opto em trazer uma pequena crônica escrita por uma pessoa que viveu a vida inteira na cidade de Pequeri. Sua vida já teve fim. Ela se foi, mas parte de sua história sobreviveu. Foi recolhida e publicada. Durante seu viver, o seu corpo se transformou, assim como se transformou o aspecto da cidade. Para ambos vale a citação de Benjamin:

As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa. (BENJAMIN, 1997 b) p. 46)

Ao longo da vida, as cidades e as pessoas se modificam, ganham camadas, estruturas são demolidas, ficamos diferentes. O espaço da cidade, como diz Sandra Pesavento, é o resultado de processos de apagamentos, crescimentos, construções, evoluções e destruições, naquilo que a autora chama de palimpsesto urbano. Quanto a nós, seres humanos vivos, ganhamos e perdemos camadas, alicerces e paredes, a pele, como as da cidade, ganha novos aspectos todos os dias. Somos, então, também palimpsestos humanos, resultado das escritas que nós e a vida nos fazemos ao longo do tempo do viver.

Volto, então, ao ponto final anunciado: a singela história de Dona Maria José Ramos Custódio, a moradora de Pequeri. Eu que, um dia, desejei realizar um projeto de pesquisa sobre narrativas de velhos com relação à memória da cidade, concluo esta tese com uma pequena narrativa, de um ser vivo muito simples, que terminou seus dias com marcas e rugas no rosto, pois a menina de nove anos que aparece na crônica teve uma vida longa e morreu bem idosa. Sua história, aos meus olhos, é cheia de simplicidade e beleza.

*“Quero contar um pouco de minha infância, aos nove anos de idade meu pai me chamou e disse assim: “Zezé, eu gosto muito de você, por isso eu quero que preste atenção no que vou te falar. Eu não gostava, e até hoje eu não tomo banho frio, só quente. Mas minha mãe as vezes me obrigava a tomar banho frio isso quando não tinha lenha. Como eu sabia que meu avô era meu amigo, eu sempre reclamava com ele”.*

*“Então ele pegava espiga de milho, debulhava e com o sabugo ele acendia o fogo para esquentar minha água. Foi quando ele me chamou e falou assim: “vem comigo aqui no quintal que eu vou te dar um presente”, e eu disse: “O que o senhor vai me dar? O senhor não tem nada, nós somos pobres.”*

*“Ele respondeu: “Está vendo esta planta, vou plantá-la, ela vai crescer e dará lenha para esquentar sua água”. Hoje a árvore cresceu, ficou enorme, e eu mudei de casa, mas a árvore continua lá na rua do triângulo. Eu fico muito feliz de contar esse fato porque tenho uma sobrinha que mora em frente a esta árvore, e quando eu vou visitá-la posso pegar folhas que caem em sua varanda.”*

*“Hoje meu pai já é falecido, e me lembro desta história vendo aquela enorme árvore que continua crescendo e dando lenha e sombra para outras pessoas, incluindo meus netos e bisnetos; para serem felizes como eu fui.”*

Essa história se deu no espaço de uma cidade muito simpática, agradável e acolhedora: Pequeri tem ares especiais.

Uma menina, um pai, um avô... a menina... e uma árvore destinada a oferecer lenha para esquentar água para o desejo de tão pequeno conforto: um banho quente. A menina virou moça, casou, teve filhos, netos e bisnetos. A família se transforma, muda-se durante o correr da vida para vários lugares na cidade. A árvore não está mais no quintal de Zezé. Ao que tudo indica, hoje, está localizada em um logradouro público. É um monumento um bem público, mas é dá Zezé: ela que empresta sua árvore para a cidade e permite que retire lenha e desfrutem do frescor de sua sombra. Aquele presente, que foi tão bem recebido, hoje é um marco de uma família toda e para alguns habitantes da cidade. A narrativa de Zezé emprestou beleza à história da árvore. Ela recolheu folhas que caíam de sua árvore até os seus últimos dias de vida.

Agora, deixo uma pergunta: Não está tudo aqui? Praticantes ordinários da cidade, uma narrativa muito simples e linda, marcos temporais no espaço da cidade, a força educativa da narrativa com relação ao espaço da cidade. E temos uma a mais confirmando que as narrativas têm o poder de educar usando o *locus* ampliado da cidade, com todas as suas peculiaridades, para cumprir essa função. Julgo que a missão está cumprida.

Terminada a escrita deste texto, deixo, abaixo, para o leitor, um apêndice de leitura optativa, uma dádiva que me foi apresentada no percurso desse trabalho - e seus contratempos – pelo professor Anderson Ferrari.

## Apêndice

Dizem os mestres da língua portuguesa que uma das características de um bom texto é quando aproximando-se do fim o autor volta à sua ideia inicial. Este texto não possui um fim pontual. Sugestionado por Benjamin e por sua perspectiva de que a narrativa histórica está sempre aberta, como disse acima, este texto, esta tese e suas temporárias conclusões, também estão, convictamente, abertos.

Existe, aqui, a possibilidade de variados finais, e, portanto, existem, também, variados princípios (palavra usada aqui com consciência de seu duplo sentido) em função do diálogo invisível e intangível com os leitores do tempo presente e futuro. Falou-se de morte e vida, tanto no sentido contingencial da vida dos narradores possuidores de muitos anos de vida, quanto em relação ao meu próprio viver, como pesquisador e autor e a passagem por esse limiar que, ao mesmo tempo em que me inspira à volta a uma vida de saúde, me amedronta com a senhora morte, segurando sua foice, indo e voltando em intervalos diferenciados, por vezes longos, fazendo-me acreditar que se foi, mas ela estava e está só escondida nas brechas, nos relevos presentes nesse lugar de passagem, nesse limiar entre a vida e a morte. A vida um dia se esvai, é fato, mas parece nunca estarmos prontos para esse ato final em nossas vidas, para esse epílogo.

Mas, falou-se da beleza da vida, das sensibilidades do vivido e tudo isso permeado por muita poesia. Assim, encontrando um pouco de tudo isso no texto que apresento abaixo, com o qual o Professor Anderson Ferrari me presenteou com uma bela e inspirada leitura dessa peça literária, ao finalizar seu parecer em minha banca de qualificação. Essa poesia, sem formato de poema, entra para minha coleção de escritos preferidos, me apropriado dele. Ele é meu! Não exclusivamente meu, mas meu também. Assim, generosamente, pelo menos com essa intenção, presenteio o leitor – que teve respeito, interesse e paciência de me acompanhar ao longo deste grande conjunto de páginas – com esse belo coletivo de palavras que somente um poeta pode arranjar de tal forma.

Quando despedir-me da vida, em breve, ou bem velhinho, se puder escolher, gostaria partir com a beleza do voo desses pardais de partida em busca de caminhos e novas experiências.

## **O ENCANTA PARDAIS VOADOR**

As primeiras chuvas de Outono escorraçaram o Verão, molharam o meu corpo de feno e o meu coração invisível tremeu.

Comecei então a entender como é breve a vida dos espantalhos. Dura apenas o tempo de estação e meia, depois morre sob a chuva, varado pela indiferença do agricultor.

Nunca pensei que comigo fosse assim. Imaginei que, como tinha cumprido tão bem a minha missão de não permitir que os pardais – as aves da região – destruíssem as frutas do pomar e os legumes da horta, me concedessem o merecido repouso num canto do armazém.

Tinha acreditado que a menina Rita, a neta do Homem Velho, que tantas horas passara à minha sombra e que tanto fez sofrer de paixão o meu coração desfiado, havia de querer recolher-me para continuar a segredar-me os seus medos.

Mas o que aconteceu foi que a terra à minha volta se encharcou de ervas daninhas, regos e carreiros fundos, de postes para a vinha, e houve mesmo algumas aluviões.

Eu continuei onde sempre tinha estado desde o início da Primavera.

A chuva foi enfraquecendo o meu corpo vegetal, a minha pele de pano foi-se destecendo lentamente, os meus olhos começaram a guardar as gotas da chuva para as chorar, o chapéu rompeu-se e deixou de aparar as violências do tempo como os trovões e o granizo.

Muitos pardais, aqueles que não eram migratórios, mas vagabundos e sem nenhuma paixão pelo calor, ficaram pelo campo. E eu que sempre os procurara afugentar, como era minha missão, comecei a desejar silenciosamente que se aproximassem de mim, sem receio da minha quietude e do meu miserável aspecto.

Um dia, houve um pardal que julgou encontrar junto dos meus pés de pau algumas sementes de trigo que tinham caído do meu peito de palha.

Quando o vi tão perto, estremecei, não sei se por medo se de alegria. Certo é que a agitação que senti nas entranhas fez cair mais um bom bocado de sementes de trigo de que era feito o meu corpo.

Outros pardais se acercaram misteriosamente. Tornei a estremecer e nova poeirada de sementes me caiu do peito. Aproximou-se então um largo bando de pardais. Alguns poisaram nas abas do meu chapéu quase desfeito. Outros encarrapitaram-se ao longo dos meus braços estendidos. Um, entrou pelo buraco da camisa bem no centro do peito e debicou devagar o meu coração invisível.

Nesse momento senti quanta alegria tinha desperdiçado durante o Verão ao espantar os pardais.

Alguns dias depois, na abundância da chuva, eram muitos os pardais que procuravam, não sementes, que já se tinham acabado, mas abrigo, e, julgo eu, algo mais que nunca o meu ser de espantalho poderá determinar. Certo é que eu, que entretanto me havia resignado à sorte de morrer de podridão, acabei por encher de vida o meu ser pequeno e me povoar de pardais. O meu corpo deixou de ser de feno e pano para se tornar um corpo de asas e penas e chilreios.

Quando a Primavera rompeu de mansinho por entre as mãos do Inverno, o Homem Velho regressou ao campo, disposto a amanhar a terra e a preparar novas colheitas. Nessa altura, senti que era o meu fim porque estava velho e gasto e, sobretudo, porque a missão para a qual tinha sido feito se esfumara: em vez de espantar pardais eu era agora um encanta pardais.

Certa tarde mansa, vi que o Homem Velho se aproximou de mim com um machado nas mãos. Era certamente para me derrubar e estilhaçar. O meu coração estremeceu de medo. Quando o agricultor ergueu o machado, eis que senti os meus pés de pau desprenderem-se do chão e todo o meu corpo elevar-se num voo imenso de pardais.

E assim mudei o meu modo de ser e viver!

Quando virem uma mancha negra de pardais, em bando, a aterrorizar todos os Homens Velhos da terra, saibam que sou eu, o Encanta Pardais voador.

O Encanta pardais voador. João Manuel Ribeiro

## ANEXOS

## ANEXO 1- Termos de consentimento livre e esclarecido



## DOCUMENTO DE ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PROCEDIMENTO DE PESQUISA . . .

eu, TEREZA DO AZEVEDO LEITE  
 Carteira de Identidade nº M-6652.080, natural de  
Rio de Janeiro, UF RJ, autorizo a  
 utilização das falas e relatos revelados nas entrevistas concedidas a Antônio Carlos  
 Siqueira Dutra, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da  
 Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Declaro-me ciente que o pesquisador Antônio C. S. Dutra desenvolve pesquisa sobre  
 narrativas de pessoas longevas com relação às cidades e suas mútuas afetações,  
 bem como sabeedor de que os estudos da citada pesquisa objetivam jogar luz nas  
 histórias de vida e narrativas pessoais das personagens entrevistadas, suas  
 atuações e usos das cidades em que viveram e vivem e a relação com os  
 acontecimentos escolhidos na edição da grande história.

Aceito formalmente o convite de ser uma das pessoas participantes na pesquisa  
 desenvolvida pelo pesquisador Antônio C. S. Dutra, sob a orientação da Professora  
 Doutora Sonia Regina Miranda PPGE/ Faced/ UFJF.

Autorizo a utilização de meu nome e dos relatos por mim fornecidos durante as  
 entrevistas, autorizo o uso das manifestações orais e escritas, bem como imagens

e documentos que porventura tenham sido por mim cedidos voluntariamente com o objetivo de auxiliar o andamento da pesquisa.

Como explicitado acima, a exposição de meus depoimentos, imagens e documentos ou outros elementos a mim relacionados só poderá ser utilizada para fins acadêmicos tais como escrita, apresentação e divulgação da tese produzida como uma das etapas obrigatórias do processo de doutoramento: apresentação em simpósios, seminários e colóquios acadêmicos relacionados ao tema de estudo e ao campo de conhecimento no qual se insere a pesquisa; publicação integral da tese ou fracionada em artigos acadêmicos em livros, revistas, anais e coletâneas destinados ao público acadêmico e interessados em estudos relacionados ao tema da pesquisa.

Assim por concordar com os termos e acordos acima estabelecidos, assino e dou fé a este documento.

Theressa de Aguiar Leite

feiz de Loure, 10 de dezembro de 2021



## DOCUMENTO DE ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PROCEDIMENTO DE PESQUISA

Eu, LEILA MARIA FONSECA BARBOSA,  
Carteira de Identidade nº M3097884-SSPMG, natural de  
JUIZ DE FORA, UF MG, autorizo a  
utilização das falas e relatos revelados nas entrevistas concedidas a Antônio  
Carlos Siqueira Dutra, doutorando do Programa de Pós Graduação em  
Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Declaro-me ciente que o pesquisador Antônio C. S. Dutra desenvolve pesquisa  
sobre narrativas de pessoas longevas com relação às cidades e suas mútuas  
afetações, bem como sabedora de que os estudos da citada pesquisa objetivam  
jogar luz nas histórias de vida e narrativas pessoais das personagens  
entrevistadas, suas atuações e usos das cidades em que viveram e vivem e a  
relação com os acontecimentos escolhidos na edição da grande história.

Aceito formalmente o convite de ser uma das pessoas participantes da pesquisa  
desenvolvida pelo pesquisador Antônio C. S. Dutra, sob a orientação da  
Professora Doutora Sonia Regina Miranda PPGE/ Faced/ UFJF.

Autorizo a apresentação de meu nome e dos relatos por mim realizados durante  
as entrevistas, autorizo o uso das manifestações orais e escritas, bem como

imagens e documentos que porventura tenham sido por mim cedidos voluntariamente com o objetivo de auxiliar o andamento da pesquisa.

Como explicitado acima, a exposição de meus depoimentos, imagens e documentos ou outros elementos a mim relacionados só poderá ser utilizada para fins acadêmicos tais como escrita, apresentação e divulgação da tese produzida como uma das etapas obrigatórias do processo de doutoramento; apresentação em simpósios, seminários e colóquios acadêmicos relacionados ao tema de estudo e ao campo de conhecido no qual se insere a pesquisa; publicação integral da tese ou fracionada em artigos acadêmicos em livros, revistas, anais e coletâneas destinados ao público acadêmico e interessados em estudos relacionados ao tema da pesquisa.

Assim por concordar com os termos e acordos acima estabelecidos, assino e dou fé a este documento.

Keila Maria Sousa Boudosa

## DOCUMENTO DE ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PROCEDIMENTO DE PESQUISA

Eu, Geralda Caetano da Silva,  
Carteira de Identidade nº MG. 11.709.865, natural de  
Merces, UF MG, autorizo a  
utilização das falas e relatos revelados nas entrevistas concedidas a Antônio Carlos  
Siqueira Dutra, doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da  
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Declaro-me ciente que o pesquisador Antônio C. S. Dutra desenvolve pesquisa  
sobre narrativas de pessoas longevas com relação às cidades e suas mútuas  
afetações, bem como sabedora de que os estudos da citada pesquisa objetivam  
jogar luz nas histórias de vida e narrativas pessoais das personagens  
entrevistadas, suas atuações e usos das cidades em que viveram e vivem e a  
relação com os acontecimentos escolhidos na edição da grande história.

Aceito formalmente o convite de ser uma das pessoas participantes da pesquisa  
desenvolvida pelo pesquisador Antônio C. S. Dutra, sob a orientação da Professora  
Doutora Sonia Regina Miranda PPGE/ Faced/ UFJF.

Autorizo a apresentação de meu nome e dos relatos por mim realizados durante as  
entrevistas, autorizo o uso das manifestações orais e escritas, bem como imagens

e documentos que porventura tenham sido por mim cedidos voluntariamente com o objetivo de auxiliar o andamento da pesquisa.

Como explicitado acima, a exposição de meus depoimentos, imagens e documentos ou outros elementos a mim relacionados só poderá ser utilizada para fins acadêmicos tais como escrita, apresentação e divulgação da tese produzida como uma das etapas obrigatórias do processo de doutoramento; apresentação em simpósios, seminários e colóquios acadêmicos relacionados ao tema de estudo e ao campo de conhecido no qual se insere a pesquisa; publicação integral da tese ou fracionada em artigos acadêmicos em livros, revistas, anais e coletâneas destinados ao público acadêmico e interessados em estudos relacionados ao tema da pesquisa.

Assim por concordar com os termos e acordos acima estabelecidos, assino e dou fé a este documento.

Agostinho Costa da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA  
 CONTRATANTE: MUNIR RAHME

## DOCUMENTO DE ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PROCEDIMENTO DE PESQUISA

CONTRATADA: P/ SERRALHERIA ELOIM – TEODORO BRAGA

Eu, Eloimira Haddad Rahme,  
 Carteira de Identidade nº M-1.066.793, natural de  
Siria - Natanzizade, UF \_\_\_\_\_, autorizo a  
 utilização das falas e relatos revelados nas entrevistas concedidas a Antônio Carlos  
 Siqueira Dutra, doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da  
 TESTEMUNHAS:  
 Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Declaro-me ciente que o pesquisador Antônio C. S. Dutra desenvolve pesquisa sobre narrativas de pessoas longevas com relação às cidades e suas mútuas afetações, bem como sabedora de que os estudos da citada pesquisa objetivam jogar luz nas histórias de vida e narrativas pessoais das personagens entrevistadas, suas atuações e usos das cidades em que viveram e vivem e a relação com os acontecimentos escolhidos na edição da grande história.

Aceito formalmente o convite de ser uma das pessoas participantes da pesquisa desenvolvida pelo pesquisador Antônio C. S. Dutra, sob a orientação da Professora Doutora Sonia Regina Miranda PPGE/ Faced/ UFJF.

Autorizo a apresentação de meu nome e dos relatos por mim realizados durante as entrevistas, autorizo o uso das manifestações orais e escritas, bem como imagens

e documentos que porventura tenham sido por mim cedidos voluntariamente com o objetivo de auxiliar o andamento da pesquisa.

Como explicitado acima, a exposição de meus depoimentos, imagens e documentos ou outros elementos a mim relacionados só poderá ser utilizada para fins acadêmicos tais como escrita, apresentação e divulgação da tese produzida como uma das etapas obrigatórias do processo de doutoramento; apresentação em simpósios, seminários e colóquios acadêmicos relacionados ao tema de estudo e ao campo de conhecido no qual se insere a pesquisa; publicação integral da tese ou fracionada em artigos acadêmicos em livros, revistas, anais e coletâneas destinados ao público acadêmico e interessados em estudos relacionados ao tema da pesquisa.

Assim por concordar com os termos e acordos acima estabelecidos, assino e dou fé a este documento.

Mariana Hadada de Lima

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rita de Cássia. **Palimpsestos Urbanos: dimensões de aprendizagens históricas nas tramas de memórias de cidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cora Coralina de Goiás. **Jornal do Brasil**, Caderno B, Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1980.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo I**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Senha do Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A palavra Mágica: poesia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião: 25 livros de poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2016.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2005.
- BARROS, José Márcio. **Diversidade Cultural: Da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BARROS, José Márcio (Org.). **As mediações da cultura: arte, processo e cidadania**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009.
- BARROS, José Márcio. **Aos leitores (editorial)**. Observatório Itaú Cultural/OIC, São Paulo: Itaú Cultural, n. 8, p. 8-12, 2009.

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Segunda Infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Terceira Infância**. São Paulo: Planeta, 2008.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história, In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, Walter. Imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BENJAMIN, Walter. Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987c.

BENJAMIN, Walter. O surrealismo, o último instantâneo da inteligência europeia. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987d.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987e.

BENJAMIN, Walter. A infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987f.

BENJAMIN. Pequena História da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987g.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012b.

BENJAMIN, Walter. **Imagens do pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BESSA, Bráulio; CÉSAR, Chico. **Inumeráveis**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

BETTO, Frei. **Minha avó e seus mistérios, memórias inspirativas**. Rio de Janeiro, Rocco, 2019.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. São Paulo: Coleção Saber, Publicação Europa-América, 1997.

BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1979.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.

BOSI, Ecléa. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003b.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRECHT, Bertold. **Teatro Completo Volume 4**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1990.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina – Raízes de Aninha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: Artes de fazer**. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano II: Morar, cozinhar**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 4ª ed. Goiânia: Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1987a.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. São Paulo: Global, 1987b.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 15ª ed. São Paulo: Global, 1988.

CORALINA, Cora. **Os meninos verdes**. São Paulo: Global, 2000.

CORALINA, Cora. **O tesouro da casa velha**. 3ª ed. São Paulo: Global, 2000.

CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, Cora. **O prato azul-pombinho**. 3ª ed. São Paulo: Global, 2002.

CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 13ª ed. São Paulo: Global, 2006.

CORALINA, Cora. **A moeda de ouro que um pato engoliu**. 6ª ed. São Paulo: Global, 2006.

CORALINA, Cora. **As cocadas**. São Paulo: Global, 2007.

CORALINA, Cora. **Doceira e poeta**. São Paulo: Global, 2009.

CORALINA, Cora. **A menina, o cofrinho e a vovó**. São Paulo: Global, 2009.

CORREIA, Adriano. Prefácio. In: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2016. p. XIV

COSTA, Maria José Monteiro da. **Girassóis**. Juiz de Fora: Editar, 2008.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Nara Rubia de Carvalho. **Primavera Compartilhada: (re)significando a docência na relação com cidade, memória e linguagens**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Unicamp, 2016.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DELGADO, Josimara. **Memória, gerações e produção cultural**: experiências e reflexões. 1ª ed. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

DUTRA, Antonio Carlos Siqueira. **Senha do mundo**: narrativas de jovens em experiências de acesso à cultura. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

DUTRA, Antônio Carlos Siqueira (Org.). **De todos os cheiros e sabores que fizeram Juiz de Fora**: culinária e memória. 2ª ed. Juiz de Fora: FUNALFA, 2011.

DUTRA, Antônio Carlos Siqueira (Org.). **Outras memórias possíveis**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2016.

FALCAO, João. **A Dona da história**: o livro da peça. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.

FARANY, Flávia Martins lasbeck. Depoimento sobre o Colégio Magister. Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 20 de Novembro de 2015.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania**: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da *pedra e cal*: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Org.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne. Prefácio. In: Benjamin, Walter. **Obras Escolhidas I, Magia e Técnica, Arte e Política**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987e p. 205

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre a vida e a morte. In: OTTE, George. **Limiares e passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**: Os cacos da história. São Paulo: N-1 edições, 2018.

GIARD, Luce. Artes de nutrir. In: CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano II: Morar, cozinhar**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, volume 2: Os intelectuais, O princípio Educativo, Jornalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2001.

GORKI, Máximo. **A Mãe**. 1ª ed. Lisboa: Edições Ráduga, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a Invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HORTEGAS, Monica Giraldo. **Falo delas**. Belo Horizonte, Venas Abertas, 2021.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papyrus, 2001.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

JUIZ DE FORA. **Diretrizes geradas pela II Conferência Municipal de Cultura**. Prefeitura de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, set. 2009. Disponível em <http://www.pjf.mg.gov.br/Funalfa>. Acesso em 17 de mar. 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso).

LE GOFF, Jacques. **História & memória**. 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

LOWENTHAL, David. **El pasado es un país extraño**. Madri: Ediciones Akal, S.A., 1998.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEDEIROS, Andréa Borges. **Memória de crianças em crônicas de Escola**. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MIRANDA, Sonia Regina. **Sob o signo da memória**: Cultura escolar, saberes docentes e história ensinada. São Paulo: Editora UNESP; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2007.

MIRANDA, Sonia Regina. Relatório de Pesquisa FAPEMIG. **Configurações do saber histórico escolar em um currículo em mudança**. 2009.

MIRANDA, Sonia; SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

MIRANDA, Sonia Regina; MEDEIROS, Andrea Borges; ALMEIDA, Fabiana Rodrigues. **A cidade para professores**. Juiz de Fora: Funalfa, 2016.

MONTENEGRO, Fernanda. **Prólogo, ato, epílogo**: memórias. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

NUÑES, Carlinda Fragale Pate. **O Teatro Através da História**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage produções Artísticas, 1994.

ORTHOF, Sylvia. **A viagem de um barquinho**. São Paulo: Moderna, 1995.

PAIM, Elison Antonio; PEREIRA, Pedro Mülbersted; FREIRE, Ana Paula da Silva. **Diálogos com Walter Benjamin**: memórias e experiências educativas. 1ª ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2018.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. Memória , história e cidadania: o direito ao passado. In: PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Direito a Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo, 1991.

PEIXOTO, Fernando. **Brecht vida e obra**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

PELIZZONI, Gisela Marques. **Os Miúdos circos**: Encontros possíveis entre a cultura da infância e a cultura da escola. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.53, p.11-23, 2007.

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos VIII. In: PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova fronteira, 1972, p. 142-146.

PIRANDELLO, Luigi. **Seis personagens à procura de um autor**. São Paulo: Peixoto Neto, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol.5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine** Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010.

RAMOS, Francisco Regis. **A danação do objeto**. Chapecó: Argos, 2008.

RESENDE, Beatriz (org.). **Lima Barreto**: Cronista do Rio. São Paulo: Autêntica, 2018.

RIBEIRO, José Luiz. **Girança**. [S.l.],1985.

RIBEIRO, José Luiz. **Da taquicardia à poesia**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, UFRJ, 2001. Tese (Doutorado em Comunicação e Sociedade) Programa de Pós- Graduação em Teoria da Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

Ribeiro, João Manuel. O encanta pardais voador, in: \_\_\_\_\_ **O rapaz da bicicleta de ventos e outras andanças**. Edição Trinta Por uma linha, Cidade do Porto Portugal. 2010.

RICOEUR, Paul. **O perdão pode curar?** Porto: Afrontamento, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fonseca, 2010.
- ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SARLO, Beatriz. **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. **A história na memória: uma contribuição para o ensino da história de cidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1988.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas. In: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.
- SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Vozes, 2002.
- TAHAN, Vicência Brêtas. **Cora Coragem, Cora Poesia**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2002.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. 3ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2002.